UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

THOMAS MACHADO MONTEIRO

“Verás que um filho teu não foge à luta”: Histórias de emigrados
brasileiros nas Forças Armadas dos EUA

SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“Verás que um filho teu não foge à luta”: Histórias de emigrados
brasileiros nas Forças Armadas dos EUA**

THOMAS MACHADO MONTEIRO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História Social do Departamento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Porf. Dr. José Carlos Sébe Bom Meihy

São Paulo

2014

*Aos meus pais, pois em meus sonhos ainda estamos
todos juntos*

“I always had that voice of my father in my mind saying: ‘One day somebody is gonna call you an immigrant (...). And you are gonna look them in the eye and say: ‘I did freaking 20 years in the military. And what did you do for your country? What did you do, for you to tell me that I don’t belong here?’’. And that was something that I think would heal my dad’s wound. Because he was... he was a true immigrant.”

CF., colaborador deste trabalho em entrevista

Sumário

Resumo	6
Agradecimentos	8
Introdução	11
 CAPÍTULO I: LUTANDO EM DUAS FRENTES: O serviço militar obrigatório na Luta pela inclusão de grupos excluídos ao longo da história dos EUA	15
1.1 Período colonial	17
1.2 Imigrantes nas Forças Armadas e a Guerra da Secessão	20
1.3 Século XX: segregação e as grandes Guerras	26
1.4 O fim dos batalhões segregados	35
1.5 A Guerra do Vietnã e o início da transição para uma força voluntária	37
 Capítulo II: O SERVIÇO MILITAR VOLUNTÁRIA E A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA OS EUA.....	41
2.1 O fim da conscrição militar nos EUA.....	42
2.2 Conflitos contemporâneos e o novo panorama contingencial das Forças Armadas dos EUA.....	45
2.3 Imigração brasileira aos EUA: Um breve panorama	51
2.4 Apontamentos.....	58
 CAPÍTULO III: BRASILEIROS NAS FORÇAS ARMADAS DOS EUA: Questões e perspectivas levantadas pelas entrevistas.....	61
3.1 Apresentação dos dados compilados a partir das entrevistas.....	61
3.2 Discussão das questões e dados expostos nas tabelas.....	65
3.3 Discussão das questões e dados expostos na tabela 2 (Identidade e subjetividade).....	76
3.4 Apontamentos finais sobre os dados.....	82
 CAPÍTULO IV: HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA.....	84
4.1 Propostas e discussões.....	84
4.2 Da metodologia aplicada no processo de entrevista.....	85
4.3 Uso de tecnologias de presença virtual em entrevistas de história oral de vida.....	86
4.4 Experiência pessoal na realização de entrevistas por Skype.....	88
4.5 Histórias orais de vida.....	90
1. Joaquim Adão César (J.A.C.).....	90
2. C.F.....	103
3. Alexandre Danielli (AD.).....	119
4. Gabriel Ferreira (GF.).....	125
5. Vinicius Dias (VD.).....	136
6. UR.....	147
7. Weber Oliveira (WO).....	159
8. GJ.....	172
9. MA.....	182
10. CM.....	200
 CAPÍTULO V: “G.I. JOSÉ”: imaginário, trauma e identidades nos relatos de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA.....	214
5.1 Discussão qualitativa das entrevistas.....	214
5.2 A construção da história de vida: da infância ao veterano de Guerra.....	217
5.3 O 11 de setembro de 2001 como ‘lugar da memória’.....	227
5.4 Relatos de Guerra: Traumas e censura.....	230
5.5 A volta para os EUA: o imigrante veterano de guerra.....	241
5.6 Identidades e identificações.....	245
 CADERNO DE CAMPO.....	249
APONTAMENTOS FINAIS.....	255
ÍNDICE DE FONTES PRIMÁRIAS.....	258
BIBLIOGRAFIA.....	259

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo investigar e registrar a participação de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA desde a Guerra do Vietnã até o presente momento. O fenômeno do alistamento militar de estrangeiros nas forças de batalha estadunidenses remonta aos tempos da Guerra de Secessão e compõe parte importante da história de diversas comunidades imigrantes no país. Desde a Guerra do Vietnã, há relatos de brasileiros lutando pelos EUA. No entanto, o fenômeno vira uma tendência mais numerosa a partir do momento que a imigração brasileira ganha maior expressão, na década de 1980. O trabalho busca, portanto, quantificar e discutir esta participação tanto a partir do ponto de vista da comunidade emigrada, quanto do ponto de vista individual dos emigrados entrevistados.

Palavras-chave: História oral - Emigração brasileira – EUA - Forças Armadas – Memórias de guerra

Abstract:

The present essay aims to investigate and register the participation of Brazilian immigrants on the US Armed Forces since the War of Vietnam till the present. The phenomenon of military enlistment of foreign-born in the different branches of the Armed Forces recalls to the Civil War period, thus being an important part of the history of many immigrant communities in USA. Since the War of Vietnam, there are reports of Brazilian-born personnel in the US military. The enlistment of Brazilians becomes a tendency as Brazilian immigration to the US becomes a phenomenon, in the mid 1980's. This essay targets to quantify and discuss this participation simultaneously from the point of view of the Brazilian community and from the personal views of those who enlisted.

Key Words: Oral History – Brazilian immigration – USA – Armed Forces – War Memories

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado, em sua maior parte, na fase mais difícil da minha vida. Devido à pesquisa de campo realizada nos EUA, estive longe do Brasil nos últimos seis meses de vida do pai (claro que nunca imaginei que seria assim). Voltei para casa no mesmo dia em que recebi a notícia de seu falecimento. Como os prazos são irrevogáveis, tive que superar toda a tristeza e dificuldade para garantir que este mestrado fosse escrito. As circunstâncias fizeram, portanto, que cada palavra desta dissertação representasse para mim um misto de luto e superação. Certamente, sem o apoio e colaboração de muitas pessoas e instituições, nada disso teria sido possível.

Em primeiro lugar, agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) que me proporcionou a bolsa de estudos que tornou possível a realização de longa pesquisa no exterior e no Brasil.

Em segundo lugar, agradeço ao meu orientador, José Carlos Sébe Bom Meihy, pois foi ele quem confiou em mim antes de qualquer outra pessoa no ambiente acadêmico. Se ele não fosse ele para abrir a primeira porta para mim na USP, nenhum outro obstáculo teria sido transposto. Sua generosidade, no entanto, foi além; e sua paciência em nossas conversas me ajudou a entender melhor diversos dos temas da pesquisa. Sou muito grato a ele também pela compreensão das dificuldades que tive durante o mestrado.

Em terceiro lugar agradeço imensamente aos professores Nicolau Sevcenko (in Memoriam) e Cleménce Jouet-Patre, pois foram eles quem abriram as portas da Universidade de Harvard para mim, onde grande parte da presente pesquisa foi realizada. Mas suas respectivas contribuições ao projeto não param por aí: Nicolau sempre manteve as portas de sua sala em Harvard aberta para mim e suas ideias me ajudaram a idealizar várias questões pertinentes ao tema; a professora Cleménce fez o mesmo, além de me ajudar na realização de contatos com a comunidade brasileira nos EUA. Creio que durante a minha curta estadia desenvolvemos uma relação de amizade e tudo isso só foi possível pela generosidade destes dois pesquisadores em me receber e me ajudar.

Agradeço também à banca de qualificação, as professoras Lilia Morritz Schwarcz e Sarah Albieri, que além de entenderem o momento difícil pelo qual eu

passava, contribuíram imensamente para o resultado final desta dissertação com uma leitura e discussão aprofundada da pesquisa.

Um agradecimento especial vai para a professora e amiga Elizabeth Cancelli, quem me ajudou com indicações bibliográficas e companheirismo nas horas mais difíceis.

Ademais, agradeço aos funcionários da biblioteca Florestan Fernandes, da USP e da biblioteca Widener, da Universidade de Harvard, por me ajudarem nos momentos difíceis da pesquisa.

Agradeço também aos colegas do NEHO (Núcleo de Estudo de História Oral), pelas discussões, sugestões e críticas sempre aprofundadas e bem intencionadas. Certamente, a minha participação no grupo do NEHO teve grande impacto ao resultado final deste trabalho.

Aos colegas do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) mando um abraço e, em especial, ao professor Flávio de Campos, primeiramente pela amizade e, em segundo lugar, por me proporcionar a possibilidade de que eu expandisse meus horizontes acadêmicos para além da discussão do tema da minha dissertação de mestrado.

Agradeço também a Ana Lúcia Molina (in Memoriam), que me recebeu como família em sua casa nos EUA. Seu auxílio durante a pesquisa de campo deste trabalho teve impacto imensurável no resultado da mesma. Encontrei ela sem vida exatamente duas semanas antes do falecimento do meu pai e, de certa forma, tudo que passei naqueles dias me ajudou a me preparar para o que viria mais a frente. Agradeço também a seu filho e meu grande amigo, Gustavo, que me ajudou em um momento tão crítico como aquele. Espero ter ajudado a ele também.

Nos agradecimentos de seu livro “Negros da Terra”, meu pai agradece aos filhos Álvaro e Thomas, dizendo: “sem eles, o trabalho teria sido bem mais rápido, porém mais pobre”. Da minha parte, agradeço a ele afirmando que: sem ele, minha alma seria mais pobre. E, com ele, o trabalho teria sido mais fácil e mais rico. Como disse durante seu velório na UNICAMP, seu maior trabalho foi plantar uma semente da igualdade e amor e que torcia para que essa semente germinasse nos trabalhos e corações de seus alunos, leitores e seguidores. Com este trabalho, espero levar um pedaço, ainda que mínimo, de seu legado. Sei que ainda é muito pouco quando comparado à grandeza de sua obra, mas sinto que um pouco dele ainda sobrevive em mim.

Tal qual ele também escreveu nos agradecimento de “Negros da Terra”, meu maior débito é com Maria Helena P. T. Machado, minha mãe. Sem seu incentivo, talvez eu nem tivesse a confiança de buscar um mestrado em primeiro lugar. Mas seu amor, apoio e grande capacidade intelectual tornaram tudo isso possível. As tragédias separam para sempre aqueles que se vão, mas fortalecem o amor e a união daqueles que ficaram. E, enquanto escrevo emocionado estas linhas, tenho a certeza que estamos cada vez mais juntos e seremos cada dia mais felizes.

O mesmo vale para o meu irmão amado, Álvaro – com uma pequena cobrança, a de que nos aproximemos cada dia mais. Ademais, não posso deixar de notar sua imensa contribuição intelectual não só para este trabalho, mas para minha formação e dia-dia.

Para a minha amada e paciente avó Dida primeiramente dou os parabéns, pois entrego este trabalho à gráfica no dia do seu aniversário. Creio que palavras ficariam aquém de toda sua contribuição nas nossas vidas, especialmente nesse momento tão crítico. Agradeço todos os dias por ter você perto de mim.

Por último, agradeço em especial a minha amada companheira Everly, por tudo que conquistamos na nossa vida; sem sua contribuição afetiva, intelectual e amorosa nada seria possível. Obrigado por me aguentar (rs)!

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo central registrar a participação de brasileiros nas linhas de batalha norte-americanas desde a Guerra do Vietnã até o presente momento. Para tanto, propõe focar a questão a partir de duas abordagens básicas: 1- brasileiros nas Forças Armadas dos EUA como parte da longa história de grupos imigrantes ou desprovidos de cidadania plena que encontraram no serviço militar dos EUA um local para rediscutir seu papel na sociedade; 2- os dilemas e expectativas pessoais presentes nos discursos dos colaboradores, tendo foco no alistamento, treinamento e exercício militar. Desta forma, busca-se olhar a questão tema do trabalho a partir de seu significado para a comunidade brasileira emigrada aos EUA e a partir das individualidades de cada colaborador.

Devido ao caráter inédito do tema na historiografia, fez-se necessário à pesquisa produzir a documentação histórica com a qual iria posteriormente trabalhar, a partir de entrevistas de *história oral*. O *corpus documental* deste trabalho é composto por transcrições de entrevistas realizadas diretamente com alguns dos brasileiros que se alistaram nas Forças Armadas dos EUA desde a Guerra do Vietnã até o presente momento. Nota-se que esta é uma documentação original e sua autoria é partilhada entre entrevistador e entrevistado.

No total, realizamos 14 entrevistas de *história oral de vida*, sendo que 10 destas estão disponíveis em caráter integral no capítulo IV. Devido às diferentes abordagens propostas, a documentação produzida pelas entrevistas serviu para a realização de dois tipos de análise: uma primeira abordagem enfocou nos aspectos quantificáveis apresentados pelas mesmas; a segunda visa entender as falas dos colaboradores em seu caráter integral, assim discutindo as subjetividades presentes nos discursos. Quando olhamos para a frase epígrafe deste trabalho: (“*I always had that voice of my father in my mind saying: ‘One day somebody is gonna call you an immigrant (...). And you are gonna look them in the eye and say: ‘I did freaking 20 years in the military. And what did you do for your country? What did you do, for you to tell me that I don’t belong here?’’. And that was something that I think would heal my dad’s wound. Because he was... he was a true immigrant.*”), notamos que o colaborador toca, de maneira pessoal, precisamente nas duas abordagens propostas para este trabalho: o serviço militar norte-

americano como instrumento de reconfiguração dos estigmas impostos à comunidade emigrada (um que iria curar as feridas que o processo migratório causou no pai) e como instrumento de reconfiguração de sua inserção pessoal e subjetiva na sociedade estadunidense (que iria transformar seu sentimento de pertencimento).

As entrevistas foram realizadas por mim entre os anos de 2012 e 2013, com ênfase no período que residi em Cambridge, Massachusetts e estagiei na Universidade de Harvard, no qual tive oportunidade de refazer meus laços com a comunidade brasileira imigrante em um de seus principais destinos no mundo. Uso a palavra “refazer” pois residi pela primeira vez em Cambridge, entre 2003 e 2004, quando me formei no ensino médio na escola pública da cidade, oportunidade na qual convivi com jovens imigrantes, filhos e filhas da comunidade brasileira. Naquele momento, a onda emigratória a partir do Brasil para os EUA encontrava-se em um de seus ápices e a comunidade brasileira documentada e não documentada era quase onipresente nos diversos espaços da grande Boston, ainda que na maioria das vezes, ocupando as camadas mais baixas do mercado de trabalho local.

Dois anos antes da minha chegada aos EUA, os atentados terroristas de 11 de setembro haviam marcado para sempre a história do país. Vivia-se uma onda belicista, patriótica, na qual o discurso do medo era o eixo condutor de diversas situações cotidianas e institucionais. Naqueles anos, supunha-se que ir para a escola, ao aeroporto, ou para qualquer outro lugar público tornava a pessoa um suspeito ou alvo de terrorismo. Esse discurso institucionalizado de medo e patriotismo encontrava muitas vezes seu alvo nas comunidades imigrantes, mirando especialmente homens jovens. Em 2001, como resposta belicista aos atentados terroristas, os EUA iniciaram sua incursão militar no Afeganistão. Dois anos mais tarde, em 2003, após ferrenha campanha de propaganda baseada também no discurso do medo, o presidente George W. Bush, com apoio do Congresso do país, declarou Guerra ao Iraque do presidente Saddam Hussein.

Com duas guerras paralelas em curso, o Departamento de Defesa dos EUA se viu obrigado a aumentar o contingente de suas linhas de batalha. Entretanto, decidiu-se por manter o alistamento para as Forças Armadas inteiramente voluntário. Para conseguir preencher as necessidades contingenciais, os recrutadores se voltaram para aqueles jovens que teriam menos oportunidades na vida, entre eles os imigrantes. A declaração de que o país encontrava-se em um “período de hostilidade”, sancionada pelo presidente dos EUA em 2002, colocou em vigência algumas leis de exceção, entre elas uma seção do Ato de Naturalização de Imigrantes (INA) que permite que

estrangeiros se naturalizem através do serviço militar nacional após apenas um dia de serviço honroso.

O lugar do jovem imigrante nos EUA tornou-se bastante polarizado nesse contexto: em alguns momentos ele era visto como alguém indesejado pela crescente onda patriótica, e, em outros momentos, era ele quem deveria ajudar os EUA na guerra. O alistamento ao serviço militar, do ponto de vista do jovem brasileiro emigrado aos EUA, tornou-se uma estratégia rápida para escapar dos estigmas práticos e imaginários da sua condição de emigrante (documentado ou não documentado).

O trabalho: **“Verás que um filho teu não foge à luta”: Histórias de emigrados brasileiros nas Forças Armadas dos EUA** abraçou este tema, ampliando sua abordagem politico-institucional a fim de proporcionar a visão do jovem brasileiro emigrante neste processo. Para tanto, parto das origens históricas da inserção de outras comunidades imigrantes nas Forças Armadas dos EUA com o objetivo de entender, primeiramente, o alistamento de brasileiros como parte deste processo. A partir desta contextualização, busca-se entender as questões pessoais dos colaboradores.

No capítulo I, **Lutando em duas frentes: O Serviço Militar Obrigatório na Luta Pela Inclusão de Grupos Excluídos ao Longo da História dos Estados Unidos**, busco contextualizar a participação de negros e imigrantes nos tempos de serviço militar obrigatório, desde suas origens no período colonial até o fim da Guerra do Vietnã, em 1973, quando o alistamento tornou-se inteiramente voluntário. Esse capítulo tem por objetivo demonstrar o processo histórico de inclusão/exclusão de diversas comunidades na sociedade norte-americana a partir do serviço militar e de sua presença nas guerras. Essa discussão, por fim, tem como objetivo demonstrar o caráter comunitário – do ponto de vista da sociedade dos EUA – presente na inserção de brasileiros no serviço militar nacional.

O capítulo II, **O serviço militar voluntário e imigração brasileira aos EUA**, tem como objetivo discutir os dois contextos que tornaram-se base para o fenômeno contemporâneo do alistamento de brasileiros pelas forças de batalha dos EUA: o serviço militar voluntário e o crescimento da comunidade brasileira no país a partir da década de 1980.

No capítulo III, **Brasileiros e Forças Armadas dos EUA: Questões e perspectivas levantadas pelas entrevistas**, apresento os dados quantificáveis coletados no *corpus documental* do trabalho, a fim de, a partir da contextualização histórica da participação de grupos desprovidos de cidadania plena nas Forças Armadas dos EUA, realizada nos dois capítulos anteriores, introduzir algumas das questões que julgo

centrais ao tema do trabalho. Esse capítulo, ademais, possui caráter introdutório às entrevistas de *história oral de vida* que o seguem.

O capítulo IV, **Histórias orais de vida**, apresenta em seu caráter integral as entrevistas que formam o *corpus documental* deste trabalho. Ademais, nele se encontra também o caderno de campo, que busca retratar acontecimentos relevantes ao processo de pesquisa e entrevistas (uma espécie de “bastidores” do trabalho).

Finalmente, o capítulo V, **“G.I. José”: imaginário, trauma e identidades nos relatos de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA**, discute, a partir das entrevistas, as subjetividades dos colaboradores da presente pesquisa, enfocando os seguintes temas: propensão à profissão militar, treinamento, despersonalização, lugares da memória, traumas de guerra e identidades.

O objetivo primário deste trabalho é oferecer um registro das experiências de vida de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA. Para além deste tema, **“Verás que um filho teu não foge à luta”**: **Histórias de emigrados brasileiros nas Forças Armadas dos EUA** possui a ambição de colaborar para a discussão de temas tão relevantes nos estudos sobre imigração de jovens no mundo globalizado e suas estratégias de inclusão/exclusão. O militar estrangeiro em forças nacionais é certamente um fenômeno peculiar bastante representativo da diáspora contemporânea.

Capítulo I:

Lutando em duas frentes: O Serviço Militar obrigatório na Luta Pela Inclusão de Grupos Excluídos ao Longo da História dos Estados Unidos

“The politicization process with regard to minority-military service can take the theme of ‘quid pro quo’, that is, full support of the war effort on the part of the minority and its leadership in return for full citizenship rights or other benefits for minority-group members. Alternatively, it can take the theme of ‘fighting in two fronts’ fighting in defense of the country and, at the same time, fighting for the attainment of full citizenship rights perceived by that group being denied the minority”¹.

O capítulo a seguir tem como objetivo traçar um quadro histórico da formação das Forças Armadas dos EUA, a partir do ponto de vista da integração/exclusão de grupos desprovidos de cidadania plena. Como procuro mostrar neste capítulo, ao longo da história dos EUA, o serviço militar constituiu um terreno no qual diversos grupos imigrantes e a comunidade negra tiveram a oportunidade de discutir sua inserção na sociedade civil. Por isso, proporcionou um meio onde os diferentes grupos, etnias e línguas se encontravam; um terreno onde estes grupos tiveram a oportunidade de lutar contra os movimentos de exclusão e preconceito. Ademais, é preciso notar que a evolução do treinamento militar fez dele um importante instrumento de educação cívica e patriótica, além de fornecer educação formal e linguística para os imigrantes.

A inserção de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA, apesar de ser um fenômeno recente – tal qual a imigração brasileira para os EUA² – faz parte dessa longa história, sendo que os dilemas enfrentados hoje por esses brasileiros encontram um paralelo com os problemas vividos por muitos desses grupos que se encontravam à

---

¹ Young, Warren L. *Minorities in the military*, Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1982, p. 255

² Margolis, Maxine L. “Brasileiros no Estrangeiro: A etnicidade, a auto-identidade e o outro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, pp. 284-300.

margem da sociedade e fizeram da profissão militar um de seus instrumentos de inclusão. Desta forma, a inserção de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA é um aspecto da imigração que, apesar de ainda não estudado, denota um movimento da comunidade brasileira em processo de integração à sociedade norte-americana.

Grande parte das pesquisas que temos hoje sobre comunidades emigrantes nas Forças Armadas foram escritas sob um viés quase institucional, buscando representar os sacrifícios daquele povo para com os sucessos de iniciativas militares dos EUA – atestando, ademais, a sua lealdade a partir de um ponto de vista comunitário³, ou aparecem como verbetes de enciclopédias acerca da inserção daquela comunidade nos EUA.⁴ Paradoxalmente, os afro-americanos – que sofreram maior segregação dentro das corporações militares nos EUA ao longo da história – possuem hoje uma bibliografia mais aprofundada do que os grupos imigrantes no tema. Isso porque a larga participação de negros nas Forças Armadas dos EUA e o seu resgate histórico tornou-se fundamental na luta por direitos igualitários na sociedade.

Com intuito similar, o jornal da comunidade brasileira em Boston – o “*Brazilian Times*”⁵ – realizou uma série de entrevistas com brasileiros que se alistaram nas Forças Armadas dos EUA em 2009. Outros jornais da comunidade brasileira nos EUA adotaram a mesma escolha editorial, como o “*Brazilian Voice*”⁶, por exemplo. Além de enaltecer essa participação, as reportagens buscam incentivar jovens a escolherem esse mesmo caminho. As iniciativas destes jornais (além de reportagens esporádicas em jornais no Brasil) são, até o presente momento, o único registro histórico escrito sobre o tema.

Neste contexto, o objetivo deste capítulo, como já observamos, é constituir uma base histórica que permitirá, no capítulo subsequente, a realização de uma análise do processo vivido pela comunidade brasileira culminando na inserção de alguns de seus jovens nas Forças Armadas dos EUA. Para tanto, procurarei focar a história do acesso

---

³ Vide: Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American Volunteers and the Union Army, 1861-1865*, New York: New York University Press, 2006; Zamora, Emilio & Rivas-Rodríguez, Maggie, *Beyond the Latino: World War II Hero*, Austin: Texas University Press, 2009; Jay Gonzáles, Joaquim, *Filipino American Faith in Action: Immigration, Religion, and Civic Engagemen*, New York: New York University Press, 2008.

⁴ Vide: Zhao, Xiaojian & Park, Edward J.W. (ed.), *Asian Americans: An encyclopedia of social, cultural, Economic and political History*, Westport: Greenwood Press, 2013; Gonzáles, Deena J. & Oboler, Suzane (ed.), “*The Oxford encyclopedia of Latinos and Latinas in the United States*”, Oxford: Oxford University Press, 2005.

⁵ www.braziliantimes.com, acessado pela última vez em 15/10/2014

⁶ www.brazilianvoice.com, acessado pela última vez em 15/10/2014

de diferentes grupos excluídos da sociedade dos EUA em suas Forças Armadas desde o período colonial até a constituição de uma comunidade brasileira nos EUA.

Nota-se, por fim, que o presente capítulo aborda o período histórico que precede o fim da conscrição militar nos EUA, em 1973, uma vez que para melhor entendimento dos dilemas específicos dos brasileiros nas Forças Armadas dos EUA, devemos investigar também as mudanças decorridas nas corporações militares no contexto de serviço voluntário – esse estudo será feito no capítulo II do presente trabalho.

1.1 Origens históricas e guerras coloniais

Antes do início do processo de independência estadunidense não havia ainda uma Força Armada de abrangência nacional no território que viria futuramente a se tornar os EUA. O sistema de defesa da terra para avanços de outras nações europeias e manobras coloniais sobre terras indígenas era organizado nas chamadas Milícias. As Milícias eram de controle individual de cada uma das províncias coloniais que, por sua vez, respondiam à Grã-Bretanha.

Já nas primeiras décadas do século XVII, a necessidade por soldados em suas linhas de batalha motivava as províncias coloniais a treinar e armar escravos para assim preencher lacunas importantes em seus contingentes de batalha. A primeira participação documentada de negros em Forças Armadas no território dos EUA data de mais ou menos 1619, na província de Virginia, quando centenas de escravos e negros libertos ajudaram a defender alguns territórios coloniais de avanços indígenas⁷.

A partir de então a inserção dos negros em Forças Armadas dentro do território dos EUA passou por um processo quase cíclico de inclusão e exclusão. Se por um lado era vantajoso para os líderes militares brancos exporem os negros às batalhas armadas – assim diminuindo o número de brancos mortos – era igualmente um problema confiar que, uma vez armados, os escravos e negros libertos não iriam se sublevar contra o sistema escravista ou então unirem-se aos índios. Em províncias como Rhode Island e South Carolina, escravos eram treinados e armados, enquanto negros libertos eram relegados a participar apenas em cargos administrativos⁸.

Crescentes tensões entre Inglaterra e França, a partir da segunda metade do século XVII, aumentaram também as tensões nas colônias, tornando o uso de mão-de-

---

⁷ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 192

⁸ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 192

obra negra nas linhas de batalha das províncias fundamentais e a única maneira de os territórios alcançarem cotas de contingente militar estabelecidas pelos britânicos. Há registros de negros lutando em todas as guerras coloniais entre 1689 a 1763. Muitos negros receberam essa participação como uma oportunidade para melhorar sua posição social; no caso de escravos, muitos ganharam a liberdade e no caso de negros libertos uma extensão e aprofundamento de sua cidadania. Nesse período, negros e brancos ganhavam o mesmo salário no serviço militar, o que seria impossível em qualquer outro setor da sociedade colonial norte-americana⁹.

Com o começo da revolução, as colônias que viriam a formar os EUA organizaram uma Força Armada Continental que, por sua vez, deveria coordenar os esforços bélicos dos territórios de maneira conjunta às milícias. No dia 14 de Junho de 1775 o Congresso Continental estabeleceu a primeira Força Nacional norte-americana. A historiografia oficial do Departamento de Defesa dos EUA atualmente reconhece a Força Armada Continental como a primeira Força Armada Nacional no país – ainda que os EUA não houvessem se tornado um país¹⁰.

Do ponto de vista da participação da comunidade negra em Forças Armadas norte-americanas a historiografia oficial do Departamento de Defesa reconhece já em 1775 “a grande ajuda de soldados afro-americanos para as forças revolucionárias”¹¹. Entretanto, a realidade é que poucas semanas após serem alistados de maneira forçada em 1775, escravos foram dispensados do serviço militar voltando apenas no final daquela mesma década, quando a necessidade por contingente os tornou indispensáveis para o sucesso da revolução norte-americana. É também bastante dúbia a noção de que soldados negros ajudaram as forças revolucionárias, como se eles tivessem algum interesse institucional no processo de independência dos EUA. Vendo o potencial na militarização do contingente escravo, os britânicos patrocinaram um processo de sublevação de escravos norte-americanos prometendo-lhes liberdade caso eles lutassem pela Inglaterra durante esse período¹². Muitos escravos fizeram essa escolha e, com a retirada das tropas britânicas ao fim da guerra, deixaram os EUA em direção ao país que defenderam, ou outras colônias britânicas. Estima-se que dos entre 8,000 a 10,000

---

⁹ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 193

¹⁰ Vide a historiografia oficial do Exército dos EUA, em:

<http://www.army.mil/africanamericans/timeline.html>, acessado pela última vez 15/10/2014

¹¹ Vide a historiografia do Departamento de Defesa dos EUA sobre a participação negra em suas linhas de batalha, em: <http://www.defense.gov/home/features/2007/blackhistorymonth/timeline.html>, acessado pela última vez 15/10/2014

¹² Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 193

negros alistados, 5,000 participaram de combate armado do lado das forças revolucionárias norte-americanas¹³.

Há relatos históricos também de indígenas lutando em ambos os lados da guerra colonial. Entretanto, a maioria dos nativos-americanos que travaram batalha durante a revolução esteve do lado dos britânicos. Isso porque os esforços dos líderes do Congresso Continental (o Congresso da província, que futuramente viria a ser o Congresso dos EUA) eram no intuito de manter as populações indígenas neutras durante a guerra, uma vez que eles viam na lealdade desses indígenas uma possível ameaça militar para os objetivos separatistas. O governador da Virginia na época, Patrick Henry, chegou até a pedir formalmente aos britânicos que tratassem bem as populações indígenas durante a guerra, afirmando que “any injury made to the, is done to us while they remain faithfull”¹⁴.

Após a revolução, em 1790, os EUA se declararam um “país branco”, restringindo a nacionalização de não documentados apenas para brancos. Em 1792, declarou que apenas brancos poderiam participar em milícias. Isso colocou os negros nos EUA em uma situação bastante confusa do ponto de vista jurídico, já que eles não eram considerados nem cidadãos nem pessoas não documentadas (aliens)¹⁵. Essa situação se estendeu para o alistamento militar colocando os afro-americanos em uma situação curiosa; apesar de não poderem se inscrever em milícias, os negros poderiam adentrar na Marinha, Exército e Corpo dos Fuzileiros Navais. Entretanto, como na época o poder armado se concentrava principalmente nas milícias e como todos os homens saudáveis da nação eram fortemente compelidos a participarem de milícias, a exclusão dos negros das mesmas indicava também a exclusão de seus direitos como um cidadão naquela sociedade. A proibição ficou vigente até as vésperas Guerra Civil norte-americana em 1862- ainda que com alguns curtos períodos de exceção, quando a necessidade por contingente miliar falou mais alto¹⁶.

Em 1798, uma nova lei foi passada barrando os negros de se alistarem na Marinha e nos Fuzileiros Navais. No entanto, a necessidade por contingente militar novamente prevaleceu e um grande número de afro-americanos livres e escravos

---

¹³ Raatma, Lucia. *African-American Soldiers in the Revolutionary War*, North Mancato (MN): Compass Point Books, 2008, p. 1

¹⁴ Micklos Jr., John, *African Americans and American Indians Fighting in the Revolutionary War*, New Jersey: Enslow Elementary, 2008, p. 29

¹⁵ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 194

¹⁶ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 194

lutaram em confrontos marítimos contra a França naquele mesmo ano de 1798 e na guerra de 1812¹⁷.

De fato, a participação negra em 1812 é fortemente exaltada tanto pela historiografia oficial das Forças Armadas estadunidenses quanto por estudos um pouco mais aprofundados. A participação indígena também se mostrou bastante relevante, já que novamente nativo-americanos participaram da guerra lutando em ambos os lados, mas principalmente do lado dos britânicos¹⁸.

A grande participação de militares negros nesse combate tornou a questão acerca da lealdade dos afro-americanos para com o governo escravista novamente alarmante, já que pela promessa de liberdade, muitos escravos fugidos lutaram ao lado dos ingleses¹⁹. No entanto, as necessidades de contingente se fizeram ainda mais urgentes para os EUA naquele momento e o congresso autorizou a participação de afro-americanos na Marinha, oferecendo, igual aos ingleses, liberdade aos escravizados e terras para os negros libertos – pagamento semelhante ao prometido para os brancos. A adesão de afro-americanos foi então massiva; ainda que os dados apresentados na historiografia sejam bastante divergentes entre si, calcula-se que entre um sexto a um quarto do contingente total da Marinha naquela guerra tenha sido de afro-americanos²⁰. Diferentemente da Marinha, o Exército não tinha o costume de alistar negros para suas linhas de batalhas, entretanto há relatos de batalhões compostos apenas por negros libertos lutando em terra, mas de maneira segregada aos brancos²¹.

Com fim da guerra, a maior parte dos negros que haviam lutado pelo lado dos britânicos foram reescravizados nas Índias Ocidentais. Pelo lado norte-americano, as coisas não foram muito diferentes; diversos foram reescravizados e outros tiveram seus pagamentos ignorados²².

1.2 Imigrantes nas Forças Armadas e a Guerra da Secessão

Em 1823 uma decisão jurídica nacional decidiu realizar grande parte desses pagamentos, entretanto sublinhando que: “it was not the intention of Congress to

---

¹⁷ Heidler, David Stephen & Heidler, Jeanne T. (ed), *Encyclopedia of the War of 1812*, Annapolis: Naval Institute Press, 1997, p. 4

¹⁸ Childress, Diana, *The War of 1812*, Minneapolis: Lerner Pub Group, 2004, p. 44

¹⁹ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 195

²⁰ Childress, Diana, *The War of 1812 ...*, op. cit., p. 45

²¹ Childress, Diana, *The War of 1812 ...*, op. cit., p. 45

²² Heidler, David Stephen & Heidler, Jeanne T. (ed), *Encyclopedia of the War of...*, op. cit., p. 6

incorporate Negroes and people of Color with the Army any more than with me Militia of the United States”²³. Em 1842 o Senado dos EUA aprovou uma medida excluindo os negros tanto do Exército, quanto da Marinha. Ainda que essa medida não tenha sido aprovada pelo Congresso, ela acarretou em direitos diferenciados; a partir dali, negros que quisessem se alistar iriam servir em batalhões separados, apenas para pessoas de cor.

Com as intenções de “branqueamento” de sua população e, conseqüentemente, de suas Forças Armadas, os EUA recebiam cada vez mais imigrantes europeus. A representatividade dos imigrantes brancos nas frentes de batalha norte-americanas havia aumentado de maneira bastante estável desde o início da década de 1820. De fato, no final daquela década o Exército tomou suas primeiras medidas legais na história para frear o alistamento de estrangeiros, indicando que pela primeira vez esse fenômeno se tornava um fato preocupante. Primeiramente, a medida tomada foi para assegurar que todos os recrutas fossem cidadãos norte-americanos, mas pouco depois ela foi mudada, abrindo uma exceção para os estrangeiros que recebessem permissão direta de algum General²⁴.

Em seguida, o Exército dos EUA abriu uma investigação para apurar as conseqüências causadas pelas restrições a imigrantes nos números totais de alistamento. Ele concluiu, entre outras coisas, que os totais de alistados nas cidades do leste do país – que eram tradicionalmente as cidades de onde saíam mais recrutas e os principais destinos de imigrantes nos EUA – caíram de maneira drástica. Ademais o relatório concluiu que os imigrantes tinham as mesmas habilidades e qualidades gerais que os nativos para o exercício militar, mas afirmando que alguns soldados estrangeiros eram de “*turbulent character and intemperate habits*”²⁵. A conclusão do *Liutenant Colonel* Enos Cuttler, quem assinou o documento na época, afirmava não recomendar o alistamento militar de imigrantes, a menos que pudesse ser reestabelecido o costume do açoite²⁶. Ainda que houvesse quem discordasse com as afirmações do documento, certamente ele obteve alguma aceitação, pois a prática do açoite foi reinstaurada em

---

²³ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 195

²⁴ Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle*, op. cit., p. 50

²⁵ Prucha, Francis Paul, *Broadax and the Bayonet: The Role of United States Army in the Development of the Northwest, 1815 – 1860*, Omaha: University of Nebraska Press, 1995, p. 44

²⁶ Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American ...*, op. cit. p. 50

1833 para casos de deserção, mas foi logo banida para sempre em 1861 – na Marinha foi banida um pouco antes, em 1850²⁷.

Isso não diminuiu o ímpeto dos imigrantes a se alistarem nas Forças Armadas dos EUA. Aliás, muito pelo contrário. Já na época, o alistamento militar significava aos imigrantes de baixa escolaridade uma oportunidade de inserção na sociedade norte-americana bastante vantajosa. Ainda que a questão da legalização de imigrantes brancos não fosse exatamente um problema, várias outras questões como profissionalização e adaptação à cultura e língua local se mostravam importantes nas escolhas que os imigrantes da época faziam. Além disso, o sistema hierárquico dentro das Forças Armadas dos EUA se mostrava muito mais igualitário aos imigrantes brancos do que a sociedade fora dela.

No início da década de 1850, um trabalhador braçal médio ganhava cerca de US\$ 272 dólares anualmente, isso caso trabalhassem seis dias por semana durante o ano, o que não era o comum entre os imigrantes, principalmente devido à alta competitividade por postos de trabalho e o duro inverno do norte do país, que diminuía significativamente as oportunidades durante grande parte do ano. Por outro lado, a base anual para um alistado no Exército dos EUA variava entre US\$ 132 a US\$ 252 dólares por ano. Ainda que o ganho no Exército aparentasse ser mais baixo do que na sociedade civil ele oferecia diversos benefícios, como casa, comida, roupas e atendimento médico dentro do próprio exército, o que significava grande qualidade para os padrões da época. Alguns recrutas chegaram até a oferecer outros benefícios, como um bônus de US\$ 20 dólares pelo alistamento e terras no Oeste dos EUA.²⁸

Calcula-se que às vésperas da Guerra de Secessão, a maior parte dos soldados do Exército dos EUA era composta por pessoas nascidas fora dos EUA, especialmente alemães e irlandeses – em uma representação do que era a população norte-americana na época, quando emigrados dessas duas nacionalidades eram constituíam os grupos imigrantes mais populosos²⁹.

Com o começo da Guerra civil norte-americana – como já era frequente ao longo da história – as necessidades por contingente militar levaram a uma nova inclusão dos negros nas forças de batalha. Tanto afro-americanos quanto imigrantes tiveram participação muito mais significativa lutando pela União (norte). Isso ocorreu

---

²⁷ Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American ...*, op. cit. p. 51

²⁸ Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American ...*, op. cit. p. 53

²⁹ Tucker, Spencer C., *American Civil War: The Definitive Encyclopedia and Document Collection*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2013, P. 966

primeiramente porque os europeus recém-chegados aos EUA encontravam pouco espaço de trabalho no sul do país, pois haveriam de competir com a mão-de-obra escravizada, ainda predominante na região. Dessa forma, as grandes colônias imigrantes da época já estavam nas principais cidades industrializadas do norte, ou no meio-oeste³⁰.

Os negros, por sua vez, teriam evidentemente um grave problema em relação a sua lealdade para com a Confederação, uma vez que um dos motivos centrais da guerra era a recusa da mesma em abolir a escravidão. Isso fez com o sul decidisse liberar toda sua população branca do trabalho em fazendas e outros setores de sua economia, substituindo-os por mão-de-obra negra, para que, assim, os brancos pudessem travar a guerra. Apenas poucos meses antes do fim da Guerra, em um último suspiro de esperança de vitória foi que a Confederação decidiu colocar negros em suas linhas de batalha – até então, os negros encontravam-se subjugados a trabalhos longe das armas ou funções administrativas. No lado do Norte a participação de afro-americanos nas frentes de guerra também se encontrava restrita. Ainda que não houvesse nenhuma lei que proibisse o alistamento militar, muitos generais não queriam inicialmente alistar negros, o que ia contra a vontade dos próprios afro-americanos que viam na guerra uma possibilidade de abolir a escravidão³¹.

No lado da Confederação, a maioria dos estrangeiros que lutaram na guerra civil eram mexicanos oriundos das cidades próximas à fronteira, especialmente no Texas e New Orleans. Havia também alguns fazendeiros noruegueses e alguns imigrantes irlandeses e alemães em Arkansas e Missouri.³² Grupos negros livres e escravos – com a aceitação de seu senhor – serviram também pela Confederação, ainda que em posições distantes das linhas de batalha, principalmente na manutenção das ferrovias no Sul e na preparação de alimentos³³.

Com a escalada da violência no país, as necessidades por contingente se fizeram novamente urgentes para a União, e o “*Milicia Act of 1862*”³⁴ foi aprovado no congresso, liberando a participação negros na Milícia dos EUA. Ainda assim, as necessidades contingenciais não haviam sido supridas e o Presidente Lincoln aprovou

---

³⁰ Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American ...*, op. cit. p. 53

³¹ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 195

³² Lonn, Ella, *Foreigners in the Confederacy*, Chapel Hill (NC): The University of North Carolina Press, 2002, P. 42

³³ Hargrove, Hondon B., *Black Union Soldiers in the Civil War*, Jefferson (NC): McFarland Publisher, 2003, p. 4

³⁴ Disponível no texto original em: <http://www.freedmen.umd.edu/milact.htm>, acessado pela última vez 15/10/2014

no ano seguinte o “*Conscription Act of 1863*”³⁵. Nesse documento, o presidente em vigência dos EUA convocou todos os cidadãos com boa saúde do Norte. O fato de não haver cláusula que excluísse os negros do serviço era claramente uma intenção de incluí-los na guerra. Por outro lado, como o texto falava explicitamente em “*able bodied citizens*” (cidadãos aptos fisicamente), não excluindo os negros, significava que eles eram, portanto, “*citizens*”. Essa foi a primeira vez na história dos EUA em que negros foram reconhecidos legalmente como cidadãos³⁶.

Entretanto, essa cidadania só se estendia até certo ponto. Isso porque uma vez nas frentes de batalha, os afro-americanos eram colocados em batalhões segregados – os chamados regimentos negros – recebiam menos do que os brancos e não tinham possibilidade de subirem de hierarquia dentro da corporação. Ademais, frequentemente as punições aplicadas sobre os negros, mesmo na União, seguiam semelhantes às do tempo da escravidão. Caso capturados pelo sul, a promessa era de que não seriam tratados como prisioneiros de guerra, mas sim reescravizados nas plantations da região³⁷.

Quando a conscrição de fato começou, no final de 1863, diversos protestos contra a presença dos negros eclodiram nos estados do Norte. Essas demonstrações resultavam da oposição de brancos que temiam que a vitória do Norte aliada ao reconhecimento dos negros como cidadãos iria causar a migração de negros do Sul do país (onde, devido à escravidão, eram muito mais populosos) e esses acabariam por disputar os empregos disponíveis nas indústrias das grandes cidades. Os imigrantes também tiveram papel importante nesses protestos, especialmente os irlandeses, pois esses concorriam com os negros tanto por postos de trabalhos civis quanto oportunidades militares³⁸.

Apesar de tudo, o ato da conscrição acabou se mostrando pouco importante para o sucesso da União naquele combate. Primeiramente, a adesão voluntária constituiu a maior parte dos soldados que disputaram aquela guerra, ademais, cidadãos convocados para defender a União poderiam fornecer substitutos ou pagamento em dinheiro para evadirem de suas obrigações militares. Calcula-se que dos 2.100.000 soldados que

---

³⁵ Partes do texto original em: <http://www.yale.edu/glc/archive/962.htm>, acessado pela última vez 15/10/2014

³⁶ Geary, James W., *We Need Men: The Union Draft in the Civil War (1991)*, DeKalb (IL): Northern Illinois University Press, 1991, p. 52; Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 195

³⁷ Berlin, Ira & Reidy, Joseph Patrick & Rowloan, Leslie S., *Freedom's Soldiers: The Black Military Experience in the Civil War*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, P. 2

³⁸ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 196

lutaram pela União, apenas 2% haviam sido convocados e 6% eram substitutos para convocados³⁹. Entre os negros, entretanto, há relatos bibliográficos que afirmam que os convocados beiraram os 50%⁴⁰.

Do total de pessoas que se engajaram em batalhas durante a Guerra Civil dos EUA, a bibliografia afirma que mais de 400.000 eram nascidos fora dos EUA e 186.000 eram negros - entre soldados e marinheiros que serviram em 166 regimentos segregados para pessoas de cor⁴¹.

A presença de estrangeiros e negros nas frentes de batalha durante a guerra civil se mostrou tão expressiva que Stephen D. Engle chega a afirmar que:

“Such exposure to other groups during the war affected the way native-born americans saw themselves”⁴²

Significando que nunca antes na história dos EUA diferentes grupos étnicos haviam tido um contato tão próximo e duradouro, ainda que desigual.

Embora os aparatos legais e práticas sociais de segregação racial dentro e fora das Forças Armadas passem a falsa aparência de que havia de fato uma divisão nítida entre negros e brancos nos EUA, a realidade é que o largo processo histórico de miscigenação, aliado à chegada de estrangeiros oriundos de países multirraciais, tornava a situação um tanto mais confusa. Já naquela época, era bastante notório no país o fenômeno chamado de “*passing*”⁴³, quando pessoas consideradas negras ou indígenas, mas que possuíam a pele clara, escondiam seu passado a fim de “driblar” os terríveis mecanismos de exclusão. Não há motivos para acreditarmos que já naquela época, o *passing* não era costume entre aqueles que queria escapar dos regimentos negros.

Com o fim da guerra, o Congresso dos EUA estipulou que os negros que quisessem servir nas Forças Armadas poderiam fazê-lo apenas em quatro regimentos

---

³⁹ Chambers, John Whiteclay (ed.), *The Oxford Companion to American Military History*, Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 181.

⁴⁰ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 199

⁴¹ Converse, Elliott Vanveltner & Gibran, Daniel K. & Cash, John A. & Griffith, Robert K. & Kohn, Richard H. & Becton Jr., Gen. Julius W., *The Exclusion of Black Soldiers from the Medal of Honor in World War II: The Study Commissioned by the U. S. Army to Investigate Racial Bias in the Awarding of the Nation's Highest Military Decoration*, Jefferson (NC): McFarland Publisher, 2008,. p. 28

⁴² Ural, Susannah J., *Civil War Citizens: Race, Ethnicity, and Identity in America's Bloodiest Conflict*, New York: New York University Press, 2010, P1.

⁴³ Vide a descrição de Randall Kennedy sobre “*passing*” em: <http://moritzlaw.osu.edu/students/groups/oslj/files/2012/03/62.3.kennedy.pdf>, acessado pela última vez 15/10/2014

segregados, dois na infantaria e dois na cavalaria, sempre obedecendo a ordens de generais brancos. A literatura sobre o tema afirma que os negros, no entanto, deram uma resposta positiva ao serviço militar pós-guerra de Secessão. Além disso, o alistamento voluntário se mostrou como a primeira oportunidade de a comunidade afro-americana provar sua lealdade ao governo dos EUA após seu reconhecimento legal como cidadãos, na 14ª emenda, de 1868. A comunidade acreditava que recusar o alistamento militar naquele momento poderia culminar em um retrocesso nos recentes avanços rumo a uma cidadania mais igualitária nos EUA ⁴⁴.

1.3 Século XX: segregação e as grandes Guerras

Com o crescimento vertiginoso das comunidades imigrantes no começo do século XX, o presidente dos EUA Theodore Roosevelt passou a ver no serviço militar uma solução para o que ele entendia como um processo crescente de segregação dos estrangeiros, cada um em sua comunidade. Ele acreditava que o serviço militar universal e a consequente convivência entre todos que viviam nos EUA na época seria o caminho para a “nacionalização” e unificação das diferentes comunidades dentro dos EUA, ao menos no plano cultural. “I would have the son of the multimillionaire and the son of the immigrant who came in steerage, sleep under the same dog tent and eat the same grub”, chegou a afirmar Roosevelt, “It would help mightily a mutual comprehension of life”⁴⁵. Evidentemente, esse processo de unificação não servia para a comunidade negra – que seguiria servindo nos batalhões segregados.

Quando eclodiu a 1ª Guerra Mundial, a necessidade fez com que os EUA colocassem em prática o que Roosevelt vislumbrava. Diferentemente da Guerra Civil norte-americana, do contingente total das Forças Armadas na 1ª Guerra Mundial, 67% haviam sido convocados, sendo apenas 33% voluntários⁴⁶. Ademais, considerando os problemas com a convocação militar realizada durante a Guerra Civil, o governo dos EUA decidiu extinguir a possibilidade de um cidadão legalmente evadir uma convocação através da substituição ou pagamento.

---

⁴⁴ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 199

⁴⁵ Thompson, J. Lee, *Never Call Retreat: Theodore Roosevelt and the Great War*, Houndmills (UK): Palgrave Macmillan Publisher, 2013, p. 95

⁴⁶ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: Foreign-born Soldiers in WWI*, College Station (TX): Texas A&M University Press, 2001, p. 52

No caso da convocação de estrangeiros a questão tornou-se mais complicada. Isso porque os imigrantes foram divididos em quatro categorias, tendo cada uma delas diferentes status legal frente à convocação: diplomáticos, declarantes, não-declarantes e ‘aliens’ inimigos. Primeiramente, imigrantes de status diplomáticos que viviam nos EUA estavam a salvo da convocação, já que viviam em embaixadas e, portanto, tecnicamente não viviam nos EUA; ademais, essa medida visava proteger os diplomatas norte-americanos que viviam em outras nações envolvidas na Guerra de uma eventual convocação obrigatória por outros países. Em segundo lugar, os imigrantes declarados eram aqueles que ainda não possuíam cidadania, mas que já haviam aplicado para tanto e, portanto, deviam aos EUA uma demonstração de lealdade durante a guerra para assim obter sua cidadania. O grupo dos imigrantes não-declarados era um problema a parte; eles não poderiam ser convocados, mas tinham o direito de se alistarem voluntariamente caso desejassem obter cidadania estadunidense, o que acabou não sendo a escolha de muitos deles. O último grupo tratava de tanto de imigrantes declarados quanto não-declarados oriundos de nações inimigas durante a Guerra. Esses, por sua vez, não poderiam se alistar sob nenhuma hipótese, já que a questão da lealdade para com as Forças Armadas dos EUA se mostrava evidentemente dúbia⁴⁷.

Tendo em vista que a convocação era feita proporcionalmente à população de cada distrito, as restrições ao alistamento estrangeiro se tornaram um problema para os americanos nascidos no país. Isso porque em alguns distritos de grandes centros urbanos, como Nova York e Chicago, a população de imigrantes não-declarados ou de nações rivais tinha representatividade muito mais significativa do que em outros lugares, o que acarretava em um maior número de norte-americanos e imigrantes declarados sendo convocados para suprirem as cotas daquelas regiões. Por exemplo, no distrito do Brooklyn, em Nova York, 25% eram imigrantes não-declarados, o que, segundo o Senador Henry Cabot Lodge, resultou na convocação de “todos os americanos elegíveis⁴⁸” naquela região⁴⁹.

A proporção de alistamento de afro-americanos sofreu também por essa questão e acabou sendo proporcionalmente mais numerosa do que deveria de acordo com a lei. Apesar de representarem apenas um décimo da população total dos EUA, eles representaram um oitavo do total de convocados. Ao todo, entre convocados e

---

⁴⁷ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., pp. 52-53

⁴⁸ Tradução livre de minha autoria

⁴⁹ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., p. 54

voluntários, entre 350.000 e 400.000 negros serviram às Forças Armadas durante a guerra⁵⁰.

Desde o início do século XX, a comunidade negra – até então mais numerosa no sul do país – fazia um processo de migração para as grandes cidades do Norte-Nordeste, competindo com os imigrantes por empregos nas fábricas. No início da 1ª Guerra, parte significativa dos afro-americanos já vivia nos mesmos grandes centros urbanos que os imigrantes, o que acabou gerando a criação de diversos guetos, por um lado, mas maior representação política, por outro. Ainda assim, muitos viam no alistamento aos batalhões segregados uma saída para o desemprego e a pobreza urbana⁵¹.

O alto índice de alistamento de norte-americanos brancos para as frentes de batalha, em detrimento dos estrangeiros, fez com que diversos setores da sociedade se levantassem contra a presença dos imigrantes ilegais nos EUA. O jornal “The New York Sun” chegou a publicar um texto afirmando que: “A aparente injustiça em retirar de nossa terra de jovens americanos para formar uma frente de batalha na Europa, enquanto deixa milhões de ‘aliens’ em casa desfrutando das recompensas da paz e industrialização, certamente atingiu os nervos de muita gente”⁵².

A pressão pública fez com que o assunto chegasse ao Congresso que, por sua vez, passou diversas emendas que forçariam o alistamento dos ilegais (não-declarados, ou ‘aliens’). A ideia era que todos os ilegais deveriam se alistar e os que não quisessem fazê-lo seriam deportados. Entretanto, a medida não foi aprovada pelo Senado que pontuou que tal medida causaria um grave problema diplomático, sujeitando americanos que viviam em países envolvidos na Guerra ao mesmo tratamento (guerra ou deportação) e além disso, um processo de deportação em larga escala de não-declarados iria causar sérios problemas para a economia dos EUA, desorganizando o comércio e a produção industrial do país. Outro problema resultava da dificuldade em precisar quais imigrantes haviam de fato dado entrada ao pedido de legalização, resultando na convocação de diversos ilegais. Evidentemente, isso indicava também uma maneira tácita pela qual os EUA estavam lidando com o problema citado no parágrafo acima. De acordo com Nancy Gentile Ford, dos 123.277 imigrantes selecionados na primeira

---

⁵⁰ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., P. 203

⁵¹ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., P. 203

⁵² Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., p. 53. Tradução livre de minha autoria.

convocação, mais ou menos 76.545 não haviam declarado sua intenção de se tornarem cidadãos norte-americanos – mais da metade⁵³.

A questão do alistamento de pessoas nascidas em países declarados inimigos na guerra também não era sempre respeitada. Muitos foram alistados obrigatória ou voluntariamente mesmo sem poder legalmente fazê-lo e não foram dispensados do serviço militar enquanto se mostraram leais aos EUA. Além disso, diversas comunidades emigradas de países inimigos aos EUA se posicionaram contra a posição tomada pelos governos de suas terras natais durante a guerra e em favor dos EUA, como era o caso dos tchecos e eslovacos. Eventualmente, essas comunidades pressionaram o governo dos EUA para que liberassem essas pessoas consideradas inimigas dos EUA a lutar voluntariamente contra o império austro-húngaro. No caso de turcos e búlgaros, durante a maior parte da guerra não havia uma decisão acertada se eles poderiam servir aos EUA ou não, isso porque apesar dessas nações serem inimigas no conflito, uma declaração oficial de guerra a esses países nunca foi feita por parte dos EUA⁵⁴.

Eventualmente, a questão do alistamento de ilegais e pessoas oriundas de nações inimigas ganhou notoriedade, a ponto de o Presidente dos EUA na época, Woodrow Wilson, se ver obrigado a emitir uma ordem presidencial, permitindo a dispensa de todos que provassem nunca ter entrado com papéis pedindo sua legalização nos EUA. Ao final da Guerra, quase 1.900 homens haviam sido dispensados no Exército dos EUA por ter status de ‘alien’ comprovado. Ainda assim, um número muito maior havia aceitado sua convocação e permanecido nas frentes de batalha apesar do seu direito de evadir-se do combate militar. Não declarados no Exército dos EUA já totalizavam 191.491 em 12 de Setembro de 1918⁵⁵. Nesse mesmo ano de 1918, o Congresso dos EUA aprovou diversas medidas facilitando a naturalização de pessoas que estivessem nas Forças Armadas, não importando se eram declarados, não-declarados ou nascidos em nações inimigas na Guerra. Essas medidas visavam também dar um caráter mais nacionalizado às Forças Armadas do país. A partir de então, para todos os que estavam ativos no serviço militar dos EUA a nacionalização dependia apenas da aprovação de seus superiores⁵⁶.

---

⁵³ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., pp. 55-56

⁵⁴ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., p. 63

⁵⁵ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., p. 56

⁵⁶ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., pp. 56-57

A 1ª Guerra Mundial marcou a história militar estadunidense também em termos do nível de profissionalização e treinamento tático de seus militares. Dessa forma, as pessoas que lutaram pelos EUA durante esse período o fizeram em uma organização substancialmente mais complexa do que em qualquer período anterior no país e, portanto, absorveram conhecimentos muito mais perigosos para os EUA em casos de deslealdade. Por isso, juntamente ao treinamento de guerra, fez-se necessário uma evolução na educação cívica e patriótica durante o treinamento militar, especialmente no caso dos estrangeiros. Ao mesmo tempo em que os EUA formavam combatentes de batalha, formava também cidadãos americanos⁵⁷. A base da organização militar era de formar *citizen-soldiers*, para utilizar o termo que Morris Janowitz consagrou anos mais tarde⁵⁸.

O fato de muitos dos estrangeiros que serviram durante a 1ª Guerra não saberem falar inglês, entretanto, os tornava inaptos para tal educação e – o que era ainda pior – inaptos a receberem ordens de Oficiais (que eram invariavelmente norte-americanos). Isso acarretava no subaproveitamento do potencial militar desses estrangeiros, os levando muitas vezes a trabalhos pouco especializados e, portanto, longe das frentes de batalha – ou seja, novamente empurrando os jovens norte-americanos à linha de frente. Em uma tentativa de solucionar esse problema da língua, pouco antes do fim da 1ª Guerra, em 1918, o comando militar dos EUA criou uma seção apenas para estrangeiros, chamada de FSS (Foreign-speaking Soldier Subsection). Do ponto de vista do estrangeiro que entrava nas Forças Armadas voluntariamente ou não, o treinamento militar passou desde então a significar um processo de construção de sua cidadania dentro da sociedade norte-americana, tendo na educação da língua inglesa um ponto de partida, como afirmou o capt. do Exército dos EUA Edward R. Padgett, em 1918: *“There are thousands and thousands of foreign speaking soldiers in our army camps, and thousands more will arrive with the coming draft. We know now what to do with them, how to weed out the tares from the wheat, how to reach the best in the heart of alien soldier and develop it, how to loosen his tongue and teach him the principles of American citizenship”*⁵⁹.

---

⁵⁷ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., pp. 65-68

⁵⁸ Vide: Janowitz, Morris, *O Soldado Profissional: Um Estudo Social e Político*, Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1967; Caforio, Giuseppe, *Handbook of sociology of the Military*, New York: Springer Publisher, 2006, p. 126

⁵⁹ Ford, Nancy Gentile, *Americans All!: ...*, op. cit., pp. 67

Essa política de educação cívica e inclusão social durante o treinamento militar não se estendia para os negros – que seguiam lutando em batalhões segregados. Foi, entretanto, durante a 1ª Guerra Mundial que o primeiro treinamento para formação de Oficiais negros foi criado nos EUA, por pressões de organizações de direitos civis negros como a NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*). Ainda assim, ao final da Guerra apenas 0,7% de todos os Oficiais em todas as ramificações das Forças Armadas dos EUA eram negros. Ademais, os afro-americanos alistados recebiam educação cívica segregada em relação aos imigrantes brancos. Isso porque treinavam e lutavam apenas nos “Regimentos Negros”. Oficiais negros coordenavam apenas batalhões negros, mas muitos desses batalhões eram coordenados por brancos, sob o pretexto de que eles teriam mais disciplina com Oficiais brancos⁶⁰.

A demanda por trabalhadores nas indústrias no norte dos EUA, devido ao fato de que grande parte da mão-de-obra daquela região estava lutando na guerra, acelerou o processo migratório de negros provenientes do sul do país, o que já acontecia desde o final da Guerra Civil. Esse processo acelerou também a violência racial em diversas cidades do norte, tendo seu pior incidente em St. Louis, quando multidões destruíram o bairro negro causando prejuízos de mais de US\$ 3 milhões de dólares⁶¹. Como resposta às crescentes tensões raciais, o 24º regimento da Infantaria – um tradicional regimento negro – se revoltou, roubando armas e munições do Exército dos EUA e foi às ruas, inclusive entrando em conflito com brancos. O protesto resultou na morte de 17 brancos e dois negros. Nos meses que seguiram, todos os membros daquele regimento foram julgados em lei marcial e muitos receberam a pena de morte e diversos outros receberam prisão perpétua⁶².

Com o fim da guerra, no começo da década de 1920, tensões por postos de trabalho geraram tensões entre as diversas comunidades dentro do país. Com isso, programas inclusivos nas Forças Armadas como o “FSS” e o programa de treinamento de Oficiais negros, que dependiam de recursos do Congresso foram os primeiros a serem cortados. No entanto, eles não foram os únicos; frequentes administrações presidenciais republicanas reduziram vertiginosamente o tamanho das forças nacionais. Em 1922, dos 2.4 milhões de soldados que estavam ativos no auge da 1ª Guerra, restaram apenas 150.000. Ademais, a prosperidade no setor de indústrias no início

---

⁶⁰ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 205

⁶¹ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 204

⁶² Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 204

daquela década não tornava o alistamento militar uma opção profissional particularmente interessante⁶³.

Quando estourou a chamada “grande depressão”, após a queda da bolsa de Nova York em 1929, muitos homens voltaram a procurar no alistamento voluntário uma escapatória para a pobreza e o desemprego que assolavam o país. Mas a grande depressão havia afastado os fundos governamentais das Forças Armadas. De qualquer maneira, entre 1922 e 1940, o contingente militar estadunidense não passou de 190.000 pessoas⁶⁴. Os regimentos negros, por sua vez, não sofreram por falta de interesse nem durante a prosperidade dos anos 20.

Vendo a escalada da guerra na Europa, a necessidade em ter um contingente militar volumoso motivou o presidente dos EUA na época, Franklin Roosevelt, a realizar a primeira convocação militar da história dos EUA em períodos de paz – ainda que a 2ª Guerra já houvesse começado na Europa, os EUA ainda se encontravam em tempos de paz. O ato, chamado de “*Burke-Wadsworth Act*”⁶⁵, exigia que todos os homens entre 21 e 35 anos se apresentassem como reservistas, correndo riscos de serem convocados para um período de treinamento de 12 meses por meio de uma loteria. Quando os EUA entraram na 2ª Guerra Mundial, em dezembro de 1941, todos os homens entre 18 e 65 anos, independente de seus status de permanência no país, foram obrigados a registrar-se no comando militar, sendo que todos entre 18 e 45 tornaram-se sujeitos para o alistamento imediato. Igual à 1ª Guerra Mundial, o alistamento militar foi realizado de maneira proporcional à população de cada estado, significando que cada estado iria contribuir com a exata proporção de homens em relação ao resto do país.

Em 1940, cerca de 11.600.000 pessoas nascidas no exterior viviam nos EUA, ou um onzeavo da população total. Destes, cerca de 300 mil lutaram durante a 2ª Guerra Mundial pela bandeira estadunidense, sendo cerca de 112 mil ilegais. Levando em conta que os EUA levaram cerca de 16 milhões pessoas para o combate, as proporções de estrangeiros nas frentes de batalha estadunidenses na 2ª Guerra Mundial foram muito baixas em relação à 1ª Guerra ou até mesmo em relação à Guerra Civil⁶⁶.

---

⁶³Bruscino, Thomas A., *A Nation Forged in War: How World War II Taught Americans to Get Along*, Nashville: University Tennessee Press, 2014,. p. 55

⁶⁴ Bruscino, Thomas A., *A Nation Forged in War*:... op. cit., p. 55

⁶⁵ “Burke-Wadsworth Act” – disponível no texto original em: <http://www.legisworks.org/congress/76/publaw-783.pdf>, acessado pela última vez dia 26/08/2014

⁶⁶ Dados apresentados no departamento de Justiça dos EUA em 1948 – texto original disponível na página oficial do Departamento de Imigração dos EUA, em:

Com os níveis educacionais básicos mais amplamente difundidos, houve poucos problemas com a questão da língua durante o exercício militar. No entanto, nada disso excluiu as comunidades imigrantes dos EUA de participarem em larga escala na guerra. Enquanto as proporções de nascidos fora dos EUA caíram, as de imigrantes de segunda geração – filhos de nascidos fora dos EUA - cresceram incrivelmente. Calcula-se que cerca de 25% dos alistados tinham ao menos um dos pais nascidos fora dos EUA⁶⁷.

Ainda que a pressão pelo fim da segregação dentro das Forças Armadas crescia, o presidente estadunidense na época, Theodore Roosevelt, avaliou que um momento de emergência não seria a hora para tentar a integração, pois isso possivelmente causaria discórdia dentro das Forças Armadas dos EUA enfraquecendo-a para o combate. No entanto, Theodore aprovou já no meio da Guerra a entrada de negros em todos os ramos das Forças Armadas, incluindo a prestigiada Força Aérea e o Corpo dos Fuzileiros Navais, ainda que sempre em regimentos segregados⁶⁸.

A grande quantidade de estrangeiros e filhos de estrangeiros não-brancos, entretanto, tornou o panorama racial ainda mais complexo, possibilitando casos de “*passing*”, ou seja, muitos dos considerados negros na sociedade serviram nos regimentos brancos – inclusive fazendo do exercício militar honroso em regimentos brancos um caminho de saída para mecanismos de exclusão com os considerados negros.

O caso do meu avô paterno ilustra essa discussão. Filho de imigrantes cabo-verdenses emigrados para a região de New Bedford, em Massachussets, ele e toda sua família foi considerada como negra no senso de 1941. Entretanto, quando ele decidiu se alistar para o Exército, o único documento necessário para apresentação que falava sobre raça era a certidão de nascimento. Como parte de um mecanismo para escapar da exclusão ao ser taxado como “negro” nos EUA na época, ele aparentemente falsificou sua certidão de nascimento e acabou lutando na Alemanha em um regimento de brancos no Exército dos EUA. Como podemos notar no documento original mostrado no ato de seu alistamento, há uma visível alteração no quesito raça para “White” – que está escrito inclusive com outra caneta e outra letra em relação ao resto do documento⁶⁹.

<http://www.uscis.gov/sites/default/files/USCIS/History%20and%20Genealogy/Our%20History/INS%20History/WWII/INSMRev1948.10.pdf>, acessado pela última vez dia 26/08/2014

⁶⁷ Bruscino, Thomas A., *A Nation Forged in War:...*, op. cit., p. 59

⁶⁸ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., pp. 206-207

⁶⁹ Cópia do documento original do acervo pessoal de Manuel J. Monteiro, encontrado pela família após sua morte.

Certificate of Birth Record
 United States of America
 Commonwealth of Massachusetts
 City of New Bedford

I hereby certify that it appears by the Registry of Births of the City of New Bedford, in my custody, that Manuel O. Monteiro was born in New Bedford, Massachusetts.

The record, Volume 27 Page 63 Number 1877 is in the words and figures following, viz.:-

Date of birth August 14, 1926
 Name of child Manuel O. Monteiro
 Color White Sex Male Condition, (Twins, etc.) —
 Place of birth New Bedford, Mass.
 Name of father Joao B. Monteiro
 Maiden name of mother Beatriz Oliveira
 Residence of parents 149 Acushnet Ave., New Bedford, Mass.
 Occupation of father Seaman
 Place of birth of father Brava, Cape Verde Islands
 Place of birth of mother St. Antonio, Cape Verde Islands
 Date of record August 28, 1926

In witness whereof I have hereunto affixed the seal of the said City of New Bedford this twentieth day of February 1944

Pauline Clarke Roberts
 Asst. City Clerk

Seu pai, João B. Monteiro, serviu à Marinha Mercante também durante a 2ª Guerra Mundial – uma unidade de apoio aos combates armados. A Marinha Mercante já durante a 2ª Guerra possuía unidades integradas entre negros e brancos. Inclusive, dos 2,700 navios utilizados pela corporação durante a 2ª Guerra Mundial, 17 eram nomeados segundo importantes personalidades negras e abolicionistas ao longo da história como, por exemplo, o navio SS Brooker T. Washington. Foi inclusive durante o combate que a Marinha Mercante teve seu primeiro comandante negro, o Capitão Hugh Mulzac⁷⁰.

João Monteiro nunca teve a oportunidade de se tornar um veterano de guerra, isso porque seu navio foi afundado por alemães, levando a sua morte. Seu filho, no

⁷⁰ Na historiografia oficial da Marinha Mercante, disponível na internet em: <http://www.usmm.org/african-americans.html>, acessado pela última vez 15/10/2014

entanto, usufruiu largamente da diferença de status social alcançado como veterano de uma unidade branca na guerra. Ademais, casou-se com uma enfermeira branca do exército, que conheceu na volta da guerra. Certamente, o casamento e serviço militar em uma unidade branca trouxeram uma inserção social diferenciada a qual seria impossível para uma pessoa marcada como negra na sociedade civil em sua vida pós-guerra. Seu exemplo de “branqueamento” e inserção profissional como veterano de guerra se mostra pertinente na discussão sobre os brasileiros nas Forças Armadas dos EUA nos dias de hoje, especialmente quando falarmos sobre negociações identitárias.

Durante toda a 2ª Guerra Mundial, dos mais de um milhão de negros que serviram às Forças Armadas dos EUA, nenhum ganhou a medalha de honra (apenas em 1997, o presidente Bill Clinton concedeu a honraria a sete afro-americanos que lutaram na WWII). Além disso, durante o conflito, o Exército dos EUA teve apenas cinco oficiais negros em suas linhas de batalha. Há relatos ainda de soldados negros que se viram obrigados a ceder seu lugar no trem a prisioneiros de guerra nazistas, pois as leis dos EUA obrigavam que um negro cedesse seu lugar a um branco⁷¹.

1.4 O fim dos batalhões segregados

A 2ª Guerra Mundial acabou se tornando o último conflito armado em que os EUA se engajaram oficialmente com batalhões segregados racialmente. Com a escalada do conflito na Coreia e frequentes pressões de entidades de direitos civis dos negros, que ameaçavam boicotar a convocação militar caso o regime de segregação persistisse, pouco antes do início da Guerra da Coreia, em 1948, o Presidente dos EUA Harry Truman deu a ordem de que as Forças Armadas fossem integradas. Entretanto, em pesquisa sobre a aceitação dessa ideia, 90% dos civis brancos se mostraram contrários à implantação dessa medida⁷².

No entanto, a convocação e a necessidade de pessoas para o conflito armado acabaram por se mostrar a oportunidade perfeita para que o processo de integração racial nas Forças Armadas tivesse início longe dos EUA. Foi apenas ao final da Guerra da Coreia, em 1953, que a integração alcançou um patamar relativamente alto, quando

---

⁷¹ Foner, Eric, *Give Me Liberty!: An American History*, New York: W. W. Norton & Company, 2013, p. 696.

⁷² Cashdollar, Maatthew P., “Yes or no, but what if”, IN: Parco, James E. & Levy, David A. (ed.), *Attitudes Aren't Free: Thinking Deeply About Diversity in the U.S. Armed Forces*, Folkestone (UK): Military Bookshop, 2010, p. 169.

90% dos negros já serviam em batalhões integrados. Um ano depois, todas as ramificações das Forças Armadas haviam sido integradas, acabando com uma história de mais de 400 anos de segregação racial dentro do serviço militar no território que atualmente é os EUA⁷³.

Evidentemente, a política pelo fim da segregação racial nas frentes de batalha dos EUA não acabou com a desigualdade dentro das corporações. A extinção dos batalhões negros ocorreu décadas antes do fim das leis de separação racial na sociedade civil e a disparidade de oportunidades na sociedade continuou a refletir dentro das corporações militares. Como mostra a tabela a seguir, a porcentagem que os negros representam no total de Oficiais nas Forças Armadas é muito baixa quando relacionada à porcentagem de negros alistados⁷⁴. (nota-se que “n.a.” sinaliza porcentagem abaixo de 0,5%)

	1945	1949	1954	1962	1966	1970	1972	1976	1980 ^a
<i>Officers</i>									
Army									
Air force	0.7%	1.9%	2.9%	3.3%	3.5%	3.4%	3.9%	5.2%	7.2%
Navy	b	b	0.1	0.3	0.3	0.7	1.0	1.6	2.4
Marines	n.a.	b	0.1	0.2	0.6	1.3	1.7	3.4	3.9
<i>Enlisted Personnel</i>									
Army									
Air force	10.3%	11.1%	12.3%	12.3%	12.4%	13.5%	17.5%	23.7%	32.5%
Navy	4.8	6.1	8.6	9.2	10.4	11.7	13.0	14.7	15.9
Marines	4.8	4.4	3.6	5.2	5.1	5.4	7.2	8.0	11.0
	n.a.	2.5	6.5	7.7	9.4	11.2	15.8	17.0	21.7

FONTE: Young, Warren L. *Minorities in the military*, op. cit., p. 227

O fim dos batalhões segregados gerou uma mudança no perfil do militar negro nos EUA. Enquanto no período que precedeu a Guerra da Coreia, a escolha do comando militar norte-americano sempre foi de tentar manter os afro-americanos longe das funções nas quais eles iriam empunhar armas, no período integrado, a maior parte dos negros foi alocada a funções de infantaria – ou similares à infantaria, variando de acordo com as denominações de cada corporação militar-, como podemos notar na tabela a seguir⁷⁵. (nota-se que os números exprimem porcentagens).

73 Bielakowski, Alexander M. (ed.), *Ethnic and Racial Minorities in the U.S. Military: An Encyclopedia*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2013.

⁷⁴ Young, Warren, *Minorities and the military*, op. cit., p. 227

⁷⁵ Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 231

OCCUPATION	1964	1968	1972	1976	1980^a
Infantry, gun crews, etc.	29.9	32.5	40.0	25.5	26.9
Electronics specialists	5.9	5.3	3.4	3.3	3.4
Communications and intell. specs.	6.9	5.1	4.3	8.0	9.5
Medical and dental	6.3	4.7	4.7	3.4	4.5
Other tech. specs.	1.7	1.3	1.0	1.0	1.5
Admin. specs.	15.3	19.2	19.4	18.4	18.3
Elect./mech. repair	11.4	13.7	10.9	11.3	14.3
Craftsmen	2.9	3.5	2.2	1.9	2.0
Service and supply and misc.	19.7	14.7	14.1	27.2	19.6

FONTE: Young, Warren L. *Minorities in the Military*, op. cit., p. 231

Evidentemente, a extinção dos batalhões apenas para negros diluiria um pouco a possibilidade de uma revolta organizada deles contra o sistema de opressão, como a ocorrida no Texas na véspera da 1ª Guerra Mundial⁷⁶. Além disso, o advento de novas tecnologias de guerra havia reduzido a importância estratégica de unidades como a infantaria. Dessa forma, ainda que os afro-americanos tivessem sido incluídos em todas as corporações e batalhões dos EUA, ainda permaneceram mantidos distantes dos cargos mais estratégicos.

As mudanças no quadro de segregação racial dos EUA que já começavam a acontecer (ainda que a segregação na sociedade civil ainda persistisse) – como é o caso do fim dos batalhões segregados - acabaram por atingir também a questão da imigração, mudando o perfil do imigrante que vinha ao país. O *Immigration and Nationality Act* de 1965 acabou com o sistema de cotas vigente desde 1921 que previa que imigrantes receberiam visto aos EUA proporcionalmente a sua raça, assim teoricamente mantendo a composição étnica do país intacta – que seria um país de brancos e, portanto, beneficiava a imigração europeia⁷⁷.

⁷⁶ Caso previamente citado no presente texto, em: Young, Warren L. *Minorities in the ...*, op. cit., p. 204

⁷⁷ Lei de 1965, disponível em: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/STATUTE-79/pdf/STATUTE-79-Pg911.pdf>, última vez acessado em 03/09/2014

O conflito da Coreia teve também larga participação de pessoas de origem “hispanica”, especialmente porto-riquenhos. Em 1950, havia cerca de 20 mil hispânicos nas forças-armadas. Nos três anos que se seguiram, esse número subiu para 148 mil⁷⁸. Houve inclusive, durante esse conflito, um regimento alistado diretamente de Porto Rico, que recebeu a apelido de “*The Borinqueneers*”.

1.5 A Guerra do Vietnã e o início da transição para uma força voluntária

O primeiro brasileiro encontrado nas Forças Armadas dos EUA pela presente pesquisa serviu durante a Guerra do Vietnã. Após entrar nos EUA de maneira legal, no mesmo ano que o novo ato de imigração entraria em vigor, ele se tornou alvo da convocação e serviu ao Exército dos EUA na infantaria anos mais tarde. Seu relato de que os batalhões da infantaria eram quase totalmente compostos por afro-americanos vai de acordo com a bibliografia sobre o tema. O famoso livro de história oral “*Bloods*”⁷⁹, que relata a experiência de negros no Vietnã, mostra de maneira bastante clara como a convocação militar para aquela guerra ajudou a desmembrar os movimentos sociais negros. Muitos dos líderes desses movimentos eram convocados para a guerra sendo obrigados a deixar para trás sua militância nos EUA.

Um dos colaboradores da presente pesquisa relata que quando chegou ao Vietnã foi indagado pelos outros soldados de seu batalhão o que estaria fazendo lá, pelo fato de ser branco. Mas, quando começou a falar todos entenderam que ele tinha sido mandado à infantaria por ser estrangeiro, como podemos ver no seu relato, a seguir:

“Lá (no Vietnã) todo mundo sabia que eu era brasileiro, todos os americanos. Até é interessante a história, que o primeiro batalhão que eu cheguei no Vietnã era composto praticamente por 80% de afro-americanos, inclusive o capitão, todo mundo... E quando eu cheguei lá, eles olharam para mim, branco, e perguntaram ‘Man, o que que você fez de errado?’, ‘Por que que você está aqui?’, mas

---

⁷⁸ Dados oficiais do Governo do Estado de New Jersey, disponível em:

<http://www.nj.gov/military/korea/factsheets/hispanic.html>, última vez acessado dia 09/09/2014

⁷⁹ Terry, Wallace, *Bloods: Black Veterans of the Vietnam War: An Oral History*, New York: Ballantine Books, 1985.

quando eu começava a falar eu tinha um sotaque e eles falavam, ‘já sei... você é ‘foreigner’...’⁸⁰.

No entanto, a proporção de brancos mortos na Guerra do Vietnã e de negros mortos é pouco desproporcional, ainda que um pouco maior entre os negros. Durante o combate 88.4% dos norte-americanos que serviram à guerra eram brancos e 10,6% negros – sendo o 1% restante marcado como “outra raça”. No entanto, os afro-americanos totalizaram 12,5% das mortes, enquanto os brancos totalizaram 86,3%⁸¹.

A alta mortalidade entre jovens brancos com bons níveis de educação paralelamente a índices altos de reprovação do conflito dentro dos EUA causaram uma escalada na sociedade civil de protestos contra a guerra. Além disso, membros do Comando das Forças Armadas viam uma onda alarmante de evasão da convocação militar. Ainda assim, ao final da Guerra do Vietnã, menos de um terço dos EUA se diziam favoráveis a uma Força Armada inteiramente voluntária. Muitos especialistas inclusive afirmavam que o fim da convocação militar traria um afastamento por parte das Forças Armadas dos ideais nacionais dos EUA, além de privar os cidadãos norte-americanos de um dos poucos deveres de cidadania que tinham, diminuindo assim a educação cívica da população⁸².

Ainda assim, a baixa popularidade do conflito aumentou as pressões sobre o presidente vigente na época, Richard Nixon, fazendo-o colocar em prática a transição para uma Força Armada totalmente voluntária já durante o conflito do Vietnã. Ao final da Guerra, em 1973, dois terços dos soldados que haviam lutado eram voluntários (ainda que muitas vezes coagidos a se alistarem de maneira voluntária, como pretendo explicar de maneira detalhada no próximo capítulo). Em 1972, o último cidadão norte-americano da história (até o presente momento) foi transformado de civil para militar ativo por meio da conscrição. No ano seguinte, pouco antes do fim da Guerra do Vietnã, a conscrição foi por fim legalmente banida nos EUA – voltando apenas por um curto

---

⁸⁰ J. A.C. colaborador da presente pesquisa. Ver entrevista à frente.

⁸¹ Dados oficiais do Congresso dos EUA, disponíveis em: <http://fas.org/sgp/crs/natsec/RL32492.pdf>, acessado pela última vez dia 03/09/2014

⁸² Foley, Michael S., *Confronting the War Machine: Draft Resistance During the Vietnam War*, Chapel Hill (NC): The University of North Carolina Press, 2003, pp. 343-344.

período da Guerra Fria, entretanto com propósitos de aumentar o número de reservistas e não de ativos⁸³.

A criação de uma Força Armada totalmente voluntária, aliada a um novo panorama imigratório nos EUA, nos traz ao contexto em que a maior parte dos brasileiros contatados pela presente pesquisa se insere.

Apesar das diferenças inerentes de uma convocação militar forçada e a escolha pelo alistamento voluntário, os dilemas e benefícios procurados por esses brasileiros se inserem nesse mesmo processo histórico. Como ocorreu com todas as outras comunidades que ao longo da história chegaram ao país, com os brasileiros não é diferente; o alistamento militar segue sendo um dos importantes veículos de inserção da comunidade na sociedade norte-americana.

---

⁸³ Evans, Thomas, "The All Volunteer Army After Twenty Years: Recruiting in the Modern Era", Excerpted from: *Army History: The Professional Bulletin of Army History*, no. 27, pp. 40-46, disponível em: http://www.shsu.edu/~his_ncp/VolArm.html, acessado pela última vez 15/10/2014.

Capítulo II:

O serviço militar voluntário e a emigração brasileira para os EUA

“Minha cidadania saiu no fim de semana de 4 de Julho. Então foi aquela comemoração toda, por ser o dia da independência dos EUA e o primeiro dia que eu era cidadão norte-americano. E foi em um porta-aviões desativado, o *USS Midway*, onde só militares ganharam a cidadania. Foi a maior cerimônia de entrega de cidadanias para militares da história dos EUA”¹.

A cena descrita acima faz parte de uma das entrevistas coletadas pelo presente projeto. A partir da fala de VD., integrante da Marinha dos EUA, nascido em Belo Horizonte, podemos pontuar diversas mudanças estruturais nas Forças Armadas dos EUA, especialmente no que tange o militar imigrante, após o final da conscrição militar no país, em 27 de Janeiro de 1973.

Essas mudanças indicam um novo contexto do serviço militar dos EUA, aonde as dificuldades para o preenchimento das necessidades contingenciais em tempos de guerra levam as corporações das Forças Armadas a gastarem somas milionárias em propagandas; aonde uma nova leva de imigrantes e filhos de imigrantes oriundos da América Latina e Ásia compõe parte fundamental das linhas de batalha estadunidenses e, portanto, a oferta da cidadania é veículo de atração para o alistamento militar. Um contexto no qual a educação cívica, patriótica e ideológica é doutrinação a uma Força Armada fundamentalmente profissional (ou mercenária).

É nesse novo contexto em que se insere a maior parte dos brasileiros que são tema da presente pesquisa. Com exceção do colaborador que lutou pelos EUA durante o conflito do Vietnã, todos os entrevistados pela presente pesquisa se alistaram às Forças Armadas dos EUA voluntariamente – e nenhum deles se disse coagido a fazê-lo.

A inserção de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA se torna um fenômeno numérico (e não mais uma exceção) a partir do momento em que existe uma comunidade brasileira no país, delineando uma situação similar à descrita no capítulo

---

¹ Entrevista realizada pela presente pesquisa com VD. Ver entrevista completa mais à frente.

anterior, que enfocou diversos outros grupos imigrantes. Essa comunidade se forma de maneira expressiva a partir da década de 1980², quando o serviço militar já era voluntário. Para um possível entendimento da cena descrita por VD e a da presença de um brasileiro nela, precisamos entender diversas mudanças históricas pelas quais passaram os EUA e suas Forças Armadas após a Guerra do Vietnã (com o fim do alistamento obrigatório), bem como o início de uma larga corrente migratória que tornou os EUA o principal destino de brasileiros emigrados no mundo atualmente.

O capítulo a seguir busca, portanto, a partir da contextualização do serviço militar voluntário e da contextualização da comunidade brasileira nos EUA e suas problemáticas específicas, apresentar os principais dilemas enfrentados pelos brasileiros tema da presente pesquisa.

2.1 O fim da conscrição militar nos EUA

O fim da convocação militar nos EUA não aconteceu de maneira súbita. Na verdade, a transição para uma força inteiramente voluntária era uma promessa que o presidente dos EUA, Richard Nixon (mandato de 1969-1974), buscava implementar desde o início de seu mandato na Casa Branca. Entretanto, a urgente necessidade de mão-de-obra por parte das Forças Armadas durante o conflito do Vietnã não abria espaço para que testes fossem realizados nesse sentido, sob o risco de os EUA não conseguirem preencher os contingentes de batalha pretendidos.

Quando em 1965, o presidente Lyndon Johnson decidiu pela escalada da presença dos EUA no conflito do Vietnã, os números de cidadãos convocados cresceram vertiginosamente, lançando, segundo alguns historiadores, uma geração inteira de norte-americanos “*in a contest of survival*”³. Ao final do conflito, calcula-se que de 26,8 milhões de norte-americanos elegíveis para o serviço militar entre 1964 e 1973 (duração do conflito), 10,9 milhões adentraram ao serviço militar, sendo que 2,1 milhões estiveram de fato na Guerra⁴.

O medo dos norte-americanos de irem à guerra acabou se mostrando como a oportunidade perfeita para Nixon realizar a transição entre o serviço militar obrigatório

---

² Margolis, Maxine L. “Brasileiros no Estrangeiro: A etnicidade, a auto-identidade e o outro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, pp. 284-300.

³ Readon, Carol, “Vietnam Military Personnel” em: Hall, Mitchel K. (ed.) *Vietnam War Era: People and Perspectives*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2009, p. 44

⁴ Readon, Carol, *Vietnam Military ...*, op. cit., pp. 44-45

a uma força totalmente voluntária, possibilitando a ele a implementação do fim do alistamento obrigatório de maneira tácita. Explica-se: quem se alistasse voluntariamente possuía o poder de escolher em qual corporação iria servir e, muitas vezes, escolher o tipo da função que gostaria de realizar – evitando, por fim, a infantaria. Além disso, como mostra o estudo clássico sobre a participação negra na Guerra do Vietnã “*Bloods*”, muitos jovens que cometiam crimes tinham sua ficha criminal “limpa” em troca do alistamento “voluntário” ao serviço militar durante o conflito⁵. O colaborador da presente pesquisa que serviu ao Exército dos EUA no Vietnã corrobora a existência dessa prática:

“Muitos desses jovens que estavam lá (no Vietnã) tinham problemas judiciais na corte aqui nos EUA. Se ele, por exemplo, foi pego roubando um carro, ou vendendo droga, coisas que às vezes os jovens fazem por pura estupidez, eles faziam o que chamam um ‘*deal*’ – um bem bolado entre a corte e os advogados – que fala assim: ‘meu cliente é jovem, mas se o Senhor terminar com o caso dele aqui na justiça ele entra no serviço militar’”⁶.

Como parte desse processo de transição para uma Força Armada inteiramente voluntária, Nixon convocou, já em 1969, uma comissão que teria o trabalho de avaliar as possibilidades e consequências do fim do alistamento militar. Essa comissão, chefiada por Thomas Gates – antigo Secretário da Defesa dos EUA – contava com líderes de diversos setores da sociedade civil; professores universitários, economistas, membros do alto escalão das Forças Armadas e até o diretor executivo da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People).

Eles concluíram que os ideais contingenciais poderiam ser mantidos em um alistamento totalmente voluntário caso houvesse três mudanças essenciais: 1- Os salários dos militares fossem aumentados; 2- as condições de trabalho dentro do

---

⁵ Readon, Carol, *Vietnam Military ...*, op. cit., pp. 44-45

⁶ Entrevista realizada pela presente pesquisa com J.A.C. Ver entrevista completa à frente.

ambiente das Forças Armadas teriam que ser melhoradas e tornadas mais igualitárias; 3 – Os esforços em prol do recrutamento fossem aumentados⁷.

Seguindo essas recomendações, em 1971 o Exército aumentou consideravelmente o pagamento para seus recrutas e iniciou a vinculação de propaganda na televisão. Logo, as outras corporações militares seguiram esse exemplo. Quando o último cidadão norte-americano foi convocado para o Exército em dezembro de 1972⁸, o serviço militar obrigatório já era uma raridade. Ou seja, quando a conscrição enfim foi terminada, em 1973, a Força Armada dos EUA já era majoritariamente composta por voluntários. Ao final do conflito do Vietnã, naquele mesmo ano de 1973, o Comando Militar computou que cerca de dois terços dos combatentes norte-americanos naquela guerra haviam servido como voluntários⁹.

Além das três recomendações iniciais da comissão liderada por Thomas Gates, outra mudança foi implantada pelo Comando Militar, ajudando a moldar a atual configuração do serviço militar nos EUA: os contratos de alistamento passaram a ser de quatro anos e não mais dois anos, o que trouxe a necessidade de maior aperfeiçoamento do treinamento militar e beneficiou aqueles que buscavam seguir carreira. Em suma, o serviço militar voluntário trouxe maior profissionalização às linhas de batalha dos EUA.

Esse fator, aliado ao advento de novas tecnologias, possibilitou uma redução considerável no contingente militar. Após a implementação do serviço militar voluntário, o número de ativos nas Forças Armadas dos EUA nunca mais chegou aos 3 milhões e meio, como em meados da Guerra do Vietnã. Como mostra o gráfico a seguir¹⁰:

---

⁷ Vide: Gates, Thomas et alii, *The Report of The President's Commission on an All-volunteer Armed Force*, texto original disponível em:

http://www.mcrmc.gov/public/docs/library/allportfolios/1970_Report_of_the_Presidents_Commission.pdf, acessado pela última vez 17/10/2014

⁸ Ver: <http://abcnews.go.com/US/draftee-military-retires-39-years/story?id=13990440>, acessado pela última vez 17/10/2014

⁹ Readon, Carol, *Vietnam Military ...*, op. cit., p. 44

¹⁰ Levantamento realizado pela Military Compensation and Retirement Modernization Commission, disponível em:

<http://www.mcrmc.gov/public/docs/meetings/20130702/Military%20Pay%20and%20Benefits%20Info.pdf>, acessado pela última vez 17/10/2014

FONTE: Military Compensation and Retirement Modernization Commission, *Military pay and Benefits Info*, p1.

A linha de cima representa o número total de ativos nas Forças Armadas dos EUA, enquanto a linha de baixo representa o número de reservistas. Nota-se que os números à esquerda representam milhões.

Entretanto, uma possível falta de motivação e desprendimento dos ideais nacionais por parte dos novos recrutas profissionalizados era algo que ainda preocupava a população norte-americana no início do serviço militar totalmente voluntário. Dessa forma, o fim da conscrição provocou também uma grande mudança no treinamento militar, levantando questões acerca das dificuldades no processo de educação cívica para esses novos recrutas distantes do modelo do “soldado-cidadão”¹¹. Essa questão torna-se ainda mais relevante quando levada em conta a questão dos imigrantes nas frentes de batalha. A partir das entrevistas, pretendo falar de maneira mais detalhada sobre como essa questão aparece nos discursos dos brasileiros alistados no último capítulo do presente trabalho.

2.2 Conflitos contemporâneos e o novo panorama contingencial das Forças Armadas dos EUA

¹¹ Evans, Thomas, “The All Volunteer Army After Twenty Years: Recruiting in the Modern Era”, Excerpted from: *Army History: The Professional Bulletin of Army History*, no. 27, pp. 40-46, disponível em: http://www.shsu.edu/~his_ncp/VolArm.html, acessado pela última vez 15/10/2014.

A implementação do serviço militar voluntário acabou também por gerar mudanças na composição étnica dos alistados, especialmente no caso da população negra. Durante o conflito do Vietnã, os negros totalizaram 10,6% do contingente total das Forças Armadas, já em 1985 – pouco mais de 10 anos após o fim da conscrição – passaram a representar 27% do Exército, 12,2% da Marinha, 18,7% do Corpo dos Fuzileiros Navais e 14,9% da Força Aérea¹². Apesar de terem sua participação reduzida em termos de proporção recentemente, os afro-americanos ainda são mais representados nas Forças Armadas do que na sociedade como um todo. Em 2012, eles totalizavam 16,8% do total contingente militar e 12,6% da população¹³.

Com os hispânicos/latinos, a participação no Exército segue crescendo desde o fim da conscrição. Em 1970, eles totalizavam 3,4% do contingente total, chegando a 13% em 2011¹⁴. Diferentemente dos negros, os hispânicos ainda servem às Forças Armadas dos EUA em proporção menor do que sua representatividade na sociedade, que era de 17% em 2012¹⁵.

No entanto, desde o primeiro conflito no Iraque, as estatísticas dão a entender a existência de uma política do Comando Militar dos EUA a fim de aumentar a representatividade dos hispânicos/latinos nas Forças Armadas. Já antes do atentado terrorista de 11 de Setembro, entre 1992 e 2001, a quantidade de hispânicos/latinos alistados nos EUA subiu 30%, enquanto o contingente total das Forças Armadas dos EUA foi reduzido em 23% no mesmo período¹⁶.

Com os atentados de 11 de Setembro de 2001 e a consequente entrada dos EUA no conflito no Afeganistão, o presidente dos EUA na época George Bush declarou que os EUA estavam em um “período de hostilidade”¹⁷, legalmente.

---

¹² Relatório oficial do Exército dos EUA, *The Changing Profile of the Army: FY08*, disponível em: <http://www.army1.army.mil/hr/docs/demographics/Changing%20Profile%20report%20December%202008.pdf>, acessado pela última vez 10/10/2014, p.7.

¹³ Dados oficiais do Departamento de Defesa dos EUA, disponíveis em http://www.militaryonesource.mil/12038/MOS/Reports/2012_Demographics_Report.pdf, acessado pela última vez dia 10/09/2014.

¹⁴ Dados oficiais do Exército dos EUA, disponíveis em: <http://www.army.mil/hispanicamericans/english/about/statistics.html>, acessado pela última vez dia 10/09/2014.

¹⁵ Censo populacional dos EUA de 2012.

¹⁶ Pew Research: Hispanic Trends Project: <http://pewhispanic.org/files/factsheets/6.pdf>, acessado pela última vez em 10/09/2014.

¹⁷ Tais como: de 6 de abril de 1917 a 11 de novembro de 1918; de 1 de setembro de 1939 a 31 de dezembro de 1946; de 25 de junho de 1950 a 1 de julho de 1955; de 28 de fevereiro de 1961 a 15 de outubro de 1978; de 2 de agosto de 1990 a 11 de abril de 1991; e de 11 de setembro de 2001 até o presente. (<http://www.uscis.gov/ilink/docView/SLB/HTML/SLB/0-0-0-1/0-0-0-29/0-0-0-10086.html>). Acessado em 11/09/2014.

Alguns detalhes da legislação dos EUA se mostram importantes nesse cenário: a seção 329 do *INA (Immigration National Act)* afirma que em chamados “períodos de hostilidade”, um estrangeiro pode solicitar sua naturalização através do serviço militar caso tenha “*sido admitido legalmente como residente permanente no momento do alistamento ou incorporação, ou estado fisicamente presente nos EUA (ou em certos territórios) no momento de seu alistamento ou incorporação (independente de se ele foi admitido como um residente permanente dos EUA) e que tenha servido de maneira honrosa (mesmo que por uma dia)*”¹⁸. Fora dos chamados períodos de hostilidade, a naturalização de estrangeiros através do seu serviço militar nos EUA ocorre apenas após um ano de serviço honroso¹⁹. Um dos entrevistados da presente pesquisa relata que passou por essa situação.

“Depois que eu peguei o “*shield*” de Marines, em três meses foi feita a minha cidadania. Não é uma coisa normal. Há uns 10 ou 15 anos atrás, antes mesmo da guerra do Kuwait você se alistava e o processo de cidadania era normalmente igual ao processo de casamento no civil. Eu consegui rápido porque o país estava em guerra. Período de guerra eles fazem como uma maneira de compensar a sua dedicação e compromisso com o país. Existem muitos benefícios entre simplesmente ter um *green card* e ter uma cidadania”²⁰.

A legislação consolidada dos EUA proíbe atualmente que imigrantes não documentados se alistem voluntariamente nas Forças Armadas dos EUA²¹. Entretanto, a lei obriga também que todos os residentes permanentes do país que completem 18 anos – o que inclui pessoas não-documentadas que, por exemplo, estudam na escola dos EUA, ou que possuem residência fixa no país – se apresentem para o serviço seletivo

---

¹⁸ Em 2002, George W. Bush sancionou lei que estabeleceu que os EUA se encontravam, desde 11 de setembro de 2001, em um “período de hostilidade”. Dessa forma, a legalização dos estrangeiros alistados antes da sanção da lei, porém depois do 11 de setembro, pode ser realizada de forma retroativa. Os EUA seguem até o presente momento em um “período de hostilidade”. (<http://usmilitary.about.com/od/terrorism/a/eo13269.htm>). Acessado dia 19/06/2014.

¹⁹ Ver: (<http://www.uscis.gov/ilink/docView/SLB/HTML/SLB/0-0-0-1/0-0-0-29/0-0-0-10086.html>). Acessado em 19/06/2013.

²⁰ W.O. entrevista realizada pelo presente projeto à frente disponibilizada.

²¹ Ver: (<http://www.uscis.gov/files/article/fagmilitaryandfamiliesupdate.pdf>). Acessado em 19/06/2013.

(*selective service*), possivelmente tornando-se reservistas dos EUA. Essa obrigação não é válida para aqueles que estão no país com visto de turista ou visto de estudante²².

Dessa forma, a problemática de nossa pesquisa acaba envolta em grande nebulosidade. Por um lado, o imigrante não documentado não pode se voluntariar ao serviço militar, mas pode ser convocado a servir²³. Por outro lado, uma pessoa que possuir um visto vigente de estudante não pode ser convocada, a menos que se apresente ao serviço seletivo afirmando residir nos EUA e, portanto, negando o status de seu visto de permanência transitório vigente.

Em uma eventual volta da conscrição militar nos EUA, uma pessoa pode atualmente ser ao mesmo tempo considerada um imigrante e um desertor, caso não atenda a essa convocação. Essa situação foi exemplificada por um colaborador da pesquisa que serviu na guerra do Vietnã. Convocado a servir, ele se viu frente ao dilema de ir à guerra e se naturalizar norte-americano ou nunca mais poder retornar ao país, como ele afirma durante entrevista para o presente projeto.

“Minha família continuou querendo que eu voltasse para o Brasil e me pressionando para isso. Mas se eu sáísse naquela hora eu nunca mais poderia voltar aos EUA, eu seria um desertor”²⁴.

Em estudo aprofundado sobre o ponto de vista jurídico e legal da relação entre imigração para os EUA e serviço militar, o livro *Immigration Law & the Military*, de autoria de Margareth D. Stock, expõe, embora inadvertidamente, a maneira mais fácil de um imigrante ilegal obter sua naturalização através do serviço militar. Em certa passagem, ela descreve uma situação em que uma pessoa se inscreve – com a anuência do recrutador – com um número falso de *Greencard* ou de *Social Security Number*. Como em tempos de guerra a naturalização de um militar ocorre de maneira quase instantânea, o alistado torna-se norte-americano antes que a falha em seu cadastro seja notada²⁵.

---

²² Stock, Margareth D., *Immigration Law & the Military*, Washignton (DC): American Immigration Lawyers Association, 2012, p.1.

²³ *Selective service does not collect any information which would indicate whether or not you are undocumented*, ver em: (www.sss.gov) (Selective Service System). Acessado em 19/06/2014.

²⁴ JAC, entrevista para o presente projeto.

²⁵ Considera-se o fato ainda de que quem realiza a naturalização de pessoas é o *USCIS (United States Citizenship and Immigration Service)* pedindo apenas quatro requisitos das Forças Armadas: boa

Devido a essa brecha, relata D. Stock, ao final de 2004 o *USCIS* começou a realizar de maneira prévia pesquisa a respeito de todos os novos alistados nas Forças Armadas através de um sistema chamado *SAVE* (*Systematic Alien Verification for Enlistment* – Verificação Sistemática de “aliens”²⁶ para alistamento), o que dificulta a realização da “manobra” descrita acima.²⁷

Outra possibilidade para uma pessoa não documentada se alistar atualmente é a do Serviço Militar providenciar um visto de permanência no país para o imigrante, tornando-o automaticamente elegível para pedir cidadania. Uma terceira possibilidade ainda ocorre caso o *Secretary of Service* (Secretário de Serviço Militar – um dos colaboradores do Ministério da Defesa) determinar que o alistamento de uma pessoa não documentada seja de interesse das Forças Armadas.

Um dos colaboradores da presente pesquisa afirma que no início dos combates do Iraque e do Afeganistão as Forças Armadas estavam alistando imigrantes ilegais.

“Assim que eu acabei o *High School*, os recrutas do Exército tentaram me recrutar várias vezes. E eu não queria ir de maneira nenhuma. Eles insistiam muito, mas eu sempre dizia que não queria; que não tinha documentos de permanência nos EUA, mas eles diziam que não era para eu me preocupar com isso que em relação a documentos, eles davam um jeito. Ligaram-me, me mandaram diversas cartas, abordavam a gente no *High School*, era uma coisa muito ostensiva mesmo. Insistiam que a gente pelo menos marcasse uma entrevista para ir no office deles fazer uma entrevista. Na época eles estavam precisando muito de gente, era mais ou menos 2002, 2003, então eles ficavam bem em cima mesmo”²⁸.

---

conduta, conhecimento da língua inglesa, conhecimento da história dos EUA e que essa pessoa realize um juramento à bandeira dos EUA.

(<http://www.uscis.gov/portal/site/uscis/menuitem.5af9bb95919f35e66f614176543f6d1a/?vgnnextoid=26d805a25c4c4210VgnVCM100000082ca60aRCRD&vgnnextchannel=ce613e4d77d73210VgnVCM100000082ca60aRCRD>). Acessado pela última vez dia 19/06/2013,. Ver também, Stock, M., *Immigration Law & the Military*, op. cit., p. 16.

²⁶ Pontuo que o termo *alien* pode assumir um tom pejorativo para se referir aos imigrantes não documentados e é cada vez menos utilizado de maneira oficial nos EUA.

²⁷ Stock, M., *Immigration Law & the Military*, op. cit., p. 15.

²⁸ MA entrevista para a presente pesquisa.

Ademais, a fala do colaborador citado acima denota outra mudança implantada no alistamento militar dos EUA após os ataques terroristas de 2001. Trata-se do “No Child Left Behind Act of 2001²⁹”, que permite que os recrutadores militares tenham acesso aos dados de alunos prestes a se formar para oferecer-lhes oportunidade em carreiras militares – assim como recrutadores para outras profissões tem também acesso a esses dados. A maneira ostensiva pela qual os recrutadores abordaram o colaborador da pesquisa denota a existência de um perfil imaginado para os recrutas: aqueles que teriam mais dificuldades em se profissionalizar e, portanto, mais se beneficiariam com a carreira militar. Em outras palavras, os mais pobres, os com piores notas e os desprovidos de cidadania.

Essa era uma das críticas que a “Comissão Gates” já havia feito ao fim da Guerra do Vietnã – que o fim da conscrição iria tornar o serviço militar menos justo, do ponto de vista de que apenas os mais pobres iriam morrer nas guerras³⁰. Entretanto, essa mudança pode ser vista também como positiva aos olhos da aprovação da sociedade civil para com as Forças Armadas, afinal, um grande fator de reprovação do conflito no Vietnã havia sido o fato de que muitos jovens brancos de classe média estavam morrendo na Guerra sem direito a escolha, causando revolta do mais numeroso setor da população dos EUA.

Paralelamente às mudanças causadas pelo fim da conscrição militar e às políticas formais e informais implementadas pelo Comando Militar dos EUA para garantir o contingente necessário nas linhas de batalha do país, o perfil do imigrante nos EUA mudava drasticamente. Entre 1970 em 2012, a população hispânica/latina nos EUA passou de 9.1 milhões para 53.0 milhões, tornando a segunda “etnia³¹” mais populosa dos EUA, atrás somente dos brancos. Desde 1970, o México e as Filipinas foram, respectivamente, os dois países que mais mandaram imigrantes aos EUA. Nesse

---

²⁹ Feder, Jody, *Military Recruitment Provisions Under the No Child Left Behind Act: A Legal Analysis*, publicado no site do Defense Technical Information Center, disponível em: www.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA494158, acessado pela última vez 10/10/2014.

³⁰ Evans, Thomas W., *The All-Volunteer Army After Twenty years*, op. cit., publicado online em: http://www.shsu.edu/~his_ncp/VolArm.html, acessado pela última vez 17/10/2014.

³¹ Ainda que dificilmente a origem linguística ou nacional possa ser considerada uma “etnia”, é assim que o Censo norte-americano realiza suas classificações.

período, calcula-se que mais cerca de 5.507.492 mexicanos e 1.465.482 filipinos entraram legalmente os EUA³².

Quando em 2009 as Forças Armadas dos EUA fizeram uma pesquisa oficial acerca dos estrangeiros em suas linhas de batalha, os dados coincidiram com os da imigração ao país desde 1970. Dos 114,601 indivíduos nascidos fora do território estadunidense servindo nas diferentes ramificações das Forças Armadas, 22.8% eram nascidos nas Filipinas e 9.5% no México, tornando esses dois países, simultaneamente, as principais fontes de imigrantes e de militares imigrantes nos EUA³³.

Além disso, desde 11 de setembro de 2001 até outubro de 2009, a *U.S. Citizenship and Immigration Services* (USCIS) havia legalizado mais de 53.000 membros das Forças Armadas dos EUA nascidos em outros países e garantido a concessão de 120 cidadanias póstumas³⁴. Margaret D. Stock, afirma que “sem as contribuições dos imigrantes, as Forças Armadas jamais teriam atingido seus objetivos de recrutamento e jamais poderiam suprir sua demanda por tradutores, intérpretes e peritos em cultura”³⁵, no presente “período de hostilidade”.

2.3 Imigração brasileira aos EUA: Um breve panorama

Várias teorias discutem os principais motivos das primeiras emigrações de brasileiros para os EUA. No entanto, certamente questões econômicas – como a crise no Brasil – tiveram grande relevância nesse processo. Ainda que sempre houvesse brasileiros morando nos EUA, é a partir do final dos anos 80 que a emigração brasileira rumo aos EUA se consolida como um fenômeno de grande escala. É a partir desse ponto, também, que começam a se organizar as primeiras comunidades de brasileiros nos EUA³⁶. Essas comunidades se instalaram inicialmente nos estados da Califórnia,

---

³² Dados do *Department of Homeland Security*, 2008, apud Amaral Júnior, Wellington Contijo, “As Políticas de Imigração dos EUA: Entre o Ativismo Restriccionista e o Paradigma de Enforcement Migratório Contemporâneo”, Mestrado inédito, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2010 p. 130.

³³ Dados da Migration Policy Organization, disponíveis em: <http://www.migrationpolicy.org/article/immigrants-us-armed-forces/>, acessado pela última vez dia 17/10/2014

³⁴ Lt. Col. Stock, Margaret D., “Essential to the Fight: Immigrants in the Military after Sept. 11”, *Special Report*, Immigration Police Center, http://www.immigrationresearch-info.org/system/files/Immigrants_in_the_Military.pdf. Acessado em 12 de dezembro de 2011.

³⁵ Stock, “Essential to the Fight...”, op. cit., p. 8.

³⁶ Margolis, Maxine L. “Brasileiros no Estrangeiro: A etnicidade, a auto-identidade e o outro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, pp. 284-300.

Massachusetts, Nova York e Flórida, constituindo assim polos geográficos de referência para os migrantes das duas décadas seguintes. Calcula-se que 80% dos brasileiros atualmente nos EUA estejam nessas regiões, acrescentando-se os estados de Nova Jérsei e Connecticut³⁷.

Algumas teorias apontam razões para essas regiões terem se tornado o principal destino dos brasileiros nos EUA. Uma delas fala a respeito da criação de uma rede de contratações entre Governador Valadares (MG), Boston e Nova York devido à grande quantidade de norte-americanos dessas cidades trabalhando com a exploração de um minério de ferro (MICA) típico da região onde é localizada a cidade mineira³⁸. Outra questão importante é a presença de largas comunidades lusófonas nessas três regiões, em especial comunidades portuguesas e cabo-verdianas que estão na região desde as primeiras décadas do século XX (como mostrado no capítulo anterior em relação à história do meu avô paterno).

Em Boston já havia desde o início da década de 1970 um brasileiro veterano de guerra norte-americano trabalhando com relativa importância na polícia local. Trata-se do colaborador da presente pesquisa que serviu durante a Guerra do Vietnã. Como ele relata, sua posição ajudou a comunidade brasileira de diversas maneiras ao longo de seu crescimento nos EUA.

“Em muitas das delegacias que trabalhei, os policiais me apelidaram de ‘embaixador brasileiro’. Porque muitas vezes quando os brasileiros chegavam perdidos eu tentava ajudar, coisas básicas; ou quando eles iam presos eu tentava soltar. E para os americanos a chegada da comunidade brasileira foi uma coisa estranha. De repente começaram a chegar imigrantes e imigrantes e o Brasil acabou ficando mais conhecido aqui também por causa disso. Eu espero ter contribuído para isso, porque eu na

---

³⁷ Margolis, “Brasileiros ...”, op. cit.

³⁸ De Biaggi, Sylvia Dantas, “Homens e Mulheres Mudando em Novos Espaços” em: DeBiaggi, Sylvia Dantas & de Paiva, Geraldo, José (ed.), *Psicologia E/Imigração e Cultura*, Editora Casa do Psicólogo, 2004, p. 137

época eu fui até consultado pelo comando da polícia para tentar ensinar para eles qual o costume do brasileiro”³⁹.

À medida que a emigração brasileira para os EUA ganhava relevância dentro da sociedade brasileira e norte-americana, começaram a surgir estudos acadêmicos sobre o tema. Atualmente, trabalhos como os de José Carlos Sebe Bom Meihy, Clémence Jouet-Pastré, Maxine Margolis, Ana Cristina Braga Martes, Peter Matthew Brown, Bernadete Beserra, José Inácio Werneck, Coral Rose Martin, Alan P. Marcus, Teresa Sales e Rossana Rocha Reis configuraram um campo de pesquisa cada vez mais denso a respeito da imigração brasileira nos EUA.⁴⁰

Um problema inicial, apontado por diversos desses estudos, é a ausência de pesquisas confiáveis a respeito do número total de brasileiros vivendo nos EUA⁴¹. Em 2008, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil divulgou uma pesquisa na qual afirmava haver cerca de 1,2 milhões de brasileiros morando nos EUA⁴². Uma pesquisa paralela à do Itamaraty, realizada pelo *US Census Bureau*, chegou a um número muito inferior ao do governo brasileiro, afirmando que havia pouco mais de 454 mil brasileiros nos EUA em 2007⁴³. Como solução alternativa, alguns estudos acadêmicos trabalharam com dados oriundos de pesquisas não oficiais que apontavam quase 2 milhões de brasileiros nos EUA no final da primeira década de 2000⁴⁴, ou seja, cerca de 1% da população brasileira vivia nos EUA.

A bibliografia sobre os imigrantes brasileiros nos EUA descreve o trabalho como o principal motivo pelo qual emigram, fazendo com que este se constitua como

---

³⁹ Entrevista J.A.C.

⁴⁰ Margolis, Maxine, *Little Brazil. Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus, 1994, Martes, Ana Cristina B., *New Immigrants, New Land. A Study of Brazilians in Massachusetts*. Gainesville, University Presses of Florida, 2011, Bom Meihy, José Carlos S., *Brasil Fora de Si. Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004, Jouet-Pastre, Clemence, *Becoming Brazyuca. Brazilian Immigration to the US*. Cambridge: David Rockefeller Center for Latin American Studies, 2008, Beserra, Bernadete, *Brazilian Immigrants in the United States. Cultural Imperialism and Social Class*. New York, LFB Scholarly Publishing, 2003, Marcus, Alan P., “Brazilian Immigration to the United States and the Geographical Imagination”, *The Geographical Review* (99), vol. 4, 2009, pp. 481-498 e Sales, Teresa e Reis, Rossana Rocha (orgs.), *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

⁴¹ Bom Meihy, “*Brasil fora de si*”, op. cit., p. 41 e Margolis, *Little Brazil*, p. 387.

⁴² Ver: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%20-%20Estimativas.pdf>. Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty), 2008. Acessado pela última vez 17/10/2014

⁴³ Dados oficiais do Governo dos EUA em: <http://usa.ipums.org/usa/>. Acessado pela última vez 17/10/2014.

⁴⁴ Bom Meihy, *Brasil Fora de Si*, op. cit., p. 41 e Margolis, *Little Brazil*, op. cit., p. 39-43.

forma de relação primordial dos brasileiros com a sociedade norte-americana⁴⁵. Porém há uma discussão a respeito de até que ponto a imigração por trabalho é de fato caracterizada como tal, na medida em que se pode notar, quase sempre, uma vontade do imigrante em trazer para perto de si sua família deixada para trás, ou de constituir uma nova família a partir do novo local. Nesse sentido, Abdelmalek Sayad afirma que não existe imigração de trabalho que não acabe por se transformar “em imigração familiar, ou seja, no fundo, em imigração de povoamento”⁴⁶.

Uma das principais características do imigrante brasileiro dentro do mercado de trabalho norte-americano é certamente a heterogeneidade das funções que eles exercem. Nesse contexto, a especialização adquirida pelos emigrados antes de saírem do Brasil não é necessariamente o que garante a sua inserção no mercado de trabalho norte-americano, como, aliás, na maioria das vezes não o é⁴⁷. Os brasileiros, em sua maioria, acabam por ocupar funções que não necessitam de qualquer tipo de especialização prévia. Esse cenário é potencializado quando o imigrante em questão não possui documentação legal para trabalhar, o que naturalmente o direciona para o exercício das funções mais baixas no mercado de trabalho.

Existe na bibliografia uma discussão indagando se a legalização é de fato um objetivo inerente à condição de não-documentado. Sayad afirma que o imigrante oscila entre “um estado provisório que o define legalmente e a situação duradoura que o caracteriza de fato”⁴⁸. De acordo com essa perspectiva, legalizar-se não é necessariamente o objetivo principal do imigrante, uma vez que sua colocação como tal é muitas vezes entendida como um fato transitório e passageiro em sua vida. E mesmo para os imigrantes que possuem legalmente permissão para trabalhar, a perspectiva de uma eventual volta para sua terra de origem, aparece frequentemente nas histórias de vida. Essa típica narrativa, muitas vezes acaba por justificar o exercício de um trabalho aquém de sua formação escolar ou aquém do que ele realizaria ou um dia realizou em seu país de origem.⁴⁹ Os não documentados, ademais, apresentam algumas “vantagens” para o empregador que não quer pagar impostos ou o salário mínimo exigido pela lei no local, o que os coloca muitas vezes a frente dos trabalhadores locais na busca por vagas de emprego pouco especializadas.

---

⁴⁵ Margolis, *Little Brazil*, p. 49

⁴⁶ Sayad, Abdelmalek, *A Imigração*. São Paulo, Edusp, 1998, p. 20.

⁴⁷ Bom Meihy, *Brasil Fora de Si*, op. cit., p. 124.

⁴⁸ Sayad, *A Imigração*, op. cit., pp. 45-46.

⁴⁹ Como demonstrado em Bom Meihy, *Brasil Fora de Si*, op. cit. e Sayad, *A Imigração*, op. cit.

No caso daqueles que alistam às Forças Armadas dos EUA, entretanto, a vontade de se legalizar parece indiscutível, além de impreterível para aqueles que desejam seguir carreira. Na verdade, muitos desistiram inclusive da sua cidadania brasileira a pedido do comando de sua corporação militar e ficaram apenas com a norte-americana. Isso acontece pois, para um militar tornar-se Oficial nos EUA, ele necessita de um chamado “*security clearance*” (uma liberação do Serviço Secreto estadunidense para que essa pessoa possa ter acesso e ingerência sobre assuntos considerados secretos ou estratégicos)⁵⁰. Essa liberação não pode ser concedida a pessoas de dupla nacionalidade, já que um possível conflito de interesses em relação à nação pode surgir do contato com informações privilegiadas.

No plano identitário, essa questão se mostra extremamente prolixa, pois exige uma escolha prática acerca de sua identidade⁵¹. Ademais, ela levanta novamente a discussão acerca da confiança da sociedade sobre militares profissionais (mercenários), especialmente quando são de outro país – discussão que, como vimos, foi aventada publicamente ao fim da conscrição. Um dos colaboradores da presente pesquisa fala sobre isso:

“Você não pode de maneira alguma ser um Oficial responsável pela vida de várias pessoas sendo de outro país. Imagina se os Estados Unidos criam uma guerra com o Brasil e você tem um cargo de Oficial? Você não pode ser simplesmente um cara que tem um *Greencard*, tem que ser cidadão e tem que desistir da sua cidadania brasileira. Estou passando por isso agora e terei que desistir da minha cidadania brasileira pra conseguir um cargo de Oficial nos Marines. Será meu próximo passo após concluir o meu mestrado e provar competência”.⁵²

Outra discussão controversa na literatura sobre a imigração brasileira nos EUA aventa se a comunidade brasileira pode ser caracterizada em termos de uma “invisibilidade social” frente à sociedade norte-americana⁵³. Um indício da baixa

---

⁵⁰ Site oficial do departamento de estado dos EUA: <http://www.state.gov/m/ds/clearances/c10978.htm>, acessado em 19/09/2014

⁵¹ A pesquisa procura aprofundar essa discussão específica no capítulo final.

⁵² Entrevista realizada pelo presente projeto com WO.

⁵³ Cf. Bom Meihy, *Brasil Fora de Si*, op. cit., p. 42 e Margolis, *Little Brazil*, op. cit., p. 345.

visibilidade da comunidade brasileira na sociedade norte-americana transparece na falta de uma categoria clara para os brasileiros no censo oficial. De acordo com o formulário usado no censo de 2010⁵⁴, para uma pessoa se declarar brasileira, ela deveria primeiro responder afirmativamente à pergunta: “Essa pessoa é hispânica, latina, ou de origem espanhola?”⁵⁵, para depois marcar a opção “outro hispânico, latino, ou de origem espanhola – escreva a origem, por exemplo argentino, colombiano, dominicano, nicaraguense, el-salvadorenho e assim por diante”⁵⁶, a qual permite escrever “brasileiro”, por exemplo. Porém, caso o brasileiro entrevistado pelo censo queira se separar do grupo dos hispânicos, ele teria de se identificar como membro de “Alguma outra raça”⁵⁷, para depois escrever brasileiro no espaço designado para identificar essa “outra raça”. A escolha dessa opção destoaria das distinções étnico-raciais estruturais e históricas da sociedade brasileira, como se existisse no Brasil uma homogeneidade racial ou se ser brasileiro constituiria um grupo racial.

Nesse contexto, o imigrante brasileiro nos EUA se coloca, por outro lado, em uma posição social que favorece uma negociação de suas identidades da maneira que melhor convir em determinada situação. Por exemplo, os brasileiros frequentemente buscam se identificar como diferenciados dos hispânicos, pois entendem que estes são portadores de um estereótipo não desejado dentro da sociedade norte-americana e, portanto, vítimas de grande preconceito⁵⁸.

Mantendo-se no território ambíguo da falta de uma classificação social mais determinada, os brasileiros ganham a possibilidade de, ao mesmo tempo, serem contemplados nas ações afirmativas direcionadas à comunidade hispânica (como cotas nas universidades, por exemplo) caso se interessem. A falta de um estereótipo consolidado em relação à comunidade brasileira nos EUA muitas vezes faz com que o brasileiro emigrado não tenha uma “qualificação simbólica dentro do mercado americano de alteridades”⁵⁹, o que os permite ocupar indistintamente variados campos dentro da sociedade norte-americana, tanto em termos práticos do mercado de trabalho, quanto em termos simbólicos da construção identitária.

---

⁵⁴Vide: <http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf>, acessado pela última vez 17/10/2014.

⁵⁵ Essa é uma tradução minha, direta do questionário, lembrando que ele é aplicado por um funcionário do *Census Bureau*, no entanto só quem pode responder sobre sua origem é o entrevistado.

⁵⁶ Tradução de minha autoria do questionário.

⁵⁷ Tradução de minha autoria do questionário.

⁵⁸ Margolis, Margolis, “Brasileiros ...”, op. cit., p. 290.

⁵⁹ Machado, Igor José de Renó, “Sobre os Processos de Exotização na Imigração Internacional Brasileira”, *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, vol. 51, n. 2, 2008, pp. 716.

No entanto, essa questão me parece sempre permeada pela individualidade e agenciada por cada pessoa a partir de seus interesses pessoais. Como explica um dos colaboradores da presente pesquisa, a identificação pessoal como brasileiro (ainda que muitas vezes os americanos não conheçam os estereótipos de brasilidade) pode fechar muitas portas profissionalmente, pelo simples fato de tornar você uma pessoa de fora da sociedade local. Ao mesmo tempo, segundo ele, uma das principais características da cultura brasileira é capacidade de se adaptar a outras culturas⁶⁰.

“If I paint myself as a Brazilian in America I will not go far. If I talk with a deep accent and just showing Brazilian culture all over me it won’t work for me. That’s just not how you do things. So I had to learn how to adapt and how to say things to them so they can understand and say to each other: ‘Hey, this guy is a legit person’. Like, you go to a restaurant, and you sit there, you are not gonna bang on the table and raise your hand yelling ‘Hey, cadê a cerveja?’, like you would do in a regular ‘barzinho’, you are never going to say that”⁶¹.

Como notou Stuart Hall ao estudar os caribenhos na Grã-Bretanha, as identidades em diáspora atuam segundo duas forças opostas e contraditórias, isto é, ao mesmo tempo em que essas identidades se caracterizam na busca por sua origem, elas estão submetidas a forças centrípetas que atuam no meio em que as acolhe, exigindo uma reelaboração das identidades por parte do emigrado⁶². Ao colocar-se em um território que se situa no espaço entre diversas classificações étnicas, culturais e raciais, sem se aferrar a nenhuma delas, a comunidade brasileira nos EUA se permite rediscutir de maneira individualizada, sutil e permanente suas identidades dentro da sociedade, muitas vezes se beneficiando dessa posição.

A partir dessa discussão podemos traçar um claro paralelo em relação à tradição do “*passing*” na história norte-americana – tal qual demonstrada no capítulo 1 do presente trabalho. Como no passado, o serviço militar ainda funciona, em muitos casos,

---

⁶⁰ Essa discussão é realizada de maneira mais aprofundada no capítulo final.

⁶¹ CF. Em entrevista para o presente projeto.

⁶² Hall, Stuart, *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: ed. da UFMG, 2003, p. 27.

como um fator transformador das identidades étnicas/raciais, no que tange a aceitação dentro da sociedade estadunidense.

Ademais, como buscarei detalhar no capítulo final, o imaginário relacionado ao militar nos EUA o coloca em uma posição de grande reconhecimento positivo pela sociedade. Essa posição pode ser vista muitas vezes como uma diametralmente oposta à do imigrante comum; enquanto o imigrante é visto muitas vezes como alguém que não deveria estar lá e está fazendo mal à sociedade, o militar é exatamente aquele que defende a sociedade; enquanto o imigrante é relatado muitas vezes como alguém que está roubando a sociedade local, o militar é visto como alguém que está “retribuindo”⁶³ o que recebeu da sociedade.

2.4 Apontamentos

A partir do panorama do militar estrangeiro nos EUA em tempos de serviço militar voluntário, assim como da imigração brasileira para o país - tal qual descritos acima -, podemos olhar novamente para a citação que iniciou o presente capítulo e notar algumas particularidades da cena descrita por VD. que se apresentam como sintomáticas da conjuntura das Forças Armadas na qual se inserem os brasileiros alistados nos dias de hoje.

“Minha cidadania saiu no fim de semana de 4 de Julho. Então foi aquela comemoração toda, por ser o dia da independência dos EUA e o primeiro dia que eu era cidadão norte-americano. E foi em um porta-aviões desativado, o USS Midway, onde só militares ganharam a cidadania. Foi a maior cerimônia de entrega de cidadanias para militares da história dos EUA”⁶⁴.

Como descrito no capítulo anterior, a 1ª Guerra Mundial foi o conflito no qual maior número de estrangeiros se naturalizaram norte-americanos através do serviço

---

⁶³ Pontuo que esse termo é bastante recorrente nas entrevistas

⁶⁴ Entrevista VD.

militar. Então por que apenas em 2010 foi realizada a maior cerimônia de entrega de cidadanias para militares da história dos EUA?

Isso, a meu ver, reflete duas mudanças fundamentais para a presente pesquisa, das quais já tratamos no presente capítulo: nos tempos atuais, a obtenção de cidadania tornou-se muito mais difícil do que no passado, devido a diversas mudanças nas legislações sobre imigração, ao aumento do número de imigrantes e possivelmente por causa de uma mudança no perfil da origem da maioria dos emigrados aos EUA; nesse contexto, a dificuldade em suprir as necessidades contingenciais dentro de um serviço militar voluntário, aliado a grande quantidade de imigrantes vivendo no país com poucas opções profissionais fez da cidadania um importante veículo de atração para as linhas de batalha.

Em uma Força Armada que gastou cerca de US\$ 667 milhões de dólares apenas em propagandas no ano de 2011⁶⁵ com o intuito de suprir o contingente de militares voluntários e tem na população hispânica/latina o grupo que mais cresce proporcionalmente dentro de suas frentes de batalha, me parece bastante evidente a tentativa de propagandar o serviço militar como meio de obtenção da cidadania a partir da cerimonia de naturalização.

Além disso, o porta-aviões em que ocorreu a cerimônia, o USS Midway, foi durante muito tempo a maior embarcação do mundo e esteve ativo durante os conflitos do Vietnã, 1ª Guerra do Iraque e Guerra Fria (entre outros conflitos). Aproximadamente 200.000 mil marinheiros norte-americanos serviram dentro dele ao longo da história. Em 2012, 20 anos após ser desativado, em 1992, tornou-se um museu e sede de diversos eventos propagandísticos da Marinha dos EUA; o USS Midway foi palco de um importante jogo de Basquete universitário que contou com a presença até do presidente Barack Obama e de um episódio do programa “American Idol”.

Além da propaganda, a escolha do USS Midway como sede da maior cerimônia de entrega de cidadanias para militares da história dos EUA demonstra os esforços do Comando Militar para colocar em prática seus esforços de educação cívica dos imigrantes que alistam, ademais, realizando um esforço claro para provar para a sociedade que as Forças Armadas mercenárias ainda possuem grande carga patriótica. O fato de a cerimonia ocorrer na data da independência dos EUA reforça esse papel.

---

⁶⁵ Artigo disponível em: <http://www.theatlantic.com/business/archive/2012/01/war-and-peace-in-30-seconds-how-much-does-the-military-spend-on-ads/252222/>, acessado pela última vez 17/10/2014.

Ao contrário do que temiam os críticos do fim da conscrição militar – que o alistamento voluntário afastaria o contexto cidadão do exercício militar, transformando as Forças Armadas dos EUA em uma força mercenária, em oposição ao conceito de soldado-cidadão de Morriz Janowitz, me parece que a educação cívica das centenas de milhares de nascidos fora dos EUA em suas Forças Armadas nos dias de hoje se aproxima mais com o que foi feito durante a 1ª Guerra Mundial, quando milhões de estrangeiros aprenderam a língua inglesa e os símbolos do imaginário patriótico estadunidense durante o treinamento militar e a guerra subsequente, tal qual demonstrado no primeiro capítulo do presente trabalho.

Muitos dos brasileiros entrevistados pela presente pesquisa falaram sobre a questão patriótica de seu serviço militar e o orgulho em lutar pelos EUA, no entanto, nenhum deles afirma ser esse o motivo de seu alistamento. Como pretendo discutir no capítulo final, muitos desses discursos são ensinados de maneira ostensiva durante o treinamento militar e posteriormente reproduzidos pelos recrutas. Isso, todavia, não significa que eles não acreditem nessa retórica e tomem muitas de suas decisões de vida baseando-se nesse discurso.

Certamente, o treinamento militar nos dias de hoje continua sendo parte importante da educação cívica e patriótica dos militares imigrantes e as Forças Armadas dos EUA, mesmo mercenárias, ainda possuem forte carga ideológica e patriótica. Com os imigrantes brasileiros, isso não é diferente.

Capítulo III:

Brasileiros nas Forças Armadas dos EUA:

Questões e perspectivas levantadas pelas entrevistas.

Os dados compilados a seguir são relativas as 14 entrevistas transcritas pela pesquisa. Nota-se que a pesquisa não conseguiu identificar o número exato de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA, em razão de impedimentos causados pelas próprias corporações (Exército, Marinha, Corpo dos Fuzileiros Navais, Aeronáutica e Guarda Nacional) e por legislações vigentes nos EUA. Mais especificamente, ao contatar os departamentos responsáveis pela demografia de cada uma das corporações pertencentes às Forças Armadas dos EUA recebi a mesma resposta - de que seus dados são organizados a partir das divisões étnico/raciais¹ do Censo do país e não por nacionalidade. Além disso, o *Privacy Act* prevê que todos os arquivos pessoais de militares (alocados no *National Archives*, em Saint Louis) só podem ser acessados livremente pela própria pessoa que serviu nas Forças Armadas ou por parentes próximos dessa pessoa, com exceção daqueles que já completaram 50 anos de desligamento do serviço². Estranhos precisam obter a autorização por escrito de cada um dos militares em questão ou de suas respectivas famílias - no caso de que ele seja falecido -, o que evidentemente impossibilita a realização de uma pesquisa demográfica nesses arquivos. Nesse ponto, podemos realizar um paralelo entre a dificuldade em calcular a quantidade de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA com o problema, já extensamente discutido pela bibliografia, de não se possuir um número exato de quantos brasileiros vive nos EUA em geral.

Dentre as muitas questões pertinentes contidas nas entrevistas, escolhi especificamente as apresentadas nas tabelas a seguir por entender que elas nos dão uma definição, ao menos inicial, do tipo da inserção que os colaboradores da presente pesquisa tinham na sociedade norte-americana antes de alistarem nas Forças Armadas e o tipo da inserção que possuíam no momento da realização das entrevistas.

---

¹ As opções de identificação étnico/raciais podem ser acessadas no link <http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf> (o qual oferece uma cópia do formulário aplicado na pesquisa de 2010) – acessado pela última vez no dia 17/10/2014.

² <http://www.archives.gov/foia/privacy-program/privacy-act.html>, acessado pela última vez no dia 17/10/2014.

3.1 Apresentação dos dados compilados a partir das entrevistas

A partir desse objetivo, dividi as tabelas de acordo com os seguintes critérios: Na tabela 1 procurei expor os dados básicos sobre a origem dos colaboradores no Brasil e sobre a profissionalização no serviço militar dos EUA, a fim de discutir o caminho percorrido por essas pessoas em direção à integração (ou não) na sociedade norte-americana. A segunda tabela foi organizada a partir de algumas questões específicas, que permitem circunscrever temas importantes no âmbito da subjetividade dos colaboradores. Noto que as questões pontuais que ali estão são todas correlacionadas ao problema da cidadania, partindo do princípio de que muitas vezes as questões subjetivas ligadas à identidade e ao pertencimento na sociedade estão diretamente ligadas à questão prática da cidadania. A questão sobre o casamento entra nessa tabela - assim como a questão sobre a possibilidade de um retorno ao Brasil - porque ela nos ajuda a indicar, de maneira preliminar, se a imigração do colaborador constitui uma imigração de retorno ou de povoamento. Além disso, casar-se com um cidadão norte-americano pode ser também uma maneira de se conseguir a cidadania³.

O motivo da escolha dessas perguntas específicas é também fundamental para essa reflexão. Em nenhum momento, essa abordagem dada às entrevistas visa suplantar a necessidade de uma discussão individualizada das respostas de cada colaborador, entendendo que a história de vida e a construção pessoal do discurso só podem ser analisadas de maneira plena caso entendidas em sua totalidade e singularidade⁴. Como afirma Bom Meihy: “A experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e a sim a versão moral existencial”.⁵

Devido ao caráter inédito da pesquisa, a abordagem do presente capítulo visa abordar os dados compilados nas entrevistas como forma de situá-los nas discussões bibliográficas. A seguir, encontram-se as duas tabelas iniciais de respostas compiladas pela presente pesquisa.

---

³ Abdelmalek Sayad discute a distinção entre “imigração de trabalho” e “imigração de povoamento”, mas nos lembra que mesmo a chamada “imigração de trabalho” possui um caráter de povoamento, uma vez que é comum aos imigrantes trazerem suas famílias para junto de si. Sayad, Abdelmalek, *A Imigração*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 20.

⁴ Alberti, Verena *História Oral, a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990, p.5; Bom Meihy, José Carlos S. “História oral: Locus disciplinar federativo”, In: Bom Meihy, José Carlos Sebe (org.), *(RE)Introduzindo História Oral no Brasil*, São Paulo: Série Eventos/Departamento de História/FFLCH/USP, 1996, pp.48-55.

⁵ Bom Meihy, José Carlos Sebe e Ribeiro, Suzana L. Salgado, *Guia Prático de História Oral para Empresas, Comunidades e Famílias*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 83.

Tabela 1: Dados básicos e inserção profissional:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Iniciais	Sexo	Local de Origem no Brasil	Já tinha família nos EUA?*	Idade de chegada aos EUA.	Local de Chegada aos EUA	Estudou na escola nos EUA?	Idade de ingresso no Serviço Militar	O serviço militar foi seu primeiro emprego nos EUA?	Continua nas Forças Armadas?	“Branch” nas Forças Armadas.	Atribuí ao serviço militar o atual emprego?*
C.M.	M	Rio de Janeiro, RJ	Sim	12	Miami, Flórida	Sim	19	Não	Sim	Army	-
A.K.	M	Itapejara – PR	Sim	19	Connecticut	Sim	20	Não	Não	Marines	Sim
J.A.C.	M	Botucatu – SP	Não	19	Boston – MA	Sim	21	Não	Não	Army	Sim
A.D.	M	Joaçaba – SC	Não	23	Atlanta - GA	Não	25	Não	Não	Marines	Não
U.R.	M	Governador Valadares – MG (porém nasceu nos EUA)	Sim	- (voltou para lá com 12)	Newark – NJ	Sim	18	Não	Não	Marines	Sim
E.D.	F	Porto Alegre - RS	Sim	23	San Diego – CA	Não	28	Não	Sim	National Guard	Sim
G.F.	M	Marechal Floriano – ES	Sim	16	White Plains – NY	Sim	19	Não	Não	Marines	Não
CF.	M	Sul de MG	Sim	6	Newark - NJ	Sim	19	Não	Sim	Navy	-
G.J.	M	Itajaí –SP	Não	17	Boston – MA	Sim	22	Não	Sim	National Guard	Não
M.A.	M	Goiania - GO	Sim	15	Connecticut	Sim	23	Não	Sim	Air Force	-
T. A.	M	Recife - PE	Sim	20	San Antonio – TX	Não	21	Não	Sim	Marines	-
T. S.	M	Brasília – DF	Não	25	New York – NY	Não	27	Não	Sim	Navy	-
V.D.	M	Belo Horizonte – MG	Sim	14	Boston – MA	Sim	20	Não	Sim	Navy	-
W.O.	M	Anápolis – GO	Não	20	Plattsburg –NY	Não	25	Não	Sim	Marines	-

(*) - Ou emigrou junto com a família.

(**) - Se refere apenas aos que já saíram da corporação, com exceção dos que se alistaram para a “National Guard”, pois esses possuem a opção de trabalhar na corporação apenas durante os fins de semana (part time) e, portanto, a possibilidade de acumular o serviço militar com outro emprego.

Tabela 2: Subjetividade e cidadania.

	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Iniciais	Afirmou haver homens militares brasileiros na família?	Afirmou haver homens militares norte-americanos na família?	Expressou o desejo de servir às Forças Armadas do Brasil?	Sente-se um imigrante nos EUA?	Afirmou se auto identificar como brasileiro(a) dentro da corporação?	Afirmou possuir cidadania norte-americana antes do alistamento?	Afirmou ter procurado o centro de alistamento (1) ou foi procurado por recrutadores (2)?	Lutou em alguma Guerra até o momento da entrevista?	O serviço militar o faz se sentir menos imigrante nos EUA?****
<i>C.M.</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Não</i>	<i>-</i>
<i>A.K.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>J.A.C.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>A.D.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>U.R.</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>1</i>	<i>Sim</i>	<i>-</i>
<i>E.D.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>G.F.</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>CF.</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>1</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<i>G.J.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>M.A.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>T. A.</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>T. S.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
<i>V.D.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>W.O.</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>2</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>

Continuação da tabela 2.

	21	22	23
Iniciais	Casado com “BR” ou “EUA”?****	Escolheu Realizar a entrevista em inglês ou português?	Pretende voltar a viver no Brasil?
<i>C.M.</i>	<i>EUA</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>A.K.</i>	<i>BR</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>J.A.C.</i>	<i>EUA</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>A.D.</i>	<i>EUA</i>	<i>Português</i>	<i>Sim</i>
<i>U.R.</i>	<i>BR</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>E.D.</i>	<i>EUA</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>G.F.</i>	<i>S</i>	<i>Português</i>	<i>Sim</i>
<i>C.F.</i>	<i>Ambos</i>	<i>Inglês</i>	<i>Não</i>
<i>G.J.</i>	<i>BR</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>M.A.</i>	<i>BR</i>	<i>Português</i>	<i>Sim</i>
<i>T. A.</i>	<i>O</i>	<i>Português</i>	<i>Sim</i>
<i>T. S.</i>	<i>O</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>V.D.</i>	<i>BR</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>
<i>W.O.</i>	<i>S</i>	<i>Português</i>	<i>Não</i>

*** - “S” simboliza solteiro e o “O” simboliza pessoas casadas com portadores de outras nacionalidades.

**** - Questão pertinente apenas àqueles que afirmaram se sentir imigrantes.

3.2 Discussão das questões e dados expostos na tabela 1:

Primeiramente, nota-se que há apenas uma mulher no grupo entrevistado, o que denota uma inclinação para o entendimento do serviço militar como um espaço predominantemente masculino dentro da comunidade brasileira. Em pesquisa realizada pela agência de notícias *CNN*, no dia 24 de janeiro de 2013, as mulheres correspondiam a 14,5% do contingente total ativo das Forças Armadas dos EUA⁶. No grupo dos imigrantes alistados, as mulheres possuem uma representatividade ainda maior, totalizando 17,2%⁷.

É evidente que a partir dos dados da presente pesquisa é impossível afirmar de maneira categórica que as mulheres da comunidade brasileira nos EUA se alistem menos, na média, do que as norte-americanas, ou mulheres de outras nacionalidades. Entretanto, levando em conta os que participaram do trabalho, os que foram contatados, mas decidiram não participar e notícias de jornal que falavam sobre brasileiros alistados nas Forças Armadas dos EUA, obtive informação da existência de apenas outras duas mulheres, em um grupo que totaliza cerca de 40 homens.

No Brasil, pesquisa realizada pelo Ministério da Defesa demonstra que no dia 8 de março de 2013, as mulheres correspondiam a apenas 6,34% do contingente total das Forças Armadas⁸. Além disso, foi apenas no final do ano de 2012 que uma mulher foi alçada a um cargo de destaque dentro da corporação brasileira, com a promoção da almirante-médica, Dalva Mendes ao posto de oficial-general.

De fato, vários colabores atribuíram a decisão de ingressar nas Forças Armadas dos EUA a um “sonho de menino”. Como, por exemplo, G.J. nesse trecho:

“Eu tinha um fascínio pela profissão militar desde menino. Gostava de metralhadoras, espingardas. Coisa de menino mesmo, não tinha nenhum motivo especial para eu gostar da profissão militar, era só identificação mesmo”⁹.

---

⁶ <http://edition.cnn.com/2013/01/24/us/military-women-glance> - Acessado pela última vez no dia 19/10/2014.

⁷ <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?ID=683> - Acessado pela última vez no dia 19/10/2014.

⁸ Ver: (<https://www.defesa.gov.br/index.php/ultimas-noticias/8610-08-03-2013-defesa-mulheres-estao-cada-vez-mais-presentes-nas-forcas-armadas-brasileiras>). Acessado pela última vez no dia 19/10/2014.

⁹ Entrevista de CM., ver à frente.

Há nas entrevistas uma relação imaginária da figura do militar com a infância, já ligada à questão de gênero (sonho de menino). Nyameka Mankayi sintetiza de maneira interessante os símbolos de masculinidade ligados ao treinamento militar e seus valores:

*“For some men, the physical training that produces the physical fitness required by the military seems to be a way of reasserting their manhood, or proving their masculinity (Cohn, 2000). For some, military service is an inherent part of maturation, a ceremonial transition to successful male adulthood (Klein, 1999). The military embodies codes of honour that stress a number of supposedly male virtues. Traditional male virtues or attributes, such as risk-taking, honour, courage, adventurousness, heroism and sexual virility are central to constructions of hegemonic masculinity”*¹⁰

A evidente ligação entre a figura simbólica fálica das armas e a formação da masculinidade é, nesse contexto, apenas o ponto de partida para um discurso que coloca a profissão militar como um espaço imaginário masculino por excelência, porém não exclusivo. Chamo a atenção para o fato de que estou aqui me utilizando do conceito de imaginário inspirado em Luisa Passerini, que define um dos papéis do imaginário na história de vida como:

“Na minha perspectiva, o imaginário é concebido como um aspecto da subjetividade compartilhada e, desse modo, como uma forma de memória que se renova e se amplia com o passar do tempo”.¹¹

Como podemos notar na Tabela 2, metade dos colaboradores contemplados nesse levantamento afirma possuir ao menos uma figura masculina mais velha na família que seguiu a profissão militar, mas nenhum deles possui uma figura feminina

---

¹⁰ Mankayi, Nyameka: “Masculinity, Sexuality and the Body of Male Soldiers”, *PINS*, 2008, 36, p. 27.

¹¹ Passerini, Luisa, *A memória entre a Política e a Emoção*, São Paulo: Letra e Voz, 2011, p.8

que ocupe espaço semelhante na sociedade. Durante a realização das entrevistas, notei ser recorrente a atribuição da escolha da carreira militar à existência de outros militares na família, ainda que esse militar fosse – com apenas duas exceções – brasileiro.

No segundo dado apresentado na primeira tabela (Local de origem no Brasil), podemos notar uma leve predominância de pessoas vindas de Minas Gerais no grupo entrevistado – quatro de quatorze. Ainda que o número por si só não aparente apresentar nenhum destaque, encontra-se alinhado com a bibliografia referente à imigração brasileira para os EUA, geral. Como demonstra pesquisa realizada pelo *Center for Latin American, Caribbean and Latino Studies, da City University of New York*, datada de 2010¹², a maior parte dos brasileiros imigrados aos EUA é oriunda do estado de Minas Gerais. Além disso, podemos notar que a maioria dos entrevistados pela presente pesquisa é ainda oriunda de cidades relativamente pequenas (9 – 14), sendo apenas cinco deles provenientes de capitais estaduais do Brasil. Esse é outro dado que se mostrou de acordo com a bibliografia a respeito da imigração brasileira para os EUA¹³.

A partir dessa reflexão podemos corroborar a ideia de que os imigrantes brasileiros que se alistam nas forças armadas possuem (na figura de grupo) origem semelhante aos imigrantes brasileiros em geral e, portanto, não há nenhuma indicação a respeito de um tipo especial de imigração destinada ao serviço militar ou sobre a possibilidade de um recrutamento prévio realizado fora dos EUA, no caso dos brasileiros, seguindo a legislação norte-americana, que não permite o alistamento fora do território norte-americano, “a menos que tais atividades sejam especificamente permitidas”¹⁴.

Como sugere a pergunta seguinte, de número 3 (já tinha família nos EUA?), a maioria dos entrevistados encontrou a condição de imigrante nos EUA juntamente com a família (9 de 14). Essa questão me parece importante para refletirmos a respeito dos objetivos no ato de emigrar desde o Brasil dessas pessoas. Enquanto a bibliografia afirma que para os mais velhos a imigração é inicialmente motivada pelo trabalho¹⁵, nossos colabores se veem em posição distinta, na qual inicialmente realizam a sua formação escolar no novo país. Nesse sentido, já sendo a segunda geração de imigrantes

---

¹² Ver a pesquisa disponível em:

<http://web.gc.cuny.edu/lastudies/latinodataprojectreports/Brazilians%20in%20the%20U.S.%201980%20-%202007.pdf>. Acessado dia 19/06/2014

¹³ Stock, Margareth D., *Immigration Law & the Military*. Washington: American Immigration Lawyers Association, 2012, p. 15.

¹⁴ Stock, Margareth D., *Immigration Law & the Military*, op. cit., p. 15.

¹⁵ Sayad, A., *A Imigração*, op. cit., p. 20.

na família, testemunham uma mudança de direção no processo migratório; que de imigração por trabalho, torna-se imigração de povoamento. Este processo produz uma inserção diferente na sociedade norte-americana.

Como podemos notar na pergunta de número 6, (estudou na escola nos EUA?) a grande maioria dos entrevistados teve sua primeira inserção na sociedade norte-americana através da escola. Levando em consideração a tendência demonstrada na pergunta de número 4 – de que a vasta maioria dos entrevistados imigrou até os 20 anos de idade-, podemos entender que parte importante da formação escolar de vários deles ocorreu nos EUA. De início podemos indicar três pontos básicos decorrentes dessa inserção: 1 – Os que tiveram sua formação escolar nos EUA aprenderam a falar inglês antes de ingressar no serviço militar e, portanto, possuíam a oportunidade de obter emprego e inserção em grupos sociais fora da comunidade brasileira (embora a falta de documentação possa ser ainda assim um obstáculo, especialmente no âmbito do trabalho). 2- Eles tiveram aulas de História norte-americana e, portanto, foram obrigatoriamente ensinados sobre a história militar daquele país antes de ingressarem nas Forças Armadas, não tendo seu primeiro contato com o processo de educação civil a partir do treinamento militar. 3- Tiveram contato com recrutadores das Forças Armadas dentro da escola ou seus dados foram disponibilizados para esses recrutadores¹⁶.

Como podemos notar na pergunta de número 8 (o serviço militar foi seu primeiro emprego nos EUA?), nenhum dos colaboradores respondeu afirmativamente. Esse dado, além de corroborar a hipótese a respeito da não existência de uma tendência migratória ligada ao alistamento nas Forças Armadas dos EUA, nos ajuda a entender o contexto no qual os colaboradores se alistaram. Como sugere de maneira bastante categórica esse dado, os imigrantes brasileiros não se alistam por falta de outras opções de trabalho, mas sim por opções que envolvem a integração na sociedade norte-americana nos seus diferentes aspectos, desde a inserção profissional até questões subjetivas ligadas ao pertencimento simbólico em diferentes setores da sociedade.

Em relação ao item de número 5 (local de chegada aos EUA), as respostas indicam que a maioria dos colaboradores entrevistados chegou aos EUA em lugares nos

---

¹⁶ Emenda do congresso norte-americano vigente desde o ano de 2002, chamada “*No child left behind act of 2001*” determina, entre outras coisas, que a profissão militar seja entendida pelas escolas públicas do país como uma carreira e, portanto, os dados de alunos que estão próximos de formarem – como nome, telefone, nacionalidade, notas finais, cursos optativos, etc.. – são de livre acesso dos recrutadores, assim como são para faculdades. – Mais detalhes sobre a emenda em: http://en.wikisource.org/wiki/No_Child_Left_Behind_Act_of_2001. Acessado pela última vez no dia 19/10/2014.

quais existe uma comunidade brasileira significativamente grande. Como notado no capítulo anterior, calcula-se que 80% dos brasileiros atualmente nos EUA estejam nessas regiões, acrescentando-se os estados de Nova Jérsei e Connecticut¹⁷. Entretanto, maiores reflexões sobre essa questão são, no momento, pouco conclusivas, já que a pesquisa foi realizada a partir da região metropolitana de Boston/MA tendo a “rede” da comunidade brasileira como uma das principais fontes de possíveis colaboradores para a pesquisa.

É importante ressaltar, no entanto, que a comunidade brasileira da região metropolitana de Boston foi apenas uma “rede” inicial para a presente pesquisa. Uma segunda “rede” foi criada a partir de amizades internas no Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA (*Marines*), sendo também de fundamental importância durante a realização do trabalho de campo. Ainda que isso explique de maneira preliminar o motivo do Corpo dos Fuzileiros Navais ser a corporação das Forças Armadas dos EUA mais escolhida pelos colaboradores da presente pesquisa, existem, a meu ver, algumas hipóteses preliminares a serem consideradas nessa discussão. Partindo do princípio de que as diferentes corporações militares possuem funções distintas e, portanto, histórias e identidades distintas entre si, é possível apontar os dilemas iniciais que se mostram pertinentes na escolha de qual corporação militar o colaborador irá se alistar. Levando em conta o maior risco de vida atribuído ao alistamento nos *Marines* (Corpo dos Fuzileiros Navais¹⁸), surgem algumas questões: Existe maior facilidade para um imigrante se alistar em alguma das corporações específicas? O prestígio da farda¹⁹ é diferente no Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA do que em outras corporações das Forças Armadas dos EUA?

A questão do tempo de serviço necessário para a aposentadoria oferecida pelo serviço militar foi um dos pontos que notei ser bastante relevante para nossos colaboradores durante a realização das entrevistas. Diferentemente dos outros empregos civis, a aposentadoria integral no serviço militar requer apenas 20 anos de contribuição. Isso significa que uma pessoa que comece a servir aos 18 anos de idade pode se aposentar com salário integral aos 38.

Nota-se ainda que o salário não possui distinção entre as corporações. De acordo com dados do Ministério da Defesa dos EUA, todos os salários variam de acordo

---

¹⁷ Margolis, Maxine L. “Brasileiros no Estrangeiro: A etnicidade, a auto-identidade e o outro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, pp. 284-300.

¹⁸ Como pretendo discutir mais à frente no presente capítulo

¹⁹ Castro, Celso, *O Espírito Militar: O Antropólogo na Caserna*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004, p. 139.

com a graduação do militar dentro da corporação que, por sua vez, é também padronizada para todas as ramificações das Forças Armadas. Um militar que acabou de formar do treinamento básico recebe o salário de U\$18,194 dólares anuais, podendo chegar, na graduação mais elevada, a U\$234,803 dólares anuais²⁰. Entretanto, os benefícios oferecidos para aqueles que resolvem se alistar em cada corporação podem variar significativamente. Nesse contexto, o Exército e a Marinha oferecem, atualmente, os maiores incentivos financeiros, na forma de auxílio para moradia, seguro médico e auxílio para pagamento de uma faculdade (que, nos EUA, são sempre pagas e possuem um valor anual bastante elevado)²¹. O Corpo dos Fuzileiros Navais, no entanto, é frequentemente descrito (por fontes não oficiais) como a ramificação das Forças Armadas dos EUA que de maneira mais recorrente aceita pessoas com um histórico criminal²². Se isso realmente é verdade, podemos levantar a questão a respeito de se os *Marines* são também a corporação que mais frequentemente aceita pessoas que não estão em dia com seu status legal de permanência nos EUA.

De qualquer maneira, a naturalização como norte-americano já no primeiro ano de serviço é um dos grandes incentivos para aqueles que se alistam nas Forças Armadas dos EUA. A partir desse passo, abre-se caminho para a concessão de vistos de permanência no país para os familiares do imigrante alistado²³. Algumas mudanças na legislação após o 11 de Setembro se fizeram fundamentais nesse contexto, tal qual discutido no capítulo anterior.

Com exceção do brasileiro que serviu ao Exército dos EUA durante a Guerra do Vietnã, em todos os outros casos compilados pela presente pesquisa, o alistamento ocorreu de maneira voluntária. Nota-se de maneira bastante categórica que a vasta maioria dos colaboradores da presente pesquisa não possuía cidadania norte-americana no momento de seu alistamento (pergunta 17 – tabela 2). É importante ressaltar que isso

---

²⁰ Dados oriundos do Ministério da Defesa dos EUA, encontrado em (<http://www.militarypaychart.us/>). Acessado última vez em 19/06/2013.

²¹ Ver em: (<http://usmilitary.about.com/od/airforcejoin/a/incentives.htm>). Acessado a última vez em 19/06/2013.

²² Alvarez, Lisette, "Army Giving More Waivers in Recruiting", texto publicado na internet pela Universidade de Massachussetts/Amherst (UMASS Amherst), em 14/02/2007, (<http://www.umass.edu/legal/Arons/Spring2007/397N/397Nrecruiting%20waivers07.pdf>). Acessado em 19/06/2013.

²³ Stock, M., *Immigration Law & the Military*, pp. 113-118.

não significa que eles não possuíam algum tipo de visto de permanência no país, como o *Green Card*²⁴ ou um visto de estudante.

Durante a realização das entrevistas, notei que a questão da ilegalidade é tratada com bastante cuidado pelos colaboradores. Nesse sentido me pareceu curioso o fato de que quase todos os entrevistados afirmaram que já possuíam algum tipo de visto de permanência no momento do alistamento – uma tendência contrária do que podemos notar na comunidade brasileira em geral ²⁵. Dois colaboradores, no entanto, me relataram terem sido assediados por recrutadores das Forças Armadas dos EUA enquanto possuíam o status de imigrante não documentado, sendo informados que poderiam se naturalizar caso se alistassem²⁶.

A questão a respeito dos motivos que levam a escolha de determinada corporação no momento do alistamento, evidentemente, se mostra apenas pertinente para aqueles que afirmaram ter ido procurar voluntariamente o Centro de Recrutamento Militar e, dessa forma, tiveram a opção de escolher qual corporação gostariam de servir. Os que foram recrutados – apesar de possivelmente terem sido abordados por membros de mais de uma corporação – possuem a influência de fatores externos em sua escolha, dificilmente delineados sem uma abordagem mais específica na entrevista e na história de vida de cada um, abordagem realizada no último capítulo do presente trabalho.

Nesse contexto, alistar-se ao Corpo dos Fuzileiros Navais é uma decisão bastante complicada a níveis práticos. Inicialmente os *Marines* passam por um treinamento especializado muito mais rigoroso do que o das outras corporações, já que eles são considerados uma força de elite. Enquanto o treinamento básico para o Exército dura 10 semanas, o dos *Marines* dura 12. Além disso, compilando dados do Ministério da Defesa dos EUA, a pesquisa chegou à conclusão que desde a Segunda Guerra Mundial, os *Marines* morreram mais (proporcionalmente) do que os membros de qualquer outra ramificação das Forças Armadas em todas as guerras travadas pelos EUA no período. Como mostra a tabela a seguir:

---

²⁴ Oficialmente, *United States Permanent Resident Card* (Documento de Residência Permanente nos Estados Unidos).

²⁵ Como demonstrado em:

(<http://web.gc.cuny.edu/lastudies/latinodataprojectreports/Brazilians%20in%20the%20U.S.%201980%20-%202007.pdf>). Acessado dia 19/06/2013.

²⁶ Preferi não colocar no momento as iniciais desses entrevistados, pois essa informação pode potencialmente causar problemas pessoais e profissionais a essas pessoas.

Dados a respeito de quantos por cento de cada corporação morreu, por guerra²⁷:

	Marines	Army	Navy	Air Force
II Guerra Mundial	3,663%	2,826%	1,489	---
Guerra da Coréia	1,063%	1,053%	0,055%	0,120
Guerra do Vietnã	1,869%	0,875%	0,139%	0,148%
Guerra do Golfo	0,031%	0,028%	0,008%	0,006%

*Quando chamados à guerra, membros da National Guard são incorporados à Marinha.

FONTE: Oboroceanu, Mari-Jana, “*American War and Military Operations Casualties: Lists and Statistics*”.

Os dados da mesma pesquisa demonstram ainda que desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 até fevereiro de 2010 (quando foi publicada a pesquisa) os *Marines* seguiram tendo a maior taxa de mortalidade entre as ramificações das Forças Armadas. Nesse período, os soldados do Exército corresponderam a 48,8% do total de ativos nas guerras do Iraque, Afeganistão e outros conflitos denominados pelo Ministério da Defesa do EUA de “Guerra contra o terrorismo ao redor do mundo”²⁸, enquanto os Fuzileiros Navais correspondiam a apenas 10,8% do total de ativos no período. Entretanto, a *Army* representou 73,2% dos mortos, enquanto os *Marines*, 23,3%. Ou seja, o Exército possui cerca de 4 vezes e meio mais pessoas nessas guerras e, no entanto, apenas 3 vezes mais mortes totais. As outras duas ramificações das Forças Armadas, *Navy* e *Air Force* representam os outros cerca de 40% restantes de ativos no período e apenas 3,5% das mortes.

Quando entrevistei o primeiro colaborador que estava nos *Marines* fui logo sendo avisado por ele: “Cara, você tem que saber antes de tudo que nós não gostamos de ser chamados de soldados. Nós somos Fuzileiros Navais”. Na hora me lembrei da propaganda que passa de maneira recorrente na televisão dos EUA, que diz: “*The few, the proud, the Marines*” (“Os poucos, os orgulhosos, os Marines”, em tradução literal).

²⁷ Oboroceanu, Mari-Jana, “*American War and Military Operations Casualties: Lists and Statistics*”. *Congressional Research Service*, (<http://www.fas.org/sgp/crs/natsec/RL32492.pdf>). Acessado pela última vez dia 19/06/2014.

²⁸ Tradução livre para o termo combate referido pela pesquisa original como *Global War on Terrorism*.

Nesse sentido, noto que uma descrição recorrente sobre o motivo do alistamento nos *Marines* expressa uma rivalidade com as outras corporações, sempre as colocando como preguiçosas quando comparadas a eles. Como, por exemplo, A.K. nesse trecho:

“Eu queria entrar na Aeronáutica, mas sempre que ia lá o centro estava fechado. Eu sempre notava também que do outro lado da rua havia um centro de recrutamento dos *Marines* aberto e funcionando. Uma hora resolvi passar lá”.

Ou nesse outro trecho de A.D.:

“Resolvi me alistar, mas ainda não sabia em qual *branch*. Fui lá na *Navy* e vi um monte de gordinhos. Fui na *Army* e o centro de recrutamento estava sempre fechado. Então fui nos *Marines* e vi aquela farda bonita e o pessoal todo em forma trabalhando. Foi quando decidi que ali era o meu lugar”.

Dessa maneira, me parece existir sim uma identificação diferenciada em relação aos *Marines*. Interessante perceber isso a partir do outro lado, quando um soldado entrevistado pela pesquisa da *National Guard* afirmou: “A maioria dos brasileiros por aqui querem dar uma de ‘fodão’. Aí querem se tornar *Marines*”.

Outro fator que notei ser bastante recorrente durante as entrevistas que realizei é de o Serviço Militar constituir um caminho para a profissionalização, mesmo que esta ocorra fora das Forças Armadas. Essa confluência de respostas reforça a tese de que o alistamento militar constitui uma estratégia de inserção profissional e social distinta para os imigrantes nos EUA.

Como podemos notar na questão de número 11 (atribui ao serviço militar o atual emprego?), mesmo a maioria dos colaboradores da pesquisa que já deixou as Forças Armadas dos EUA, atribui o seu atual emprego ao serviço militar. Curiosamente, as duas exceções (que afirmaram já terem deixado o serviço militar e que não atribuem seu atual emprego ao mesmo) são de pessoas que já retornaram ao Brasil. O fator interessante dessa questão é o fato de que nem sempre os empregos obtidos através do serviço militar ocorram no setor público. De fato, a noção de que o serviço militar

constitui um vetor de inserção de grupos chamados de minoritários dentro da sociedade norte-americana remonta à origem da formação nacional do país, com a guerra de independência, como demonstrado anteriormente no 1º capítulo do presente trabalho.

Como mostra a tabela a seguir, ainda hoje, podemos notar que a relação entre o número de alistados e promovidos a oficiais é desfavorável para os negros quando comparados aos brancos²⁹:

	Alistados 1997	Oficiais 1997	Alistados 2009	Oficiais 2009	% da população dos EUA em 2009
Brancos	65.0%	84.2%	69.0%	77.8%	74.8%
Negros	21.8%	7.9%	18.1%	9.3%	12,4%
Hispânicos	7.5%	3.2%	11.7%	5.4%	15.8%
Indígenas*	0.8%	0.5%	1.9%	0.6%	0.8%
Asiáticos**	3.3%	2.5%	4.2%	3.7%	4.6%
Etnicidade desconhecida ou multiétnicos	1.7%	1.7%	6.7%	8.5%	7.3%

*Indígenas norte-americanos ou nativos do Alaska

**Ou das Ilhas do Pacífico

FONTE: “**Managing Diversity in the Military**, in: Daniel P. McDonald and Kizzy M. Parks (orgs.) *The Value of Inclusion in a Culture of Uniformity*, p. 36

Podemos notar que na relação entre o total da população e a porcentagem de alistados por raça, apenas os negros possuem uma participação mais representativa dentro das Forças Armadas do que na sociedade. Isso evidentemente denota a importância da opção pelo serviço militar na profissionalização dos afro-americanos. Outro ponto que chama grande atenção é o fato de tanto o grupo dos hispânicos quanto o grupo dos negros possuírem uma porcentagem de oficiais bastante reduzida quando comparada à dos alistados. Em oposição, o grupo dos brancos possui uma porcentagem de oficiais maior do que de alistados.

²⁹ Nota-se que a raça/etnicidade nas pesquisas atuais é de autodefinição da própria pessoa. Stevens, Christina L, “Managing Diversity in the Military, in: Daniel P. McDonald and Kizzy M. Parks (orgs.) *The Value of Inclusion in a Culture of Uniformity*. Nova York: Routledge, 2012, p. 36

Nesse contexto, Cynthia H. Enloe descreve uma ligação imaginária entre confiança governamental e etnicidade nas Forças Armadas de países multiculturais. Partindo do princípio de que há um perigo iminente para a manutenção do regime social vigente na ideia de armar os chamados “grupos minoritários”, ela afirma que isso os torna menos confiáveis para o exercício de funções mais próximas ao comando militar. Dessa forma, o grupo mais interessante para servir de elite militar é o grupo politicamente mais interessado na continuação dos processos estatais e sociais vigentes que, no caso dos EUA, trata-se dos brancos³⁰. Aos grupos “menos confiáveis” nesse contexto devem, portanto, ser delegadas funções burocráticas ou funções que garantam menor poder de decisão pessoal ao militar. Como notamos no capítulo anterior, essa afirmação possui larga fundamentação histórica desde os tempos da escravidão nos EUA.

Assim como ao longo da história as necessidades contingenciais forçaram a inclusão de grupos minoritários nas Forças Armadas dos EUA, como demonstrado no capítulo 1, nos dias de hoje essa teoria ainda se demonstra verdadeira. Em 2009, a estudiosa da relação entre imigrantes e serviço militar nos EUA, Margareth D. Stock, afirmou que:

“Sem as contribuições dos imigrantes, as Forças Armadas jamais teriam atingido seus objetivos de recrutamento e jamais poderiam suprir sua demanda por tradutores, intérpretes e peritos em cultura”.³¹

Em suma, durante a história dos EUA, diversos grupos de imigrantes que chegaram ao país viram no serviço militar um local propício para reivindicarem direitos de cidadania que lhes eram negados na sociedade civil. Além disso, a educação cívica e linguística do treinamento militar foi muitas vezes uma maneira de realizar, especialmente no caso dos imigrantes, um processo de ensinamento da “cultura norte-americana” e de símbolos patrióticos. Hoje em dia, muitos dos considerados “americanos brancos” são descendentes de imigrantes que lutaram durante a Guerra de Secessão ou 1ª Guerra Mundial, por exemplo, tornando-se legítimos cidadãos norte-

---

³⁰Enloe, Cynthia H: *Ethnic Soldiers: State Security in Divided Societies*, Atlanta: Georgia University Press, 1980, p.23.

³¹ Lt. Col. Stock, Margaret D., “Essential to the Fight: Immigrants in the Military after Sept. 11”, *Special Report*, Immigration Police Center, p. 8. (http://www.immigrationresearch-info.org/system/files/Immigrants_in_the_Military.pdf). Acessado em 19/06/2013.

americanos após os conflitos. A entrada de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA pode ser pensada, portanto, como um estágio avançado de inserção da comunidade emigrada na comunidade destino. Um estágio no qual se busca, ainda que mantendo marcadores identitários relacionados à comunidade de origem, um lugar para a comunidade dentro da sociedade norte-americana – como foi no passado com os italianos, alemães, escoceses e porto-riquenhos, por exemplo.

Devemos pensar ainda como a questão da ressignificação das identidades, a partir do treinamento militar e do prestígio da farda, transforma o lugar do imigrante na sociedade norte-americana. Para melhor ilustrar, de maneira preliminar, como essa problemática se mostra pertinente no caso dos brasileiros alistados nas Forças Armadas - ainda mais nos veteranos de guerra -, irei discutir as respostas que obtivemos na tabela

3.3 Discussão das questões e dados expostos na tabela 2 (Identidade e subjetividade).

Nota-se que a discussão a seguir tem como objetivo apenas apresentar dados preliminares coletados durante as entrevistas, a fim de pontuar os principais dilemas discutidos acerca da comunidade brasileira nos EUA – levando em conta as especificidades daqueles que lá se alistaram. Uma discussão aprofundada sobre o caráter subjetivo e pessoal da questão das identidades apresentadas nas entrevistas de *história oral*, identificações e negociação identitárias encontra-se no capítulo final do presente trabalho.

Ao considerarmos a pluralidade de identificações que uma pessoa pode apresentar sendo, ao mesmo tempo, imigrante e militar das Forças Armadas dos EUA, devemos primeiro levar em conta uma inerente contradição do serviço militar naquele país. Enquanto a opção pelo alistamento se refere a uma escolha voluntária, produzindo um contingente de mercenários; a noção de patriotismo e defesa dos símbolos nacionais norte-americanos se mostra central no treinamento e na descrição da função do militar dentro da sociedade.

Como notado nos dois primeiros capítulos, diversos estudiosos conceituam a educação cívica derivada do treinamento militar como um importante pilar da noção de cidadania nos EUA:

“Da revolução norte-americana à Segunda Guerra Mundial, o treinamento militar foi básico para a

educação da cidadania. O ethos tradicional do militar dos EUA está embasado no cidadão-soldado. Desde os dias das primeiras milícias, o soldado americano foi primeiramente um cidadão que recebeu a disciplina e seu treino nacionalista através de seu treinamento militar³².

O fim da obrigatoriedade do serviço militar nos EUA, homologada no mesmo ano em que se encerrou a participação do país na guerra do Vietnã (1973), despertou uma série de discussões a respeito da relação entre cidadania e direitos cívicos. O serviço militar obrigatório passou, ademais, a ser entendido como uma restrição do direito à liberdade do indivíduo – interpretação que, como afirmam Clyde Jacobs e John F. Gallenger – foi majoritária durante toda a história militar e cívica dos EUA, com exceção de períodos de “grande crise”:

*“A basic ideal in American political heritage has been the liberty of the individual, and only in times of great crisis the draft has been submerged in the egalitarianism of majoritarian democracy. To some Americans conscription has seemed the very essence of totalitarianism.”*³³

O argumento contrário é de que o fim do alistamento obrigatório causaria uma despolitização das frentes de batalha, além de uma lacuna na educação cívica da população em geral. Nesse contexto, um dos principais estudiosos das Forças Armadas dos EUA, Morriz Janowitz, defende a ideia de que o treinamento forma o soldado cidadão, descrevendo a vocação política como um dos principais motivos que levaram os EUA à vitória sobre as forças colonialistas inglesas na Guerra de Independência. Segundo ele, a organização militar britânica era altamente hierarquizada, com a

---

³² Gorham, Eric B: *Nacional Service, Citizenship and Political Education*. Albany: State University of New York Press, 1992, p. 168

³³ Jacobs, Clyde E e Gallenger, John.: *The Selective Service Act: A Case Study of Governmental Process.*, New York: Dodd, Mead & Company, 1967, pp. 1-2.

oficialidade formada por membros das camadas mais altas da monarquia e com fileiras compostas por mercenários despolitizados³⁴.

Autores clássicos da formação do estado nacional sublinharam, em seus estudos, o papel estratégico ocupado pelas Forças Armadas nacionais na constituição do estado nação. Sendo o braço armado do estado, a organização militar, segundo esses autores, passaram a exercer uma série de funções para além do monopólio da violência, tais como integração social e étnica, formação cívica e reprodução da ideologia dominante³⁵.

Ainda segundo Morris, o serviço militar é parte central no exercício da cidadania nos EUA:

*“Military service emerged as a hallmark of citizenship, and citizenship as a hallmark of political democracy. In essence, Aristotle’s definition of the citizen was operative as the citizen performed his obligations in defending his political homeland”*³⁶.

Ou seja, a relação entre nacionalidade e militarismo na figura do soldado-cidadão não se dá por uma noção inata de nacionalidade, mas sim de lealdade política. Ele explicita melhor essa relação ao descrever seu conceito de cidadão:

*“É uma pessoa que deve lealdade a um governo específico e é sujeito à proteção por parte daquele governo e ao usufruto de certos direitos”*³⁷.

De acordo com essa lógica, os brasileiros que se alistam nas Forças Armadas norte-americanas e passam por seu treinamento militar obtém a educação cívica e patriótica que está na base da formação do cidadão naquela sociedade. Eles se tornam,

---

³⁴ Janowitz, Morris, *The reconstruction of Patriotism*. Chicago: University of Chicago Press, 198, pp. 30-31

³⁵ Ver, por exemplo: Poulantzas, Nicos, *State, Power, Socialism*. Londres: Verso, 2000, pp.28-29 e 33-36 e Althusser, Louis, “Ideology, and Ideological State Apparatuses” In: *Lenin and Philosophy and Other Essays*. Louis Althusser Archive: (<http://www.marxists.org/reference/archive/althusser/1970/ideology.htm>), consultado em 20/06/2013 e Anderson, Benedict, *Imagined communities: Reflections on the Origin and Spread of Nacionalism*. Londres: Verso, 2003, pp. 22, 151 .

³⁶ Janowitz, Morris, *The reconstruction of Patriotism*, op. cit, p. 30-31.

³⁷ Janowitz, Morris, *The reconstruction of Patriotism*, op. cit., p. 1.

dessa forma, cidadãos estadunidenses, não somente na questão prática da documentação legal, como também no sentido conceitual do termo.

Dentro desse contexto, chama atenção, as respostas apresentadas à pergunta de número 15 (sente-se um imigrante nos EUA?). Pareceu-me curioso notar que todos afirmaram se sentirem imigrantes, ainda que cada qual dentro de sua elaboração e história de vida pessoal. Cabe lembrar que a questão surgiu como uma pergunta de estímulo³⁸. Isso porque, apesar dela aparentar possuir uma resposta bastante objetiva, se refere simultaneamente à maneira que o colaborador se vê e à maneira que ele pensa ser visto. Nesse sentido, o objetivo dessa questão era, inicialmente, convidar o colaborador a refletir sobre o seu lugar imaginário na sociedade norte-americana.

A aparente contradição entre ser um militar nacional estadunidense, tendo recebido sua educação cívica e patriótica através do treinamento militar, com o sentimento de ser paralelamente visto como imigrante na sociedade é de fundamental importância para analisarmos os dilemas que atuam no plano identitário dos estrangeiros nas Forças Armadas dos EUA, mais especificamente no caso dos brasileiros. Para melhor entendermos como essas contradições operam no processo subjetivo de construção de identidades, é fundamental que pensemos as identidades pessoais como múltiplas e em constante dinâmica de recriação. Como notou Stuart Hall, as identidades na situação de diáspora são múltiplas³⁹, ou seja, ainda que o treinamento militar e a educação cívica estejam no cerne da inserção do soldado imigrante na sociedade norte-americana, isso não necessariamente se sobrepõe aos vínculos identitários que essa pessoa traz consigo de sua terra natal ou de sua comunidade local.

Como podemos notar na questão de número 16 (se auto identifica como brasileiro dentro da corporação?) a vasta maioria de nossos colaboradores afirmou que sim. Nesse contexto, faz-se necessário uma investigação acerca de quais as estratégias que eram utilizadas por eles para tanto. O Fuzileiro Naval U.R. relatou que quando estava na base militar norte-americana no Iraque, recebia encomendas de sua mãe (que estava nos EUA) contendo sal grosso, para assim realizar um “churrasco brasileiro” para ele e para os outros Fuzileiros Navais⁴⁰. Segundo ele, depois que todos

---

³⁸ Bom Meihy, José Carlos Sebe e Ribeiro, Suzana L. Salgado, *Guia Prático de História Oral para Empresas, Comunidades e Famílias*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 83.

³⁹ Stuart Hall, *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizontes: Editora da UFMG, 2003. p. 27.

⁴⁰ Entrevista com U.R..

descobriram que ele era brasileiro, começaram a convidá-lo para um jogo de futebol contra os iraquianos, que vendiam produtos na região da base militar.

A entrevista de J.A. C. caminha pela mesma problemática. Conforme relatou o colaborador, durante a guerra do Vietnã, ele era frequentemente escolhido para dialogar com a população local, pois afirmava aos vietnamitas ser brasileiro e que, portanto, não possuía nenhum interesse na guerra. Ele sublinhou ainda possuir uma capacidade comunicativa maior do que a dos norte-americanos, justamente por ser esta uma atribuição de uma “característica nacional” brasileira.

“Eu tentava falar para os vietnamitas: ‘eu não sou americano, eu sou brasileiro’ e eu sentia que eles entendiam um pouco, que eles viam que eu mesmo não era americano, eu falava ‘Brasil’ tentava mostrar e eu falava que eu estava morando lá nos EUA e me mandaram para cá, que eu não tinha nada a ver com isso tudo. E você via às vezes na beira da estrada mulheres que vendiam cigarro, então eles, os americanos, me mandavam para conversar com elas – ‘Vê se você vai lá ‘cantar’ elas’, porque também a gente, vindo do mato, não tinha dinheiro. E eu sempre ia, jogava um ‘xaveco’ nelas, às vezes oferecia trocar alguma coisa, um canivete, ou qualquer coisa, mas sempre voltava com o cigarro. Tinha essa diferença minha deles (os norte-americanos)”⁴¹.

Ademais, podemos notar que a recorrente resposta positiva à questão 16 (se auto identifica como brasileiro dentro da corporação?) demonstra que, mesmo quando portando a farda – que, como discutimos anteriormente, representa uma identidade corporativa ligada a uma representação nacional estadunidense –, os colaboradores da presente pesquisa mostraram ainda carregar identidades ligadas a uma representação simbolicamente ligada a um imaginário de Brasil, ou “brasilidade”.

Para melhor discutir essa aparente contradição, formulei a pergunta de número 20 (o serviço militar o faz se sentir menos imigrante nos EUA?). A fim de levar o

---

⁴¹ Entrevista com J.A.C..

colaborador a refletir sobre os processos de negociação identitária e identidade corporativa obtida pelo serviço militar, usei a expressão “menos imigrante”, ainda que o conceito de imigrante não permita graduações. Foi interessante notar que a maior parte dos colaboradores afirmou que sim, apontando entender serem vistos de maneira diferente pela sociedade norte-americana após o serviço militar, como mostra W.O. em sua resposta:

“Eu estava em um bar com a minha namorada e pessoas que eu nunca vi na vida chegaram e me cumprimentaram pelo simples fato de eu estar com o uniforme dos Marines. Eles pagaram cervejas, pagaram “shots”, pagaram tudo e eu nunca vi as pessoas antes. Isso fez com que eu me sentisse uma pessoa que realmente tem um valor pra sociedade americana”⁴².

Muitas vezes os imigrantes são associados à camada mais baixa da sociedade norte-americana. Nesse contexto, podemos entender a identidade da farda como sendo uma representação diametralmente oposta a da figura de imigrante, ou em outras palavras, “uma pessoa que realmente tem um valor pra sociedade americana”. Esse sentimento foi especialmente notado por aqueles que lutaram em guerras e voltaram aos EUA como veteranos. A.D. relata como foi essa passagem em sua vida

“Em vários bares, vários locais, eles perguntavam se tu tinhas ido pra guerra e pagavam a sua conta. Eles fazem questão disso. Você se sente muito patriota e muito defensor das causas americanas”⁴³.

Por fim, como sugerem as respostas à questão de número 23, a maioria dos entrevistados pela presente pesquisa decidiu se alistar no serviço militar estadunidense porque planejava seguir vivendo no país. A partir dessa constatação, podemos concluir que a inserção profissional e identitária na sociedade local é o principal benefício levado em conta no momento da decisão pelo alistamento. Salvo possíveis exceções, uma

---

⁴² W.O. entrevista transcrita.

⁴³ A.D. entrevista transcrita.

postura política ou ideológica alinhada a dos EUA no cenário político internacional não me parece ser a razão pela qual esses brasileiros decidiram se colocar em posição de matar ou morrer pela nação estadunidense.

3.4 Apontamentos finais sobre os dados

A discussão acerca dos dados e documentação levantados pela presente pesquisa, paralelamente à imersão na bibliografia de temas que circundam o objeto central da mesma, indica que a temática proposta conduz para uma nova abordagem da discussão sobre as expectativas e dilemas enfrentados pela comunidade brasileira fora do Brasil e, mais especificamente, nos EUA. Deste quadro emergem novas análises a respeito da inserção profissional e identitária do jovem imigrante no mundo globalizado, das estratégias de inclusão do imigrante nos EUA, da ressignificação dos espaços da masculinidade na nova comunidade (mesmo que o serviço militar não seja exclusivamente masculino, ainda é um espaço da masculinidade) e das estratégias utilizadas pelos brasileiros na obtenção da cidadania. Ademais, é importante documentarmos a participação de cidadãos brasileiros nos conflitos armados que movem o mundo contemporâneo.

Para compreendermos melhor os dilemas enfrentados pelos colaboradores da presente pesquisa e atingirmos uma visão aprofundada do tema proposto é preciso notar a entrada de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA como parte de um processo histórico pelo qual muitas outras comunidades desprovidas de cidadania plena passaram durante a história dos EUA.

Como vimos nos dois capítulos anteriores, o serviço militar é uma estratégia de inclusão e um meio no qual comunidades excluídas ou desprovidas de cidadania plena lutaram por suas reivindicações na sociedade norte-americana. Evidentemente, a inserção de brasileiros nas Forças Armadas não é muito diferente nesse sentido, uma vez que os insere nesse terreno privilegiado dentro da sociedade local.

Salienta-se que no presente capítulo as entrevistas de história oral foram utilizadas principalmente no objetivo de dar ênfase às questões apontadas pela bibliografia acerca da imigração brasileira. Entretanto, existe uma segunda abordagem para os relatos de história de vida dos colaboradores – a ser realizada no capítulo final – que privilegia a individualidade do discurso de cada colaborador, assim imergindo na

subjetividade de cada um. Essa abordagem pode conduzir algumas discussões da pesquisa a eixos temáticos diferentes daqueles propostos pela bibliografia.

Capítulo IV

Histórias orais de vida

4.1 Propostas e discussões

Até o momento, utilizamos os dados coletados a partir das entrevistas com o objetivo de introduzir o leitor a discussões bibliográficas que circundam o objeto da presente pesquisa (tais quais formação das Forças Armadas dos EUA e imigração brasileira aos EUA), assim como para quantificar alguns aspectos que julgo importantes para o entendimento da participação de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA. Essa escolha parte da necessidade imposta pelo caráter inédito do tema e pelo caráter historiográfico da presente pesquisa. Devemos distinguir esse uso das entrevistas com a realização de uma *história oral de vida*¹, pois esta última configura um campo historiográfico de regras e procedimentos metodológicos definidos.

O objetivo da presente pesquisa é de que essas duas maneiras de se interpretar o documento histórico criado a partir do relato oral ajam de maneira complementar, isto é, entendendo paralelamente as histórias individuais dos colaboradores, assim como o processo histórico de inserção dos brasileiros nas Forças Armadas dos EUA.

Assim, no capítulo final, abordaremos a análise das subjetividades presentes nos discursos de cada colaborador, discutindo de maneira individualizada alguns dos eixos temáticos propostos pelo presente trabalho, tais como: identidades, pertencimento, treinamento militar, traumas de guerra e cidadania.

Ao trabalhar com o complexo universo subjetivo apresentado pelos relatos de história de vida, busca-se entender a dinâmica social que surge da interação entre entrevistador-entrevistado, por meio da qual se produz uma consciência individual e coletiva da história vivida. Em suma, o que se busca é a concretização do direito de todos os segmentos sociais construir a sua própria história por meio da valorização da autonomia das vivências pessoais. Considerando ainda que “a autonomia de ‘dizer-se’ é base da interpretação democrática da história oral”².

Levando em consideração o fato de que o grupo dos militares brasileiros nas frentes de batalha norte-americanas não se percebe prioritariamente como um grupo de

---

¹ Bom Meihy, José Carlos Sebe e Ribeiro, Suzana L. Salgado, *Guia Prático de História Oral para Empresas, Comunidades e Famílias*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 103.

² Bom Meihy, *Manual de História ...*, op. cit., pp. 46-47.

pertencimento, já que a construção de uma identidade corporativa coesa dentro das corporações militares é um objetivo importante do treinamento militar³ (especialmente em uma Força Armada mercenária) e inclui norte-americanos e outros estrangeiros, é de especial interesse para a discussão o questionamento sobre como os colaboradores trabalham individualmente sua identificação como pessoa de origem brasileira e ao mesmo tempo militar dos EUA.

Essa questão ganha relevância quando levamos em conta a noção de que as memórias encontram-se estruturadas em construções parcialmente intermediadas pelas relações sociais⁴, revelando lembranças e esquecimentos em múltiplas dimensões⁵. Nesse ponto me parece relevante a realização de uma discussão entre quais são os discursos repetidos nas falas dos colaboradores, a fim de discutirmos o que Maurice Halbwachs chama de “memória coletiva”⁶.

4.2 Da metodologia aplicada no processo de entrevista

Todas as entrevistas realizadas na presente pesquisa seguiram um processo rígido entre o contato com o colaborador até a validação da entrevista transcrita por parte do entrevistado. Esse processo tem o objetivo de assegurar ao colaborador que o documento produzido constitui de fato a história que cada um quer contar.

Os passos tomados foram: pré-entrevista, na qual o proponente do projeto deverá refletir, relacionando à pesquisa bibliográfica, a inserção do entrevistado no projeto. Paralelamente, deve-se explicar o projeto e a participação do entrevistado nele, entendendo que a autoria do documento histórico produzido a partir da entrevista oral é compartilhada entre entrevistador e entrevistado. Sendo assim, o entrevistado torna-se um colaborador da pesquisa e não um objeto. Durante a realização da entrevistas, as perguntas tiveram todas um caráter *aberto*, no intuito da construção de uma *história oral de vida* que respeite os processos subjetivos de cada um.⁷ A fase final foi de transcrição da documentação, do oral para o escrito, seguida de um processo de

---

³ Wilson, Peter H., “Defining Military Culture”, *Journal of Military History*, vol. 72, n. 1, 2008, pp. 11-41.

⁴ Hyness, Samuel P., “Personal Narratives and Commemoration” in: Winter, Jay e Sivan, Emmanuel (orgs.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*. Cambridge, United Kingdom University Press, 1999, p. 208.

⁵ Almeida, Juniele Rabelo, *Farda e Protesto: Policiais Militares de Minas Gerais em Greve*, Belo Horizonte: Segrac Editora e Gráfica, 2008, p. 26.

⁶ Vide: Halbwachs, Maurice, *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁷ Bom Meihy, *Manual de História...*, op. cit., p. 103.

*transcrição*⁸ e de validação realizada junto ao colaborador, na qual ele reconhece a veracidade da entrevista, transformando assim, a narrativa produzida oralmente em um documento histórico de autoria compartilhada entre entrevistador e entrevistado⁹.

Durante o processo de validação da documentação escrita, alguns colaboradores da pesquisa me fizeram um pedido para que seus nomes e marcadores identitários (como apelidos, cidade de origem e comando militar que serviu, por exemplo) fossem retirados do texto, já que algum relato poderia causar implicações para suas carreiras no serviço militar. Para tanto, as iniciais dos entrevistados foram alteradas pelo pesquisador e, portanto, não correspondem à realidade dos nomes dos mesmos. Da mesma forma, atendendo a pedidos pessoais específicos, alguns lugares citados nas falas dos colaboradores podem ter sofrido alteração.

Alguns colaboradores, no entanto, autorizaram que suas fotos e marcadores identitários fossem publicados. Nesses casos, as iniciais mantem-se inalteradas em relação à realidade de seus nomes (escolhi deixar apenas as iniciais durante a entrevista para que houvesse uma padronização). De qualquer forma, os nomes desses colaboradores aparecem de forma integral no título da entrevista.

Devido ao grande espaço tomado pelas entrevistas e ao aprofundamento necessário na análise de cada uma delas, decidi trabalhar, no âmbito da discussão das *histórias orais de vida*, com dez das catorze entrevistas quantificadas no capítulo III da presente pesquisa. O critério de escolha para a “eliminação” de entrevistas seguiu dois aspectos: 1- quais entrevistas apresentam maior individualidade, a fim de eliminar a repetição de temas e discursos; 2- quais entrevistas tiveram sua publicação condicionada a um alto grau de censura por parte dos colaboradores, assim comprometendo a sua subsequente leitura e discussão.

4.3 Uso de tecnologias de presença virtual em entrevistas de história oral de vida

Uma discussão para a presente pesquisa é a do uso de tecnologias de presença virtual (como o software “*Skype*”) na realização das entrevistas de história oral. Ainda que durante a pesquisa o autor do presente trabalho tenha viajado para os EUA, mais especificamente à região de Boston, em Massachusetts, onde realizou diversas das entrevistas coletadas aqui, a presença de colaboradores espalhados por um país de

---

⁸ Ver: Bom Meihy, *Manual de História...*, op. cit., p. 103.

⁹ Bom Meihy, *Manual de História...*, op. cit., pp. 21 – 24.

dimensões continentais como os EUA tornaram impreterível o uso da internet para o sucesso da pesquisa, assim como para a realização de diversas entrevistas.

Como as bases militares estadunidenses encontram-se espalhadas pelo país (e também pelo mundo), os militares ativos encontram-se próximos a essas bases, ainda que tenham emigrado na maior parte das vezes para as regiões citadas nos capítulos anteriores como principal destino de brasileiros nos EUA. Em relação àqueles que já encerraram suas respectivas carreiras nas Forças Armadas dos EUA, muitos retornaram ao Brasil e encontram-se em suas regiões de origem, também espalhadas pelo Brasil, outros retornaram a suas regiões de “origem” dentro dos EUA.

Dessa forma, para realizarmos um trabalho embasado na metodologia tradicional da história oral, que dita que as entrevistas devem ser realizadas sempre pessoalmente, o projeto teria que abrir mão de grande parte das histórias contadas aqui, a menos que tivesse uma verba e um tempo de realização realmente desproporcionais aos padrões universitários.

Como nota Boaventura de Sousa Santos, o advento de novas tecnologias pressiona as instituições da modernidade a romperem com a noção de espaço-tempo nacional, no qual elas foram constituídas¹⁰.

“Este espaço-tempo está hoje a ser desestruturado sob a pressão de um espaço tempo emergente, global e instantâneo, o espaço tempo *eletrónico*, o ciber-espaço”¹¹.

Ainda que o uso de tecnologias de presença virtual em entrevistas de *história oral* constitua um campo relativamente novo, sua discussão já se encontra em alguns “manuais” de história oral nos EUA. O manual de história oral da Universidade de Oxford¹² de 2011 já conta com indicações de como proceder durante entrevistas de história oral realizadas através de tecnologias de presença virtual, assim como o manual “*Doing Oral History*” de Donald A. Ritchie¹³. De qualquer maneira, estes estudos tratam

---

¹⁰ Santos, Boaventura de Sousa, “Os Tribunais e as Novas Tecnologias de Comunicação e de Informação”, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, no 13, jan/junho 2005, p. 88

¹¹ Santos, Boaventura de Sousa, “Os Tribunais e as Novas Tecnologias de Comunicação e de Informação”, op. Cit., p. 88

¹² Boyd, Doug, “Achieving the Promise of Oral History in a Digital Age”, IN: Ritchie, Daniel A., *The Oxford Handbook of Oral History*, New York: Oxford University Press, 2010 pp. 285-302

¹³ Ritchie, Daniel A., *Doing Oral History*, New York: Oxford University Press, 2014

da questão da entrevista a distância a partir de um ponto de vista bastante pragmático, isto é, sem uma discussão teórica mais aprofundada sobre o impacto dessas tecnologias na subjetividade partilhada entre entrevistador e entrevistado no momento da entrevista.

4.4 Experiência pessoal na realização de entrevistas por *Skype*

Ainda que o entrevistador no caso de entrevistas pela internet perca a possibilidade de colocar o entrevistado em um ambiente inteiramente controlado (livre de interferências de pessoas que não participem da entrevista e certificando-se que o entrevistado não esteja engajado em alguma atividade paralelo ao relato de história de vida), o fato de o colaborador saber que está sendo filmado através da *webcam* me parece direcionar sua atenção para a atividade da entrevista. Nesse ponto, notei um ponto negativo na entrevista por “*Skype*” na figura de um colaborador que, em certo momento, recebeu sua mãe em seu quarto durante a entrevista o que, podemos afirmar que traz à entrevista um pouco da relação partilhada de intersubjetividade entre ele e a mãe e certamente pode ter um peso no discurso. No entanto, cena similar ocorreu durante uma das entrevistas que realizei pessoalmente. Em ambos os casos, tive a oportunidade de pedir que as mães em questão se retirassem.

Outra questão bastante pertinente diz respeito à intersubjetividade, ou seja, à subjetividade partilhada entre entrevistador e entrevistado no momento da entrevista. O fato de o colaborador me reconhecer como brasileiro nos EUA certamente causa algum tipo de empatia nessa relação entre entrevistador e entrevistado – o que possivelmente altere o que o colaborador ache interessante contar. Da mesma forma, o fato de eu ser um homem jovem, mais ou menos da idade da vasta maioria dos colaboradores (com exceção do que serviu no conflito do Vietnã) também pode causar uma alteração no resultado da entrevista a partir da subjetividade partilhada. Nesse ponto, não avaliei grandes diferenças na realização das entrevistas por “*Skype*” pois, primeiramente, fiz questão de me apresentar através da *webcam* e contar um pouco da minha vida e do meu trabalho; em segundo lugar, como os contatos com pessoas distantes geograficamente foram feitos primeiramente através do *facebook* os colaboradores da pesquisa tiveram a oportunidade de ter acesso a minhas informações pessoais e fotos, aumentando assim o contato interpessoal partilhado.

Paralelamente ao diálogo verbalizado da entrevista, ocorre outro diálogo entre as duas partes, esse por meio de respostas corporais, gestos, expressões e sons que não são

palavras. A partir disso, pode-se destacar duas diferenças básicas entre a entrevista por “*Skype*” com a presencial: 1- como todos os colaboradores que realizaram a entrevista à distância estavam em casa, isso aparentemente trouxe um caráter mais casual à entrevista; 2- não foi possível avaliar as respostas corporais de maneira integral da pessoa, já que a câmera filma apenas a parte do rosto.

Levando em conta que são inúmeros fatores que podem interferir durante a realização da entrevista, tais como: personalidade do entrevistado, empatia entre entrevistado – entrevistador, confiança no entrevistador, intersubjetividade partilhada, traumas do entrevistado, ambições e planos profissionais pós-entrevista e até o cansaço ou estado emocional do entrevistado no dia; entendo que a realização da entrevista por “*Skype*” torna-se apenas mais um desses fatores, não preponderante sobre nenhum dos outros citados.

4.5 Histórias orais de vida

1. Joaquim Adão César (J.A.C), ex-soldado da infantaria do Exército dos EUA, natural de Botucatu, SP.

“Eu tentava falar para os vietnamitas na guerra: ‘eu não sou americano, eu sou brasileiro’”.

(J. A. C. posa para foto em base militar norte-americana no Vietnã, em 1968)

Entrevista realizada no dia 27/02/2013.

Entrevistador e colaborador se encontraram pessoalmente.

West Barnstable, Massachusetts, EUA, às 16h30.

Entrevista em português.

O meu nome é J. A. C., sou natural de Botucatu, nasci no ano de 1946 e aos seis anos minha família se mudou para São Paulo, capital. Nessa época estudei em Santo Amaro, no Seminário do Verbo Divino, um colégio interno. Com 14 ou 13 anos eu saí desse colégio, depois disso fiquei morando com a minha mãe em São Paulo e estudando. Fiz isso até os 17 anos, que foi quando eu resolvi sair de lá, pois a área que eu estava era meio complicada então eu pensei em vir para os EUA estudar, aprender inglês e arrumar um emprego melhor na volta para o Brasil.

Na época eu não estava com muita vontade de estudar e para trabalhar era difícil, então eu achei que vindo para os EUA quem sabe com um bom inglês eu teria melhor oportunidade para viver em São Paulo. Só que quando fui ver, na época - isso foi em 1964 -, era mais fácil vir para os EUA como imigrante legal do que como turista. Então eu fiz a documentação no Consulado Americano de São Paulo; as exigências que eles queriam eram mostrar para eles a passagem comprada e mais mil dólares, podendo ser em espécie ou cheque. Mostrando isso para o cônsul ele decidiria se daria o visto de imigrante, não de turista.

Aí eu consegui a passagem, financiada, mas consegui. Uma pessoa me emprestou US\$ 1.000 dólares, fui à entrevista e passei. Aí eles me deram a entrada aqui como imigrante. Eu saí em novembro de 1964 de São Paulo e vim parar em Boston como um imigrante legal. Na minha entrada em NY já me deram o *green card*. Eu entrei legalmente e uma das coisas que até em SP me falaram era que a partir do momento que você era um imigrante legal nos EUA você tinha obrigação com o exército, se eles te chamassem você teria que servir. Na época eu achei até curioso, já que eu não falava uma palavra de inglês, então pensei que uma pessoa que nem fala inglês não serviria para nada no exército.

Escolhi Boston, pois conhecia uma pessoa que estava aqui, um brasileiro. Então escolhi vir por isso e na época pouca gente falava outra língua que não o inglês, então era difícil. Foi só depois de um mês que eu consegui um emprego em um hospital, limpando o chão, pois lá tinha uma pessoa que falava espanhol. Eles acharam que são tudo "*hermanos*", então me puseram lá. Era um rapaz um pouco mais velho que eu, um porto-riquenho, boa pessoa. Ele me ajudou bastante e eu me virei no português com o espanhol, daí fui trabalhar e comecei a estudar inglês à noite. Entrei na Escola Pública de Boston para fazer o *High School*. Por causa da minha idade, eles me davam o direito de estudar à noite, então eu arrumei outros trabalhos durante o dia.

Passou um ano e meio e veio um papel do Exército me chamando para servir. Aí eu falei com outros amigos, uns americanos já, e eles me falaram: “você chega lá e diz que não fala inglês que eles vão te dispensar”. Então eu fui. Cheguei lá e falei que não entendia nada, então eles me dispensaram. Mas eu entendi que eles falaram que daqui a seis meses iriam me chamar de novo. Eu fui embora, nem pensando nisso. Mas em seis ou oito meses me chamaram de novo e aí eu falei: “vou falar a mesma coisa”. Eu falei a mesma coisa, mas o cara falou: nós estamos precisando de um cozinheiro, você fica aí e faz os exames, igual todo mundo está fazendo. Na época o serviço era mandatário e todos os residentes dos EUA serviam ao Exército, era uma lei obrigatória e eles não dispensavam nada, só por alguma coisa muito grave. Então passei o dia inteiro fazendo a bateria de exames. Tinha exame de tudo quanto é coisa; manual, escrito, oral – tudo para descobrir qual a sua aptidão. No final, depois de duas semanas me mandaram de volta e disseram que minha aptidão era que eu era muito bom de fazer coisas com a mão. Eu não falava bem, então só podia. (risos).

Passaram outros três meses e eles me mandaram uma carta para eu me apresentar para servir ao Exército já. Eu fiquei abalado no momento, falei: “UÉ?!..” Isso foi no final de 65. Fiquei meio abalado, mas depois com o correr do tempo, já em maio de 66, me chamaram para me apresentar e falaram que eu ia servir ao Exército. Essa época eu já tinha umas irmãs que estavam morando comigo aqui nos EUA, que vieram para cá. Elas e a minha família no Brasil me falaram: vem embora para cá, deixa isso para não servir. Mas eu pensei: eu vou servir, até por que... não é que eu gostava, mas eu falei: “destino é destino e não adianta correr”. Eu não tinha certeza do que eles iam fazer comigo, então eu fui servir.

Na época, o “*draft*” (convocação) era de dois anos mandatórios que você tinha que servir. Nos primeiros seis meses eles te davam um treino básico e depois desse treino eles te davam outro, por mais dois ou três meses. Nos primeiros seis meses eu tive o treino básico, como todo mundo teve, na *North Carolina*. Terminando aquilo lá, eles colocam as pessoas conforme a necessidade e conforme o que a pessoa se mostrou boa no treinamento. Para mim eles deram infantaria, quer dizer, armas. Então eu já percebi que era meio tipo bucha de canhão. Eu tenho minhas dúvidas... É difícil não pensar que tinha algum motivo... (silêncio) Mas, ainda assim, no transcorrer disso, eram 1000 pessoas e quando você terminava esse segundo treinamento, já especializado, eles mandavam X pessoas para a Alemanha ou para qualquer outra base deles, alguns até ficavam aqui mesmo.

No tempo, já estava bem agravada a situação no Vietnã, então eles mandavam alguns para lá também. Quando nós terminamos o treinamento acho que eram umas 60 pessoas no meu “batalhãozinho”, mas tiveram apenas três ordens para o Vietnã; eu e mais dois negros americanos. Foi aí que eu falei: “Aqui tem...” Quer dizer, eu achei estranho, mas...

É estranho, mas ao mesmo tempo, sei lá. Eu toda a vida achei que o que é, vai ser. Foi um negócio estranho, mas eu pensei pelo outro lado. Se eu fosse o cara que estivesse dando essas ordens, sendo americano, talvez eu fizesse a mesma coisa. Eu sempre tento me por do outro lado. Aí eu pensei: “bom o que vamos fazer?”.

Minha família continuou querendo que eu voltasse para o Brasil e me pressionando para isso. Mas se eu saísse naquela hora, nunca mais poderia voltar aos EUA, eu seria um desertor. Talvez a minha formação com os padres alemães, no seminário em São Paulo, não tenha me deixado também fazer certas coisas, como nesse caso desertar, por exemplo...

Minhas irmãs aqui também falaram: “não vá”. Todos lutaram bastante para que eu não fosse. Houve muita luta nesse sentido. Mas, como te falei antes, eu sempre acreditei no destino. Eu sempre acreditei que eu poderia não ir e fugir, mas se fosse a minha hora de morrer, morreria até atravessando uma rua. Só que meu grande temor nem era tanto morrer e não voltar. A coisa que a gente mais via aqui, na época, eram as pessoas que voltavam sem braço ou sem perna e isso era o que me fazia temer mais. Isso também era o mesmo caso e eu voltava a minha mentalidade: “se é isso, aqui também um carro pode vir e cortar minhas pernas”. Eu pensava nesse sentido e não sei por que isso me fez não escutar a minha família e ir até lá.

Saí daqui dia 31 de Dezembro de mil novecentos e sessenta e... 67. Cheguei lá no dia 2 de Janeiro de 1968. Passei um ano no Exército, na Infantaria. Na época que eu cheguei, em janeiro de 68, foi quando estourou o “TET¹⁴” – que foram as maiores invasões de um lado e do outro. E, inclusive, quando eu cheguei lá me disseram que antes você tinha um lugar para ir. Mas tudo estava sendo atacado, então foi até mais confuso e mais complicado. Mas passei o meu ano e deu certo... Esse ano foi longo... Longo... (grande silêncio) Foi dificultoso... mas deu certo, né?! (mais um longo silêncio).

---

¹⁴ A ofensiva TET foi um dos maiores ataques lançados pelos norte-vietnamitas contra as forças estadunidenses e sul-vietnamitas no conflito e iniciou-se, de acordo com a historiografia, 30 de Janeiro de 1968. A sigla “TET” se refere a uma expressão da língua local.

É... Foi uma época difícil. Certas coisas que aconteceram, entende? Tudo de coisas que eu já deixei para trás, então é difícil...

Eu, hoje, depois de tanto tempo, virei até ateu. Não acredito mais em Deus e acho que tem a ver com o que passei na guerra. Porque quando você vê certas coisas, se você acredita em Deus, pensa que Ele não deixaria essas coisas acontecerem. Então se existisse, teria que ter o bom e o ruim, porque lá ou você morria ou você matava outras pessoas. E daí vem as questões da minha formação seminarista... Mas tem certas coisas que você fala: Porra, cadê Deus nesse minuto? Exemplo eu até digo, como esse incêndio na boate no Rio Grande do Sul que matou 230 jovens. Se Deus existisse, onde ele estava naquele momento e como ele deixou aquilo acontecer?

Era difícil você ver a pessoa do seu lado sendo morta. Um troço difícil e daí que vem essas coisas. Desculpe até tocar no nome da religião, mas daí que vem a minha base. Hoje em dia eu sou ateu.

O ano parecia que nunca passava. Apesar de que eu estive lá duas vezes. Tive um ferimento e saí um pouco, fui para uma base na Alemanha, depois quando você volta eles te deixam um pouco na retaguarda. Mas os últimos meses pareciam uma vida eterna, algo que não passava. Você também via casos de pessoas que faltava um dia para a pessoa voltar e ela morria, ou horas antes de vir tinham um ataque. Então você nunca acreditava que chegaria a hora de voltar, porque você via essas histórias.

Na maioria das vezes, a noite lá era o seguinte: Você saía nas suas missões e ficava 30 – 60 – 90 dias acampando no mato viajando. Para dormir a noite eram 2 horas que você dormia, depois te acordavam e você ficava de guarda. O sono era muito picado e geralmente você dormia mais durante o dia do que a noite, pois era durante a noite que aconteciam mais coisas. Quando ocorriam os ataques e os encontros você ficava que nem um “*zombie*” (zumbi). Você ficava 30 horas sem dormir e a adrenalina subia tanto que você nem tinha sono nem nada; a idade também ajudava. Depois de 30 – 40 – 60 dias eles tratavam de tirar você do mato e colocar em uma base secundária para você tomar banho, dormir e relaxar. Aí algumas coisas vinham na sua cabeça... (silêncio) Mas o interessante é que as coisas aconteciam tão rapidamente que não dava para você refletir muito sobre o passado, nem sonhar à noite. Porque eram tantas as preocupações e acontecimentos que nem dava tempo de pensar.

Em batalha, acertaram uma vez um tiro nas minhas costas e outra vez eu, por eu estar com o capacete, o “*Helmet*”, a bala pegou assim (mostrando a diagonal para cima

na face) e o pedaço dela pegou na minha sobrancelha. Nas costas foi estilhaço de bomba que caiu e entrou, mas operaram, tiraram tudo e não houve sequelas.

Eu tenho memórias nítidas ainda das batalhas, mas eu tento não ter. Eu fiz até muitos tratamentos, trabalhei muito isso para tentar tirar fora... Você tem que resolver na sua cabeça o que vai ficar e o que quer jogar fora. Você remoendo certas coisas na sua cabeça, acho eu, pode acabar tendo um grande mal estar. Eu fiz um exercício, e ainda faço, de tirar essas memórias completamente. Eu tenho um dizer: “todo o mal para fora para só ver o bem, que é o fruto que a gente colhe”.

Eu, na realidade, às vezes passo meses sem pensar, até que não consigo mais. Mas foi um longo tempo. No começo foi muito difícil, mas agora já faz tantos anos e eu acho que conforme vai indo, vai melhorando. Tento tirar tudo fora e esquecer certas coisas, principalmente as memórias ruins e os maus momentos.

Quando cheguei lá eu tinha 22 anos e já era considerado veterano porque a maioria das pessoas que estavam lá eram de 17 – 18 anos. Então, eram todos meninos novos sem saber o que faziam ali, sem experiência, sem nada. E a droga rodava. Eu, pessoalmente, não sou melhor do que ninguém, mas eu nunca gostei de drogas. Mesmo lá, o que era difícil. Mas os jovens americanos usavam muito. Uma das coisas que acontecia também é que eles iam sem muita experiência e você chega lá sem saber se vai estar vivo amanhã, então, por que não usar? Droga lá é à vontade. Qualquer um tinha, sei lá eu se era estratégia...

Muitos desses jovens estavam lá também porque tinha problemas judiciais. Vamos supor um jovem de 19 ou 20 anos - naquela época nos EUA ou até hoje - que foi pego roubando um carro ou vendendo drogas, coisas que às vezes os jovens fazem por pura estupidez. Daí eles fazem o que chamam um “*deal*” (acordo) – um bem bolado entre a corte e os advogados que falam assim: “meu cliente é jovem, mas se o Sr. terminar com o caso dele na justiça ele entra no serviço militar”. Faziam muito disso, muitas pessoas que iam lá saíam daqui porque já estavam com problemas judiciais. Mas se você tem um problema aqui, você o leva junto. Se você é alcoólatra aqui hoje, você pode ir para a China que vai continuar sendo alcoólatra. Então em relação à droga era assim também. E com o uso das drogas as pessoas ficavam alucinadas e pensavam que podiam segurar balas... E aí faziam loucuras. Sei lá, essa talvez foi uma das coisas que eu, por ter um pouquinho mais de cabeça não fiz; não que eu seja melhor, mas por ter uma visão diferente.

Outra coisa, eu nasci em uma fazenda em Botucatu, então eu sabia andar no mato. Muitos americanos que foram lá, quando a gente saía nas missões, não sabiam nem como fazer as necessidades humanas deles no mato. Toda vida até os 18 anos eles tinham sido criados com privada e, de repente, estavam em um lugar que não tinha privada e nem sabiam como se fazia. Então, é para você ver que é uma coisa que parece tão trivial, mas até nisso eles tinham problemas.

Lá, todo mundo sabia que eu era brasileiro, todos os americanos. É até interessante a história. O primeiro batalhão que eu cheguei no Vietnã era composto praticamente por 80% de afro-americanos, inclusive o capitão, todo mundo... E quando eu cheguei lá falaram: “Man, o que você fez de errado?”. Eles olharam para mim, branco, e perguntaram: “O que você fez de errado?”, “Por que você está aqui?”. Mas quando eu começava a falar eu tinha sotaque e eles falavam: “já sei... você é *Foreigner* (estrangeiro)”. E eu nunca escondi, por toda minha vida, que sou brasileiro. E lá, por ser brasileiro, por ser somente um residente legal, a cada quatro ou cinco meses me chamavam e eu tinha que preencher um formulário para eles saberem que eu era brasileiro.

Nesse ponto, eu sempre assumi a minha identidade. Tinham uns que... Muitos deles... A maioria, na verdade, era “ruim-ruim” de geografia e de história, e nem sabiam o que era Brasil ou onde ficava. Os que achavam que sabiam já falavam: “Buenos Aires é a capital”. Nessa época o Brasil era completamente desconhecido. O Brasil até uns 15 – 20 anos atrás, para um americano, seria como é para nós hoje uma Guatemala. Nós sabemos que existe, mas ninguém sabe dizer qual é a capital da Guatemala. Não sabemos muito de lá. E para eles, sei lá o que é ou não é. A única coisa que eles falavam um pouco era sobre Pelé – na época ele estava no auge. Mas, além disso, era muita ignorância. Hoje já é muito diferente.

Eu achava estranho porque, por exemplo, eu pensava assim: “Nós no Brasil sabemos dos EUA”. Até cheguei a perguntar sobre isso e eles pensavam: “O que nós precisamos saber sobre um país que não é nada?”. E, na realidade, o que era o Brasil na época? Na época, a economia do Brasil não tinha grande importância. A gente ficava chateado, mas dá para entender por que eles tinham essa mentalidade também.

Uma das coisas que me sobressaía dos outros também era que eu era mais comunicativo do que os americanos. Então tinham lugares às vezes que a gente ia que eu usava isso a meu favor. Tinham lugares que a gente chegava – que o problema maior lá no Vietnã era que você nunca sabia se alguém era amigo ou inimigo seu, era que nem

se o Brasil declarasse uma guerra sul e norte – e não dá para saber pela cara de onde você é, então se não tiver um sotaque não dá para diferenciar. Como um americano vai saber o sotaque do vietnamita? Quando encontrávamos com pessoas assim, eles me empurravam para que eu conversasse porque eu tentava falar para os vietnamitas: “eu não sou americano, eu sou brasileiro”, e via que eles ficavam meio em dúvida, eu acho... Não sei, mas eu sentia que eles entendiam um pouco, que eles viam que eu não era americano. Eu falava: “Brasil”. Tentava mostrar que era brasileiro, falava que eu estava apenas morando nos EUA e que me mandaram para lá (Vietnã) e que eu não tinha nada a ver com isso tudo. E você via às vezes na beira da estrada mulheres que vendiam cigarro, então eles, os americanos, me mandavam para conversar com elas: “Vê se você vai lá ‘cantar’ elas”, porque a gente, vindo do mato, não tinha dinheiro. E eu sempre ia, jogava um “xaveco” nelas, às vezes oferecia trocar alguma coisa, um canivete, ou qualquer coisa, mas sempre voltava com o cigarro. Tinha essa diferença entre mim e eles.

E outra coisa que eu já falei, eu acho que eu tinha um pouco mais de experiência, porque era uma criança lá mesmo. Eu negociava e os americanos também usavam isso para eles. Também era interessante para eles. Porque na época o sentimento antiamericano era enorme, dos dois lados, então eu sempre falava: “Ei, eu não sou americano”. Então, na hora que convém você é e na hora que não convém você não é. Quase que nem o ditado: “salim sou eu, o salim saiu”.

É uma coisa que eu sempre digo, o meu jeito, onde eu vou é o mesmo. Inclusive no Brasil me dizem: “americano é frio” e eu digo: “olha, para mim não é, porque onde eu vou eu tento abraçar, sorrir, brincar, então eu faço todo mundo se abrir”. É a mesma que eu digo que quando for para o inferno, vou chegar lá abraçar e dançar com o diabo. Então eu acho que é você que faz o local, você que faz as pessoas. Aqui eu acho também, não é que eu hoje em dia ainda uso o fato de ser brasileiro, mas acho que o jeito que eu sou é um pouco diferente do dos americanos. É como os 30 anos que eu passei na Polícia depois da guerra, os caras gostavam do meu jeito. Mas você nota que tem uma “diferençazinha”.

Depois terminou o ano e eu voltei. Foram muitas coisas, muitas batalhas, muitas coisas horríveis que aconteceram lá que é difícil destacar. Eu passei seis meses na linha da frente e foi doloroso, foi... entende? Mas sobrevivi, né? Sobrevivi... (longo silêncio)

A volta foi no começo dos anos 70 e estava uma revolta enorme contra a guerra aqui. E os que voltavam não tinham amparo de ninguém. Ou seja, além de tudo você

voltava aqui e tinham grupos de gente que punham você como um assassino, porque você participou, ainda que eu nunca tenha participado porque quis. Mesmo assim, tinha aquele grupo que era anti-vietnã e era também contra as pessoas que voltavam de lá.

A volta não foi nada fácil, mas por outro lado o governo dava um amparo, arrumavam emprego, dava assistência médica. Eu aproveitei disso, eu fiz um tratamento com um psicólogo dessa forma, entrei em uma escola. Eles meio que viram o trabalho que eu tive quando cheguei nos EUA e, levando em conta que fiquei dois anos nas Forças Armadas e saí de lá com conduta boa – sem ter causado problemas – várias companhias me procuraram para arrumar emprego, inclusive a Polícia de Boston, e eu entrei na Polícia porque eles me procuraram.

Foi na volta da guerra, também, que eu casei com uma americana e tenho duas filhas com ela. Tenho netos já também, todos nascidos nos EUA. Essa época eu estava procurando direções, trabalho e foi na época que eu conheci a minha esposa, que era daqui. Namorei, casei... Continuei trabalhando e, então, a polícia me recrutou, já por ser veterano de guerra. Lá fiquei 32 anos e sempre com a minha esposa.

Aí que vem o ser-humano. Você está aí e você quer seguir algum plano. O meu era casar, ter filhos e uma vida boa em termos de futuro. Então eu fiz. Eu acho que conquistei o que eu queria. Não tenho o que reclamar, foi maravilha. Mas, eu sempre digo, nunca dou nota 10 a nada porque senão não há mais como subir. O sonho – eu acho – de todo ser humano é ser um Pelé, um Neymar da vida, ter tudo... mas alguém tem que trabalhar.

Foi difícil voltar (silêncio cortado por algumas tentativas frustradas de começar uma frase)... Eu.... eu sempre falei, eu vou daqui a pouco para o Brasil, sabe? Me dei bem... Eu entrei no ritmo da vida daqui. Mas teve uma vez, logo depois que eu voltei da guerra, que fui para lá, mas comecei a notar diferenças. Eu vi que os amigos já eram outros. E aí você começa a ver o outro lado da moeda. Comecei a pensar que talvez a vida aqui fosse melhor. Teve uma época que eu fiquei sete anos sem ir para lá e depois quando eu fui - não é que eu não goste do Brasil -, mas notei uma diferença cultural. Notei que a diferença de governo é tão enorme e distante uma da outra que eu optei por ficar aqui. Mesmo agora que eu me aposentei da polícia, em 2005, resolvi ficar aqui. Para mim, não estou falando mal do Brasil –adoro o Brasil – mas não dá para eu me adaptar mais às diferenças. Eu acho a mentalidade do povo e do governo muito diferente. (longo silêncio) Não dá, entende? Tudo lá é difícil para a população, eu acho

né? Posso estar errado. É um governo, por ser corrupto, que quer que a população sofra, mas ao mesmo tempo dá um futebolzinho, uma pinga para eles e fica tudo bem.

Eu recebo ainda uma pensão do estado, por causa da polícia, mas não do Exército. Se você se machuca, pode pedir para eles que eles te pagam para o resto da vida. Mas eu só tive pequenas coisas, então nunca requisei nada deles. Eu uma vez recebi um estilhaço de bomba nas costas e uma vez aqui também (apontando a face). Mas foram coisas que eu me recuperei e não precisei de nada mais, nada que deixou consequências para o resto da vida. Mas eu acho interessante eles darem respaldo para pessoas que perdem uma perna ou algo assim, eles te recompensam para o resto da vida.

Eu digo que voltei da guerra mais americano. Queira ou não queira, eu vivi lá um ano sem nenhum brasileiro. Meu convívio era só com americanos, então eu vi como era. Mas na minha mente, o que eu cheguei à conclusão, em relação a culturas é que no final das contas todos nós queremos a mesma coisa. Depois que eu comecei a entrar na língua deles, eu vi que a língua deles e a cultura não são muito diferentes. Alguns costumes são diferentes, igual se a gente for dizer a diferença entre o paulista e o carioca, ou o baiano. Nossa cultura é brasileira, mas tem umas coisinhas diferentes. Eu achei, quando eu voltei da guerra, analisando, que eles não são muito diferentes de nós. A cultura vem muito do que você vê na televisão, então tem certos países que fazem todo mundo pensar daquele jeito, então quando você começa a conviver com as pessoas você nota. Eu mesmo, hoje em dia, depois de tanto tempo, eu adoro o Brasil, mas sempre que vou percebo que tem uma pequena diferença da maneira que as pessoas lá pensam e veem as coisas em relação a como eu penso, acabo me sentindo um pouco diferenciado. Não tanto falando pelo lado bom ou ruim, mas eu acho que no Brasil a maior diferença é a subcultura da Globo e do catolicismo, que coloca todo mundo no mesmo canal para ter controle. Vamos controlar a população e é isso.

Eu na realidade, eu sempre achei, ou achava, que eu era imigrante e estava na casa de outra pessoa. Mesma coisa se eu for na sua casa. Eu sempre vou ser grato, mas eu estou na sua casa. Eu sempre achei que existia uma diferença e até hoje, às vezes, encontro uma pessoa daqui que já acha que ela pode ser um pouquinho melhor que eu, que não nasci aqui. Então existe diferença. Na época que eu voltei da guerra existia também. Eu via que tinham certas pessoas que não queriam me aceitar por eu ter vindo de outro país. Com o tempo eu aprendi e até falo para todo mundo: se hoje eu moro nessa cidade há quatro anos, eu sou mais daqui do que a criança que nasceu aqui hoje.

Então eu digo que se eu estou no EUA há 50 anos e se você tem 30 e é americano, eu sou 20 anos mais americano do que você. Entende?

Então a questão de ser um imigrante sempre me preocupou até eu estudar e chegar à conclusão de que americano é o índio. E você não os vê. Então todo mundo vem de algum outro lugar. Uma diferença que eu sempre notei do Brasil para cá é que aqui sempre perguntam de que país vem o seu sobrenome. Como o meu é C., eles imaginam que pode ser italiano ou “*Spanish*” ou é “*Portuguese*”. Todos nós temos alguma origem e no Brasil eu nunca ouvi falar disso, lá ninguém me perguntou: “os seus pais de onde vieram?” E aqui é muito comum. Eles vão mais sobre sua ascendência do que sobre qualquer outra coisa. Eu cheguei as minhas conclusões de que o tal do bairrismo não faz sentido. As pessoas às vezes falam: “você não é americano”, e eu já digo que está errado para começar porque eu sou americano, do sul. Além do que, com tanto tempo aqui eu sou mais americano do que as pessoas que nasceram agora aqui, até porque você nem sabe onde nasceu quando nasceu.

Na verdade eu nunca tive vontade de ser policial, nunca quis nada disso. Mas, na época, eles estavam com um pensamento novo de mudar a figura dos policiais, porque antigamente o policial seria mais ou menos – até hoje no Brasil – aquele policial tradicional. E na época eles queriam trocar para um perfil de policial mais comunitário, que se comunicava com a comunidade para ver qual o problema e tentar resolver as raízes dos problemas e não só em cima. A ideia era prevenir ao invés de prender depois que alguém matou dois. Então era uma mentalidade nova e eles procuravam novas cabeças. E para mim serviu, porque eu sempre fui e até hoje sou anti-governo. Sou contra mandar fazer isso ou aquilo e eu acho que o ser humano tem a liberdade de pensar. Sou contra a obrigação do cinto de segurança. Tudo que for mandado eu penso duas vezes.

E isso, mesmo na Polícia, eu achava errado policiais baterem nas pessoas. Naquela época era comum, todo mundo fazia, mas acho que ninguém merece apanhar, por isso que existem as leis. O juiz que decide. Então naquela época eles me recrutaram, entrei na polícia e fiquei lá 32 anos.

Mesmo nas delegacias, muitas delas que eu trabalhava, os policiais me apelidaram de “embaixador brasileiro”. Porque muitas vezes quando os brasileiros chegavam perdidos, ou quando eles iam presos, eu tentava soltar. E para eles a chegada da comunidade brasileira foi uma coisa estranha. De repente começaram a chegar imigrantes e imigrantes e o Brasil acabou ficando mais conhecido aqui também por

causa disso. Lembro que no começo ninguém sabia, mas depois no final todo mundo já dizia: eu tenho um brasileiro que trabalha na minha casa, ou um brasileiro que fez isso. E uma das coisas que eu admiro é que na minha época nós tivemos poucos problemas criminais com brasileiros. E nessa mesma época que havia um fluxo grande de brasileiros vindo para cá, havia também diversas outras nacionalidades, tinha o “vietnamese” (Vietnamita) vindo para cá, o Coreano, os irlandeses, os “hispânicos”, porto-riquenhos, etc... E, de todas essas, uma das comunidades que menos deu trabalho para a polícia foi a brasileira. E até hoje, os brasileiros aqui são vistos como bons trabalhadores e pessoas honestas. Essa é a visão que eu sinto que a maioria dos americanos tem do brasileiro. Pode vir qualquer americano dizer a experiência que tiveram com brasileiro, vão falar: Ele me pintou a casa, ótimo.

Eu espero ter contribuído para isso porque, na época, tentava explicar e teve um tempo que eu fui até consultado pelo comando da polícia para tentar ensinar para eles qual o costume do brasileiro. Por exemplo, na época da Copa do Mundo de 1994 me chamaram porque os brasileiros iam para a rua, faziam festa e os americanos não entendiam isso. Então eu expliquei para eles qual o costume. Que eles podem fazer barulho, festa, mas que é normal, não vai ter briga e se tiver também é coisinha de nada. E eles ficavam meio curiosos com as mulheres também porque era verão e viam elas meio de maiô dançando isso e aquilo e para eles era estranho (pausa)... Então, eu ensinava... não ensinava, mostrava a diferença da cultura, que é normal. Mostrava que tudo aquilo era normal.

Outra coisa também, o americano não tinha esse negócio de abraçar, que o brasileiro é muito afetuoso e eu falei que isso é normal. Outra coisa normal é que você vai ver duas moças brasileiras abraçadas uma com a outra ou andando de mãos dadas e isso é normal, que não tem nada maior entre elas. Entende? Então o costume do brasileiro, as coisas brasileiras... entende? Eu mostrava para eles e explicava, às vezes até dava um seminário para eles saberem como reagir em certas situações.

Até em hospitais também já ajudei. Pois teve uma família brasileira uma vez que veio me pedir pelo amor de Deus para eu tirar a filha deles que estava em um manicômio. E ela tinha ido parar lá porque ela – para você ver como é a diferença entre as culturas – ela falou para a médica uma expressão bem brasileira: “Se eu não conseguir engravidar eu me mato, definitivamente eu me mato!” E a médica pensou: “ela está louca, quer se matar” e a internou.

Tinha também um amigo que já estava aqui há tempos, era apelidado de “cônsul brasileiro”, era um baiano, na verdade ele era de São Paulo também, mas nunca fez nada. Ele ganhou dinheiro aqui no quê? Quando chegavam os novos imigrantes ele pegava e levava os caras tirar documentos dava uma assistência e cobrava. Morava na casa de um e de outro, de favor. Ele gostava de fumar uma “*Marijuana*”, a maconhinha dele, e uma vez prenderam ele perto de uma escola com um pacote e ele falou para o cara, eu sou amigo do J.A.C. – e o policial que também era meu amigo me chamou. Quando cheguei lá, o outro policial me chamou perto do computador e me perguntou: o que você quer fazer? Eu disse: Vamos tirar. Então o soltamos. E ele me chamou: “Oh, figurão!” – ele me chamava de figurão. “Oh figurão, obrigado, hein! Mas e o meu bagulho, vai me devolver?” E eu falei: “Você é louco?” Então o cara queria ainda de volta...

Eu segui o que eles chamam de “*american-dream*” (sonho americano). Arrumar um emprego bom, casar, ter dois filhos, comprar uma casa e pensar em uma pensão boa. É o que eles chamam de “*american-dream*”. Eu querendo ou não querendo, por eu estar aqui, acabei me encaminhando por esse lado. Casei, tive uma filha, depois veio outra. Eu trabalhava, ela trabalhava, compramos uma casa, pagamos em 25 anos, demos estudos às nossas filhas. É o que eles chamam de “*american dream*” e agora estamos na fase da pensão – final da vida.

Mas eu nunca gostei dessa tradição americana de ser enterrado como veterano de guerra, nunca quis ficar lembrado assim. Acho até que isso é uma sequela da minha volta e das revoltas que tinham nos anos 70 e anti-guerra. Quando eu entrei na polícia eu enfrentei umas demonstrações horrorosas. Na época dos *Hippies* os caras não queriam saber de nenhum veterano e nem de guerra e a polícia para eles era militar também e até eu me questionava: “Porra, tanta gente contra, porque será que eu fui?” Então eu acho que da Segunda Guerra e das outras guerras que são populares, o veterano é diferenciado. E outra coisa, se você fizer uma pesquisa, uma das guerras que eles mais tiveram problemas foi do Vietnã. A que eles tiveram mais problemas mentais, alcoolismo e uso de drogas de veteranos. E hoje em dia eu nem gosto, mas no passado, cheguei a participar de encontros de veteranos e 90% eram da Guerra do Vietnã. Eu às vezes ia no “*thanksgiving*” (Ação de Graças) distribuir comida, para tentar ajudar os veteranos que não conseguiram voltar para o caminho certo. E aí volta para a primeira coisa que eu falei aqui nessa entrevista. O menino de 17 anos comete um crime e para não ir preso vai para a guerra. Você acha que ele volta melhor?

Eu também fiz amigos no Vietnã, mas que no momento eu não mantenho mais contato. Até porque um dos tratamentos também, que até isso eles recomendavam, era de você se desligar dessas pessoas. Então, no momento, tanto do lado deles quanto do meu, seguimos a recomendação de nos desligar e hoje em dia não tenho mais contato com ninguém de lá. E nenhum deles era daqui de Massachusetts e na época também não existia celular, nem Skype, era telefone longa distância, então era difícil na época manter a amizade.

Desculpe se faltou alguma coisa na minha história. Eu não me sinto bem. É um passado que eu tenho muita dificuldade em falar... não foram coisas agradáveis... Então, eu não me sinto bem. Eu peço até desculpas. Eu não me... Coisas que eu já tentei tirar fora de mim...

2. C.F., “Corpsman” da Marinha dos EUA.

“Eu não pertencço a nenhum país. Eu estou no meio. Um dia eu sou americano, outro dia eu sou brasileiro. E nunca brasileiro no Brasil ou americano nos EUA”.

Entrevista realizada no dia 28/02/2013 Via internet.

Ferramenta utilizada: Skype

Entrevistador em Cambridge, Massachusetts, EUA

Colaborador em Napoli, Itália.

Entrevista em português e inglês

Eu... Começando a minha história... Eu cresci em uma cidade pequena do sul de Minas Gerais. Meu pai e minha mãe eram divorciados e mais ou menos por volta de 1986 meu pai veio para os EUA para tentar buscar a vida e ficou em New Jersey. As coisas começaram a dar certo para ele, ele estava bem. Na época os EUA era um país – até hoje ainda é – bem forte, mas naquela época havia muitos imigrantes indo morar lá e conseguindo trabalho com facilidade. Depois que ele se estabeleceu, ele resolveu voltar para o Brasil para buscar os filhos – eu e meu irmão.

Como eles eram divorciados, a minha mãe ficou no Brasil e nós fomos embora com o meu pai. Na época eu tinha seis anos de idade. Meu pai era pintor de paredes e com o tempo ele começou uma companhia de construção na região de Newark. E estava indo mais ou menos, estava indo bem... E por isso ficamos. Eu entrei na escola pública, eu e meu irmão.

You know? It is probably easier for me to explain myself in English, because I have to translate things a little bit in my mind before I tell them to you in Portuguese, so I would prefer if I could talk to you in English from this point on.

So, like I said, I went to school in New Jersey. It was a kind of a (hum...) we would struggle sometimes because we were the only... you know... foreigners in our school. Predominantly there were white people, and very few Hispanics. So we went to school like regular kids from Elementary to Middle school and High School.

Around that point of my life, my brother decided to join the American Navy. And I always wanted to join; I always wanted to be a part of the military. I was in some

military programs during High School already, and in my mind, I always knew that I was going to join.

My father was always a patriot. Believe it or not, he loved America a lot. He believed that America was the country that gave him the opportunity that no other place could. My dad struggled a lot in Brazil, and it was so hard for him with the economy and all. So when my brother was joining he looked at my brother and looked at me and said: “This country gave you so much, you should figure a way to pay this country back”. And so my brother went and joined. So, the reason I joined after that was because I felt ready in my mind and wanted to pay this country back.

After my brother joined, he explained to me that it was kind of “not what I expected”. But when I graduated from High School I went right in to it, as he was coming out of the military at the same time. The interesting thing about this part of my history is that my father, at that point in time, was in a situation where he wanted to go back to Brazil already. So it was either: I go to the military or I needed to find a new way to survive in the US. So my father waited for me join, and then he went back to Brazil. At the time I didn’t want to stay with friends or have a regular job like everybody else. I was left by myself, really.

I couldn’t really tell you if he decided to go back because he didn’t like America anymore because to this day he still tells me that he loves America. At the time he just wanted to go back. My grandfather was also very sick at the time and he wanted to be there for the last moments of my grandfather.

At the time that I decided to join, it was in 2003, right in the middle of the war, with the American invasion just happening. It was actually the beginning of the second roll of invasions. At first, I went to the Marine Corps and I ended up scoring very high on my vocational test. But, they looked at me and told me “we are going to send you to the infantry”, and I said “no, I want to do something else (risos). Be maybe a linguist or something”. But they told me that they only had contracts for the infantry. And I really didn’t want to do that. I wanted to go in combat, but I didn’t want to do that.

And, right across the street there was a Navy guy. And also my brother was already in the Navy, doing medical stuff in the Navy. So the Navy guy told me “you want to do something else, come to the Navy be a Corman (Corpsman), be a doctor. “You can do the Marine stuff, but being a doctor”. And I just liked that idea better than the infantry.

With the whole situation going on in my life, and with that promise I went to the Navy recruiter and just told him: “Give me any position at the Navy that I could qualify for, and let me just go from there”. So asked me when did I want to go and I told him: “Tomorrow”. So I actually slept at the recruiter’s office and in the next morning I went to Brooklyn to take my physical and intellectual exam.

So I got my job – or my contract – with the Navy. It was a regular open contract, what meant that I would basically do anything that the Navy wanted me to do. But when I made the contract I had them guaranteeing me that I would later on have an opportunity in the medical field, and be a Corman, which I am right now. I had in my mind that this is my life, and this is what I want to do. I was a Greencard holder at the time, and stayed in that situation till I was 25 years old. So I enlisted with a Greencard and worked in the Navy without being a citizen for a long period.

My brother was one of the first Brazilians to go be in the war for the US. And he was interviewed by “Veja” and “Época”, he was almost gonna go to “Fantástico”. We had actually magazines with interviews that he did. Anyway my family was very hesitant about me joining. I wanted to do this for a long time, but they (hum...) they were kind of afraid. You know? They were afraid because my brother was coming back from the war and telling them what was going on in there, and all the issues and the problems, so they were just worried for me. But it was no sense of Brazilian Patriotism or any issues regarding to that. Until this day they are very proud of the fact that we live in America and do things for America, because in the end, it got me where I am today.

What is an American? American to me is just peace man. It’s fighting for what you believe, and having a good life. A place where everybody can do whatever they want to do, and that’s just the way it is. Could I do everything I want to do? Yeah... I felt like I was free. I felt like I was on the top of the world. And being an immigrant? There was always a division. Till this day, no matter where I go, I am still an immigrant. The real Americans don’t have a paper saying: “Ok, you are naturalized”, so regardless of how much you think you are an American you are never gonna be that American.

And of course, being Brazilian is very hard. I am tired of telling people that I am not Hispanic. I tell people that I am Brazilian and they ask me: “so you are Hispanic?”. “No. I am Latino but not Hispanic”. And they ask “What does that mean?” So I just say: “I am Brazilian, just put it down like that”. So you know? It is hard.

My English is very good, I don’t really have an accent so I don’t have to deal with the issue of being a foreigner if don’t want to. I notice that people from other

countries, like Porto Ricans, or Mexicans, they have those big accents and so they would have a harder time in the military, especially with the white people. They would talk to him like: “hey look at this guy, he doesn’t even speak English”, but I never had that issue.

I did great at training. I even got promoted at the boot camp; I was the only one in my class that got that. I was the number one out of 55 other recruits. To me the training changed me tremendously. It gave me a sense of pride, a sense like I belong to something, you know? I felt like I was Paying America back for the 12 years of school that they gave me that I got for free in a way. So I was very happy with that, my life was moving on.

After boot camp, I never really went back home, because there was the war going on, so I went right to school to become a sailor and then I was shipped out to the USS Seattle (Name of the ship), out of Northfolk, Virginia, where I picked up my first mission.

Of course, I wanted to go to war. I really wanted to go take care of business. I was angry regarding what happened to this country. I mean, look at the education you can receive, and somebody threatening that and the way you are living, then really you would have a problem with that, I think. As a man I stepped up. And you know? Not many Americans are stepping up. So it was like: “Hey, listen. I am doing this, and they are not”.

I always had that voice of my father in my mind saying: “One day somebody is gonna call you an immigrant (...). And you are gonna look them in the eye and say: ‘I did freaking 20 years in the military. And what did you do for your country? What did you do, for you to tell me that I don’t belong here?’”. And that was something that I think would heal my dad’s wound. Because he was... he was a true immigrant. He lived in the streets at first. He lived as true immigrant. Painting people’s houses, you know? In the bottom of the barrel, for a while. So now the sense of pride that his two sons served the greatest country at the time was just something that would cheer everybody up.

As soon as I checked on board on the USS Seattle I noticed that the ship was a very busy ship, specially where I was, because I didn’t have a career and I was living among people who also didn’t have a career yet, kind of like the general population. So, I came from the deepest bottom of the navy, the muscle work. And it was very hard, man. That was when I really encountered racism.

You have one person in charge, and he is a black guy, and all the black guys would be behind him, and support him, until you were accepted. It was very much like jail, I'll give you that. For one year and a half it was pretty much like a jail. I would have to find somebody that I could relate to, and that racist sense of the word. So I found that more toward the Hispanics.

Later on I found out that that was an acceptance thing, putting me in that position. I figured that the Navy put me there for a reason. I was a resident at the time, but I wasn't a citizen. So, I couldn't have a security clearance. The majority of people who were there, was probably because they got in trouble, had DUIs, or maybe they had problems while they were already serving the navy, for example there was a guy who was in the navy for five years and had gotten into a fight, and he lost his job, so they would put him in that job. So it was more like filling the gap. That's why I got into the navy without having a contract, it's because I would get my job later on, after proving myself. And I worked hard there, painted the ship, carried guns, and went on boats checking the security and all that. Because I still had to wait my time, so that I could go to school again and become a "enfermeiro", it's actually not a nurse, it is a Corman.

Then we went out to missions. I got deployed to Iraq. There we stayed off the coast, but went into land as well. I was part of a security team, so mostly what we did was search boarded ships, looking for weapons, mostly off the coast of Iran and off the coast of the straits of Hormuz, also in Saudi Arabia and in the Red Sea.

Did about 9 and a half months in Iraq, got to know all the ports in Europe and all that coming back. Then I just got my letter to leave the ship and go to school. And so I did it. Had no issues at school at all, graduated within the 90% top of my class.

And then I was attached a Marine Corps unit out of Buford, South Carolina, a fighter squad. I was going to be part of a security unit that would provide construction for airplane runaways.

So, there I was: the medical person for 24 Marines, and our main job was to provide security for the planes so that they would have a secure place to land. I did that for about a total of 4 years. Within these 4 years I was sent to be an instructor as a Corman (the guys in the war with the red cross on their hats). So, I was sent to California for 4 months, to train other Cormans to go to Iraq, since I already had the experience in combat.

And then I got sent away to a mission in Japan. To do relive for the victims of the Tsunami, and also to provide – at the time there was a guerrilla warfare in Thailand and Cambodia, and we went over there to provide... just make sure that our presence would ease the minds of a lot of people... So we were there for about 3 months, and in Japan also for 3 months.

When I was in Japan I met Gabe, a Brazilian Marine who was in a different unit from me. So when I found out that there was another Brazilian serving in Japan I had to find him, so I did, and we became friends right off the bat. It felt like we had a higher connection. Also I could speak Portuguese with him, I hadn't spoken Portuguese in a long time, so it just felt good to do it. So we started hanging out, went to bars and other things. It was great, we made music together, as a matter of fact there is a video of us playing in the internet, and we made songs, so it was fun. It felt like somebody knew what I went through, and so we could relate to each other. Of course, we were in two different jobs, but I could help him if he needed to, so I was always there on standby if he needed to. There wasn't much of a war going on at the time, so things were relatively calm. It was interesting but it felt to me like I could do a balance of myself by being with him, make sure that what I was feeling he was feeling too, because of where we came from. And probably most of the things one felt, the other would feel too. And it was cool because I could ask him things. We made plans of coming back to Brazil. It really felt good to talk to somebody that could fully understand you, but mostly, speaking Portuguese was really important, I wanted to speak Portuguese. I don't want to lose my identity, so doing that was a way to keep being who I was.

After that, since I did my time with the Marines, I got words to come to Italy, and I am still here till this day.

Most of the wars are kind of blur to me, in my memory. It's kind of a vague image. It was a hard time, and I didn't have much communication with the rest of the world. At the time there wasn't much internet on the ship, so I didn't have family support, they were always gone... Till this day I only received one letter... ONE LETTER... and it was from one of my friends in New Jersey, saying "Hey man, we miss you". The tempo was so fast, one day 40 knots south of some land, next thing you know is that you wake up and you are already in the coast of Iraq, and next thing you are already doing this, and doing that...

So it was very fast... But to me the days seemed very long... I was ready to go home... I wasn't scared, I know that, I didn't have any fear, since I was very curious,

cause I didn't understand really the whole thing, but things were happening around me, people were doing things, the aircraft carriers were close to us, then you would see them dropping bombs in Iraq, and then coming back for more bombs, so you know things were going, and people were in the news, it was just a very tense time, and very fast.

I remember one up-close incident, the first encounter that I really had – the first one that really shocked me – was... ahmm... When we boarded the ship we received a mayday call in the middle of the ocean, saying that there was a ship that was sinking, and they started cursing in the radio “Hey... fucking Americans...”, and we were like: “let's find out where this is coming from, and again “hey.. fucking Americans...”. So we traced the signal and found that it was about 40 miles away from where we were. And we were responding back: “This is the United States Navy Vassal Warfare”, and then a voice came on the radio: “Americans please come help us, we sink, we sink (sic.)”. The captain woke up - this was 3 in the mourning – And so we turned the power on full blast towards the signal. We decided that we were going to drop a little boat on the water, and so I got on there - I was very low rank at the time – I was the main watch, and carried a 50 caliber on the front, it was raining, it was dark, and the sea was rough. So we started hitting the waves, and bouncing around... Next thing we know, we get in this big boat that was really sinking, I yelled: “STOP”, and we tried to get on board, but it was sinking so fast that one of the engineers jumped off to see if he could do anything... Meanwhile, people were just jumping out in the rough ocean in the middle of the night. It was totally about 12 Iraqis sinking with the boat. So we putted them on a boat, and took them back to our ship, and detained them. So we started asking questions, and it was very inhumane to me, the things that we did. I couldn't really understand... they were making this guys get naked - looking for bombs of course – and other bad things. We found out that were human beings, you know? We didn't think they were human beings, because they didn't wanted to be rescued, they didn't want any help. But it was simply because they preferred to stay away from Americans. So we kept them on board and provided them security, and we sent them back to the embassy... We dropped them off; I think it was in Bahrein.

To me that experience... it gave me... I didn't understand what was going on, I didn't understand why they had to treat people like that... And to me that was the first encounter... So it shocked me.

After that, when I went back to Iraq I wasn't on a ship any more... I was in the ground, already as a medical doctor... So it was different... I don't really know how to

explain... Just knowing that you could die, that you could... any day... was a frustrating part of it all. It was always in the back of your mind... And being a Corman, knowing that you had all this Marines that depended on you... You felt like a mother, you felt like a psychiatrist, felt like their father, felt like a wife. Everything was you: “Hey doc, what about this?” “Doc, what is that, can you explain?” ...

I had two knee surgeries, I injured my knee carrying a Marine over my shoulder, in combat - he was injured. So I called the helicopter to come in to rescue the guy, and wean I dropped him off at the helicopter, I was walking out, and the guy in the helicopter was semi-new to that job, so as I was walking out, he pulled my vest, and it very loud, and I couldn't hear him so well, but he said “Hey man, can you come with us? We don't have that much medical equipment right now, I nobody really knows how to handle this, so can you just come?”, and my unit was there, and I remembered asking my Sargent, “Can I go?”, so I went. I remember that we are in this helicopter, and I had very little medical stuff with me, I wanted to give him an Iv injection, but the helicopter was shaking, and I remembered exactly that the needle went up in the air, everything was shaking, but I caught it, and it was the last one I had, if had had dropped it he probably would have died. So I gave him the Iv, and stayed with him for 12 hours. After that I had to take a truck back to my base, so it took me hours to get back. So wean I finally arrived everybody in the unit was sleeping, so my Gunnery Sargent woke everybody up and said, excuse-me for my cursing “Everybody in here right now needs to stand up, right the fuck now”. And I thought “O shit! Something happened”, so everybody got up and he said “I want everybody right now to look to that doc right now, and give him a round of applause, because this is the guy who will save your life, this is the guy who's gonna get you out of trouble. That is a real fucking man right there”. And everybody clapped me, and gave me hug. And so there was never an issue with anybody disrespecting me for whatever reason, because they knew that if they disrespected me, it could be them one day, needing help, and I could just be like: “F you, I am not gonna take care of you” – which is something I will never do, but in their mind they could thing that. And that is why I was always held at a very high standard with the Marines, and they took care of me to.

Subconsciously - let's put it that way – when I was getting close to end my deployment, when I was almost done, everybody starts asking each other: “what are you going to do wean you get back?” and I answered “I am gonna go back home, to Brazil”.

The feeling of me being there... was a very proud feeling. Most of the people wanted us to be there, it was mostly a confusion of the media telling you that America was doing something different from what we were really doing. So I got mad... 90% of the people in Iraq wanted us there, while you were looking at the news and it was telling you that 50% doesn't want you there, and it is just not true. And that was very hard for me to deal with.

So from that on I just did my job, and wanted to get back home, and that was it.

Coming back to America was very hard for me. I remember many times after the war that I couldn't sleep, and my friends were really worried and they would end up taking care of me. It was very fast, one moment I was in the war, next day at home, and nobody really gave a shit, nobody cared. Sometimes you would meet one guy that knows where you being... You talk to that one old veteran guy that's wearing the hat still, and you shake his hand and looks at you in the eye knowing exactly how you feel. So it was very hard for me to understand how the hell are this people going to the mall and buying all this shit, while you got so many people dying over there? That was hard for me... That was the feeling I had...

Also I went back home for nothing. I didn't have family expecting me, didn't have my father... didn't have anybody, I was just by myself. So when I got out of the plane, while everybody is hugging everybody, happy that their loved ones came back alive ..... I didn't have anybody to hug, man! I just grabbed my bag and went to a Hotel. I had a couple of days off, and next thing you know I was back to work, so...

I felt very... I guess unappreciated for a while. But, like I said by the people who went through that I felt appreciated, and I felt great knowing that this people who served in Vietnam or where ever would look at you and say: "Ok, son... I know how you feel". After that I also lost my mother, she passed away, and that just made everything so much harder. I was depressed for a long time.

But that feeling didn't made me want to go back to Brazil, I was excited in a way, I had seen the world, and also I was always used to the loneliness. Back when I was growing up it was just me and my dad, sometimes my brother was around, but mostly I was always by myself. Like I said, I believe that every man must go back to where he has come from, and that's what makes me think about going back to Brazil someday.

Every man goes back. I have been figuring this out in my life. I will go back. I am 29 years old and I already know that someday I will go back. It hits us some time or

another. It doesn't really matter how much money you have, or how famous you get in your life. One day you realize that it is really your time to go back. There is a reason why you started there, so there is a reason why you will one day end up there.

After that, when I had some time I went to Brazil to see my father. And I could see it in his eyes when he saw me... It was like God showing up, you know? It was that look that meant "My son did it". So my dad was very proud.

Coming to Brazil... He explained to me: "you need to be quiet about what you do. People may try to insult you. They don't understand what you went through but they are going to try to have political conversations, and their opinions is gonna offend you, so it's just better if you don't talk about it". So I didn't talk about it that much, probably it is you, and other four people who I ever talked about this in my live, I don't open up that much. There are certain things that I just don't carry with me anymore. I just became a very peaceful person. I was very angry, but now I am very peaceful.

Brazil always was that safe haven for me, when I was coming back from any mission. It was a place where I could relax and just talk, eat good food and laugh. Watch soccer; drink a beer, caipirinha, whatever, and just be the Brazilian that I am. When I am in America I am an American, I just focus on doing my job and living and eating American food, just like everybody else. So when I go back I try to do everything and forget about America, forget about my life there.

I don't know if I ever pushed myself harder than I would because of the being an immigrant issue. I always worked hard because that's the way I am, it isn't the immigrant thing, my dad works hard. My fear is losing my job, and not having a stepping stone in the US anymore, and then I think the immigrant problem would come out. I could be just another immigrant sitting, and not doing anything, not having a job or anything. That is my fear.

I got married in the United States, she's an African-American from Alabama, and she was a Marine. That's my second marriage, at first I was married to a Brazilian. She was in the Navy to. We were very young, but we had different goals in life. I met her inside the Navy at the first medical school I went to, and so we had a relationship there, and I graduated first, but I asked my boss if she could come with me, so we could work together as our first duty station. But later on she got deployed to Guantanamo Bay, Cuba, and that's wean our marriage fell apart, so we got the divorced and went our separate ways after that. I guess it was my fall to. I was depressed because of the war,

and because my mother had died, also because of my surgeries, so I started feeling bad about myself and looking down on myself, and she couldn't handle that.

When I joined the navy I didn't even know that I was getting paid. I just wanted to serve, that's how serious everything was to me.

I remember one time that I was in a ship, so I received a letter from my chief in command and he asked me to talk to him, so he wanted to ask me a couple of questions. So he started: "Do you live on a boat?" I said yes. "What do you eat?" I said: "I eat here, everyday". "So what do you do? - He asked me. I said "I stay here, go to the Gym, I eat, I don't really do anything, I am just getting ready to go to Iraq". "Let me ask you a question, son. Do you have a bank account?", so I told him, "yes, I did at boot camp, but I don't even know anymore". So he said: "this is why I wanted to talk to you. The Navy is trying to pay you, but you don't have a bank account. Son, do you know that you are getting paid to be in here?" So I said "no, I never talked about money while joining, I just wanted to serve". So he tells me "you need to go to bank and finish your account, because you have 5 months' worth of paycheck waiting to get to you.

While my first wife, the Brazilian, she was all about politics in the military. She was a very attractive lady, she was from Rio. So that stigma of being a female Brazilian, so all the guys in the military wanted to talk to her, and that, in a way, got in her mind, and so she started to thinking about her career politically, and it just didn't work out for us. So that was it, we got divorced.

Relationships are very hard for me. Especially now that I understand that somebody is an American and I am a Brazilian. It took me a while to figure that out. I noticed one thing: A lot of people that are married in an intercultural marriage they tend not to really last that long. There is a lot stress in that because they just don't understand what a "pão de queijo" is – meaning that they don't understand what my culture is - I also don't understand lots of the things that happen within they're micro culture. When you get older you really want to start to know who you are as a person. I like to eat beans because I am Brazilian, not because I just expose myself to it. I could like to eat cornbread because I am from Alabama. So when you start having those concrete differences between you, it is really hard to allow real bonding, and sometime, down the road, you start separating.

I am very proud of being a Brazilian, especially after living most of my life in America. It is funny because I make music, I am a singer, and my stage name is "Kmillion" – like a chameleon. That means that you blend in. You are always blending

in, always moving in and out of cultures. You know what to say, you know how to talk to people. I learned so many micro cultures that when I go down south I can speak with a black dude from the south, because I identify with people. But I always maintain that I am a Brazilian, because this is who I am. But I never pushed my identity on people, like the Mexicans do sometimes, the accent and the voice, but I never showed that. You would never really know where I am from till the day that I told you. And that was bigger than everything. I don't even sound as if I am from another country besides the US.

My nickname was given to me black guys who I used to make music with. I was so like them musically, that they couldn't even imagine that I was from Brazil. They would tell me "Dude, you are like a Chameleon, you can adapt and blend in with us".

I think that down the road, psychological research will develop that there is a disease which is caused through immigration. Maybe a psychological disturbance of having your identity so fragmented.

If I paint myself as a Brazilian in America I will not go far. If I talk with a deep accent and just showing Brazilian culture all over me it won't work for me. That's just not how you do things. So I had to learn how to adapt and how to say things to them so they can understand and say to each other: "*Hey, this guy is a legit person*". Like, you go to a restaurant, and you sit there, you are not gonna bang on the table and raise your hand yelling "Hey, cadê a cerveja?", like you would do in a regular "barzinho", you are never going to say that.

So I guess that I had to learn these patterns of people, and it got me by... it really helped me out a lot. And I was always open minded. I think, we, Brazilian people, naturally do that.

I met a lady, and she was a Doctor, and she is probably 50 years old. This was 3 months ago. I was planning to go to Brazil, and she asked me why, and I said: "Because I am from Brazil", and she says "No you are not. Do you wear paint in your face?", I said "what are you talking about?" and she says "Brazilian people, they wear paint in the face, like in the Amazon". And that pisses me off. That has a lot to do with the educational system in America. And I think that's where the patriotism starts, you will only learn about America in school, and if you want to learn about something else, do it in your own time.

You can have a room full of people, that when you walk in to that room, and you don't know anybody, you will try to find something that resembles you. For example, if

you have a room full of white guys, and only one black guy; wean another clack guy comes in the room, where do you think he is gonna go to?

So even where I am now, in Italy, I don't say that I am American. Because they tend to be more disrespectful towards the Americans, and they may charge you more money, or whatever, while if I say that I am Brazilian I get treated like God, you know? It is a very interesting aspect, so would negotiate with them, and move around my personalities. Just like I said, it's like a disease down the road, it is not normal to do that, but it just comes from the situation that you are in, and the mixing of cultures that you experience. Next thing you know, we are going to be so globalized that it is not going to be like that anymore, everybody will be from everywhere so nobody will care.

Even in the military I used that. Lots of times, even though I didn't like to be called Hispanic I would go towards the Hispanic people and spoke Spanish. While the black people in the United States are so closed, they don't want to anybody different to come in, while the white just feel superior and also don't want anybody else to be hanging around with them, meanwhile I am Brazilian, I am by myself, I have to go somewhere, and the closest thing would be the Latin, so next thing you know I am walking around with the Hispanic people, I am labeled Hispanic ,and that's just the way it goes.

As a Brazilian, or an immigrant, you never win. In America sometimes people would sensor my opinion by saying: "why are you saying that, you are an American, you shouldn't act like that", but sometimes, in a different subject they may say, "you are not an American, so you don't understand the full thing". And, of course, I do understand, since I lived here all my life.

And even in Brazil that happens to. When I go to Brazil people talk like: "Olha, o gringo chegando aí, o americano", so you are never from anywhere, you are always from somewhere else. And many times that depends on how people look at you, if you think like them, then you are like them, if not you are the other guy.

I think that discrimination against me is bigger in Brazil than in America, honestly. And I am sure that it has to do with political opinions, because I am in the Military. I don't really care, if Obama is doing this or that, for me, it is a job, I am a doctor and do what I have to do. And the question that always comes up is, if someday America fights with Brazil, what would I do? And I really don't know how to answer that.

Nesse ponto agora, acho que seria até mais fácil falar em português. Eu estou voltando a ter mais raízes lá e a conversar com pessoas de lá. E quando eu falo pessoas de lá ou, por exemplo, com mulheres que se interessem em mim, é sempre aquela coisa: “Mas você é americano, esse seu estilo aí” e eu não vejo isso. Mas eu sei que as pessoas comentam para ela: “você vai conversar com um gringo, vai namorar um gringo” e sempre fica aquela coisa meio chata no ar, parece um ódio, um despeito, uma raiva que fica no ar. E quando eu vou para o Brasil é assim também. As conversas sempre são as mesmas: “deve ser difícil morar lá, o americano é frio para caramba né?”. Simplesmente porque o cara não tá batendo na sua porta te chamando para jantar na casa dele não significa que ele é frio, ele está na dele. E muitas vezes quando eu estou no Brasil eu fico com um pouco de receio de falar onde eu moro, porque eu sei que a situação de me verem como gringo vai aparecer. Eu sei que as pessoas ou vão me tratar super bem, mais até do que o normal - por exemplo, eu tinha uma amiga na Bahia e a família deles era pobre para caramba e porque eu estava lá eles foram ao supermercado e compraram não sei quantas milhões de coisas para tratar de mim, só porque eu morava nos EUA, e o que tem a ver? Eles pensam “o cara é americano ele só come isso aqui” e não tem nada a ver. Eu sou brasileiro, gosto de arroz com feijão -, e tem aquelas pessoas que querem meter o pau nos EUA na sua frente mesmo só para criar aquela reação sua.

Sinceramente, a Marinha Americana foi uma segunda mãe para mim. Especialmente depois que minha mãe faleceu. É um lugar difícil, você tem que ralar muito. Mas depois de um tempo, tudo que você faz aqui você recebe de volta. Agora eu estou fazendo até faculdade de produção musical. Trabalhei com alguns caras que ganharam o Grammy no Brasil. E acho engraçado que quando eu faço música no Brasil sempre me pedem para fazer em inglês.

Mas enfim, tudo isso foi possível para mim por causa da oportunidade que a Marinha me deu. Fiz meu último vídeo clip em Paris. Como que um carinha que saiu do interior mineiro iria fazer um vídeo de música profissional em Paris? Então eu agradeço muito a eles. Não mudaria nada.

Na verdade, se pudesse mudar uma coisa na minha vida eu faria. Eu não teria ido para os EUA. Porque essa divisão de personalidade que eu tenho é muito ruim. Eu não pertencço a nenhum país. Eu estou no meio. Um dia eu sou americano, outro dia eu sou brasileiro. E nunca brasileiro no Brasil ou americano nos EUA.

Talvez eu esteja errado, mas eu acho que os outros brasileiros que moram nos EUA, como você deve ter notado nas outras entrevistas, eles são muito mais brasileiros

do que eu. No ponto de segurar a cultura e exibir mais, eu já não faço tanta questão. E eu vejo que minha mentalidade é americana em vários aspectos. Meu pai está bem no Brasil, mas eu não vou trabalhar com ele lá. Eu tenho aquela mentalidade americana que depois dos 18 anos de idade você tem que sair de casa e se sustentar. Outros são mais brasileiros, querem ficar com a família, ajudar nos negócios da família, morar com os pais. E não tem nada errado com isso. Mas eu sou mais americano nesse ponto. Acho que tenho que ganhar o meu e voltar quando puder me sustentar sozinho.

Eu já estou servindo faz 10 anos na Marinha, farei os outros 10 para me aposentar integralmente. Atualmente faço missões como tradutor também com a marinha. Estive na África pouco tempo atrás. E eu tenho até vídeos dessas missões que caso você os visse, perceberia o quanto que os americanos precisam de pessoas como eu. Eu fiz amizade com o pessoal do Cabo Verde e assim os conectei com o pessoal da Marinha de uma maneira que nenhum americano iria fazer. Mas eu represento U.S. Navy, entendeu? E o Americano gosta de exibir isso, que existe essa diferença lá dentro da Marinha.

Atualmente é isso, a situação que eu vivo é a seguinte: por causa da Marinha eu sou um cara sozinho para caramba e eu até decidi não falar muito da minha segunda esposa, porque eu estou me divorciando pela segunda vez já, para você ver. E tem muito a ver com as nossas diferenças, com o fato de que ela é negra e eu sou branco, com o fato de que eu sou brasileiro e ela americana.

**3. Alexandre Danielli (AD.) Ex-cabo do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA.
Natural de Joaçaba, SC.**

“Assim que acordei eu estava em um hospital na Alemanha, para onde vão os casos mais graves de feridos de guerra. Uma enfermeira chamou o médico e eu achei que estava dormindo há algumas horas, mas ele falou que eu estive em coma por 7 dias”.

(A.D. Em missão no Afeganistão)

Entrevista realizada no dia 05/02/2013 Via internet.

Ferramenta utilizada: Skype.

Entrevistador em Cambridge, Massachusetts, EUA.

Colaborador em Joaçaba, Santa Catarina, Brasil.

Entrevista em português.

Eu trabalhava com política no Brasil desde a minha adolescência. Quando teve a eleição de 2002, o candidato que eu fiz campanha perdeu a eleição do governo do Estado de Santa Catarina. No entanto, eles gostaram do meu trabalho e me propuseram ajuda para trabalhar na prefeitura ou ajuda a ir aos Estados Unidos para aprender Inglês e voltar um dia e ser candidato a vereador. Eu falei com a minha família e eles aceitaram. Na época era 4,00 x 1,00 a cotação do real/dólar, então era difícil financeiramente. Uma passagem de 1.500 dólares era 6.000 reais, por exemplo, e não tinha facilidade de parcelamento, nada disso. Eu peguei o visto de turista (nessa época - 2003 - era quase impossível). Consegui pegar porque eu tinha cartas de indicação de alguns políticos e eu iria permanecer pouco tempo no país. Também tive ajuda de amigos e familiares para poder comprar a passagem e conseguir viajar. Fui com apenas 300 dólares.

Foi tudo muito rápido. Peguei o visto em dezembro e cheguei aqui em fevereiro de 2003. Depois que cheguei começaram os problemas com a “*driver’s license*” (carteira de motorista), proibido para imigrante, e em março foi quando George Bush anunciou a guerra do Iraque.

O imigrante chega sem documento e sem falar inglês, por isso eu fui trabalhar na construção civil, mas eu nunca deixei de estudar o idioma. Fiquei cinco meses na construção e tinha uma vida tipicamente de um imigrante brasileiro. Tinha amigos brasileiros, mas não saía muito porque não tinha dinheiro. Comprei um Honda Civic 88, velho, depois comecei a trabalhar em uma pequena churrascaria brasileira e permaneci por seis meses. Eu ganhava pouco, mas tive mais tempo pra estudar e estudei mais. Só ganhava o básico para pagar aluguel e comida. Após isso fui trabalhar em uma churrascaria maior, comecei a ganhar melhor, tinha melhorado meu inglês e acabei conhecendo um cliente que iria abrir uma churrascaria em Seattle. Depois de 1 ano nessa segunda churrascaria eu fui para Seattle e assumi a gerência. Lá, contratei um garçomete que se tornou a minha esposa. Ela é americana. Após receber o meu green card, decidi sair do ramo de restaurantes. Consegui um emprego em *Idaho* e meus chefes eram ex-militares, veteranos de guerra. Acabei me alistando.

Antes de me alistar eu nem conhecia os *Marines*, para mim era tudo exército. Eu não sabia dessa divisão. Foi tudo muito novo. Eu achava legal porque na guerra os *Marines* tem muito mais respeito do que um soldado ou um marinheiro e todos respeitam o nosso treinamento porque é mais puxado. Então, qualquer missão que nós fazíamos no Afeganistão ou em outros países os *Marines* automaticamente lideravam.

Eu fiquei três semanas no Iraque e em mais de 30 países fazendo missões de 10, 20 horas, 48 horas, 72 horas. Os *Marines* são a força pronta, digamos assim. “*Ready to fight*”, como eles falam. Como “*Civil Affairs*”, que era uma diplomacia militar, eram ainda mais viagens porque tinha apenas 30 Marines que faziam esse tipo de trabalho. Por eu falar português me levaram para muitas missões no Iêmen, Angola e para um estado na Índia que também fala português, então eu tive oportunidade de viajar bastante devido a minha língua materna.

A experiência mais marcante foi quando eu estava em um comboio no Afeganistão com as tropas da OTAN e passamos por cima de uma mina, uma IED (Improvised Explosive Device, explosivo caseiro). A IED explodiu, me arremessou pra fora do veículo e eu caí com a cabeça no chão. Com a explosão da bomba eu bati forte a cabeça e perdi a mobilidade das pernas. Vi um dos meus colegas desfigurado e o outro morto. Comecei a rastejar até onde estavam dois italianos. Um deles me viu, me ajudou e não me deixou dormir, não me deixou desmaiar. Veio o ataque aéreo americano e matou os talibãs. Eu vi o helicóptero médico com a cruz vermelha e desmaiei. Assim que acordei eu estava em um hospital na Alemanha, para onde vão os casos mais graves de feridos de guerra. Uma enfermeira chamou o médico e eu achei que estava dormindo há algumas horas, mas ele falou que eu estive em coma por 7 dias. Fiquei mais 12 dias no hospital na Alemanha me recuperando, fazendo exames e acabei voltando para o Afeganistão para ficar mais dois meses e cumprir o meu tempo lá.

Também tiveram muitas missões humanitárias como levar escolas, clínicas e poços artesianos para várias tribos do Afeganistão. Eu tive a oportunidade de aprender o “*Pachto*”, que é o idioma falado por 55 milhões de pessoas no Oriente Médio. Dizem que o Árabe é o mais falado, mas acho o “*Pachto*” mais popular nas regiões do Paquistão, Afeganistão, Quirguistão, Tajiquistão... Foi interessante ter essa experiência e conseguir me comunicar com o pessoal de lá. Eles têm muitas dúvidas religiosas, porque é uma guerra religiosa. Os fanáticos acreditam que matando um evangélico ou católico eles ganham sete virgens no céu. É um trabalho difícil. Tínhamos a missão de convencer os fazendeiros de ópio, que é o que faz a heroína (o Afeganistão produz 95% da heroína do mundo), a queimar as fazendas de maconha e ópio e plantar trigo e milho. A gente pagava o mesmo valor que o Talibã pagava. Foi um trabalho bem forte porque em cada fazenda que chegávamos era na certa um combate com o Talibã. A heroína é uma das mais fortes fontes de renda deles. Era bem interessante.

Em relação ao Brasil, um dia eu estava no meu acampamento e chegou um helicóptero. Eles me acordaram e perguntaram se eu falava português. Respondi que sim. Entrei no helicóptero com um major e depois de 2 horas de voo chegamos em uma área no meio do deserto, mas com algumas casas. Eu desci, tinha um grupo grande de seguranças e eu vi em uma casa uma média de uns 20 corpos de Talibãs no chão. Quando eu subi ao segundo andar dessa casa, tinha uma mesa grande com várias fotos do Brasil – Cristo Redentor, Aparecida do Norte, romarias, eventos católicos no Brasil -, era uma célula do Talibã que estava estudando o Brasil para bombardear o país. Achei documentos nos quais mostravam que eles estavam querendo mandar 2 homens-bomba para a procissão de Aparecida do Norte e outro para o Cristo Redentor, os principais símbolos católicos. Não aconteceu porque descobriram essa célula, como outras células que trabalham focando países católicos e evangélicos. E a gente conseguiu terminar. Isso é uma coisa que nem o governo brasileiro tem conhecimento e talvez nem acreditem, mas eu vi com os meus próprios olhos.

Outra coisa interessante foi o treinamento do exército e da polícia Afegã. Isso nos deu outra visão e nos aproximou mais da população Afegã. Poucas pessoas na guerra tem a oportunidade de treiná-los. É uma cultura islâmica, é uma cultura diferente e a gente acaba aprendendo muito com eles. Todo livro e jornal que eu li sobre o Afeganistão e o Oriente Médio antes de ir pra guerra não valeram de nada. O jornalista ou escritor fica lá uma semana ou duas e escreve um livro de 300 páginas sobre o Afeganistão que não tem nada a ver com a realidade do país. Na minha opinião, não tem jeito. Eles vão demorar de 5 a 10 gerações para mudar o país. É muito isolado, tudo é proibido, a terra não é fértil, eles não tem uma economia forte, não tem petróleo, não tem nada, tem poucos minerais e a China já ganhou a licitação para explorar o pouco petróleo e os poucos minerais existentes na região. O país não tem solução.

No Afeganistão eu não sentia nada, o país cria uma parede com o resto do mundo. Eu sempre fui muito evangélico, mas lá eu não conseguia fazer nem uma oração. Eu não conseguia nem pensar na família. O extinto de sobrevivência é tão grande no dia a dia que você só pensa em se manter vivo com os seus colegas. Tanto é que ligar pra família a cada três meses não era problema pra ninguém. Ficamos muito focados.

Na volta pra casa você se sente mais americano e menos imigrante. A partir do momento que o piloto do avião fala para todas as tropas: “*Marines* agora vocês estão cruzando o céu dos Estados Unidos”, dá um alívio, é uma comemoração dentro do

avião. Quando você desce no aeroporto onde as tropas descem da guerra, todo o aeroporto para, levanta, aplaude. Como a gente tem aquele corte de cabelo dos Marines, sempre que eu estava em um aeroporto e comprava um café ou alguma coisa sempre vinha um senhor para pagar a minha conta. Em vários bares, vários locais, eles perguntavam se tu tinhas ido pra guerra e pagavam a sua conta. Eles fazem questão disso. Você se sente muito patriota e muito defensor das causas americanas.

A pior coisa que acontece na volta pra casa é que você perde o medo. Hoje eu não tenho medo de ir a uma favela, de frequentar um bairro perigoso, de um acidente de carro. Você perde o medo total e isso não é muito bom porque você acaba ficando “*reckless*” (imprudente) o resto da sua vida. Não mede as consequências, tudo é fácil, então isso é o que mais prejudica os *Marines*: a perda do medo.

Eu sempre tive uma facilidade de adaptação. Não tive problema nenhum, me adaptei no Afeganistão, me adaptei aos Estados Unidos. Na minha infância eu mudei muito. Eu mudava todo ano para três ou quatro cidades. Tive uma infância no qual eu aprendi a me adaptar rápido a qualquer cidade, qualquer local. Mudar é normal pra mim. Regressando da guerra eu mudei em alguns pontos, mas é como eu falei, a principal influência psicológica é o medo que você perde. Depois da guerra eu não gosto mais de acampar, por exemplo. Acampeei por dois anos como militar, por isso não tenho vontade nenhuma de fazer acampamento. Já acampeei demais. Isso é uma coisa que eu mudei. Antes eu gostava bastante, mas quero dar um tempo disso. Acampeei em desertos, florestas, tudo o que é tipo de lugares, era a trabalho e eu era obrigado. Outro fator foi que eu perdi muito o sono. Hoje eu durmo de três a quatro horas por noite, não consigo mais dormir. Virou um hábito, não só pela guerra, mas pela vida militar. A gente aprende a dormir menos.

Eu voltei machucado da guerra e não pude renovar o meu contrato. Perdi a minha audição, 80% do ouvido direito. Machuquei o meu pé, vai ficar inflamado a vida inteira e não tem cirurgia. Também restaram alguns pedaços da bomba atrás da minha perna. Quando a bomba explodiu a gente estava em uma patrulha, meu amigo faleceu e alguns pedaços da bomba ficaram na minha perna. Com isso, não pude mais renovar contrato com os *Marines*. Mas quando a gente vai pra guerra queremos ver o combate. Cada machucado, cada cicatriz é motivo de alegria. Podemos mostrar aos colegas e dar aquela exibida. O orgulho é muito forte entre nós mesmos e queremos ver quem é o mais durão. Às vezes é complicado pra um civil ou pra imprensa entender que para nós estar em combate, se machucar, é tudo vantagem.

No Brasil eu nunca pensei em ser militar, mas cresci vendo filme de guerra com meu pai. Ele sempre gostou desse tipo de filme e acho que isso me influenciou de alguma maneira. Sempre gostei da área política, então eu achava que poderia vir aos Estados Unidos e entrar na política americana. Até tinha esse pensamento, de sair dos *Marines* e entrar na política representando os latinos, no entanto, eu senti saudade da família e os meus pais estavam ficando doentes e velhos, então eu decidi voltar para o Brasil.

Um ano antes da minha saída dos *Marines* os meus pais passaram o ano todo doentes. Como eu sou filho único, pensei muito sobre isso, pensei em voltar, passar mais tempo com meus pais, ficar mais próximo. Fiquei nove anos distante. Nove Natais, nove aniversários... Então, eu decidi que era hora de voltar e aplicar os conhecimentos que eu consegui ganhar por aí no Brasil. A área de segurança é muito forte no Brasil, muitos atentados voltando a ocorrer. Agora estou assumindo um cargo de segurança no carnaval, em uma festa grande aqui na cidade de Joaçaba, onde moro. A gente é muito reconhecido pela sociedade brasileira por ser veterano de guerra, eles também dão muito valor a isso e me abriu muitas portas.

Os brasileiros não veem nenhuma distinção por eu ser veterano de guerra por outro país. Veterano de guerra é veterano de guerra. Um ou outro me faz perguntas, mas é uma minoria. A maioria nos vê como um veterano de guerra mundial porque é uma guerra que envolve 35 países, não é guerra de um país só. Eles tinham uma visão de que eu era um soldado americano, mas com o tempo e o trabalho comunitário que a gente faz - que é bem forte - eles não pensam mais nisso. Depende de cada um e da trajetória que cada um traça.

Os meios de comunicação brasileiros estão sempre valorizando, estão sempre de portas abertas com relação aos veteranos de guerra, mas o governo brasileiro em si não tem nenhum reconhecimento, não veem nada de extraordinário. Não tem contato com isso.

Eu planejo escrever um livro: “Diário de um brasileiro na guerra”. São muitas histórias e tem muitas editoras procurando a gente. Eu só preciso sentar um dia e escrever.

4. Gabriel Ferreira (GF.), ex-sargento do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA.

“No começo você muda, eles te forçam a mudar, te fazem virar aquele 'soldadão'; é uma verdadeira lavagem cerebral”.

Entrevista realizada no dia 25/02/2013, Via internet.

Ferramenta utilizada: Skype.

Entrevistador em Cambridge, Massachusetts, EUA.

Colaborador em Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Entrevista em português.

Minha vinda para esse país na verdade deu início com meu pai, que mora nos Estados Unidos desde que eu nasci praticamente. Quando eu tinha cerca de doze anos ele conseguiu a cidadania americana, e com dezesseis anos ele me trouxe para a América para passar uns três anos estudando no *High School*.

Quando cheguei aos Estados Unidos, foi para residir no condado de *Westchester*, Nova York. Meu pai era paraguaio e ex-militar, meus tios e primos serviram no Exército brasileiro. Meu avô também serviu ao Exército paraguaio.

Nunca me arrependi de ter ido para os Estados Unidos, eu sempre gostei. Sempre achei 'massa' a cultura, todas essas coisas... Desde que cheguei no *High School* sempre me trataram muito bem, sempre me acolheram bem, então nunca senti preconceito. Nunca fui tratado de forma desigual. Sempre também fui uma pessoa sociável, entende? E isso me ajudou bastante porque quanto mais a gente precisa, se você é uma pessoa sociável todo mundo ia querer te acolher, ninguém te vê com olhos tortos.

Quando eu saí do *High School* fui trabalhar normalmente, não fui direto me alistar para o serviço militar. Decidi entrar nos *Marines* porque um dos meus amigos, que trabalhava comigo quando eu tinha uns 19 anos, decidiu entrar e achei legal se eu entrasse junto com ele. Aí o *Instructor* dele veio falar comigo e cuidou de toda papelada. Eu já sentia vontade de sair de casa, não queria mais morar com meu pai, então foi apenas um empurrãozinho para eu querer entrar no serviço militar.

Eu apenas tinha assinado um contrato dizendo que eu iria para o quartel de recrutas, a data era 27 de janeiro. Então dois meses e meio depois de assinar, fui para o Brasil. Minha mãe já sabia de minha decisão e eu não tinha ideia de quando conseguiria tirar férias novamente do quartel para visitá-la. Descansei bastante e quando voltei, creio que tenha sido 22 de janeiro. Fiquei apenas uma semana em casa e já parti para o quartel de recrutas.

Nesse período que estive no Brasil, ninguém estava contra no fato de eu me alistar, estavam contentes em me ver já que fazia tempo que eu não aparecia. Muitos de meus amigos eram contra eu entrar no serviço militar americano. Sempre quando eu tocava no assunto, eles não queriam falar muito sobre, talvez pelo fato de estarem contra. Então acabávamos falando sobre coisas antigas, Copa, cerveja e churrasco, mas não queriam falar do fato de eu estar me alistando. Isso nunca me incomodou porque eu entendia o lado deles, eles não estavam acostumados a ter um amigo que, do nada, resolve entrar no serviço militar. Sabendo que pode ir para guerra e talvez nunca voltar

vivo para casa. Na época da 'aborrecência', alguns não aprovavam a minha escolha pelo fato de serem 'Anti América', um pouco meio que - 'Brasil, Brasil'. Meio que – 'Por que Estados Unidos e não Brasil?'. Alguns, penso também, não aprovaram a minha decisão pelo fato de pensarem que eu demoraria muito para retornar ao Brasil, ficaria muito tempo distante. Tanto que quando entrei para o Serviço Militar demorou uns dois anos e meio, quase três anos, para tirar umas férias e voltar para o Brasil para passar um tempo com minha família e amigos.

Mas a opinião contrária dos meus amigos não me incomodava e acho que eu nem me importava também não, já que eles não queriam tocar no assunto eu não dizia nada, mas de fato isso nunca mexeu comigo, não.

Fiz o treinamento que foi difícil, mas gostei muito. No começo você muda, eles te forçam a mudar, te fazem virar aquele 'soldadão', é uma verdadeira lavagem cerebral - como diz minha mãe. Mas depois passa. É porque no começo você não tem muito contato com a sociedade, fica por três meses isolados numa ilha, treinando centenas de recrutas. Depois eles te dão nove dias para ir pra casa descansar e quando retorna já te mandam para a floresta para ficar um mês lá dentro, sem contato algum, sem telefone... Só mandávamos cartas quando podia, sem televisão, sem rádio, sem contato externo nenhum. Quando você sai de lá de dentro e volta para a sociedade você se sente meio invencível, já virei o *Braddock*¹⁵, um herói da nação americana, mas também não é muito daquele jeito não. Todo mundo ali é meio inocente, meio criança ainda, a gente acabou de virar adulto. Nessa época dos 18, 20 anos todo mundo acha que só porque sabe atirar é o '*patrão da parada*'. Existe uma fábula na sua cabeça que você acaba acreditando, mas depois passa. Volta à sociedade, faz amigos civis, você vai para o bar, conhece meninas e percebe que toda aquela fábula não te faz ficar com menina nenhuma (risos).

Não é que a gente se sentia criança, é que a pessoa que acabou de sair da *High school*, do terceiro ano, que acabou de se graduar na escola, é um jovem adulto, um moleque. Uma pessoa de 18 anos nunca teve um emprego fixo, nunca teve que arrumar a cama, nunca teve que lavar, nunca teve que fazer uma porção de coisas. Então você entra no quartel, com essa mentalidade de 'a mamãe sempre fez tudo que eu queria', meio que uma fábula, porque depois que você chega lá dentro você tem que fazer tudo. Fazer a barba todos os dias, cortar o cabelo todo domingo, o uniforme sempre bem

---

¹⁵ Personagem vivido por Chuck Norris no filme: *Braddock – o Super Comando*, de 1984.

passado, bem apresentável. Se você mora em alojamento o quarto tem que estar sempre limpo, sempre arrumado, pois tem sempre inspeções. Então, quando digo criança é porque você com 18 anos, que acabou de sair da casa do seu pai e nunca passou por um momento no qual você tinha que cozinhar. Eu não sabia cozinhar (risos). Quando eu fui morar sozinho eu tive que aprender, não era a melhor comida, mas... (risos).

No momento em que você coloca aquele uniforme que diz *US Marines*, aqui no peito, tá ligado? É uma questão de orgulho. Você passa por um '*perrengue sinistro*', não sei quantos meses de treinamento para sair de lá um fuzileiro naval americano. Se você entrou patriota você sai extremamente patriota. Tanto que você sai e já quer fazer tatuagem com os símbolos dos Fuzileiros Navais para demonstrar para a sociedade que você é um Fuzileiro Naval, e não mais um. Você não é um estudante de faculdade, nem um cara que trabalha no *McDonald's*. Aos olhos da sociedade nós somos aquele cara que quando a nação pede a gente tem que ir para a guerra, e se tiver que derramar sangue, a gente derrama sangue. A questão da honra vem nisso.

Depois do quartel de recrutas, do treinamento de guerra nas florestas, foi depois que cheguei na Flórida. Meu trabalho era mecânico de aviação e a galera começou a me chamar de "Brasil", mas não durou muito tempo não, porque a maioria dos amigos que me conhecia por esse apelido foi para outras bases militares em outras regiões dos Estados Unidos. Acabamos perdendo contato.

Acho que o apelido 'Brasil' veio de minha vontade de só mostrar aos americanos o lado positivo do Brasil: churrasco no fim de semana, praia, piscina, mulher bonita, aí depois volta e começa tudo de novo. Mostrei a eles que o Brasil não era somente uma floresta amazônica, não queria mostrar que o Brasil era só macacos em cima de pé de banana, entende? Muito americano acha que o Brasil é isso (risos), floresta e casa em cima de árvore. Sei que até hoje falo para os meus amigos americanos, que se quiserem ir para o Brasil lugar para ficarem eles tem e um guia turístico também, só me avisar que eu vou estar lá.

Depois, ganhei outro apelido, talvez menos carinhoso, que era: FES (*Foreign Exchange Student*, estudante de intercâmbio), que em português é como se fosse aluno visitante, talvez. Na época de sargento eles me chamavam de FES, até hoje depois de ter saído do serviço militar. Engraçado que os dois apelidos que me deram foram em relação ao fato de não ser americano e eu achava engraçado, era de certa forma carinhoso porque tinha gente lá que tinha vindo da roça, bem roça mesmo dos Estados Unidos que nunca tinham visto nada além de um americano branco. E no quartel tem

negros, mexicanos, alguns brasileiros, asiáticos... Então a primeira vez que um americano desses, que nunca havia visto uma pessoa de outra nacionalidade, de outra raça, eles ficam meio assim 'bolados', né? Eu sempre pensei que esse apelido foi adotado pela galera de forma carinhosa, porque nenhum deles vai esquecer quem era o Sargento de lá. Tenho certeza que para o resto da vida muitos desses meus amigos irão me chamar, vou estar velhinho, vovozinho, eles ainda vão me chamar de Sargento FES.

Levaram quatro anos após acabar meu treinamento para eu ser mandado para o Afeganistão. Nesse meio tempo fiquei seis meses no Japão, mas foi bem tranquilo, bem sossegado, nunca bebi tanto na minha vida (risos). Lá não foi bem uma missão, é coisa que acontece, a gente foi mandado para uma base dos Fuzileiros Navais que tem lá, e o trabalho que eu fazia nos Estados Unidos eu fiz no Japão, mecânico de avião. Eu pessoalmente nunca participei de uma missão, mas tinham missões no Japão, na Tailândia, na Austrália, na Coreia do Sul, mas eu nunca pude executar nenhuma dessas missões porque meu departamento não fazia parte dessas missões.

Eu queria ser infante, queria ser da Infantaria, porém tem muito mais riscos de voltar para casa dentro de um caixão, entende? Então eu pensava sempre nos meus pais, que eles não queriam que eu voltasse morto. Lembro que tirei uma nota muito boa no teste que é como se fosse um concurso militar, uma prova para a entrada, e como tirei uma nota boa eles me deram escolhas, qual tipo de trabalho que eu queria. Já que ia dar muito trabalho para a minha família se eu fosse Infante, eu escolhi um trabalho com coisas que eu nunca tinha visto em minha vida. – Falei: "Pô, brincar com avião? Consertar o avião? Beleza, eu vou nessa daí".

Quem não quer ser Infante? Quem não quer meter bala no terrorista? Todo mundo que entra quer ser Infante, cara. Todo mundo que entra quer ser *Braddock*, quer ser *Rambo*. Quer andar com medalhas no peito, não quer ser só mais um. Mas eu acredito que independente do trabalho que eu escolhi, penso que o Infante não vive sem o avião, é essencial para eles. Não vivem sem a parte administrativa que fazem as papeladas, não vivem sem as pessoas que purificam água, então sempre teve essa questão de orgulho, porque apesar de não estarmos lá 'quebrando o pau' com os terroristas, estamos ajudando aos que estão né? Indiretamente ou diretamente. Então é aquela questão do orgulho. Não estou lá, mas estou ajudando os caras que estão lá, precisando dos nossos aviões na hora do 'perrengue'.

Depois quase um ano que voltei do Japão fui para o Afeganistão, em janeiro de 2011. Fiquei sete meses lá e pessoalmente não tive trauma algum, mas tem gente que fica

traumatizado porque tem mente fraca. Digo isso pois a última coisa que eu queria era voltar pra casa e todo mundo achar que eu era louco ... Por isso que me unia com gente mente forte, que fazíamos o que fazíamos para tentarmos amenizar, tanto para nós quanto para outras pessoas. Era um tomando conta do outro. Tinha gente que trazia o filme do Rei Leão para a gente assistir onde nos escondíamos dos ataques e a gente ficava cantando a música do filme, como *Hakuna Matata*, coisas de moleque mesmo. Parecia que a gente fugia dessa realidade de estarmos sendo atacados e entrava numa história assim... Mesmo porque sempre tinham mulheres e elas são mais fracas pra essas coisas. Quem pensa que sua filha vai passar por um ataque terrorista? As mulheres sempre tremiam muito de medo.

Duas coisas me marcaram muito na ida ao Afeganistão: no quartel não adianta a patente que você tem, você pode ser o soldado mais novato da galera ou o sargento mais velho de todos ali, uma hora você vai precisar do outro, tem que deixar o orgulho de lado. Muitas vezes eu atendia gente que a mulher estava traindo, o filho usando drogas e a pessoa ali no Afeganistão longe, sem poder cuidar dos seus problemas. Tinha um contato social também, por internet, a gente precisa de alguém para desabafar. E uma coisa que aprendi pra vida é que em uma situação dessas um cara que você nunca nem imaginou, pode virar o seu melhor amigo na guerra. Não subestimar o comportamento dos outros.

Eu tinha muitos pesadelos, e não tinha horário para eles nos atacarem, às vezes duas, três da manhã. Às vezes você estava ouvindo uma bomba explodindo do seu lado, achava que estava morrendo e na verdade era um pesadelo. Mas comecei a ter mais pesadelos pro final, tipo, 5, 6 meses lá, mas não me deixou traumatizado não.

Eu tinha pouco contato com a minha família, mas falava todos os dias pelo *facebook* com a minha mãe. Eu nunca gostei muito de *facebook* não, mas como eu tenho família em várias partes do Brasil era a forma mais fácil de saber o que estava acontecendo e me ajudou muito no Afeganistão porque eu sempre falava com a minha mãe, a tranquilizava. Então eu sempre falava com ela. Eu nunca tive medo de morrer, de levar porrada, não tenho medo dessas coisas não. E o fato não era de ser brasileiro, e, sim, de ter sido criado assim.

Quando retornei do Afeganistão para os Estados Unidos, foi tranquilo... Fui muito bem acolhido. Eu achava que tinha que ter uma tatuagem dizendo "Sou um veterano de guerra, me tratem bem, tá ligado?" Como todo mundo que passou sete

meses isolado numa área de guerra, a gente volta pensando que todo mundo vai te tratar bem.

E muitos faziam, mas alguns pareciam aborrecidos porque, você já tem aquele cabelo de corte militar, sempre bem raspado, é um veterano e a galera está pouco se fodendo. Então foi meio que uma ilusão, a gente voltou achando que todo mundo ia nos tratar muito bem, todas as garotinhas iam querer te dar beijos na boca, todo mundo ia apertar sua mão... Voltei à vida real, era como se estivesse vivendo uma história de um livro e depois retornei a realidade. Voltei a trabalhar normalmente quatro dias depois que voltei da guerra, a vida voltou ao normal, mas eu não voltei igual.

Mesmo não tendo o reconhecimento esperado em minha volta para os Estados Unidos, não me arrependi por nenhum momento de ter entrado para o Serviço Militar. O que eu fiz, eu fiz. Claro que fiz pensando naquela questão do orgulho, do patriotismo, eu não sou um “mané” que fica andando pra cima e pra baixo, sou um veterano de guerra para combater o terrorismo. Eu fiz a minha parte, entende?

No momento que você volta daquela fábula toda, e acha que vai voltar para os Estados Unidos e todo mundo vai bater palmas para você na rua, aquilo ali passou, a gente achava que ia ser uma parada totalmente mágica, mas não é. Depois que voltamos ao 'normal', você pensa "Por que eu estava pensando nisso?".

Na verdade, demora um pouco para você se reabilitar, se acostumar novamente com a vida real. Quase ninguém sabe, mas minha insônia está passando agora, não conseguia dormir, fora o nervoso, bebia para poder dormir, porque se eu não bebesse uma cerveja eu não conseguia. Larguei a academia, fiquei gordo, fiquei feio, desgraçado na vida.

Depois de um tempo passou, a gente vai se acostumando, entende? O ser humano tem uma capacidade de se adaptar às coisas muito facilmente, e depois desses meses eu voltei ao meu normal. Comecei a fazer planos para ir para o Brasil comprei passagem de avião para vir pra cá, ver minha família e descansar bastante. Voltar para o Brasil foi como uma reabilitação para mim. Sabe aquele respiro fundo quando você passa por alguma coisa? E aí você vem pra cá e não tem preocupação nenhuma. Foi um descanso depois que eu passei cinco anos sendo militar, e agora que tenho minha liberdade de volta vou aproveitá-la bastante.

Depois de todo o treinamento, me senti mais americano e ainda mais depois ir para a guerra. Um brasileiro que luta por uma terra que ele não nasceu, pô! Tem americano que nem pensa em servir o próprio país...

Eu particularmente me acho muito mais americano do que algumas pessoas que nasceram nos Estados Unidos. Eu penso assim, mas talvez quando eu era mais jovem não aceitava tanto esses negócios de Força Militar, mas pra mim quem não é patriota não merece nada. Como te disse sou patriota tanto do lado brasileiro quanto do lado americano. Então eu me sinto americano? Muito mais do que muitos moleques que nasceram ali, que acha que a vida é só festa, enquanto os primos deles estão na guerra lutando eles estão curtindo a vida as mil maravilhas.

Voltei agora novamente para o Brasil para ficar seis meses e está sendo muito bom. Curtir a família, os amigos, namorada nova. Estou com dificuldade em falar algumas paravras em português, tem palavras que eu esqueço, mas isso não me faz sentir menos brasileiro do que ninguém. Geralmente estou com minha família ou com meus amigos e eles me entendem, pelo fato de eu ter passado muito tempo longe e às vezes não ter tanto contato com outros brasileiros. Aí eu levo um esporro da minha mãe se eu errar alguma palavra em português, (risos). Alguém me corrige, mas não me incomoda porque eu gosto quando sou corrigido no português. Não estou dizendo que falo super errado, mas tem sempre uma palavra ou outra que eu confundo, ou falo errado ou misturo as palavras. Eu até prefiro que as pessoas me corrijam para eu não passar vergonha.

Se eu tivesse com 20 anos agora e aquele contrato estivesse na minha frente, se eu pudesse voltar no tempo e mudar alguma coisa, eu não mudaria não, teria feito tudo outra vez. Hoje, depois de ter passado por tudo isso, eu acho que não queria fazer tudo outra vez (risos). Não queria renovar contrato não porque eu não gostei, pelo contrário, eu adorei e vou sentir muita falta no futuro. Achei uma experiência super bacana. Se eu pudesse voltar no tempo faria tudo de novo, do mesmo jeito se não melhor. Todas as oportunidades que eu pude ter, por exemplo, eu deixei de ir para a guerra do Iraque por uma bobeira. Eles, meus patrões, não queriam me deixar ir porque eu tinha acabado de comprar um carro e não queriam que meu carro ficasse parado (risos), então não pude ir para o Iraque.

Gostaria de ter ido ao Iraque porque não me alistei para ficar sentado atrás de um computador. Não entrei no serviço militar para varrer chão e limpar banheiro o tempo todo. Por mais que a gente faça isso muito, não foi a minha intenção. Eu queria voltar com medalha no peito, eu só não consegui ir pra guerra do Iraque porque já estava no final dela quando eu estava pronto para ir, era a última missão que meu departamento ia fazer, que durou seis meses. Mas como estava precisando me locomover, comprei um

carro e meus patrões me disseram que fulano de tal precisava mais do que eu e porque eu tinha comprado um carro e eles não queriam que ficasse parado por seis meses, que eu só tinha 21 anos de idade... Começaram a inventar um monte de coisas, então que eu acabei nem indo. Na época isso me deixou chateado, mas hoje não me arrependo não.

Do dia que entrei no quartel até o dia em que saí serão dias que nunca vou me esquecer na vida. Todos os amigos que eu fiz, todos os momentos que eu passei, os bons e os ruins. Todas as coisas boas e ruins que eu vi, todas as coisas que aprendi serão levadas na memória para sempre. Em nenhum momento me arrependi de nada que fiz, só lembranças boas e o que foi ruim tento esquecer... Se não consigo esquecer, deixa pra lá, não preciso falar, afinal ficar relembrando coisa ruim pra quê? Tento guardar sempre as coisas positivas dentro da memória e levar pra sempre comigo.

Eu não queria ter uma medalha pra mostrar a missão que fiz, quando digo medalha no peito é que posso dizer aos meus netos um dia que eu participei de uma guerra, entende? Tenho histórias para contar, eu vou poder sentar um dia em um bar em qualquer estado ou qualquer cidade dos Estados Unidos, um dia vou encontrar um veterano de guerra também e vou poder me sentar, tomar uma cerveja com ele. Isso pra mim que é a medalha que realmente vale a pena. Aquela coisa que você carrega no peito ali não custa dez dólares, qualquer um pode ir a uma loja e comprar, não significa nada. O que significa mesmo é a história que você tem pra contar, as experiências que você passou, entende?

Muita coisa muda quando você vai pra guerra, mas que bom que eu estive nela e isso me mudou, porque anteriormente era meio que uma ambição, ir pra guerra e fazer coisas que muita gente não quis. Mas depois que você vai e volta, vê que é muito mais do que aquilo, é uma questão de orgulho você poder dizer que fez sua parte, entende? Você não é simplesmente um vendedor de carros. Para mim uma pessoa que serve seu país ela merece muito mais respeito do que várias outras pessoas. Você passa por momentos difíceis, então se você largou cinco anos da sua vida que você poderia estar sei lá, fazendo qualquer coisa e você sacrificou aqueles cinco anos da sua vida para servir o seu país, para mim aquela pessoa merece muito mais respeito do que uma pessoa normal.

Meu projeto de vida é voltar quando eu quiser ou precisar, poder ficar um pouco lá e um pouco aqui, porque tenho família nos dois países e não quero me desligar de nenhuma das duas famílias, por isso penso ficar sempre indo e voltando. Muitas pessoas me perguntam se eu entrei pra ganhar cidadania porque lá dentro dá cidadania,

não sei o que lá. Na verdade não é qualquer um que pode entrar, precisa ter *green card*, o *social security*, precisa de todas essas coisas, precisa falar inglês fluente... Então a questão da cidadania americana, eu já tinha, então não sei, não foi um dos benefícios que eu precisava no momento. Isso pra mim não significava nada. Na verdade eu até apoio as pessoas que dizem entrar no serviço militar e são de outros países que tem o *green card* para acelerar o processo de naturalização. Pô, se você quer servir o seu país eu acho que você merece, você está provando para todo mundo que merece ser um cidadão, você está fazendo esse papel porque não merece ser um cidadão? Isso que eu acho legal do governo americano. Não foi o meu caso, porém eu apoio muito os brasileiros que querem fazer essas coisas por esse motivo, por que não?

Sempre fui uma pessoa que gostava de conhecer culturas e lugares diferentes, no próprio Afeganistão eu fiz muitos amigos britânicos, e vou fazer um mochilão por lá algum dia, pelo menos lugar para ficar eu tenho, e amigos para me guiar. Eu nunca tentei fazer com que as pessoas fossem iguais a mim – “Eu quero que você se interesse pelas culturas diferentes”. E tinham pessoas que se interessavam então eu meio que me empolgava e falava demais - "Brasil é maravilha, Brasil é tudo, então vem para o Brasil que todo mundo vai te acolher de braços abertos." E por conta de falar tanto, a galera falava 'Brasil aqui, Brasil ali', pegou, e em um daqueles momentos de plena felicidade, fui lá e fiz uma tatuagem da bandeira do Brasil nas costas.

Nunca tive problemas com essa tatuagem primeiramente porque só quem via essa tatuagem era quem ia para a praia comigo ou quem tomava banho comigo (risos). Então nunca incomodou ninguém. Como te disse eu tenho orgulho do Brasil, eu nasci e cresci aqui, fui educado grande parte da minha vida aqui, minha família é daqui, eu posso estar morando na China, mas sempre vou ter esse 'jeitão brasileiro', sociável, vou sempre ser simpático com as pessoas, nunca vou tratar ninguém diferente porque foi assim que eu fui criado. Vim de uma família muito simples e nasci simples, portanto simples eu vou morrer, entende? Uma coisa que eu quero levar para o resto da minha vida é a simplicidade, eu valorizo muito mais as coisas espirituais do que as coisas materiais, entende? Admiro muito mais uma pessoa que sorri pra você e te diz "Bom dia" do que uma pessoa que vem e te dá 10 reais, então é isso que coloca um sorriso em meu rosto.

Eu levava um monte de esporro, porque eu tenho os dois braços tatuados já. E tem um uniforme que usamos que é só do cotovelo pra cima, então aparecia tudo (risos). Você me vê aqui pela *webcam* de cabelos e barba grandes é porque estou fora, mas lá

dentro não é. Quem me via de uniforme via um Gabriel de barba bem feita, cabelinho raspado. Mas quando usava um uniforme que mostrava mais a pele, via o pessoal me olhando diferente por causa das minhas tatuagens. Mas isso acontece em todo o lugar, agora eu moro em uma cidade muito pequena aqui no Brasil, então as pessoas não estão muito acostumadas com gente tatuada, meio que evito andar nas ruas de dia para o povo não ficar me olhando.

Minha tatuagem do Brasil nunca causou nenhum tipo de comentário, eles entendiam que eu fiz porque nasci no Brasil e tenho um amor enorme por esse país. Eu não botei porque, sei lá, *'fuck you USA'*, não era essa. Tenho uma tatuagem escrita em inglês, em português, e tenho o símbolo dos Fuzileiros Navais no braço. Eu não tenho a bandeira e nem escrito 'Estados Unidos', mas tenho uma coisa americana aqui muito mais forte do que qualquer outra tatuagem pra mim. Sempre que passo em aeroportos, sempre vem e perguntam sobre essa tatuagem, quando que eu servi e por que, quando que eu saí. Sempre tem um Fuzileiro Naval perdido pelo mundo.

5. Vinicius Dias (VD.), 1st Class Petty Officer da Marina dos EUA

“Minha cidadania saiu no fim de semana do 4 de Julho. Então foi aquela comemoração toda, por ser o dia da independência dos EUA e o primeiro dia que eu era cidadão norte-americano. E foi em um porta-aviões, onde só militares ganharam a cidadania”

(Vd. se despede da esposa antes de embarcar para a guerra no Oriente Médio)

Entrevista realizada no dia 10/01/2013, via Internet.

Ferramenta utilizada: Skype

Entrevistador em Cambridge, Massachusetts.

Colaborador em San Diego, Califórnia.

Entrevista em português.

Posso começar? Bom, eu prefiro falar em português, eu posso misturar algumas coisas em inglês, mas prefiro falar em português mesmo. Meu nome é V. D., eu vim para os EUA com 14 anos de idade. Eu sou natural de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A princípio, meus avós me trouxeram para os EUA para que eu pudesse morar com a minha tia. Eu não sabia ainda se eu queria ficar por aqui ou se eu queria voltar para o Brasil. Na verdade, no começo eu só iria ficar alguns meses. Mas, depois do primeiro mês, eu decidi ficar. Comecei a estudar e entrei no “*High School*” – que é o segundo grau no Brasil. Isso tudo aconteceu em *Cambridge, Massachusetts*.

Passados dois anos eu mudei para *Malden*, outra cidade na região metropolitana de Boston – assim como Cambridge - e lá continuei os meus estudos até me formar no segundo grau.

De certa forma, meus tios me criaram desde os 14 até os 18 anos, que foi o período que estive morando com eles. Meus pais sempre moraram no Brasil, até hoje moram lá. Minha mãe às vezes vem me visitar, mas quem me criou mesmo foi a minha tia e o meu tio. Foram eles que me deram educação e tudo mais.

Com o fim da *High School*, eu comecei a trabalhar na área de construção. Era um trabalho muito pesado. No inverno a gente sofria muito com o frio, mas no verão sofriamos também com o calor. Sempre era difícil. Até que um dia eu decidi mudar de vida, arrumar outro ramo para trabalhar.

Com esse objetivo em mente, eu comecei a buscar quais opções eu teria para melhorar na vida. E uma dessas opções era virar militar. Então eu, a princípio, resolvi entrar para o Exército dos EUA. Entretanto eu já estava casado – casei com 22 anos de idade -, e minha esposa não me deixou entrar para o Exército. Ela tinha medo que eu fosse morrer em combate, em alguma guerra, ou missão...

Então ela me deu duas opções: ou a Guarda Costeira, ou a Marinha. Com isso em mente, eu decidi conversar com os recrutas da Marinha, para saber como era de verdade. E na conversa, eles me propuseram uma oportunidade boa de trabalho, eu gostei bastante. Então eu logo assinei o contrato e, dentro de duas semanas, eles me mandaram para o treinamento inicial, o chamado “*boot camp*” (campo de treinamento), onde fiquei treinando e morando durante dois meses.

No começo o treinamento foi um pouco... *challenging* – um pouco difícil – para mim, não por causa da língua, eu falo inglês muito bem desde os 14 anos e meio de idade. Mas porque tudo era diferente para mim. Você tinha que tomar banho com 40 homens dentro do mesmo banheiro, tinha que escutar o povo te dando ordem o tempo

todo – e isso era algo que eu não estava acostumado e que eu não gostava muito. Então foi um pouco difícil me ajustar ao estilo de vida militar de começo.

Mas, no final das contas, para mim foi até bom. Eu estava um pouco acima do peso e durante o treinamento perdi mais ou menos uns 20 kg. E deu tudo certo, me graduei bem. Quando saí de lá, me mandaram para a escola, aprender uma função específica para desempenhar dentro da Marinha.

Na época, eu escolhi trabalhar com “*damage control*” (controle de danos), que é o equivalente a um bombeiro – um *firefighter*. Fui para Chicago estudar, e lá fiquei por mais ou menos 6 meses, aprendendo tudo o que eu precisaria saber para estar em um navio da Marinha dos EUA.

No final desse treinamento, com o trabalho na mão, me ofereceram algumas opções para que eu escolhesse onde eu preferia morar e trabalhar. Tinha a Virgínia, Flórida, Washington, Califórnia, Havaí e Japão. Eu já estava muito cansado dos invernos de Boston, então eu queria um lugar um pouco mais quente, mas ainda dentro dos EUA. Então eu fiquei entre Flórida e Califórnia.

A vaga na Califórnia abriu primeiro, então me mandaram para cá, San Diego, onde vivo até o dia de hoje. Apesar do clima bom, foi difícil para mim e para a minha esposa chegar aqui na Califórnia. A gente não conhecia ninguém aqui. Eu tinha um trabalho certo, a gente fazia dinheiro, mas tivemos que começar tudo do zero na nossa vida. Tivemos que procurar casa, encontrar um lugar novo para morar, minha esposa teve que arrumar um novo emprego. E também a gente ficou um pouco só, sem nenhuma amizade. Então, o primeiro ano foi bem difícil para nós dois.

E quando eu comecei a trabalhar aqui, também foi um pouco diferente do que eu esperava. Mas, é como eu falo até hoje: é um dos trabalhos mais fáceis que eu já tive na minha vida. Eu chego lá as 6 ou 7 da manhã – dependendo da hora – e 4 da tarde já vou embora. Tenho meu salário a cada 15 dias, não preciso me preocupar com o que eu vou fazer amanhã, se eu vou ter trabalho ou não – coisa que era muito comum na época que eu trabalhava com construção, muitas vezes não tinha trabalho, então você ficava sem receber nada.

Outros benefícios que eu tive para mim e para a minha esposa foram os benefícios médicos, eles pagam uma faculdade para a gente. Então os benefícios que a gente ganhou foram muito maiores do que eu poderia ter na construção, então foi bem vantajoso e legal.

Depois de um ano que eu já estava servindo na Marinha, quando eu já conhecia tudo e todo mundo me conhecia, eles me mandaram para um “*deployment*” – me mandaram para a guerra. Eu iria ficar de 6 a 9 meses no mar, mas acabei ficando 8 meses e pouco. E durante esse período o meu “*green card*” iria vencer. Então imagina se eu vou para a guerra e na volta teoricamente não posso entrar nos EUA?

Mas na Marinha você pode aplicar para a cidadania grátis. Nenhum serviço militar nos EUA obriga você a ter a cidadania para entrar. Mas, para alguns trabalhos, torna-se obrigatório você ter cidadania, se for algum trabalho secreto.

Com meu *green card* vencendo e eu indo passar todo esse tempo fora do país, eu pensei: “agora é a hora de fazer minha cidadania”. E a única coisa que você tem que fazer é aplicar e esperar. A minha cidadania saiu em um mês.

E foi bem legal, até porque a minha cidadania saiu no fim de semana de 4 de Julho. Então foi aquela comemoração toda, por ser o dia da independência dos EUA o primeiro dia que eu era cidadão norte-americano. E foi em um porta-aviões, onde só militares ganharam a cidadania. Foi a maior cerimônia de entrega de cidadanias para militares da história dos EUA. Isso foi em 2010.

Foram cerca de 300 pessoas que ganharam a cidadania de uma vez. E a única cerimônia que foi perto dessa, foi uma realizada em Bagdá, no Iraque. E foi bem legal, foram todos os militares, todas as pessoas que viraram cidadãos também e suas famílias, foi um grande dia.

E foi importante para mim, poder virar cidadão. A minha esposa é americana, então eu não tinha nenhum problema de permanência no país. Mas para mim isso abriu muitos caminhos. Na Marinha, em si, muitos trabalhos não me obrigam a ser cidadão. Mas se eu quiser virar um Oficial, ou qualquer cargo mais alto, eu preciso ser americano. Então, para mim, a naturalização abriu várias portas.

Durante meu *deployment*, acompanhamos um porta-avião no Golfo Pérsico, portanto o navio que nós estávamos não entrou em combate direto. Mas, de lá saíam diversos caças que iam para o Iraque e para o Afeganistão, fazer as missões deles. Eu trabalhei em *Cruiser* (tipo da embarcação), ele tem mais ou menos uns 560 pés de tamanho; nós tínhamos a responsabilidade de proteger o porta-aviões. Mas, no fim das contas, não tivemos nenhum combate de navio contra navio. Apenas uma vez mandamos mísseis para um lugar lá – que eu não posso falar onde.

Eu considero os EUA mais o meu país do que o Brasil. Tudo que eu tenho hoje, eu consegui aqui. Tá certo, eu nasci no Brasil e passei metade da minha vida lá, metade

aqui, mas as coisas que eu consegui na minha vida – e não foram só coisas materiais, minha esposa também, que é hoje minha família – foi graças ao que eu fiz aqui nos EUA. Então eu tenho os EUA como o meu país. O fato de eu ser brasileiro e americano ao mesmo tempo às vezes é bom, como por exemplo, se me der uma loucura e eu pensar: “não quero ir para a guerra”, eu posso sempre correr para o Brasil (risos)...

Mas a dupla cidadania não me faz muita diferença. Às vezes no meu trabalho, se eu falo para alguém que nasceu no Brasil o povo fica um pouco assustado, não imaginava isso. Então acho que às vezes muda um pouco o jeito que a pessoa trata você. É complicado, no serviço militar tem pessoas de todos os estados; tem gente do Alaska, gente do Texas; eu cheguei a conhecer, dentro do serviço militar, gente que nunca tinha visto uma pessoa negra antes de na vida. Então tem muitos amigos meus no trabalho que eu sou a única pessoa brasileira que eles conheceram na vida. Então eles perguntam: “como é lá no Brasil? O que vocês fazem lá?”. Depende muito da pessoa, tem pessoas sim que, por causa do meu cargo, tem preconceito contra mim. Não contra mim especificamente, eles tem preconceito contra imigrantes, contra negros, contra um monte de coisas... E fica difícil às vezes para mim, dar uma ordem para eles que eles hesitam em escutar. Eu já tive esse problema, de uma pessoa fazendo um trabalho que eu mandei, e ele chegou até a fazer o trabalho todo direito. Mas, nas minhas costas, ele falou que eu era um imigrante e que ele não tinha que fazer nada que eu falava para ele, que ele que era um americano de verdade. Isso dentro da Marinha.

Não digo que é uma coisa normal. Para a gente todo mundo é azul (da cor do uniforme), é uma das coisas que a gente fala. Mas, às vezes você tem uma ou outra pessoa, em qualquer lugar do mundo na verdade, sempre vai haver aquela pessoa que tem aquele preconceito, entendeu? Então às vezes acontece, mas eu não ligo muito para essas coisas.

Eu não deixo isso me afetar não, porque eu sei que foi a criação da pessoa que levou ele a ser assim. Como eu já disse, tem muita gente lá que cresceu no meio do nada, e que aprendeu só o que os pais disseram. Então eu não posso julgar a pessoa pela ignorância dela. Então eu não ligo muito para essas coisas, até porque se eu deixar me afetar eu fico doido.

Dependendo do que for, eu fico um pouco triste na hora, mas passa. Às vezes eu acho que é sacanagem porque eu estou servindo um país. Nós, os militares, somos apenas 1% da população do país, ou seja, não é todo mundo que vai lá e assina um papel dizendo: “vou dar a vida para vocês por 4 anos”, porque é aquela coisa, depois

que você assina o papel é como se você fosse propriedade do governo, se eles quiserem me mandar para uma guerra hoje, eu tenho que ir, eu assinei aquele papel, do mesmo jeito dessas pessoas que fazem esses comentários. Mas ainda bem que isso não é comum.

A minha esposa gosta do que eu faço, já foi no meu trabalho, foi até para o mar com a gente, tem até mesmo um dia que levamos nossas famílias para o mar para eles conhecerem o que a gente faz. Então ela sabe o que eu faço e os perigos que eu corro. Como bombeiro da Marinha eu posso morrer num fogo, posso morrer numa enchente. Até porque a gente não só apaga fogo, a gente também tem que trabalhar na precaução. Por exemplo, se um míssil acerta o barco, é o meu trabalho tentar tampar esse buraco para não deixar o navio afundar. Então, eu não vou ter o problema de morrer baleado numa guerra, mas posso morrer apagando um fogo, fazendo meu trabalho. E minha esposa sabe os riscos e entende. Não foi uma coisa que eu decidi e ela teve que aceitar, nós decidimos juntos e na verdade fazemos juntos o trabalho.

Ela não gosta muito de quando vamos para o mar e ficamos muito tempo longe. Ela fica sozinha. Que nem agora; começamos a treinar para ficarmos no mínimo 7 meses no mar. Partiremos em agosto. Hoje em dia já é mais fácil por causa da tecnologia, mas mesmo assim é diferente de estar todos os dias aqui.

Minha família daqui dos EUA, que são meus tios, eles já estão aqui desde 1989, então eles são mais americanos do que brasileiros hoje em dia. Eles gostam do que eu faço e acham que é uma coisa muito patriota da minha parte. Eles são “*proud of me*”. Agora, a minha família no Brasil acha um pouco de loucura o que eu faço. Eles me falam: “você é brasileiro, por que você está fazendo isso?”. Mas, mesmo assim, eles não me julgam muito por isso.

Eu sempre tive vontade de me alistar, eu era louco de vontade de entrar para o Exército. Na verdade, desde pequeno aqui eu sempre quis me alistar, talvez por causa de filmes, não me pergunte o porquê que eu não sei. E bem quando eu terminei o segundo grau, recebi um telefone dos recrutas do Exército perguntando se eu queria servir. Eles pegam uma lista de todo mundo que está se formando e ligam para perguntar se você quer servir. Não é uma obrigação, eles só querem fazer o trabalho deles, que é levar jovens para dentro do serviço.

Então eles me ligavam e tal... E eu falava que não estava interessado, até porque não época eu era ilegal aqui, não tinha meus papéis, então não podia. A última vez que um deles me ligou eu disse para eles: “eu não sou legal aqui, não tenho o ‘*green card*’

então não posso me alistar. Se você me der o papel eu me alisto agora” e ele falou que não podia me ajudar, que se isso fosse um ano atrás ele poderia conseguir os papéis para mim, mas que agora não tem mais essa lei. Então eu perdi a oportunidade de me alistar logo saindo do “*High School*” por isso.

E aí passou e eu sempre com aquela vontade. Comecei a trabalhar, casei. Mas sempre fiquei com aquela vontade de servir. Com o casamento eu peguei os meus papéis, decidi então mudar de profissão e entrar na Marinha. Liguei para o recruta, fui lá, fiz um teste escrito, para avaliar quanto eu sabia de matemática, inglês e outras coisas gerais. Depois que eu passei na prova me deram oito opções para eu escolher de trabalho, mas o que mais me interessou foi o de bombeiro, pensando até em, se um dia eu deixar a Marinha, eu posso arrumar rapidamente um trabalho no civil como bombeiro.

O primeiro mês na guerra todo mundo fala que parece que é o mais difícil, dizem que o tempo nunca passa e é verdade. Dá saudade das pessoas, e dá saudade de ver terra. Muitas vezes, você passa semanas só vendo água. Mas fui promovido quando estava no mar. Na Marinha você tem que ter muitas qualificações e honras, é assim que você sobe de cargo. E a maioria dessas honras você só consegue no “*deployment*” (guerra), então profissionalmente me impulsionou na carreira ter feito o “*deployment*”.

Mas foi bem legal na ida que paramos em diversos Portos, então eu pude conhecer 6 países diferentes. Estivemos na Tailândia, Cingapura, Abu Dabi, Arábia Saudita e Barein, além do estado do Havaí. E foi muito bom conhecer lugares e culturas diferentes.

Medo de ir para a guerra, eu não sei... Toda vez que a gente vai para o Oriente Médio é bastante perigoso. A gente passa perto o Irã, do Iraque. Mas medo de morrer em guerra mesmo eu nunca tive. É uma coisa que a gente fala na Marinha é que a gente confia muito um no outro, até mesmo para que um proteja o outro. Então eu confio muito nos meus amigos e por isso medo de morrer na guerra eu não tenho.

Uma vez, estávamos em trânsito entre a ilha de Guam e o Japão, e como o barco é movido a diesel, ou a gente para para abastecer ou abastecemos no mar. E o que acontece é que um outro barco enorme encosta no nosso e transmite o diesel. E uma dessas vezes, quando eles começaram a colocar o diesel no nosso barco, eles colocaram muita pressão e um dos nossos tanques abriu um buraco. Meu trabalho foi tapar esse buraco e a gente quase morreu. Isso porque dentro da sala onde o diesel estava vazando possuía componentes eletrônicos, coisas que poderiam causar uma faísca e explodir.

Então naquele dia eu realmente pensei que ia morrer. Eu estava coberto em óleo diesel, vazou mais de 2 mil galões de óleo diesel, mas nós conseguimos manter outros 18 mil galões dentro do tanque. Enfim, deu tudo certo, mas eu realmente achei que iria morrer naquele dia.

Outra vez em que eu fiquei um pouco com medo foi quando estávamos em trânsito pelo estreito de Hormuz – que é entre a Índia e o Golfo Pérsico. São oito horas de trânsito pelo estreito e de um lado fica o Irã, do outro os Emirados Árabes. Como somos amigos dos Emirados Árabes, a gente passa pelo lado deles. Mas o Irã, com seus navios de guerra e barcos menores ficam atirando a gente, provocando a gente como se fossem nos atacar para ver se a gente morde a isca e ataca. Então ali foi uma situação em que eu fiquei um pouco com medo. Eu fui para o lado de fora do barco ver o que estava acontecendo e vi algo como 15 barcos de médio porte deles vindo à nossa direção em velocidade total. Eles não paravam e nem a gente, então eu olhei e pensei: algo vai acontecer aqui. E graças a Deus não aconteceu nada. Você via os Marinheiros do lado de lá com aqueles Fuzis e metralhadoras automáticas, e aqueles calibres 50 que se segura em cima do barco, aqueles enormes. E apontando para a gente. E a gente sabe que aquilo se pegar em você explode uma parte do seu corpo, até porque a bala em si é muito grande.

Outra vez também que eu fiquei um pouco com medo foi quando paramos na Arábia Saudita para fazer um treinamento com a Marinha local de lá. E, de onde a gente parou até a base, ainda tínhamos que fazer uma pequena viagem de ônibus. A gente foi então escoltado por carros do Exército da Arábia Saudita e da Marinha. Mas é como eles nos falaram, 99% das pessoas na Arábia Saudita odeiam os americanos. A gente ficou com medo de algum atentado, explodirem o ônibus, não sei. A gente não tinha defesa, estávamos no meio da rua... Então uma bomba, qualquer coisa.

Mas foi muito legal e importante a união com os colegas. Especialmente a gente que está no barco, a gente passa muitos meses sem ver ninguém, a não ser os colegas que estão servindo com a gente. E você dorme todo dia do lado das mesmas pessoas, toma banho com as mesmas pessoas, passa o dia inteiro com as mesmas pessoas, então você acaba fazendo uma amizade muito grande. E quando você para nos portos e tem folga é aquela farra. Então a gente é muito unido e confiamos um no outro. E acho que nesse ponto o “*deployment*” foi bem legal até.

Mas mesmo com todas as experiências ruins que eu tive, eu nunca me vi obrigado a pensar: “por que eu estou na Marinha? Por que eu fiz isso?”. A única coisa

que me deixa um pouco chateado às vezes é pensar o motivo pelo qual eu estou fazendo tanto trabalho, quando queria estar em casa. Eu falo isso porque eu dou ordens, mas também recebo ordens de pessoas mais altas que eu. E às vezes eu tenho que ficar até muito tarde sem fazer nada, olhando para a parede, simplesmente porque meu superior não deixa sair de lá, mesmo sabendo que eu já fiz todo o meu trabalho. Então eu acabei de me alistar novamente para mais 6 anos de serviço e eu fico pensando se eu realmente fiz uma boa escolha por isso. Mas em relação ao meu trabalho eu tenho muito orgulho.

Eu vou ficar na Marinha até quando eles me deixarem. Eu tenho contrato para mais 5 anos agora e, portanto, completarei 9 anos e meio. E acabando esse período eu terei a opção de renovar por mais 5 anos. Então, se tudo correr como planejado eu planejo completar os 20 anos de serviço. E eu converso com a minha esposa bastante sobre isso, eu sempre falo que a gente vai decidir junto e quando chegar lá. Mas quero ficar por causa dos meus benefícios.

Se eu completar os 20 anos de serviço, vou me aposentar da Marinha com 45 anos de idade e receber pelo resto da minha vida. Então eu vou ficar com muitas opções na vida, poderei trabalhar em outro emprego simultaneamente, ou simplesmente descansar. Mas vou te dizer, meu plano é me aposentar e voltar para o Brasil. Quero comprar uma casa no mato, no meio do nada e viver bem com a minha esposa. Esse é meu plano.

Na maioria, os oficiais acham bem legal o que eu faço. Pelo fato de eu não ter nascido nos EUA eu faço até mais do que deveria e acho que eles valorizam o que eu faço ainda mais do que os americanos, porque eles nasceram aqui e tem uma obrigação com esse país que eu a princípio não teria. Não é que eu tenha privilégios, mas as pessoas me veem como se eu fosse mais corajoso do que os americanos. Porque eu não nasci aqui e mesmo assim estou no serviço militar deles.

Uma coisa que eu notei bastante é que não só os brasileiros, mas os imigrantes em geral trabalham mais do que os americanos. A gente ganha mais respeito, justamente pelo tanto que a gente trabalha. Os americanos, em sua maioria, são bastante vagabundos. É igual na construção. Sempre um imigrante trabalhava mais do que um americano. Então você tem essa vantagem sobre eles e por isso que eu subi de cargo muito rápido, porque eu trabalhava muito. E isso me ajudou bastante. Se você trabalhar duro e mostrar que você trabalha bastante vai conseguir os “rewards”, vai ser reconhecido.

Do jeito que eu vejo o que eu faço é assim: eu sou como um policial prendendo pessoas, ou um agente de imigração prendendo imigrantes ilegais. Eu muitas vezes não gosto do que tenho que fazer, mas nem sempre a decisão é minha. Para mim é um trabalho, faço o que tenho que fazer e vou embora.

Mas o que eu sinto é que os americanos pensam, por causa do que aconteceu no 11 de setembro de 2001, que não foi só o Osama que cometeu o ato, e sim, que foram todos os árabes e muçulmanos, então eles tem muito receio com as pessoas do oriente médio. Mas quando eu falo isso eu não me refiro diretamente aos militares, até porque a gente tem treinamento, inclusive com os próprios Exércitos do Oriente Médio, então a gente conhece eles bem e não odeio eles. Eu tenho uma colega de navio que ela nasceu no Paquistão, o que é uma coisa que os americanos não gostam muito. É uma mentalidade que as pessoas têm aqui, até se sentar uma pessoa do oriente médio do lado de um americano no avião ele vai ficar com medo. Então o preconceito existe muito aqui, mas dentro da Marinha se existe ninguém fala. Pelo menos na Marinha é uma coisa muito séria você julgar as pessoas por raça ou sexo. Inclusive se você for homossexual na Marinha você pode falar abertamente sobre isso sem ser julgado por ninguém. Você fazendo bem seu trabalho é isso que importa.

Quando qualquer país mata pessoas civis eu acho muito triste. Não me importa se é os EUA, a Inglaterra ou a França. Não sei como dizer... Eu me sinto um pouco triste em ver. Não é justo para as pessoas morrerem desse jeito porque dois governos estão lutando por uma terra.

Eu prefiro não pensar nessas coisas. Se eu pensar, às vezes fica pior. Eu não penso nos que os EUA faz, ou que a Inglaterra faz, porque senão eu posso me sentir mal. Não penso se eles matam pessoas inocentes, para não sentir culpa até.

Eu tenho amigos meus que já foram para a guerra no Iraque e no Afeganistão. E eles falam que a maioria das vezes que morrem civis lá, não é a nossa Força Armada que os matou. Mas sim eles tentando acertar americanos e acabam errando o alvo e matando pessoas inocentes. Então quando você vê na televisão, a maioria das vezes são os terroristas matando as pessoas por “*collateral damage*” (danos colaterais) – como a gente chama – era para matar os americanos e você acaba morrendo junto porque estava lá.

Eu acabei de chegar do Brasil agora e as pessoas lá me veem um pouco diferente. E aqui também, dependendo do estado, é claro. Tem estados que gostam mais e tratam melhor os militares do que em outros estados. Então às vezes você vai comprar

uma caixa de cervejas, vamos dizer, no mercado, e eu mostro uma identidade militar e quando entregam minha identidade de volta me falam: “obrigado pelo seu serviço”.

Teve uma vez também que eu tive que voar para outro estado aqui para fazer um curso e como era pela Marinha eu viajei de uniforme. E muitas pessoas que eu nunca vi na vida vieram até mim me cumprimentar e agradecer pelo que eu faço. Então é gratificante e muda bastante a maneira que as pessoas olham para você. As pessoas aqui muitas vezes sabem pelo meu corte de cabelo, ou pelo jeito que eu ando que eu sou militar. E também pela educação, por causa do nosso treinamento, os militares agradecem tudo. Então muda bastante o jeito que as pessoas tratam a gente e muitas vezes é um jeito bem melhor do que se você fosse um civil.

Eu me sinto mais americano hoje em dia. Até pelo que eu faço. É difícil fazer o que a gente faz, por causa dos sacrifícios que a gente tem que aguentar. Temos que ficar longe da família, dos filhos – eu não tenho filhos, mas muitos amigos meus tem. Mas eu me acho mais americano hoje por causa do meu serviço a esse país.

Me perguntam muito se eu já matei alguém, mas eu nunca. Eu não tenho nenhum envolvimento com armas. Na Marinha você pode estar no serviço militar e até salvar vidas, se você for um médico ou alguma coisa. Fazemos muitos serviços comunitários quando chegamos a países pobres. Em Cingapura nós pintamos uma escola, arrumamos a pracinha. E foi muito gratificante poder ajudar as pessoas. Nosso trabalho não é só matar as pessoas más, acabar com o nosso inimigo, nosso trabalho é também ajudar as pessoas e proteger a vida das pessoas. Se acontece um desastre, por exemplo, – como o desastre o Haiti, por exemplo – em dois dias tinha um Navio da Marinha para ajudar eles. Então nosso trabalho não é só fazer guerra. E essa é uma das coisas que eu acho bem legal no meu trabalho.

Quando eu vou para o mar uma das coisas que eu faço é não só cuidar das emergências no nosso próprio barco, como é também ajudar outros barcos que precisem de ajuda. E duas vezes eu ajudei navios iranianos, barcos de pescador que estavam perdidos. Um deles foi um barco que estava sem combustível e estava boiando sem direção havia 6 dias. E tinha crianças no barco, era um total de 10 pessoas e eles não tinham comida nem nada. Então a gente deu comida e óleo diesel e mandamos eles de volta para o Irã. E o outro barco estava com problemas no motor e conseguimos consertá-lo. Então essa é uma parte do meu trabalho que eu acho muito legal. Gosto muito de ajudar as pessoas.

6. UR. – Ex-sargento do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA, natural de Newark, New Jersey, EUA.

“Todo domingo a gente fazia questão de fazer um churrasco. E eu era o cozinheiro. Sabendo disso, a minha mãe começou a mandar sal grosso para a gente no Iraque, para que eu fizesse um churrasco brasileiro mesmo lá na base”.

Entrevista realizada no dia 18/01/2013 Via internet.

Ferramenta utilizada: Skype

Entrevistador em Cambridge Massachusetts, EUA.

Colaborador em Jacksonville, North Carolina, EUA.

Meu nome é UR., eu nasci em Newark, New Jersey, ou seja, nasci no Brasil (risos). Sou filho de pai e mãe brasileiros que moravam aqui nos EUA como imigrantes. No entanto, quando eu ainda era muito novo, meus pais resolveram retornar ao Brasil, à região de Governador Valadares, em Minas Gerais que é onde eles nasceram. Lá eu cresci, passei 11 anos vivendo no Brasil até que meus pais resolveram voltar para os EUA. Isso aconteceu no ano de 2000.

Sempre tive o sonho de servir às Forças Armadas. Para mim, então, não importava muito onde eu estava. Se eu estivesse no Brasil quando completasse 18 anos eu ia fazer o tiro de guerra e tentar entrar na Força Aérea do Brasil. Mas como meus pais mudaram para os EUA eu acabei servindo nos EUA mesmo. Até porque o equipamento aqui é muito mais avançado e aqui é bem mais fácil de entrar. A oportunidade aqui é maior, pelo menos na minha situação. No Brasil o serviço militar é muito mais concorrido.

É tudo uma questão de oportunidade, entendeu? Se eu tivesse no Brasil e defendendo as Forças Armadas do Brasil eu defenderia a pátria. Mas eu estou aqui e foi a oportunidade que a vida me deu. Muita gente me pergunta: “e se um dia os EUA entrassem em guerra contra o Brasil, o que você faria?”. E essa é uma pergunta que eu mesmo não sei responder. Não sei em qual lado eu ficaria. Eu tenho os EUA na cabeça, mas o Brasil no coração. Nessa situação eu acho que iria para a Suíça – que é um país neutro (risos).

Acontece que quando a gente promete e jura a bandeira aqui nos EUA e jura ao país, a gente faz de coração mesmo, entende? Não é pensando no nosso futuro aqui e no que pode ocorrer.

Como todos sabemos, em Setembro de 2001, um ano e pouco depois de eu chegar aqui, houve o 9/11 – o ataque terrorista aqui. Isso fez com que eu realmente tomasse a decisão de entrar nas Forças Armadas aqui. Na minha escola eu tive uns 3 ou 4 colegas que perderam os pais no atentado. E eu pensei: como americano... Eu penso que todo mundo deveria servir, independente de nacionalidade. Se você é estrangeiro e quer morar aqui, quer fazer isso aqui a sua pátria, você deve servir. E também não importa onde. Se você está no Brasil, deve servir ao Brasil.

E tudo aquilo me afetou bastante, eu morava a 40 minutos de Nova Iorque, então eu vi bem de perto tudo o que aconteceu e isso ajudou na minha decisão de me alistar logo.

No entanto, quando eu decidi entrar nas Forças Armadas, a minha primeira escolha foi a Força Aérea, mas quando eu fui no escritório da Força Aérea para fazer meu recrutamento não encontrei ninguém lá. Voltei ainda algumas vezes e os caras nunca estavam lá! Isso aconteceu umas quatro vezes. E do lado desse escritório encontrava-se o Corpo dos Fuzileiros Navais, os *Marines*. O cara dos *Marines* me viu, e me chamou: “vamos conversar aqui”. E nessa conversa ele me disse que caso eu tivesse uma boa pontuação na prova, eu teria a mesma oportunidade que eu poderia ter nas Forças Aéreas. Então, dia 10 de outubro de 2002, eu assinei os papéis, assim entrando para o Corpo dos Fuzileiros Navais.

Dia 18 de Agosto de 2003 eu fui para o treinamento básico, o “*Boot Camp*”. Lá... Lá são três meses de exercício, aprendendo as normas e história do Corpo dos Fuzileiros Navais. Aí é aquela coisa, o pessoal gritando na sua cara, você aprende a atirar, etc... Lá foi... Foi uma experiência e tanto. É uma coisa que foi muito difícil, mas eu dou graças a Deus que eu fiz. Na época eu tinha acabado de fazer 18 anos e durante esses três meses eu realmente amadureci muito.

É curioso que, mesmo tendo nascido nos EUA eu tenho um sotaque bastante forte no inglês. Então tinha vezes lá que o “*drill instructor*”, que é o sargento encarregado, na época falava assim comigo: “Vem aqui aprender inglês” - e na verdade era para fazer exercícios braçais – mas, todos os exercícios que fazíamos iam só até o vinte, então o inglês que eu estava aprendendo lá só ia até o 20! (risos) E ele sempre

pegava no meu pé por eu ser brasileiro. Não por causa do Brasil, mas por eu ter um sotaque...

Uma vez durante o treino eu recebi uma carta de uma amiga minha de Goiânia e um dos sargentos viu a carta. No Brasil você escreve o endereço na frente e o remetente atrás. Ele pegou e olhou – eles sempre checam as cartas que a gente recebe lá, para ver se não tem terrorismo, ou contrabando... Faz parte do treinamento também, manter a gente isolado – mas ele pegou a carta olhou e a colocou embaixo da perna: “O que que é isso aqui? De onde isso veio?” e eu não sabia, não tinha visto a carta ainda então ele me perguntou: “você é brasileiro?” ele até aquele ponto não sabia da minha origem, então ele perguntou “você na sua graduação vai trazer umas meninas brasileiras aqui?”. E a partir daí para ele já mudou um pouco a relação comigo, porque ele sempre brincava com minha origem e aquela coisa: “Brasil, mulher bonita e tal”...

Enfim, 14 de Novembro de 2003, no aniversário da minha irmã, eu me graduei no treinamento básico. De lá, eu fui logo para o “*combat training*” (treinamento para combate) aqui na Carolina do Norte, que são mais 28 dias de treinamento pesado. Era dezembro aqui na Carolina do Norte, então era bem frio e a gente dormia em uns barracos de madeira bem fina, tipo um “madeirit” e fazia menos 10 graus, então a gente passava bastante frio. Mas o treino foi bem legal, nós aprendemos a fazer missões no mato, atiramos com várias armas.

Depois que eu graduei desse treinamento eu ainda fui para mais um, na Flórida, que foi onde me especializei no serviço que realizei no Corpo dos Fuzileiros Navais. Eu sou técnico em aviação eletrônica, ou seja, tudo que envolva piloto automático, parte eletrônica ou manutenção de helicópteros era o meu trabalho.

Passei 8 meses nesse treinamento na Flórida, foram 8 meses de muito estudo. Saindo de lá eu fui mandado para *Camp Ellington*, na Califórnia, onde realizei mais um treinamento avançado, foi onde eu realmente coloquei em prática tudo que tinha aprendido e me especializei.

Acabando mais esse treinamento fui para *Jacksonville*, na Carolina do Norte, onde fiquei trabalhando de janeiro de 2005 até agosto de 2006, quando eu fui para... eu fui para o Iraque. Mas antes de ir para a guerra, em novembro de 2005 eu fui para o Brasil, passar o natal lá. Já fazia bastante tempo que eu não ia, fazia mais de cinco anos que eu não via meus avós, e foi nessa viagem onde eu conheci a minha esposa. Com quem estou casado até agora.

Nos conhecemos, mas logo eu voltei para os EUA. Ficamos então 7 meses namorando a distância. Até que eu voltei por duas semanas para o Brasil para estar com ela antes de embarcar para a guerra.

Quando eu fui para a guerra eu morava na base, em *Jacksonville*, e meus pais moravam na Flórida. E lembro que eles vieram e colocaram minhas coisas no carro e levaram para a casa deles. Eles estavam muito preocupados. Eles sabiam que eventualmente eu iria ter o “*deployment*”, mas pensávamos que eu iria para um navio, ficar no Mar Mediterrâneo e voltar. Não esperava estar em terra. Só que de última hora eles mudaram e me mandaram para o Iraque mesmo.

E quando eu falei isso para meus pais eles se desesperaram. Somos só dois filhos – eu sou o mais velho – tenho uma irmã. Nós somos evangélicos, então era aquela coisa; joelho no chão orando sem parar, pedindo mesmo para Deus me guardar. E meu pai a mesma coisa, mas ele não é muito de demonstrar o que ele está sentindo, mas dava para ver que ele estava muito preocupado.

Na verdade, desde a hora que eu me alistei meus pais foram contra. Eu sempre falei, desde pequeno que queria me alistar, que queria mexer com aviões e helicópteros, mas quando chegou a hora de verdade eles ficaram bastante preocupados. No final das contas, foi minha mãe – que também era contra o meu alistamento – que convenceu meu pai a liberar. Eu tinha 17 anos na época, então precisava do consentimento deles para poder me alistar.

Acho que se eu tivesse me alistando pelo Brasil a postura deles seria diferente. Falo isso porque o Brasil é mais da paz. Mas acho que não tinha nenhuma questão patriótica. Era pela minha segurança mesmo.

No Iraque eu fiquei de Agosto de 2006 até Março de 2007. Lá eu fiz o mesmo trabalho que eu sempre fiz, na manutenção eletrônica. Todo dia eu trabalhava entre 12 e 14 horas e ainda íamos todos os dias para a academia, então eu perdi bastante peso lá e ganhei uma forma boa. Mas tinha uns dias em que eu ficava bem preocupado, a gente sempre ouvia muitos barulhos, era difícil. Mas o dia que mais me preocupou mesmo foi o “*thanksgiving*” de 2006. Eu estava em Al Asar, no Iraque, na época a base era um lugar relativamente seguro. Tinham muitos ataques fora da base, mas na base mesmo era bastante raro haver. Mas no “*thanksgiving*” nós fomos atacados, e foram muitas bombas e morteiros descendo e foi... Foi muito preocupante mesmo. É uma coisa que eu falo para minha esposa, para minha família que não foi nada, mas a verdade é que me preocupou bastante. Eles acertaram um tanque de combustível para os aviões e deu

aquele estouro. Estava um pouco distante da gente, mas o impacto foi tão grande que as paredes todas tremeram, e nisso a sirene tocando, uma coisa meio louca assim. E nisso eu coloquei o capacete, o colete, peguei meu Fuzil e deitei no chão, porque você não sabe de qual direção o ataque está vindo. Mas deu tudo certo para mim.

Depois disso a cafeteria pegou fogo e até hoje não sabemos se foi ataque ou se foi algo na cozinha que pegou fogo... Eles não passaram muitos detalhes pra a gente.

Mas eu também não passava muitos detalhes para a minha família, eu não queria deixá-los preocupados. Eu queria que eles pensassem que estava tudo bem. Então eu sempre falava umas mentirinhas do tipo: “não teve perigo. O ataque foi bem longe”, essas coisas para tentar deixar eles mais tranquilos. Porque se eu conto para eles o que está acontecendo eles ficam doidos aqui, aí acontece de eu estar em uma missão e fico dois ou três dias sem ligar – eu ligava praticamente todos os dias para casa lá do Iraque -, eles já começam a pensar o pior. Então eu achei que o maduro mesmo da minha parte era não falar muito para eles o que estava acontecendo de verdade.

Mas na verdade não tinha muito com o que se preocupar, eu não passei tantos perigos. A gente estava em alerta, mas isso eu sempre estou. Não preciso estar na guerra para estar sempre alerta.

E foi interessante também que eu nunca joguei muito futebol, mas lá na guerra eu joguei com Iraquianos. Sempre que jogávamos era um time dos fuzileiros navais contra um de iraquianos. Uma vez eu fui chutar uma bola e eu estava de fora da área – como eu te falei, eu sou bem ruim no futebol, sou pereba (risos), no Brasil não servia nem para gandula – bom, eu sem querer chutei a bola na cara de um dos Iraquianos que estava fora do jogo. A bola bateu nele e entrou no gol. Aí eu vi que os outros Iraquianos começaram a sacanear ele. Tive que ir embora de lá porque ele começou a ficar com raiva e imagina se ele parte para cima de mim e eu sou obrigado a fazer coisa pior? (risos)

Mas teve muita comédia no Iraque... Fazíamos muitas coisas porque ficava aquela monotonia muitas vezes, a rotina era sempre igual. Outra coisa que acontecia muito era que o pessoal pegava aranhas e fazia guerra de aranhas. O pessoal também gostava de estourar bateria de avião, tudo de brincadeira.

Todo domingo a gente fazia questão de fazer um churrasco. E eu era o cozinheiro. Sabendo disso, a minha mãe começou a mandar sal grosso para a gente no Iraque, para que eu fizesse um churrasco brasileiro mesmo. E era sagrado para a gente

na base esse churrasco, porque era uma coisa que tirava a mente do lugar de onde a gente estava. Então isso era uma coisa bem legal.

Eu mesmo nunca fui de tomar bebida alcoólica. Mas na base onde a gente estava vendia cerveja não alcoólica e o pessoal, na vontade de beber, colocava o short, sentava e abria aquela cerveja como se fosse a melhor bebida do mundo. Comendo uma carinha brasileira. Era importante para todo mundo descontrair. Isso ajudava também a gente a se enturmar.

O pessoal lá da base sabia que eu era brasileiro. Isso porque, devido ao meu sotaque, todo mundo sempre me perguntava de onde eu era. E também todo mundo ficava curioso em relação ao meu sobrenome “Rocha”, então aos poucos todo mundo foi sabendo da minha nacionalidade. E várias vezes quando eu falava de onde eu era o pessoal já começava a falar espanhol comigo e eu já cortava logo, um pouco irritado. Dizia: “Eu não falo espanhol não. Vá aprender a sua geografia que eu sou brasileiro e no Brasil falamos português. Então se você quiser falar comigo em outra língua que não seja o inglês fale em português”. E de ouvir essas cortadas eu via que o pessoal já ficava pensando “esse cara é chato”. Mas era importante para mim me colocar, eu sou brasileiro, falo português, não espanhol. Apesar de que, na verdade, eu falava espanhol também. No Brasil eu estudei espanhol e na *High School* tinham muitos porto-riquenhos e eu falava espanhol com eles, então eu sabia que se me jogassem na Colômbia, por exemplo, eu me virava tranquilamente, mas eu fazia questão de não falar.

E sempre que me perguntavam do Brasil era ou o carnaval do Rio ou Amazônia; perguntavam se eu já vi uma Anaconda. E eu ficava bravo também dizia: “imagina, eu morava na cidade grande. Minha cidade provavelmente é muito maior do que a sua. É mais fácil você ter visto uma do que eu”. E isso eu já ficava bravo, eu morava 4 dias de viagem da Amazônia, claro que eu não vi Anaconda. Então para os americanos só existe isso no Brasil. É Rio de Janeiro, a estátua de Jesus Cristo, mulher de bunda grande e a Amazônia. Então eu fazia questão de educar eles um pouco, dizer que na minha cidade quase todas as lojas tem alguém que fala inglês, que Governador Valadares tem uma das melhores bases de voo livre do mundo, enfim, era importante para mim que o pessoal soubesse. E o pessoal ia aprendendo aos poucos, falava que iriam lá para o meu casamento. Acabou que ninguém foi, até porque o trabalho não liberou, mas a intenção é o que vale.

Depois do Iraque, a gente voltou para a Carolina do Norte. Poucos meses depois, em Julho de 2007, eu casei no Brasil. Fazia mais de um ano que eu não via a minha

esposa, pois eu estava na guerra. E, se você pensar, já fazia dois anos que eu conhecia a minha esposa e eu na verdade tinha estado com ela durante mais ou menos 16 dias. Isso foi bem difícil para nós. Um relacionamento à distancia com uma guerra no meio. Mas deu certo para nós. Já vamos completar 6 anos de casamento e temos um filho. Então acho que a nossa história é bem legal.

Além do mais foi complicado porque ela me conheceu no Brasil, mas só me conheceu mesmo em termos de convivência, na minha pior fase. Que foi quando eu havia acabado de retornar da guerra. A gente antes de morar junto se falava todos os dias no telefone. Mas isso não é a mesma coisa do dia a dia. E assustou muito ela que eu acordava no meio da noite como se eu ainda estivesse no Iraque, e isso aconteceu por bastante tempo. Qualquer barulhinho que eu ouvisse eu já pulava da cama com o olho arregalado e ela me acalmava. Podia passar um carro há duas ruas de distância de mim que eu acordava. Acordava... acordava assustado.

E acho que isso foi bem difícil para minha esposa. Ela chegou aqui nos EUA para me receber da guerra e ela se assustou um pouco com isso. Mas hoje em dia não mais, hoje, depois de vários anos, eu durmo como uma pedra.

E foi tudo muito enrolado, a gente começou a dar entrada nos papéis do visto dela logo antes de eu ir para o Iraque, mas o processo só deu andamento mesmo quando eu já estava lá na guerra. Por isso eu tive até que receber e assinar papéis na base militar no Iraque. E acabou sendo um processo bem demorado. Até pelo fato dela ser de Governador Valadares, por ter muita gente de lá que imigra para os EUA é muito difícil para um valadarense conseguir o visto.

Na volta para os EUA, eu me senti diferente. Diferente por ser um veterano e não haver muitos que podem falar o mesmo. Além disso, a guerra me trouxe muita maturidade, me ensinou a lidar melhor com opiniões e pontos de vista de outras pessoas e culturas. Tinham muitos indianos trabalhando na cafeteria da base, convivemos também com Iraquianos que vendiam bugiganga na base – cds e dvds piratas, esse tipo de coisa.

Mas profissionalmente foi muito bom para mim esse meu tempo no Iraque. Eu cresci muito na minha profissão, aprendi muita coisa lá.

Em Janeiro de 2008 eu renovei o meu contrato com os Fuzileiros Navais e fui fazer um curso na escola avançada de eletrônica. Depois voltei para a Carolina do Norte, que é onde estou até hoje. Aqui me colocaram para ser policial militar aqui na

base, era inicialmente para ser por apenas seis meses. E isso foi bem legal, eu aprendi a enforçar a lei, “*law enforcement*” e fiquei vivendo aqui com minha esposa.

Isso foi até janeiro de 2010, que foi quando aconteceu o terremoto no Haiti. Quando isso aconteceu, as Forças Armadas do Brasil já estava lá. Tenho impressão que o terremoto foi numa quarta-feira à tarde. E quando eu cheguei em casa, eu mesmo falei para a minha esposa: “Eu acho que por causa desses brasileiros que estão no Haiti, eu vou ser convocado para ir para lá também”. No dia seguinte eu vou trabalhar e chegando lá recebo um telefonema de um dos meus capitães do antigo trabalho, dizendo assim: “O Rocha, eu preciso falar com você, vem para cá agora”. Bom, eu liguei para o meu responsável e consegui a liberação para sair. Chegando lá, o meu antigo capitão me disse: “Olha, eles estão precisando de um cara que fale português para ir lá e na Costa Leste dos EUA. Só tem três desses nos fuzileiros navais e você é um deles, então precisamos de você”. Eu achei engraçado na hora, pois eu pessoalmente conhecia mais do que três brasileiros que estavam nos Fuzileiros Navais. Mas, enfim, eu aceitei a proposta e fui. Até porque é uma pergunta, mas na verdade você não tem lá muita escolha. É uma coisa bem forçada (risos). Tipo: “você quer ir? Mas, se você não for, você vai ter problemas”. Então, eu acabei indo.

No outro dia de manhã eu já parti para lá. Eu tive só um fim de tarde e noite para arrumar as minhas coisas, ainda levando todo o equipamento que eu precisava para ir para o Haiti e sexta-feira de manhã eu já estava no navio. Isso foi uma experiência e tanto para mim.

Chegando lá... Assim que a gente chegou ao Haiti - era janeiro aqui nos EUA, então estava fazendo mais ou menos 5 graus Celsius mais ou menos – e lá no Haiti estava mais ou menos 36 graus. Então já teve esse primeiro choque, da diferença de temperatura.

E assim que a gente chegou lá não parou mais de helicópteros indo e voltando da terra para o nosso navio trazendo gente para ser operada, uma loucura sem tamanho... Foi uma experiência... Assim... Muito diferente. A gente via as crianças... Então no Haiti foi uma coisa que realmente nos ensinou a dar valor para a vida. As pessoas que eu conversava... Eu não falo “*Creole*”, mas eu estava na seção dos tradutores, então tinha bastante gente que falava e me traduzia as coisas. Nisso eu aprendi um pouco da língua também para tentar ajudar ao máximo o pessoal lá no que tivesse ao meu alcance. E ali eu vi cada coisa que... que... que afeta a gente bastante. Crianças que perderam o braço, adultos com as duas pernas quebradas... Gente que falava que perdeu tudo e que

estava passando muita fome. Então tenho certeza que todo mundo que esteve lá saiu muito mudado.

E, na verdade, meu trabalho acabou sendo mais para ajudar as pessoas mesmo da melhor maneira que eu podia. A única vez que eles precisaram de um tradutor para o português foi quando um general do alto escalão das Nações Unidas, que era um brasileiro na época, ficou no nosso navio e falou com os generais que estava lá com a gente e eu tive a oportunidade de traduzir para ele. Ele falava inglês bem, mas eu estava lá fazendo o trabalho e disponível para isso. O resto do tempo eles não me usaram para tradução. Mas foi legal também que eu pude aprender um pouco de “creole”.

Mas foi interessante, pois quando esse general da ONU chegou, eu fui abrir a porta para ele e falei “Bom dia, senhor” e ali virou, meio que assustado: “você é brasileiro? Você está perdido, está fazendo o que aqui?”, como que me dizendo: “você esta no lugar errado”. E eu conversei com ele um pouco e acabou que ele era de Valadares também. Então a gente bateu um papo curto assim, já que os meus generais estavam olhando loucos para saber o que eu estava conversando com ele. Querendo conversar com ele também.

Depois do Haiti eu voltei à Carolina do Norte e servi no esquadrão de Resgate e Procura – *Search and Rescue*, como eles falam. E lá fiquei até sexta-feira passada, fazendo a manutenção elétrica, focada na parte de helicópteros. E, basicamente, minha carreira nas Forças Armadas dos EUA foram isso aí mesmo.

Em 2011 me mandaram para Portugal também, estive lá por três dias. Eu me voluntariei para ser tripulante de um voo para a Europa. E eu já aproveitei a oportunidade para dizer: “me levem, pois já que vocês vão para Portugal, eu posso traduzir para vocês um pouco”. Então, eles acharam uma boa ideia me levar e a gente foi. Chegando lá tivemos dois dias de folgas para passear; visitamos vários museus, ficamos só passeando mesmo. E num desses passeios entramos em uma lojinha para comprar umas lembrancinhas e eu fui logo perguntando: “Ei senhor, quanto custa isso aqui?” – o português brasileiro mesmo – ele já virou logo de cara: “Ó brasileiro, o que você está fazendo aqui?”, estranhando que eu estava com todo aquele pessoal militar americano. Mas acabei conversando bastante com ele, o pessoal foi bastante gente boa por lá.

Eu tive várias oportunidades então nos *Marines* por falar português. Na verdade, talvez a maioria dos brasileiros que você entrevistou nem saiba disso, mas eu ganhava U\$400,00 por mês, todos os meses durante meus 9 anos e 8 meses no Corpo dos

Fuzileiros Navais, só por falar português. Todo ano tem uma prova que a gente tem que fazer, comprovando que você fala a língua que diz que fala. E por cada língua que você comprova que sabe falar, eles te pagam U\$400,00 por mês.

Todo ano eu vou para o Brasil visitar a família da minha esposa e a minha própria família também. E agora com as guerras acabando, com o presidente Barack Obama tirando as tropas do Iraque e do Afeganistão, o Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA está reduzindo muito o numero de soldados. Atualmente, o Corpo dos Fuzileiros Navais é a menor corporação militar dos EUA. Ainda mais quando comparada com *Navy*, *Army* e *Air Force*. E, sendo o menor, é o que recebe menos dinheiro. Parece até que quando a gente recebe um equipamento novo é alguma coisa antiga da Army. Mas... esse é outro caso...

Todo ano também eu tenho que comparecer à embaixada brasileira aqui nos EUA e mostrar o meu cartãozinho de alistamento militar no Brasil e falo “eu não me apresentei ao alistamento militar do Brasil por que estou nos EUA”. E é uma situação interessante, pois se eu voltar a morar no Brasil eu posso ser convocado pelo exército brasileiro. Imagina? Eu seria militar de dois países.

Isso só acontece porque meu caso é especial. Desde 2003, quando eu entrei no Corpo dos Fuzileiros Navais, eles fizeram uma investigação sobre mim, então sabiam que eu era brasileiro, apesar de ter nascido nos EUA.

No meu trabalho, para mexer com manutenção de helicópteros e outras coisas do meu trabalho específico eu preciso ter um “*security clearance*” – uma espécie de passe do governo americano dizendo que confia em mim – para que assim eu possa mexer em coisas que são segredos militares.

Mesmo assim, de 2003 até 2010 eles nunca me deram nenhuma determinação a respeito de “*security clearance*”. Apenas em 2010 que eles vieram me dar uma determinação para que eu pegasse o “*security clearance*”, até então eu estava fazendo o meu trabalho, mas eu nem deveria estar mexendo naquelas peças. Enfim, quando eu fui saber por que eles queriam que eu pegasse um “*security clearance*”, me disseram que foi por causa da dupla cidadania. Eu teria que renunciar a minha cidadania brasileira ou deixar meu cargo – o que é o comum com os brasileiros que servem aqui e sobem na carreira.

Mas o meu caso era diferente deles: eu nasci aqui nos EUA, só que minha mãe me registrou no consulado brasileiro de Newark, e depois quando fomos para o Brasil me registrou lá e foi aí que eu virei um cidadão brasileiro.

Com o objetivo de permanecer no meu trabalho, eu fui para o Consulado brasileiro, em Washington – fui fardado – e disse: “aqui está o meu passaporte, eu quero renunciar a minha cidadania brasileira”. Eu queria manter o meu trabalho, entende? Mas acontece que a menina pegou os meus documentos e me disse: “você não pode renunciar a sua cidadania brasileira”. Então ela me explicou que, segundo a constituição do Brasil, só pode renunciar a sua cidadania brasileira aquele que ganha a cidadania de outro país – como é o caso dos brasileiros que se tornam americanos dentro do serviço militar. No meu caso, eu já nasci com as duas cidadanias, então não posso renunciar. Eu então disse: “Ok, já que eu não posso renunciar, por favor, me escreva uma carta explicando essa minha situação para o pessoal do meu trabalho”.

E isso foi bom porque eu não queria renunciar a minha cidadania brasileira. É uma coisa assim que me afetou. Eu pensava que seria muito estranho ter que pedir visto para ir para o Brasil e seria difícil dizer que sou brasileiro, não é?

Eu sei que, para mim, é o fato de ter crescido no Brasil que me faz dizer assim: eu sou brasileiro. É mais importante até do que ter nascido em New Jersey. É o fato de eu ter sido criado no Brasil e meu coração ser brasileiro. De toda minha família ser brasileira, de eu ser o primeiro que nasceu nos EUA, a primeira geração americana da nossa família. Então eu ainda sou brasileiro. Eu nasci em Newark, mas Newark é um bairro de Valadares. Acho que se eu tivesse sido criado aqui eu ainda falaria que sou brasileiro, mas talvez com menos convicção.

E eu serviria no Brasil com todo gosto. Ia ser um pouco chato para mim, sair da posição de sargento para ser soldado, voltar a levar gritos na cara de novo, mas... eu teria minha moral lá e com certeza subiria de cargo muito rápido – principalmente pelo fato de já ter a experiência que eu tenho. Além do militarismo no coração – e na mente também.

Tenho familiares no Brasil que são militares. Meu pai mesmo não chegou a servir, mas diversos parentes próximos serviram e eu sempre tomo isso como exemplo para mim. Tenho parentes PMs, ou que servem ao Corpo de Bombeiros e sempre admirei. Minha vida toda sempre foi em volta do militarismo.

De qualquer maneira, sexta-feira passada, com a corporação dando baixa e muita gente sendo mandada embora, eu resolvi por mim mesmo falar assim: “chega, não vou fazer os 20 anos de carreira igual eu planejava”. Até porque a gente vai ficando mais velho e não sabe o que vai acontecer no dia de amanhã. Também aconteceu uma mudança na legislação que me pegou um pouco desprevenido. Antes, eu podia servir até

13 anos como sargento, agora se eu tiver 10 anos de serviço nos *Marines* sem ser promovido a uma patente mais alta do que sargento eles automaticamente dão baixa no seu contrato. E eu já tenho 9 anos de carreira aqui, então eu fiquei um pouco perdido, pensando o que eu poderia fazer. E como baixou o número total de fuzileiros navais, baixaram também o número de vagas abertas para promoção. Então o que já era concorrido ficou ainda mais.

Então, tendo todo esse panorama profissional na minha frente, eu, por mim mesmo, resolvi deixar a corporação. E por causa da minha experiência militar, eu já saí com meu trabalho garantido. Então eu dou graças a Deus pelos meus 9 anos e 8 meses que eu estive no Corpo dos Fuzileiros Navais, porque foi isso que me fez virar homem. Hoje, por causa de tudo que eu aprendi lá, eu sou um pai de família e um cara muito responsável. Talvez, se eu estivesse em outra corporação, eu não teria essa oportunidade de conhecer pessoas do mundo inteiro e lugares no país todo e no mundo também.

Sexta-feira passada eu sai do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA. Dia 15 desse mês foi... foi meu último dia de trabalho. Eu saí como sargento. Então agora, se eu voltasse para o Brasil e pudesse servir lá, eu o faria de todo meu coração. Usaria toda a experiência que ganhei aqui e serviria no Brasil. Então é uma coisa que a gente ganha experiência aqui para poder ajudar os outros mais a frente. O equipamento do Brasil... eu não quero falar que é fraco... mas, por falta de dinheiro e por falta de um acompanhamento maior do Governo Federal, o armamento é muito fraco, ainda mais comparado com o dos EUA. Os EUA tem mais dinheiro para gastar nessas coisas. Mas, se eu pudesse, eu usaria essa experiência que eu tenho para poder ajudar ao máximo.

7. Weber Oliveira (WO.), Corporal do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA

“Eu tenho o maior orgulho em fazer o que faço. Fiz, faço e farei quantas vezes for possível porque o país merece. Pelo simples fato de ver um americano que eu nunca vi apertar a minha mão, me abraçar, isso não tem preço. Só nesse ponto já vale a pena”.

(W.O., à esquerda, posa para foto antes de embarque para a guerra no Iraque).

Entrevista realizada no dia 07/02/2013.

Entrevistador e colaborador se encontraram pessoalmente.

Malden, Massachusetts, EUA, às 14h00.

Entrevista em português.

Sou nascido em Goiânia e morei lá por oito anos. Depois fui para o Mato Grosso em função do trabalho dos meus pais e lá residi por cinco anos. O restante do período eu morei em Curitiba, no Paraná, e após isso vim para os Estados Unidos.

A minha vinda aos Estados Unidos se deu em 1997, eu estava cursando Engenharia Elétrica com ênfase em Telecomunicações na PUC do Paraná, em Curitiba. A *Rotary* oferece o sistema de intercâmbio para alunos com curiosidade de conhecer o exterior. Os Estados Unidos era uma das opções, e eu, entre outros alunos, decidi colocar o “*package*” e fui chamado logo em seguida. Era um ano em que tinham muitos estudantes aqui, em conferências, encontros, e quando eu vim a *Universidade de Plattsburgh* era a única universidade na época que tinha todo o procedimento de admissão de estudantes internacionais traduzido em português. Foi assim que eu comecei a me inteirar melhor, através da universidade, de como funciona o sistema acadêmico aqui nos Estados Unidos, que é totalmente diferente do Brasil em termos de cadeira e de como as aulas são lecionadas.

Passei seis meses nessa Universidade, que fica em *Plattsburgh* - upstate New York -, a 45 milhas de Montreal, lá na fronteira. Eu me identifiquei muito e também encontrei outros brasileiros que estavam fazendo intercâmbio. Com eles, procurei adquirir mais informações sobre a integração Brasil e Estados Unidos quanto aos estudos e quanto a ter o diploma americano de uma faculdade. Eles me disseram que realmente é bastante competitivo, mas é possível. Então, a partir daí eu construí uma esperança, uma motivação e foi assim que eu consegui dar iniciativa à transferência dos meus créditos de Engenharia do Brasil pra cá. O detalhe é que eu estava quase terminando a faculdade no Brasil, estava no quarto ano e após transferir eu perdi praticamente dois anos só pra me adaptar culturalmente e com o idioma (que não é nada fácil).

Fiquei dois anos parado no tempo. Eu diria que foi um período de investimento em minha vida por que afirmo desde já que de modo algum eu me arrependi ou vou me arrepender da minha transição do Brasil aos Estados Unidos. Da mesma forma digo quanto ao meu ingresso às Forças Armadas. Nunca me arrependi e não tenho nada a contestar. Sempre que tem algum brasileiro querendo seguir essa carreira eu apoio totalmente. Enfim, consegui a transferência dos créditos do Brasil pra cá e o intercâmbio que era para ser simplesmente por seis meses se tornou uma eternidade por que desde que fui aceito já foi pedido o meu visto de estudante e a extensão do visto. Logo após a graduação, antes mesmo de ter o meu “canudo” eu já tinha um trabalho na minha área, coisa que é incrível.

Eu tenho que dizer que isso não acontece no Brasil. Tem muito mais estudantes recém-formados do que empregados profissionais no Brasil. De certa forma mudou

muito. Hoje no Brasil existe o tal do “concurso” (o que não existe aqui) e você pode entrar numa instituição multinacional. Enfim, tudo isso aconteceu entre 1997 e 2001.

Cronologicamente falando, 2001 foi quando eu me graduei e comecei a conhecer o mercado, a indústria de trabalho no setor de Engenharia Elétrica. O meu primeiro emprego foi em algo que eu sempre quis, algo relacionado a aeronaves. A empresa que me contratou também contratou mais 23 estudantes recém-formados. Era do lado da universidade, por coincidência e sorte. O nome da empresa era *Pratt & Whitney*, ela fabrica as turbinas dos aviões comerciais que temos hoje aqui. São as maiores turbinas do mundo fabricadas até hoje e é feita pela *Pratt & Whitney*. Tem na concorrência como: General Electric, Rolls-Royce, mas essa empresa é líder inclusive em aviões militares. Então já de cara eu tive contato direto com o regime militar, pelo fato de trabalhar nesta instituição. O trabalho em si era fazer o teste, o controle de qualidade, e certificar todas as turbinas que eram fabricadas pela empresa. Daí é que vem a parte mais interessante. Eu sempre cito esse meu primeiro trabalho porque ele foi o mais atraente aqui. Com certeza foi o que me impulsionou a ter como objetivo anexar a minha vida futura aqui nos Estados Unidos.

A empresa comprou dois aviões aposentados em 1962, dois 747 “*double deckers*” (avião de dois andares) onde um deles era o avião que iria ser construído e fabricado somente para experimentos. Um avião experimental que iria substituir custos, milhões de dólares, alugando os aviões da Boeing pra testar a própria tribuna que eles fabricam. Isso pode ser confirmado em fotos, vídeos que tenho em minha casa.

Foram dois anos de trabalho nessa empresa que me deu muita noção de como é o regime militar. A maioria dos funcionários dentro da *Pratt & Whitney* não eram simplesmente da Força Aérea, eram dos *Marines*, eram funcionários que já se alistaram, que já foram oficiais do *Army*, então ali foi onde começou a minha curiosidade de servir às Forças Armadas.

Tive o meu primeiro contato com pessoas que já tinham se alistado, tinham todas as histórias de pessoas que foram na Primeira Guerra, Guerra do Vietnã, Guerra da Coreia. Todo dia de trabalho era um dia diferente, então eu sempre tive aquele prazer de levantar cedo de manhã e ir. Encarei aquele emprego não como um lugar que eu frequentava todos os dias, mas sim um trabalho que eu considerava um estilo de vida que eu tinha naquele período de dois anos. 2001 foi um ano em que muitas coisas mudaram na indústria aeronáutica e essa empresa que eu estava empregado tinha contratos para transformar outros aviões (aviões cargueiros em de passageiros e de

passageiros em cargueiros), contratos com a UPS, com a Fedex e empresas como a American Airlines. Todos esses contratos foram cancelados devido aos eventos ocorridos naquele ano (11 de setembro).

O meu trabalho ali durou somente dois anos em função da crise das empresas aéreas. Como não havia mais contratos pra manter o quadro de funcionários ativo, a empresa não estava tendo os fundos e cerca de 200 funcionários tiveram que ser demitidos, renunciar a contratos, tiveram um recesso ou licença. Foi acabando, assim como a Varig no Brasil.

Como tive boa reputação na empresa, boa conduta, também tive boas recomendações. Havia uma empresa chamada *Bombardier Transportation*, uma concorrente forte da Embraer no Brasil. Essa foi a empresa que me contratou logo em seguida. Era uma divisão de trens, metrô, etc. Fui contratado pra ficar “*in charge*” do departamento de teste e controle de qualidade, assim como eu fazia na Pratt & Whitney. Testando e certificando cada componente instalado nas turbinas. Novamente me deparei com outros funcionários americanos com antecedentes militares, fato que me deixou muito curioso. Desde então eu passei a assistir filmes, passei a acompanhar a história das forças armadas de modo geral (*Navy, Air force, Army, Marines*). Aquela que eu mais me identificava eu ficava prestando atenção em como eles eram reconhecidos pelos Estados Unidos, pelos americanos.

Eu não tinha o *green card*, estava com status de estudante. Aqui nos Estados Unidos se você conclui o seu curso você tem um ano para aplicar os seus conhecimentos na área industrial de modo geral. A minha permissão de trabalho tinha vencido e essa empresa me patrocinou com um visto de trabalho. Tenho até hoje o passaporte da época e o visto com o nome da empresa. O nome chamava muita atenção quando eu vinha fazer a imigração, mas esse é um simples detalhe.

Em 2003 eu tive que voltar ao Brasil pra renovar esse visto de trabalho e foi onde eu tive problemas, porque nessa época os Estados Unidos tinha invadido o Iraque. Quando isso ocorreu todas as embaixadas americanas no mundo inteiro fecharam, tiveram um recesso. Eu não conseguia pegar o meu visto de volta. Voltar era essencial pra mim, eu tinha contas pra pagar, aluguel, conta de celular, mensalidade de carro, conta de faculdade, mas enquanto a embaixada não voltava a abrir eu não tive como voltar. Isso durou sete meses. Nesses sete meses que eu estava no Brasil, que não foram os mais interessantes da minha vida, eu não consegui nenhum emprego na minha área. Eu já tinha atuado na área de Engenharia e tinha uma experiência incrível. Fui à

Embraer, a Marcopolo, em várias empresas do setor industrial desde o sul do Brasil até o norte e comecei a enviar currículos. Não é igual a você enviar currículos e fazer entrevistas aqui nos Estados Unidos. O MEC, o Ministério da Educação no Brasil, não quis reconhecer o meu diploma. Até hoje se você quer fazer curso nos EUA e achar que automaticamente vai ser usado com muito prestígio no Brasil, saiba que ainda tem que passar pelo MEC e eles tem que te aprovar. Só algumas Universidades fazem o “*endorsement*” (equivalência) do seu diploma. Na época, eu passei por isso e tive que fazer um teste na USP pra que eles fizessem o “*endorsement*”. Tinha que ter aquele acordo entre os Estados Unidos e Brasil. Uma universidade tinha que fazer o reconhecimento da outra. Então, foi uma combinação de frustrações e eu pensei que realmente tinha que voltar aos Estados Unidos.

Consegui ter o meu visto de trabalho renovado, mas depois de sete meses já não tinha o meu emprego de volta. Daí eu fui para Massachusetts, onde consegui muito rápido um trabalho no MBTA, (*Massachusetts Transportation*, o metrô). A maioria dos funcionários da minha área também tinha passagem no regime militar. Consegui meu espaço lá dentro, trabalhando na transformação do sistema de “*fare collection*” (coleta de tarifas). O sistema de tarifação mudou de um modelo arcaico pra um modelo super tecnológico. Fiquei muito contente de poder trabalhar nessa empresa, porque foi onde eu consegui os fundos para abrir o meu próprio negócio.

Meu primeiro contato com os *Marines* foi exatamente após quatro anos. A questão de abrir um negócio envolveu muito investimento, essa minha transição de trabalhar pra alguém e depois por conta própria exigiu muito. Eu tive iniciativa própria, comecei sozinho, aluguei uma loja e depois, aos poucos, pude contratar funcionários pra ajudar temporariamente. O negócio foi bastante promissor. Consegui duas garagens pra fazer as instalações de todos os serviços que a gente fazia. Não era exatamente um trabalho relacionado à minha área e, por isso, eu nunca me dediquei 100%, sempre tive algo paralelo. De qualquer forma era um “*business*” que sempre cresceu e tem crescido pra mim, não se transformou em uma multinacional porque eu sempre tive outras atividades. Eu tinha vínculos com outras empresas.

Entre várias propostas que recebi, teve a de um cliente da minha loja que era recrutador dos *Marines*, na Main Street. Tive contato com ele dentro da loja. Ele me falou sobre benefícios, fundos e garantia de escola (hoje meu mestrado é pago pelas forças armadas). Estudo na UMass, não tenho que desembolsar nada. Todas as aulas, todos os créditos é tudo pago pelo “*Veterans affairs*”, não é pelos *Marines*, *Air force* ou

Army, é por um fundo quem vem diretamente do departamento de defesa em prol dos veteranos.

Quando decidi entrar para os *Marines* eu fiz um compromisso comigo mesmo. Eu iria encarar essa oportunidade, mas não iria deixar ninguém saber. Pelo que eu vi nas propagandas e as informações que eu adquiri de outros “*former Marines*”, era um tipo de treinamento muito competitivo em termos intelectuais, físicos, então eu não quis falar pra ninguém que iria servir aos *Marines*. Minha intenção era entrar como Oficial, mas o recruta que me passou as informações não disse que a posição de Oficial era somente para quem era cidadão americano. Na época eu não era, isso foi em 2009. Quando entrei eu tinha o green card por causa do visto de trabalho. O visto de trabalho vale por três anos, depois você renova por mais três e depois não renova mais. Você não tem o benefício de ter o visto de trabalho por seis anos. Ou você volta para o Brasil ou a empresa que você trabalha patrocina o seu green card. Nesse período de 2000 a 2009 eu consegui o green card e consegui me alistar achando que eu iria pegar a posição de Oficial. Isso não aconteceu. Até hoje não sou Oficial.

Depois que eu peguei o “*shield*” (escudo) de *Marines*, três meses após isso foi feita a minha cidadania. Não é uma coisa normal. Há uns 10 ou 15 anos atrás, antes mesmo da guerra do Kuwait você se alistava e o processo de cidadania era normalmente igual ao processo de casamento no civil. Eu consegui rápido porque o país estava em guerra. Período de guerra eles fazem como uma maneira de compensar a sua dedicação e compromisso com o país. Você tem seus benefícios, existem muitos benefícios entre simplesmente ter um green card e ter uma cidadania.

Em 2009 fiquei 1 ano fora, longe da família. Desde 1997 até hoje a minha família vem e volta para o Brasil, eles tem negócios no Brasil. Eu já consegui documentação para os meus pais e eles tem opção de morar aqui ou no Brasil, patrocinei o green card dos dois e está acontecendo o mesmo com meus irmãos.

Tanto o meu pai quanto a minha mãe ficaram sabendo só depois que eu já estava no serviço militar. A satisfação foi imensa. O meu pai e os familiares do meu pai também estão até hoje integrados às Forças Armadas do Brasil. Hoje eu sou o único da família que ingressou nas Forças Armadas americanas. É um orgulho. Eles nunca questionaram sobre a nacionalidade e nunca se opuseram. Acho que nenhum pai faria a não ser que exista uma grande influência da religião ou política, alguma exceção, mas no meu ponto de vista nenhuma outra família iria se opor. Meu pai me apoiou muito. Minha mãe foi contra pela possibilidade de eu ficar fora. No entanto, todos tinham

medo em função da minha integridade física ser comprometida. Voltar sem uma perna, voltar deformado, mas isso eu acho que é natural de qualquer pai.

Com relação à pátria, a partir do momento que você já está aqui nos EUA, que já fala a língua, que até esquece um pouco o português, fica bem automático. Principalmente quando as pessoas de fora, de outros países, não conseguem distinguir se você é brasileiro, dominicano, canadense, americano; O fato de eu não ser americano de nascença não mudava nada para o pessoal do Afeganistão. Eles não conseguiam definir se éramos americanos ou de outras nacionalidades. Na minha opinião, estou lutando pelo país e tenho o maior prazer de fazer isso.

Nunca passou pela cabeça que eu poderia estar fazendo isso aqui pelo Brasil, não porque não tive a oportunidade de servir as Forças Armadas do Brasil. Eu tive a chance, mas no Brasil quem estava na faculdade já era dispensado. Eu tenho pessoas na minha família que são militares no Brasil, meu pai, tios... Hoje meu pai é aposentado, não está mais na ativa... já os meus tios estão até hoje.

O *World Trade Center* era um lugar que eu ia com amigos e família, íamos lá ao topo. Tinha fim de semana que nos encontrávamos lá. Era um pequeno ponto brasileiro. Não só pelo fato de ser um ponto brasileiro, mas era o lugar que eu levava todo mundo pra conhecer. O 11 de setembro teve um impacto muito grande, realmente nos levou com eles. Acertou a gente emocionalmente. Fiquei muito chocado. Não tive como descrever a decepção pelo que aconteceu. O país tinha que fazer alguma coisa e eu queria contribuir para que algo fosse feito. Mesmo sem ter nenhum contato direto com fogo, mas só de poder vestir o uniforme já é uma forma de cooperar e participar em defesa do país.

O “*highlight*” (destaque) dos *Marines*, o que separa os *Marines* das outras “*branches*” (*Army*, *Air Force* e *Navy*), é o “*basic training*” (treinamento básico). O treinamento dos *Marines* não é simplesmente de 7 semanas e, sim, 13 semanas ou 90 dias. E são 90 dias de cativeiro, você não tem acesso a telefone celular ou computador, você não tem condições de ter contato fora da base de maneira alguma. Você fica pior do que quem está preso, um preso tem como falar com a família. A única forma de comunicação que nós tínhamos dentro do esquadrão eram cartas. Eu escrevia cartas todos os dias e recebia apenas uma vez por semana. Foi muito difícil. O sistema dos *Marines* não tem nada que eu possa comparar. Tenho certos limites, não posso expor propriamente. Em comparação com o *Army* o tratamento é bem crucial, rústico, a disciplina deles é bem severa. Existe uma disciplina intensa. Tinham cartas do senado,

cartas querendo derrubar eles pela maneira que eles formam os *Marines*, mas isso nunca vai acontecer pois os *Marines* seguram as forças dos EUA. Você é preparado como um cão de guerra. Muitas vezes as pessoas antes mesmo de formar já são diagnosticadas com PTSD (*Post Traumatic Stress Disorder*). Então, nesses detalhes a gente se limita um pouco.

Depois desses 90 dias você volta e é difícil a adaptação em casa. Éramos acostumados a fazer várias coisas dentro do quartel e depois continuávamos fazendo na volta pra casa. Éramos educados de forma tão rústica, numa disciplina tão severa e tinha que estar sempre cuidando do seu uniforme. Não sei se no Brasil é assim, mas aqui quando você fica embaixo de um tanque, você não pode estar usando chapéu de maneira alguma. Esse é um exemplo banal. No quartel, em qualquer lugar que tenha um teto você tem que tirar o seu chapéu. É uma forma de educação, uma forma de respeito, essa é a base. Nos meus cinco primeiros dias ou até mesmo nos dez primeiros que eu saí de casa, esse hábito não saía de mim. Eu entrava de chapéu e automaticamente retirava, poderia estar com o chapéu dos *Yankees*, poderia entrar no *McDonald's*, eu retirava sem querer. Tornou-se um hábito. Coisas assim aconteceram e tenho vários exemplos.

Os *Marines* tem aptidão física, essa é a arma número 1 dos *Marines*. Então, você está sempre preocupado com a sua alimentação, quantos apoios você consegue fazer de ontem pra hoje. Se você não tiver essa preocupação mínima, não consegue promoção. Hoje eu sou reservista e em cada mês eu tenho que estar preparado para apresentar minha “*performance*” (desempenho) e isso foi um impacto muito grande na minha vida. Isso me trouxe mais vida. Estou com 35 anos de idade e me sinto cheio de energia como um garoto de 20 anos. Minha vida mudou e pra melhor.

O treinamento é intenso, eu passei até por uma cirurgia no joelho e tive problemas de coluna por conta do treinamento pesado. Você se expõe a temperaturas elevadas sem, muitas vezes, ter tempo pra colocar protetor solar. A pressão também era muito alta. Enfim, você se expõe a um trabalho de muita pressão onde você é obrigado a agir com precisão. Isso te ensina muito. Se você tem que liderar um grupo de pessoas e consegue trabalhar sobre pressão, será bem sucedido. Eu agradeço muito às Forças Armadas por ter me ensinado isso. Na vida civil, até hoje e em qualquer lugar, eu utilizo os ensinamentos.

Um evento muito importante que ocorreu desde que me alistei foi quando a nossa unidade foi “*deployed*” (chamada para a guerra) para o Afeganistão. Foram 14 meses de “*deployment*”, onde, na maior parte do tempo, tivemos treinamento “*pre-*

deployment” (um preparatório pra gente encarar o ambiente, o clima, a cultura de outro país). Foram 7 meses de treinamento na Califórnia e os outros 7 meses no Afeganistão (era pra ser 7 meses, mas por causa do “*drawback*” - por causa do recolhimento de todas as forças armadas - durou apenas 5 meses). No entanto, um mês em que você está fora já é suficiente.

Quando a gente foi para o Afeganistão a nossa missão dentro do país era treinar o AFA (*Afghanistan Army*). Nossa missão nessa “*Operation Enduring Freedom*”¹⁶ era treinar os próprios militares do Afeganistão a combater os inimigos (Al-Qaeda e Talibã). Assim como na época da pacificação do Rio, onde os Estados Unidos também foram convidados a oferecer apoio e lutar contra o tráfico de drogas, o tráfico dos morros. Então, a gente olhava para o Talibã e Al-Qaeda como esses grupos, as milícias. O povo local, os cidadãos civis normais são simplesmente vítimas, assim como as do *World Trade Center*. Eles contavam com a nossa ajuda e nós fomos. Esses grupos são grandes lá dentro e várias vezes aconteceu de eu conseguir comunicação com alguém e quando tinha certa intimidade com eles vinha a notícia de que aquela pessoa tinha sido executada com um tiro na cabeça. Isso aconteceu várias vezes. Então a gente tinha um grupo de estratégia que nos ensinava táticas antiterroristas. A gente não tinha com quem lutar. Eles também não tinham artilharia suficiente para lutar contra qualquer outro país. Afeganistão não tem fundos pra comprar nem armas de proteção pessoal.

Com uma bomba você consegue destruir um quarto com 150 dólares. Consegue fazer uma bomba pra destruir uma sala mobiliada e tira a vida de pessoas com esse artefato. Então essas eram as armas das milícias, do Talibã e do Al-Qaeda. Não nos deparamos com ninguém, nenhuma guerra. Amigos meus que foram para o Iraque, sim. O Exército iraquiano lutou contra o americano. Nunca tive que trocar tiros. Tivemos vários treinamentos de tiro ao alvo, treinamento para conseguir promoção e para atualizar nossas licenças de tiro ao alvo, apenas.

Na guerra, as histórias rolam e os fatos acontecem. No meio da noite a gente acordava achando que tinha alguém tentando te matar ou fazer alguma coisa com você. Por mais tranquilo que estivesse lá fora sempre escutávamos algo errado. Fomos treinados pra ficar em alerta total e somente isso já causa um *stress* violento. Esse *stress*, infelizmente, não tem como você evitar. Quando você está ali tranquilo, dormindo e de repente chega o Sargento, o comandante e pergunta: Vocês estão

---

¹⁶ Nome oficial dado pelo Governo dos Estados Unidos da América para a resposta militar aos ataques de 11 de setembro de 2001. O principal alvo foi o Afeganistão.

preparados? Estão prontos? Amanhã será outro dia, vocês vão contar às 24h do dia de amanhã porque vai começar daqui a pouco às 00h. Então sem querer você já começa a criar imagens, aquele fantasma na tua cabeça. O cara é tão esquisito que você começa a vê-lo nos teus sonhos. Principalmente os garotos, os mais jovens. Essas são as vítimas fatais, digamos assim. Quando eles voltam, voltam com problemas psicológicos. Eu não, não tive nenhum problema psicológico porque nós brasileiros já vivemos em um ambiente hostil, dependendo de cada região. A gente vê pessoas sendo assaltadas na sua frente e não nos abala tanto quanto abala os americanos nascidos e criados nos EUA. Nós temos uma estrutura psicológica bem forte.

Anteriormente eu falei sobre o meu “*deployment*”, mas eu considero o “*basic training*” como meu primeiro “*deployment*”. Aquele sim foi um período de cativeiro. O treinamento, para mim, foi pior que a guerra.

No Afeganistão, um dia antes da gente fazer o “*delivery*” das comidas para os grupos, as unidades que estavam em campo, e serviram “*lobster*” (lagosta) pra gente no refeitório. Eu estava dormindo igual a um cachorro, há duas ou três semanas sem dormir, comendo comida fria. A gente tinha que fazer o “*rotation*” (revezamento) e o período mais perigoso era sair da base e levar a comida pra eles. Eu fiz isso duas vezes no período de cinco meses, mas teve um dia que eu fui escalado pra ir e na noite anterior serviram “*lobster*” pra gente. Aquilo pra mim foi uma mensagem que alguma coisa iria acontecer comigo. Eu era um dos que iriam entrar, eram sete caminhões e o meu nome estava na lista pra fazer aquela entrega. Falaram pra ir ao refeitório e de lá já iria ficar três dias no campo. No refeitório estavam servindo as melhores comidas, nunca tinha sido bem servido como naquele dia. Nunca comi um “*lobster*” com tanta má vontade, foi muito esquisito. Eu achava que aquilo seria a minha última refeição. Graças a Deus foi tudo bem, não teve nenhum incidente, estávamos sempre alerta e o nosso grupo estava muito bem treinado, os *Marines* em si são bastante competentes. Não tem nada melhor do que estar atrás de um pelotão dos *Marines*.

Uma das grandes razões pela qual você não pode de maneira alguma ser um Oficial e ser responsável pela vida de várias pessoas é o fato de ser de outro país. Imagina se os Estados Unidos cria uma guerra com o Brasil e você tem um cargo de oficial. Você não pode ser simplesmente um cara que tem um green card, tem que ser cidadão e tem que desistir da sua cidadania brasileira. Estou passando por isso agora e terei que desistir da minha cidadania brasileira pra conseguir um cargo de oficial nos *Marines*. Será meu próximo passo após concluir o meu mestrado e provar competência.

Tudo é envolvido, a pontuação como sargento, ou qualquer outra função, a sua escolaridade e idade (você não pode ser muito velho).

Quanto a desistir da minha cidadania é complicado. A inconveniência pra ter que entrar no Brasil, ter que ir ao consulado e estar à mercê deles pra conseguir a aprovação do visto. Mesmo sendo brasileiro, já vi casos em que filhos de brasileiros que nascem nos EUA tentaram o visto e tiveram que tentar várias vezes até conseguir. A maioria dos meus parentes está no Brasil, mas eu vou beneficiar a minha carreira, então não tenho nada contra em manter somente a minha nacionalidade nos Estados Unidos. Não serei impedido de visitar os meus parentes. Realmente a gente sente um pouco por ser impedido de entrar no próprio país. Culturalmente você fica um pouco sem vida, você não quer atender certas normas, normas de cidadãos americanos a cidadãos brasileiros. Mas para mim e minha família eu sei que sou brasileiro, nasci lá e nunca vou deixar de dizer que sou brasileiro. Tenho orgulho disso. Quanto mais eu vou ao Brasil, mas tenho vontade de ficar lá. O que eu não quero mesmo é ser barrado (risos).

Com relação às Forças Armadas e o Brasil, nós vamos ter no final do ano o “*The partnership of Americas*”. Está marcado pra setembro. Os *Marines* ainda estão discutindo o local, se no Rio ou São Paulo, onde todas as Forças Armadas das Américas irão se encontrar. Estavam discutindo sobre o Chile, Brasil, Bolívia, Colômbia, mas o Brasil é o que está em cima no *ranking*. O único obstáculo é a Copa do Mundo. O pessoal está se preparando, então tem que estar estruturado pra receber outras Forças Armadas de outros países que são aliados em todas as Américas. A gente vai promover desfile com uniforme dos *Marines* lá no Brasil. Serão todos americanos, mas os brasileiros serão encorajados a ir pra viabilizar a tradução e a visita as cidades no Brasil. Serão três semanas, no entanto, no momento ainda está em discussão se será no Chile, Bolívia ou Brasil. Acho que a Colômbia “*cannot host*”. Isso vai requerer moradia, cama, mesa e banho e não são todas as bases aéreas que tem o esquadrão pra suportar o próprio quadro de militares deles.

Todo dia 10 de novembro temos o aniversário dos *Marines*. A gente se reúne, faz uma festa, ficamos entre amigos em um bar (esse ano aconteceu no Hard Rock café). Estava com a minha namorada e pessoas que eu nunca vi na vida chegaram e me cumprimentaram pelo simples fato de eu estar com o uniforme dos *Marines*. Eles pagaram cervejas, pagaram “*shots*”, pagaram tudo e eu nunca vi as pessoas antes. Isso fez com que eu me sentisse uma pessoa que realmente tem um valor pra sociedade americana. É incrível como eles aqui levam as Forças Armadas lá em cima, como os

verdadeiros heróis. Você sente isso e não tem como evitar expor esse tipo de situação. Quando a gente chega como imigrante e mora aqui você fica confuso e acha que é diminuído, pensa que não tem valor. O contraste é muito grande depois que você veste o uniforme americano. Esse tratamento dobra, é uma mudança de 180° e você passa a ser tratado como americano. Independente do sotaque, da raça, nacionalidade... Eles só querem te agradecer pelo teu trabalho. Isso oficializou a minha pátria. Isso faz você se sentir muito mais americano, faz você se sentir em casa. Hoje existem americanos que me chamam de senhor. Não existem dúvidas de que a gente se sente mais confortável no ambiente em si.

O Brasil é um país pacifista. Às vezes os americanos até poderiam olhar pra gente e dizer: “Você é um brasileiro, não tem nenhuma medalha, meu pai tem, meu tio tem uma medalha”, mas isso nunca aconteceu. Eu nunca fui tratado com diferença. Posso falar que até um *Marine* nascido no Iraque serviu com a gente. Ele serviu porque os próprios *Marines* tiraram ele dos entulhos que tinham da época da primeira guerra do Iraque, época do George Bush pai. São pessoas muito agradecidas aos Estados Unidos e servem às forças militares para agradecer o trabalho que os EUA fizeram por eles. Os americanos não fazem nenhuma diferença e eu nunca me senti diferenciado por ser brasileiro. Existe a dificuldade em detectar o nosso sotaque. Isso acontece fora das forças armadas, dentro da sala de aula, no trabalho... Nunca deixou de acontecer e sempre acontecerá, é uma característica que sempre existirá. No entanto, sempre fomos tratados como americanos no mesmo nível. Superiores vêm conversar com a gente e nunca fazem diferença.

Fiquei fora 14 meses, me fizeram um empréstimo para eu manter o meu *business* funcionando, manter meu quadro de funcionários. O empréstimo foi feito direto do tesouro nacional, não houve juros e eu não posso reclamar. Eles me pagam pelo simples fato de que eu falo português. Então, são várias combinações de benefícios por estar servindo. Os Estados Unidos investem mesmo em você, sem dó. Sem contar os benefícios que você tem em descontos, na sua carteira de motorista eles põem uma observação de que você é veterano. Tem várias regalias com escritório público, escritório estadual, eu consigo viajar de uma base aérea pra outra sem pagar nada. É uma infinidade de benefícios e eu nem sei se consigo procurar, investigar, pesquisar tais benefícios em comparação com outros países.

Realmente existem regalias, você se educa mais, se policia mais, você passa a ter mais respeito. Nem vou falar sobre leis, vamos começar por “*guidelines*” (princípios

básicos). Você passa a ser mais obediente a qualquer pessoa. Uma pessoa que te peça um trabalho, que te empregue, você passa a ser bem mais obediente. Não importa a idade, nem o seu relacionamento com ela. Você tem uma disciplina mais afinada do que um cidadão civil qualquer.

Tem uma coisa que eu quero deixar bem clara: Quando eu saía da base, entrava em uma aeronave comercial com o meu uniforme, pessoas que eu nunca vi na vida chegavam até mim e faziam questão de que eu apertasse a mão deles e tinham a maior boa vontade de chegar pra mim e dizer: “Obrigado pelo seu trabalho, obrigado pelo que você faz pelo nosso país”. Só isso já é uma grande gratificação por estar servindo às Forças Armadas.

Então, eu tenho o maior orgulho de fazer o que faço. Eu fiz, faço e farei quantas vezes for possível porque o país merece. Pelo simples fato de ver um americano que eu nunca vi na vida vir apertar minha mão, me abraçar, isso não tem preço. Só nesse ponto já vale a pena. Alguns americanos não dão valor a isso e outros dão valor até demais e se tornam mais patriotas. Eu me identifiquei com tudo isso de uma forma muito pessoal e o país tem me ajudado.

8. GJ., Membro da Guarda Nacional dos EUA

“Eu poderia ter a minha vida normal assim que eu terminasse meu treinamento e eu poderia dividir entre um e outro; poderia trabalhar em um emprego normal, ter minha vida normal e servir o National Guard do jeito que eles oferecem: um fim de semana por mês ou duas vezes por semana”.

Entrevista realizada no dia 14/12/2012.

Entrevistador e colaborador se encontraram pessoalmente.

Everett, Massachusetts, EUA, às 16h00.

Entrevista em português.

Nasci no começo dos anos 80, um típico menino brasileiro. Assistia televisão e via os soldados, aquelas coisas. Eu sempre tive fascinação por isso, ou seja, me alistar não foi algo que surgiu do dia para a noite. Sempre gostei de super-heróis, do *Superman*. E no meio sempre tinha um soldado com uma metralhadora, um revólver, e isso que me chamava mais atenção do que o próprio super-herói. Não sei como explicar, mas eu tinha fascinação desde criança por esse tipo de coisa. Assistia um comercial, via o *G.I. Joe*, aquela coisa de criança mesmo, o sonho.

Não servi no Brasil até porque, não sei, lá o sistema é diferente. Todo mundo era obrigado a se alistar, mas na minha região eu era dispensado por ser considerada uma região agrícola. Então se eu quisesse servir no Brasil eu teria que me mudar de cidade, arrumar outro endereço e talvez o processo não seria tão fácil para eu entrar e servir no Brasil. Aí acabou passando, tudo isso ficou meio incubado aqui, o negócio ficou lá dentro, pois eu queria e não fiz.

Anos passaram e eu vim para a América, me legalizei aqui. Morando aqui apareceu a oportunidade de servir e por que não servir o lugar que eu estava morando? Então foi uma realização pouco depois do normal para muitas pessoas, mas acabei servindo aqui e fiquei muito feliz. Eu já estava legalizado, até porque para se alistar nos Estados Unidos, - lógico que leis mudam, normas e regras e tudo o mais, - mas para se alistar nos Estados Unidos a pessoa tem que estar residindo no país e estar vivendo legalmente. Eu já estava, logo pude me alistar.

Para quem não está morando nos Estados Unidos ou não tem aquele conhecimento sobre, não está convivendo no dia a dia da gente, eles ficam mais preocupados, pai, mãe, aquela coisa. Eles veem o Jornal Nacional e acham que é uma coisa meio arriscada, perigosa - se for para guerra será que volta? Será que você vai poder se comunicar? - Então nessa questão de família houve um pouco de divergência. Eles pensavam se era uma opção boa ou não. Mas como eu já tinha uma opinião formada sobre, decidi seguir em frente com isso aí. Eles não foram completamente contra, mas ficaram meio receosos, com o pé atrás. Eu diria que não é ser contra, é ser preocupado pelo meu bem estar, até porque uma época que os Estados Unidos está em guerra desde 2001, 2002, desde que aconteceram os ataques do 11 de setembro. Aí vem aquela preocupação da família, mas ninguém contra dizendo: "Não, não serve que não é bom", falavam se eu achava que era bom para mim tudo bem. Preocupação, sim.

Na verdade minha família não tem muita ramificação militar, entendeu? Eu tenho um tio que serviu, um irmão do meu pai que serviu no Brasil, acho que um ano ou dois, não sei ao certo. Tenho outro tio também, outro irmão do meu pai que não atuou na área militar, mas ele era delegado de polícia, mais ou menos ali nesse sentido. Fora isso não tenho muita história com militar na família. Eu fui um dos primeiros que quis seguir essa carreira, ninguém na minha família teve muita vontade (risos). Foi uma questão de opção pessoal mesmo, sempre gostei desde criança não surgiu do dia para a noite.

No ponto ideológico minha família é muito mente aberta, eles não levaram para o lado de que isso mudaria minhas concepções, a questão para eles de maior relevância, de servir ou não, era o meu bem estar. Pra gente que vive aqui e mora há alguns anos, o pensamento muda. Talvez para quem esteja no Brasil não consiga enxergar esse lado, eles acham que você nasceu no Brasil tem que ser brasileiro, servir aos Estados Unidos é como ser um 'vira casaca'. Eu não vejo por esse lado, onde eu estou morando é os Estados Unidos. Moro, vivo, trabalho e minha família está aqui, então pra mim é questão de defender o lugar que eu estou morando que no caso hoje é os Estados Unidos, então eu não vejo por esse lado.

No começo a adaptação depende, né?, mas para qualquer pessoa que chega a um país diferente é complicado. Clima, povo, local, tudo diferente, coisas que nunca tive acesso. O começo foi complicado em questão de língua, clima e tudo o mais, mas com o passar do tempo acho que tudo teve sua hora, seu jeito, e tudo foi se encaixando e você vai se adaptando melhor. No começo é complicado, é difícil para a maioria das pessoas. Eu conhecia pouca gente, mas aí vai passando o tempo, você vai conhecendo as

peessoas, vai trabalhando, vai se relacionando, então a adaptação foi acontecendo naturalmente, fui desenvolvendo.

Mas tem aquela barreira da língua, você passa um tempo até aprender a ouvir, igual a mim, que cheguei aqui completamente leigo, sem saber absolutamente nada. Então esse período de transição foi difícil. Hoje em dia pra mim é tranquilo e você leva numa boa, mas o começo realmente é difícil. Até você falar: "Não, esse lugar tá com cara de casa, minha casa", demora um pouco, mas acho que é o tempo que determina isso aí, o passar do tempo vai te deixando mais a vontade e as coisas vão acontecendo.

O 11 de setembro pra mim teve uma influência muito forte, porque eu estava aqui há três anos e eu via acontecendo na televisão, estava próximo. Na verdade os aviões que bateram no *World Trade Center* em Nova York saíram de Boston e eu morava em *Somerville*, que é um subúrbio de lá. Estava acompanhando na televisão e vendo ao vivo, carros de polícia passando e eu tinha uma bicicleta, falei: "Eu vou dar uma corridinha até o centro". Eu era mais novo e tal e queria ver o que estava acontecendo e tudo.

Portanto teve uma grande influência na minha vida porque eu vi acontecendo, e não só para os Estados Unidos, mas para o mundo inteiro foi um dia muito triste. Um dia de... Sei lá, muita gente perdeu a vida desnecessariamente, vamos dizer assim. Então acho que isso marcou bastante. Por eu estar aqui e ter acompanhado tudo, mais a vontade que eu tinha previamente de servir, aquilo ali colocou 'mais lenha na fogueira', vamos dizer assim, a vontade que eu tinha e ver tudo acontecer aflorou a vontade de me alistar e ajudar no que eu pudesse. O 11 de setembro fez aumentar essa vontade, aumentar bastante.

Aqui nos Estados Unidos o alistamento não é obrigatório, ao contrário de outros países como o Brasil que é obrigatório, aqui não precisa se alistar. É totalmente voluntário nesse sentido. Ninguém me procurou, eu como muitos que procurei. Na verdade você que tem que procurar a sua informação. Tem informação em todo lugar, você podia visitar lugares como feiras de emprego e tudo o mais. Eu procurei, corri atrás das informações, eu perguntei, e quando tomei a decisão de participar procurei o "*Recruitment Center*" (centro de recrutamento), mas ninguém me forçou. É uma coisa de total opção, livre e espontânea vontade, então é uma coisa que você tem que mais ir atrás do que eles vão atrás de você, no caso (risos).

Entrei em contato com uma pessoa que era dessa área de recrutamento, pelo menos da minha parte foi assim que funcionou. Não vou te dizer que não tenha procura

dos militares para o alistamento de muitos jovens. Eles levam as informações para eles conhecerem mais o serviço militar, mas com relação a ser obrigatório ou não é uma escolha sua. Eles te mostram, te incentivam (talvez), explicam os benefícios e tudo o mais, porém não é obrigatório você servir, a pessoa faz por livre e espontânea vontade.

Eu me alistei com o objetivo de me beneficiar, pois iria aprender coisas novas e me ajudar futuramente. Um currículo de vida, de *background* e tudo o mais. Eu queria treinar e passar. Fora todos os benefícios, por exemplo, o *National Guard*, te oferece bolsa para a faculdade. Quando você está treinando você recebe também, não é uma coisa que você faz gratuitamente, apesar de você ser voluntário para você se alistar, é um trabalho igual qualquer outro trabalho. Achei que tudo isso fosse me beneficiar e me ajudar também, seria uma coisa boa eu estaria fazendo a minha parte e sendo ajudado ao mesmo tempo.

Eu escolhi o *National Guard* porque aqui nos Estados Unidos você pode se alistar e servir, é tudo do mesmo jeito. O treino, o uniforme, não tem nada de diferente. A única diferença que tem é que o Exército é *full-time* (período integral), que eles chamam de “*Active duty*” e o *National Guard* é que sua primeira função é estadual, serviço onde você mora, a segunda é o estado e o país e depois servir o país fora dele - no caso das guerras que acontecem muito hoje. Mas optei pelo *National Guard* porque tenho família e achei que era melhor para mim porque eu não era *full-time*, entendeu?

Eu me alistei, mas por mais que você pesquise e tudo, é uma coisa que só sabe quem passa. Cada um sai com uma experiência também, acredito eu, diferente. Mas para mim foi uma grande experiência de vida, de passar um tempo longe da minha família - que eu acho que é uma dificuldade a mais que tenho por eu ter família, entendeu? E o treino em si, você ter que lidar com essa situação e ficar com pessoas que você não conhece. Porque você se alista e eles no caso, te mandam pra fora em outro Estado. Eu fiquei fora de casa por seis meses só por conta de treinamento, então isso mexe bastante não só com o físico, mas com o psicológico. Eu acho que me mudou bastante, e eu até diria pra melhor porque você aprende a lidar com muitas adversidades que eu não tinha encontrado antes de entrar no Exército. Então para mim foi uma experiência de vida tremenda e acho que me ajudou bastante como pessoa. Só veio a acrescentar isso.

Eu poderia ter a minha vida normal assim que eu terminasse meu treinamento e eu podia dividir entre um e outro. Podia trabalhar em um emprego normal, ter minha vida normal e servir o *National Guard* do jeito que eles oferecem, ou um fim de semana

por mês ou duas vezes por semana, duas semanas por ano e por mês, no mínimo um final de semana, e sempre que você precisar ser convocado para outras coisas como desastres naturais, no estado ou no país que você tenha que estar lá. Mas eu achei que pra mim, como tenho família, poderia balancear isso melhor com o *National Guard* do que o *Active duty*.

Se fosse por mim sozinho há uns anos atrás eu talvez tivesse ido *full-time*, talvez tivesse feito carreira militar, entendeu? Seguindo por esse lado, mas como te falei, as coisas mudam e como entrei mais velho nesse jogo, deixei esse *full-time* do *active duty* de lado para fazer o *National Guard* e tudo. Não deixei de servir, mas era algo mais conveniente para mim.

Todo mundo que serve, o primeiro passo é se alistar. Entrou, fez seus exames, entrou no Exército, você tem que treinar. Foi uma fase muito difícil pra mim, não só física, porque demanda muito o físico da pessoa, mas mental também, porque tem uma fase que você fica meio que, praticamente isolado do mundo exterior, você fica lá dentro e sua vida é aquilo ali. Eu não tinha muito contato com família, com minha esposa em casa com uma filha recém-nascida. A comunicação que eu tinha na maior parte do tempo eram cartas, porque nós não tínhamos nem autorização para ficar ligando. Acho que eu liguei em um período de três ou quatro meses, ligando apenas duas ou três vezes pra casa. Essa parte foi complicada, entendeu? Você lidar com a parte do físico, do psicológico, por saber que tem alguém te esperando. Você está ali e não tem muito que fazer, tem que passar por aquela fase ali, porque você sabe que depois que passar aquilo ali você vai estar bem, você vai estar melhor, mas na hora que você está passando por aquilo ali é complicado. Mais pelo isolamento, você acaba ficando mais tenso ali, treinando com pessoas que você não conhece que não são do mesmo estado, então é uma fase complicada. Mas passou, foi tudo bem, deu tudo certo, e hoje estou aqui, voltei e está tudo beleza, tranquilo.

Escolhi o *National Guard* também pela questão de ter uma vida normal, um trabalho normal, e servir uma vez por mês e fazer meus treinos que tenho que fazer. Saio da *National Guard* e tenho uma vida normal. Não trabalho *full-time* com o Exército, eu tenho um serviço fora dele, então o Exército é um paralelo em minha vida. Hoje eu faço um trabalho que é integrado com o Exército, mas nem tem nada a ver com ele, vamos dizer assim, eu trabalho no “*Homeland security*” (segurança interna), no Aeroporto de Boston. É integrado mas não é integrado e é um serviço que qualquer cidadão americano pode aplicar. Talvez você sendo militar isso te ajude na entrevista,

algum tipo de coisas assim, mas é um serviço que qualquer americano teria condição de aplicar. Ele está conectado mas não está conectado.

Dentro desse treinamento para o Exército eu diria que eles não me viam como brasileiro, eu não sei, nessa questão já é parte da cultura americana essa miscigenação de culturas e tudo o mais. Eu acho superinteressante o jeito que nós somos acolhidos, talvez os outros países não acolhessem a gente como os Estados Unidos acolhe. A gente é tratado como qualquer outra pessoa, não tem diferença nenhuma, o brasileiro, preto, branco, espanhol, japonês... para eles raça é independente, entendeu? Todo mundo está ali, você tem que passar pela mesma situação. Não tem esse lance de identificar como brasileiro, pelo menos comigo não aconteceu, estive lá e fui bem recebido tratado como qualquer outra pessoa que estava lá comigo americano ou não de naturalidade. Para mim é uma experiência que eu não tenho nada a acrescentar porque meu tratamento foi igual ao da pessoa que estava ao meu lado, foi a mesma coisa, o tratamento é igual para todo mundo.

Eu diria até que a maior parte das pessoas te olha parecendo que tem mais orgulho de você por ser de outro país e estar servindo o país ao lado deles, do que talvez eles conhecerem uma pessoa que é qualificada. Hoje em dia se você for colocar em números deles menos de 1% da população americana serve as Forças Armadas, e isso inclui todas as ramificações das Forças Armadas, *Navy, Army, Air Force, Marines, Coast Guard*, então menos de 1% da população serve, não é obrigatório, então você saber que você é parte de menos de 1% da população e nem é nascido no local. É coisa que, sei lá, é interessante, gratificante, é uma coisa que faz a gente se sentir bem saber que você faz parte de uma minoria, de uma elite, vamos dizer assim. Muitas vezes tem oportunidade, mas são poucos os que se arriscam a tocar a frente esse processo de se alistar e servir. É um compromisso, não é uma brincadeira. Depois que você assinou o contrato é de verdade, a bola está rolando e você tem que entrar em campo, então você estar entre esse 1% e nem ter nascido na América é bem interessante, eu diria.

A prioridade do *National Guard* são os Estados Unidos, então como eu moro no estado de Massachusetts a prioridade é servir aqui. Então se acontecer algum desastre natural ou alguma emergência que eles precisem de nós, temos que estar lá. Já tive vários chamados, ano passado teve o *Snow storms*, e vários torneios que passaram por aqui, então a gente é convocado, tem que se apresentar e fazer o que tem que ser feito, ajudar quem precisa de ajuda. Participei já algumas vezes nesse tipo de situação, da

gente ser convocado por causa de desastres naturais dentro do estado e ajudar a comunidade.

Era para eu ter saído do país para ir para uma zona de combate, mas cancelaram nossa saída, meio que de última hora, mas também é uma coisa que eu não tenho controle sobre. Do jeito que eles cancelaram amanhã eles podem chamar novamente. No ano passado, se não me engano, a gente teve o chamado do tornado do *Snow storms*, foram dois que marcaram bastante porque você vê a importância de ter um esquema do *National Guard*, que é um *branch* do Exército, no estado, pronto para qualquer coisa. Marcou bastante porque a gente foi convocado, ficamos quase um mês fora na parte oeste do estado, muita gente sem energia. Você vê a falta que faz no mundo moderno uma pessoa ficar uma semana sem energia ou isolada porque tem muita neve ou caíram árvores, então essa parte de ajudar e restabelecer ordem no local de emergência fazendo o melhor possível... acho que isso me marcou bastante. Bem interessante você poder ajudar e receber aquele *feedback* das pessoas que estão tendo essa experiência de receber ajuda, então acho que foi bem legal e bem interessante. Passamos quase um mês fora, eu achei que valeu a pena, ajudou bastante e o povo das áreas afetadas foi grato, então me marcou bastante.

Não sei se me sinto mais americano após o Exército. Esse negócio de brasileiro, americano, japonês, sei lá. Eu me sinto bem americano, sou patriota, me sinto brasileiro ao mesmo tempo. Pra mim não muda, lido com isso de forma bem natural. Saí do Brasil, sou filho do Brasil, tenho aquela raiz. Tenho família que mora no Brasil, mas hoje estou aqui, moro aqui, também criei minha família aqui, então hoje estou defendendo o lugar onde moro e estou feliz com isso. Sou satisfeito com essa decisão que fiz de servir os Estados Unidos militarmente, mas não me sinto mais americano ou menos brasileiro, para mim não mudou nada. Não me esqueço da onde vim, sei onde estou e onde que quero ir.

A sociedade americana me vê diferente, acho que sim porque só quem serve para sentir isso na pele. Sempre que tenho que treinar que estou de uniforme, ou voltando do treinamento, ou andando por qualquer local público, realmente o tratamento é diferente, quase 99.9% das pessoas vêm e te agradecem, apertam sua mão, aquele negócio de patriotismo: "Obrigada por você estar fazendo o que talvez eu não esteja fazendo, mas tem alguém que está", e no caso sou eu e outras pessoas que servem também. Nesse lado realmente muda um pouco porque quando as pessoas sabem que você está servindo te olham um pouco diferente mesmo, te olham com um olhar de gratidão principalmente

por estarmos participando do que está acontecendo agora. Não vejo isso como benefício, servi porque eu queria fazer minha parte também, eu sempre tive vontade de servir, mas não vejo isso como benefício.

Fico feliz pelas pessoas terem esse tipo de gratidão e serem nacionalistas e reconhecerem quem está servindo o país. Fico grato por isso, mas não vi isso como benefício. A gente fica grato, mas é algo que a gente faz por gosto, por opção, decisão, não esperando alguma coisa em troca. Você faz por servir, pelo menos foi meu pensamento, fiz para ajudar porque eu já tinha vontade, mas não com esperança de receber algo em troca.

O fato de estar no Exército americano não ajudou necessariamente a legalização da minha esposa, porque eu já era legal nos Estados Unidos e ela já estava nesse processo, então nesse sentido não, eu poderia fazer com ou sem Exército. Então nem ajudaria nem atrapalharia em nada a questão de eu servir ou não os Estados Unidos. A questão de direito à legalização nos Estados Unidos funciona assim, você vem morar aqui e se torna um residente legal. Depende, né? São vários casos e eu não sou *expert* nessa área. Mas você pode entrar, se legalizar e após alguns anos que você está residindo legalmente você pode se naturalizar. Não só naturalizado mas com o *green card*, que é a residência legal americana, você pode passar isso para outras pessoas. Assim que funciona até onde eu entendo, mas... Essa naturalização é uma outra coisa nos Estados Unidos que não é obrigatório, você pode morar aqui o tempo que for mesmo que você seja ilegal, eles não te obrigam a se naturalizar. Não vou dizer que pelo fato de ser militar não facilita a legalização de sua família.

Minha esposa também é brasileira e tem aquela preocupação do começo, se isso vai beneficiar ou não a família, e com o meu bem estar ela também se preocupava, depois aceitou normalmente e foi tudo bem.

Tenho amigos brasileiros, tenho amigos americanos, ficou aquela mistura ali, cinquenta por cinquenta. Você trabalha fora, conhece, vai fazendo amizades e vai se abrindo mais. Agora estou no Exército, é outro serviço, então o campo abre. Amizade, eu diria assim, meio a meio, tenho amigos brasileiros, conheço, é inevitável. Ainda mais morando no estado em que moro que a comunidade brasileira é grande, você tem e mantém amizade. Mas eu diria que hoje é meio a meio. Pela questão do tempo passando, você vai conhecendo mais gente, se relacionando, então tenho amigos brasileiros e americanos e por aí vai.

A comunidade brasileira aqui nos Estados Unidos me enxerga, quer dizer, eu acho que eles enxergam, porque eu não posso falar por eles (risos), como uma evolução dos brasileiros que chegaram aqui. Porque o que a gente está vivendo hoje, como teve a imigração italiana há muito tempo atrás, até hoje eles nos encaixam como 'imigração da Espanha', latinos e tudo o mais. Então eles veem isso, quer dizer, eu acho que eles veem isso como uma evolução da comunidade, pessoas que vieram mais novas ou pessoas que já nasceram aqui, filhos de brasileiros e que estão fazendo da América sua casa. Vão evoluindo, entrando no mercado de trabalho como qualquer americano, acho que eles veem quem está servindo o Exército. Uma evolução da própria sociedade brasileira, crescendo, saindo e conquistando espaço aqui que há algum tempo atrás não existia.

Não sei se pretendo voltar a morar no Brasil, esse negócio de nunca é complicado (risos), entendeu? Porque como te falei, eu sei de onde eu saí, tenho minhas raízes, tenho família que mora lá, agora é difícil... Hoje eu não consigo me ver voltando ao Brasil, entendeu? Porque criei raízes aqui, família, trabalho aqui, então eu levo uma vida normal, normal. É a vida que eu levo, a vida que eu tenho hoje, então hoje não me vejo voltando ao Brasil. Vou a passeio, vou visitar família e amigos, agora voltar definitivamente ao Brasil, no momento eu não me vejo. Nem em um futuro distante, eu não consigo imaginar ainda. Minha esposa é mais assim na questão família, porque ela tem família lá também, mas hoje em dia ela também não vê, mas quem sabe no futuro ela tenha até uma vontade. No momento não consigo enxergar esse lado, hoje em dia não.

As coisas vão acontecendo, nunca me esqueço de onde eu vim, mas você vai criando raízes aqui. É a mesma coisa que você tem um cidadão brasileiro ali no Brasil e dizer a ele: "Não, agora você vai para outro lugar". Como é que faz do dia para a noite assim? A pessoa tem casa, carro, família e é minha questão hoje. Eu tenho trabalho, tenho família, tenho carro e casa, então não é fácil sair daqui para outro lugar, outro país (risos). Hoje não consigo ver esse lado de voltar, mas quem sabe quando chegar mais para frente eu consiga ver esse lado. Hoje em dia eu diria que nem posso pelo decorrer das coisas, mas quem sabe no futuro, não sei, mas acho bem difícil, no momento, (risos) falar esses tipos de coisas.

Sempre tem alguma surpresa, fica até difícil de lembrar. Eu sou um cara ruim de memória pra caramba (risos), mas tiveram muitas histórias, coisas boas, ruins, dificuldades, mas foi legal, o treino em si foi muito bom, foi proveitoso. Não tem nada em específico para abrir no momento, mas foi bom, foi legal, estou inteiro, estou em um

pedaço só, então tem que relaxar um pouco porque Exército não é um bicho de sete cabeças. Fui e voltei como tem outras pessoas que vão e voltam. Tem o lado difícil de ficar fora, o lado da guerra tem, pode acontecer, eu estou aqui conversando com você, mas não sei o dia de amanhã. É uma coisa que a gente não tem controle, mas a gente que participa, que está dentro temos que estar prontos para o que der e vier e na hora que precisar.

9. MA, membro da Aeronáutica dos EUA.

“Eu estava atolado em dívidas. Em questão de dias iria faltar dinheiro para comprar o leite do meu filho. Isso foi um choque para mim e começou a abrir os olhos para o que eu deveria fazer da minha vida. Então comecei a pesquisar sobre como seria minha vida caso eu me alistasse para a Aeronáutica”.

Entrevista realizada no dia 02/10/2013, às 20h00 via internet.

Ferramenta utilizada: Skype

Entrevistador em Cambridge, Massachusetts, EUA

Colaborador em Lampoc, Califórnia, EUA.

Entrevista em português.

Eu devo contar até onde? Até o dia que escolhi ser militar, ou até hoje? Bom, vou contar tudo. Meu nome é M.A., eu sou membro da Força Aérea Norte-americana. Estou fazendo 29 anos de idade hoje – é meu aniversário – e já sirvo há três anos e meio.

Vivi no Brasil até os 15 anos de idade. Pouco antes de eu vir para cá, minha mãe veio para participar do casamento da minha tia, que já morava aqui nos EUA. Minha tia emigrou mais ou menos em 1986, quando eu era bem novo mesmo, então eu pouco conhecia ela. E ela nunca voltou, conseguiu trabalho e acabou conhecendo um brasileiro aqui nos EUA e resolveu casar com ele.

Durante essa estada da minha mãe para o casamento, ela recebeu uma oportunidade de trabalho nos EUA e resolveu não voltar mais. Ela tinha tirado uma licença no trabalho dela no Brasil para atender ao casamento, mas ela nunca mais voltou para a vida dela no Brasil, só para visitar mesmo.

Passaram-se três anos e meio mais ou menos, ela já estava bem estabelecida nos EUA, então ela resolveu voltar para buscar os filhos. Meu irmão ainda tinha 5 anos de idade e eu já estava completando 15. Foi em fevereiro, um pouco antes do meu aniversário que ela buscou a gente.

O casamento da minha tia foi em *Massachusetts*, mas a proposta de trabalho que minha mãe recebeu foi em *Connecticut*, então quando chegamos aos EUA fomos morar

lá. Ela estava noiva na época - do ex dela - então moramos todos lá. Eu fiquei 10 anos morando em *Connecticut*.

Eu aprendi rápido a falar inglês. Em três meses eu já estava me virando muito bem. E, além disso, todos falavam inglês fluente na minha casa, então a língua não foi uma dificuldade muito grande para mim. Mas a cultura foi difícil para mim. Eu estava acostumado a ter muitos amigos no Brasil e tudo que eu fazia era sempre com os amigos. E quando eu me vi, estava isolado de todos, numa cultura diferente. Foi um choque muito grande para mim, na época, perder todos meus amigos. A gente tinha um grupo de 4 rapazes e 4 moças que sempre estavam juntos. Para todos os lugares a gente ia junto; era o grupo. Então para mim foi muito difícil chegar aqui e não ter amizade com ninguém, nada para fazer.

Eu comecei a brigar muito com a minha mãe, quase todo dia. Eu culpava ela por ter me afastado da minha vida no Brasil, dos meus amigos. Eu queria voltar, de qualquer maneira. Eu não era feliz aqui e só poderia ser voltando para o Brasil. Então foram alguns meses bem pesados, de brigas diárias. Ela, obviamente, não me deixava voltar. Eu tinha 15 anos, ia fazer o que sozinho no Brasil? Acabou que eu tive que aceitar e ficar, né? E nesse meio tempo eu trabalhei e fiz alguns amigos. Mas era mais ou menos, não era aquela amizade que eu tinha antes no Brasil. Eu estava aos poucos me adaptando, mas nunca deixava para trás a vida que eu tinha tido antes de vir para cá.

O tempo passou e minha mãe se separou desse rapaz com quem ela morava e ele voltou para o Brasil. Pouco tempo depois ela começou a sair com outro cara, que morava aqui e eles logo casaram – estão juntos até hoje. Logo, eles tiveram mais dois filhos. Quer dizer, no total agora já éramos quatro.

Durante esse tempo trabalhei no cinema de madrugada, limpando o cinema. Eu entrava às 5 da manhã e trabalhava até às 10h00, deixando o cinema limpinho para a primeira sessão. E, às vezes, eu pegava o turno mais de madrugada ainda, da meia noite em diante até de manhã. E depois desse turno eu ia para a escola. Então era muito cansativo.

Quando eu completei três anos de América, arrumei uma namorada. Fiquei com ela 3 anos e meio. E foi depois que eu comecei a namorar ela que comecei a aceitar mais a minha estadia aqui nesse país. Ela era brasileira. Tive três namoradas até hoje aqui nos EUA e as três eram brasileiras.

Quando acabamos eu voltei a querer ir para o Brasil. Era porque eu me sentia sozinho aqui, mas também tinha aquela coisa de adolescente que tinha medo de ver ela

com outro aqui então se tornou de novo a solução da minha vida voltar para o Brasil. E eu já estava com 20 anos e foi então que minha mãe sentou-se comigo e falou: “o que você vai fazer da sua vida se um dia você voltar para o Brasil e depois descobrir que a felicidade não tá lá? Depois você pode querer voltar para cá e não vai ter mais documento, e não vai conseguir mais”. E hoje eu vejo que minha mãe tinha razão.

Assim que eu acabei o *High School* (ensino médio), os recrutas do Exército tentaram me recrutar várias vezes. E eu não queria ir de maneira alguma. Eles insistiam, mas eu dizia que não queria, que não tinha documentos de permanência nos EUA, mas eles em diziam que não era para eu me preocupar com isso que documento eles davam um jeito. Me ligaram, me mandaram diversas carta, abordavam a gente no *High School*, era uma coisa muito ostensiva mesmo. Insistiam que a gente pelo menos marcasse uma entrevista para ir no *office* deles fazer uma entrevista. Na época eles estavam precisando muito de gente, era mais ou menos 2002, 2003, então eles ficavam bem em cima mesmo. Mas a primeira abordagem que fizeram, foi em 2001 antes do 11 de Setembro. Mas eu nunca tive muita vontade.

Minha mãe falou dos benefícios, que era a chance que eu tinha de fazer faculdade – porque eles iam pagar para mim. Mas eu dizia para ela que eu não queria mexer com isso não. Eu sempre trabalhei *full-time* (tempo integral), enquanto morei aqui. Eu sempre tive serviço de 40 horas ou mais na semana. Além disso, eu ia para a escola, entregava pizza a noite ou limpava o cinema. Trabalhei também na construção com o meu padrasto, instalando piso de madeira. Então eu sempre trabalhei muito aqui.

Aconteceu o 11 de setembro e eles voltaram a me procurar. Foi então que eu tive certeza que não iria. Imagina? Eu já não queria antes, agora, com todo mundo indo para a guerra? Aí que eu não queria mesmo! (risos...)

Depois que mudamos de casa, as abordagens pararam um pouco. Eu também já tinha dito claramente para eles que eu não queria servir. Disse que não estava interessado e até menti que eu não falava inglês, para que assim parassem de me abordar. Mas teve uma vez que me chamou muito a atenção, que eu estava caminhando de volta para a casa. E os recrutas passaram de carro, eram 3 no carro. Eles pararam o carro e desceram para me abordar e tentar convencer a me alistar. Eu achei muito, tipo assim, desesperado da parte deles, sabe? E isso me afastou ainda mais, porque eu fiquei pensando que eles estavam precisando demais de gente lá, e isso não era boa coisa.

Nessa época eu conheci a Mila, ela é a mãe do meu filho. Eu morei com uns 15 meses e durante esse tempo eu tentei vender carros, que também não deu certo e acabei

voltando para a construção. Na última semana que a gente estava junto ela engravidou. Como a gente não sabia, a gente terminou e foi cada um para seu lado; eu fiz minhas bagunças e ela as dela. Só dois meses depois que a gente terminou que descobrimos que ela estava grávida. Ela me abordou para que a gente reatasse a relação, até porque tinha uma pressão enorme da mãe dela também. Mas já não tinha mais como dar certo e acabamos não voltando. No entanto, eu falei para ela que não precisaria pensar em aborto pois eu iria tomar conta do neném e ajudar a pagar tudo o que precisasse. E acabou que ela teve o neném com a gente separado já, em 2007.

E nessa época que meu filho nasceu, a Mila falou que estava namorando sério já. Nessa mesma época eu conheci a minha atual esposa, de quem estou me divorciando agora, mas vou entrar nesse assunto depois. Mas enfim, como a mãe do meu filho estava namorando na época, mesmo estando grávida, eu achei que era ok que eu namorasse também. Mas descobri depois – depois que ela descobriu que eu já estava namorando – que ela não estava namorando de verdade, que ela falou aquilo para ver se eu tomava algum tipo de atitude. E eu disse: pois é, o tiro saiu pela culatra. Você mentiu para mim, tomou no nariz! Enfim, nunca mais voltei para Mila, mas sempre tomei conta do meu filho.

Um pouco depois, na época da Copa do Mundo de 2010, eu abri a minha empresa de construção, eu e um sócio. Mas no dia que eu registrei a firma, que eu acabei de fazer toda a papelada, deixando a empresa totalmente legalizada perante a lei americana no estado de *Connecticut*, o meu sócio me ligou acabando a sociedade. Eu estava na *Highway* (estrada), voltando de onde havia assinado os papéis e ele me ligou falando isso. Então a nossa sociedade durou uns 15 minutos depois que eu saí do prédio.

Eu tinha aberto a sociedade com ele porque o cara tinha muitos contatos de serviço. No entanto, ele não tinha nem dinheiro, nem carro e nem falava inglês. E eu na época entrei com as três coisas: o carro, eu falava inglês fluente e dinheiro eu não tinha, mas tinha um cartão de crédito – inclusive vou falar mais sobre esse cartão de crédito mais adiante. E, claro, isso dava problema... Porque a gente sempre brigava quando tinha que sentar na mesa e colocar os números em dia. Na hora que eu mostrava para ele que tínhamos gastado tanto em gasolina; tanto em ferramentas e que, por isso, a porcentagem do lucro que cada um tinha que pagar era X – na hora do “pega para capar” – ele não entendia as contas de matemática muito bem, ele não tinha estudado muito... Era um cara muito gente boa, trabalhava bem demais, muito cabeça para trabalhar, mas ele não teve um curso de matemática muito elevado no Brasil, entende?

Então ele não entendia as contas de matemática e aconteciam brigas. A briga final que culminou no término da nossa sociedade foi por causa de matemática, porque como tudo estava girando no meu nome eu o pressionei dizendo que quando tivesse que pagar as taxas provavelmente iria precisar da ajuda dele para pagar essas contas. Porém ele achou que eu estava querendo levar o dinheiro dele. Não deu certo, ele não entendia, porque ele falava para mim que era o meu nome que estava crescendo na comunidade, era o meu crédito que estava melhorando, tudo estava girando no meu nome, e ele só estava desembolsando para fazer meu crédito crescer. Ele não estava aceitando essa ideia.

Terminamos a sociedade e fiquei trabalhando por dois anos na companhia sozinho. Abri a companhia em 2006, na Copa de 2006. Já no verão de 2007 trabalhei com o polaco, fazia pisos de cerâmica, meu arroz e feijão viraram cerâmica e de vez em quando fazia algumas coisas diferentes para manter a agenda cheia. Eu trabalhava para um polaco e ele me manteve durante o verão de 2007 inteirinho ocupado e praticamente sozinho. 95% do meu trabalhado era para esse polaco.

No verão de 2008, que foi o verão que a economia quebrou, eu trabalhava para esse polaco ainda, com o cara que trabalhei no inverno e para mais cinco pessoas, cinco contratantes, ou seja, os sete juntos não conseguiam me manter tão ocupado quanto o polaco conseguiu me manter em 2007.

O ano de 2008 foi o ano que quebrou a economia americana e que levou a quebra da economia mundial. E nesse meio tempo entre 2007 e 2008, foi o ano que conheci o AK. Esse cara morava em *Springfield* - Massachusetts. Fui morar com uma amiga e ela me apresentou a ele e ficamos todos muito amigos.

Esse AK resolveu que queria se alistar. Eu falava para ele - "Você está louco?", ele dizia - "Vão pagar minha faculdade, minhas coisas.", eu tentava tirar isso da cabeça dele. E ele queria porque queria: "Vai ser bom para mim". Aí eu disse: "Beleza, mete as caras".

Nessa época pouco antes dele se alistar ele já estava muito próximo a mim, ele morava a meia hora de distância. Ele tinha chegado há pouco tempo no país, não tinha nem dois anos de América quando se alistou, se não eu me engano. Ele vai te dar a data mais correta. Isso foi de 2007 pra 2008. Meu filho tinha nascido em 2007 e eu estava sozinho morando com ele e quando ele ficava com a mãe, o A. vinha ficar com a gente, às vezes meu filho até estava em casa e a gente chamava um pessoalzinho, cozinhas e assistia a um filme.

No dia em que chamaram ele, ele já não queria ir mais, afinal tinha arrumado uma namoradinha, aquele negócio todo, não queria ir mais. Já tinha feito o compromisso, assinado tudo. Foi. De lá de dentro depois que ele saiu do "*boot camp*" (campo de treinamento) ele voltou para Springfield - Massachusetts para passear, e foi para minha casa também. Nós éramos melhores amigos e nessa época eu já estava com a que hoje é minha esposa - na época só namorávamos.

Ele voltou e começou a me contar dos benefícios... E aquele negócio ficou na minha cabeça. Ainda mais, se não me engano, ele voltou no verão de 2008. Aí no verão a economia quebrou e eu estava doido já, com um filho para criar. Teve um certo dia, no começo do verão, era abril mais ou menos, eu tinha muito dinheiro para receber e não tinha dinheiro em minhas mãos, não era abril era fevereiro mais ou menos, se não me engano. Eu tinha mais de US\$ 15 mil de dívidas e meus patrões não me pagavam porque a economia estava quebrada e ninguém tinha dinheiro para pagar ninguém.

Não me lembro se era fevereiro ou logo depois do verão, acho que era logo depois do verão que eu tinha US\$ 15 mil dólares para receber e não recebia esse dinheiro. Estava passando por dificuldades até para colocar gasolina, estava com dificuldades para fazer as compras do mês, o dinheiro que entrava tinha que pagar funcionários, não sobrava dinheiro para mim. Aí teve um dia que me padrasto me falou que eu tinha que tomar uma decisão em minha vida, arrumar outro serviço, trabalhar dobrado, ter que fazer alguma coisa, porque em questão de dias iria "faltar dinheiro para você comprar o leite do seu filho". Isso foi um choque para mim e começou a abrir os olhos para o que eu deveria fazer da minha vida.

E nessas conversas com o AK eu comecei a pesquisar como seria trabalhar na Aeronáutica, quais os benefícios que eu ia ter e onde iria morar. Comecei a pesquisar tudo de "*living conditions*", das condições de vida dos Marines, da Aeronáutica, dos soldados. Procurei saber de tudo: Pagamento e benefícios. E uma coisa que diferenciava a Aeronáutica dos Fuzileiros Navais era uma coisa que eles chamam de "*language pay*" (pagamento por línguas faladas), que, por eu falar português, poderia receber US\$ 400 dólares a mais por mês nos Marines do que eu recebia pela Aeronáutica.

Falei com meu recruta da Aeronáutica que estava pensando em entrar nos Marines porque eles iam pagar a mais US\$ 400 dólares de *language pay*. Ele já falou de forma brusca, que se eu não fosse ficar que era melhor ir para não perder o tempo dele, que só queria fazer uma pergunta antes de eu sair do escritório: Que se ele me desse então os US\$ 400 dólares eu venderia meu filho. Disse que ele estava louco. Ele

rebateu dizendo que se eu fosse para os Marines eu estaria em combate *all the time*, não estaria mais em casa com meu filho e minha esposa.

Esse recruta era de minha cidade, *Manchester* – Connecticut. Eu também já estava em contato com os recrutas dos Marines e da *Army*. Estava pesquisando tudo. Falei com recrutas de todas as corporações, menos da *Navy* porque eles nunca estavam lá. Mas na minha cabeça desde o começo eu queria Aeronáutica ou queria ser Fuzileiro Naval, um dos dois.

Eu queria ser fuzileiro naval porque eles têm um treinamento mais (foda) e pensava na Aeronáutica porque tem mais dinheiro, tinha mais requinte, os caras têm que ter notas melhores para entrarem, não é qualquer pessoa que entra na Aeronáutica. O processo de seleção para você entrar é muito mais rigoroso do que entrar nos Marines, do que na *Army* e do que na *Navy*. Se Aeronáutica se dá ao luxo de ter mais qualificação, é porque é algo melhor. Procurei tudo, até em questão de comida, a qualidade de cada ambiente eu sei.

Calculei as *living conditions* (*condições de vida, benefícios*), tudo, e a única coisa que a Aeronáutica não tinha que eu queria era o *language pay*, mas o que o recruta falou para mim era verdade: US\$ 400 dólares não valia para ficar longe do meu filho. Fui me alistar na Aeronáutica, fiz minhas contas lá e eu iria ganhar menos mensalmente, porém ia ter menos gastos, pois na época eu trabalhava em construção civil, tinha uma companhia e o que acabava tendo mais custos.

Para trabalhar na construção eu tinha o meu carro e tinha uma Van de trabalho, tinha que ter ferramentas e comprá-las direto, tinha que pagar mais imposto, licença para contratistas, construtores... Fora os funcionários que eu tinha que pagar, além de seguro da companhia. Fazendo as contas, se eu entrasse para a Aeronáutica eu iria ganhar menos dinheiro, mas daria para viver.

Eu precisava de um salário fixo, de saber quanto eu poderia gastar por mês. No ramo da construção civil tinham meses que eu ganhava dois mil dólares, no inverno por exemplo. Agora no verão, tiveram meses que ganhei cinco mil e seiscentos dólares em uma semana. Isso não dava certo para mim, porque se ao menos eu ganhasse esse valor todo mês estaria ótimo. Se eu tivesse um serviço grande todo mês estava tranquilo, porém não tinha e eu precisava de firmeza, saber de fato quanto ganharia para fazer meu *budget* (orçamento), quanto poderia gastar por mês, se eu poderia comprar uma televisão, porque em minha situação não era possível fazer isso. Tinham meses que

você fazia muito dinheiro, mas não recebia do patrão, e no mês seguinte que você ainda trabalhava para receber o que faltava, era foda...

No inverno ficava sem trabalhar e sem receber em dinheiro e no verão na hora que entrava o serviço, eu tinha que entrar com ferramentas, material e empregados e não tinha mais dinheiro, acabava ficando desesperado. Cansei disso e resolvi me alistar.

Como eu tinha um filho e não era casado, fui obrigado a casar para entrar na Aeronáutica, pois não são admitidos pais solteiros, porque caso eu morresse meu filho ficaria sem pai. A única maneira seria se eu me casasse e a mãe do meu filho escrevesse uma carta, diante do juiz que ela tomaria conta do menino enquanto eu estivesse em serviço.

Me casei com minha atual esposa e estamos nos separando agora, em menos de dois meses nosso divórcio sai. Eu e minha esposa pouco tempo depois já não estávamos dando certo, casamos mais por necessidade.

Fui para o *boot camp*, estudei em uma instituição financeira aqui. Voltei para casa com meu dinheiro e com meu carro. Voltei para casa para ver os filhos e voltei para a base aqui. Até esse período do *boot camp* eu não estava precisando pagar aluguel. Todo dinheiro que entrava ia para a minha conta. Até antes quando entrei com a sociedade com meu dinheiro e com meu carro, naquela época, bem depois porque era inverno, eu estava colocando muitas coisas no meu cartão de crédito, eu cheguei a um ponto de ficar devendo mais de vinte mil dólares.

Foi também um dos motivos para eu me alistar também. Eu saía, a galera me dava dinheiro (*cash*) eu pagava no cartão e acabava gastando o cash também. Isso acumulou dívidas demais e eu tive que entrar para a Aeronáutica. Os dois primeiros meses e meio de Aeronáutica eu fiquei só em *boot camp*, não podia sair para a base, só juntando dinheiro, depois eu fui para o *Tech School*, onde fiquei três meses e meio lá, que os *Marines* chamam de outro nome que é a mesma coisa para a gente - a nossa escola técnica.

Nesse tempo eu recebia auxílio moradia da localização da minha esposa que era mais alto, e como estava dormindo no dormitório não tinha que pagar aluguel. Nessa época eu paguei de quinze a dezessete mil dólares de cartão de crédito. Eu não paguei dezessete mil, mas eu quitei dezessete mil de conta, porque eu fazia acordos com as companhias de cartão. Vamos supor, tinha um cartão de sete mil dólares eu pagava quatro mil e meio e não precisava pagar o total. Dessa forma quitei muitos cartões.

Fui para a Califórnia, já fazia algum tempo que eu e minha esposa não estávamos nos dando bem, ela tinha vindo algumas vezes para cá a passeio para ver se nos reconciliávamos, mas não deu certo. Meu filho veio passear também e nesse tempo comecei a aprender minha função aqui que são finanças. Trabalhando aqui tranquilamente, estou me divorciando, os documentos estão com a corte, pois tem de esperar três meses na corte do estado de Nova York depois que você faz a aplicação. Caso alguém queira mudar de ideia, o papel está na corte há mais de um mês, faltam menos de dois meses para entrar em divórcio.

Meu filho era para supostamente vir morar comigo aqui na base e pelo fato de eu estar morando em dormitório... Na época que entrei, eles me deixaram no dormitório para arrecadar *BAH* (*auxílio moradia*). Passei oito meses, mais de um ano arrecadando *BAH* as custas do governo e morando em dormitório, ou seja, deu para pagar muitos cartões de crédito meus. A Aeronáutica me ajudou muito nesse sentido, você não tem noção.

BAH significa *Basic Allowence for Housing*, é um dinheiro que eles te dão para você pagar um aluguel ou uma prestação de casa. Então eu passei mais de um ano recebendo essa quantia do governo e morando dentro da base, do dormitório. Ou seja, estavam me pagando duas vezes: um lugar para morar e pagando para alugar um lugar. Eu ganhei bastante dinheiro nessa época com eles nisso daí, foram muito bons comigo, não tenho do que reclamar.

Estou me divorciando da minha esposa agora e estou tranquilo, tenho quase três anos e meio de serviço e no ranking da Aeronáutica eu sou um I4, sou listado mas não sou um oficial. A missão da minha base aqui é lançar mísseis e foguetes, satélites para o espaço e tudo o mais. E também tomamos conta do *Cyberspace*, no caso dos inimigos da internet, os *hackers*. Minha base fica na escuta de internet, a gente fica fazendo leitura de satélites, ouvindo conversas, é o ponto forte da base aqui, e mísseis de interceptação no caso de algum dia ter um bombardeio e for cair na costa pacífica do país. A minha base mais algumas outras bases têm por obrigação lançar um míssil para poder explodir o outro míssil que vier em nossa direção, o que chamamos de interceptor.

E lançamos também muitos satélites para o espaço, como o satélite da *google*, satélite da *yahoo*, qualquer satélite que eles precisarem lançar no espaço. Uma das missões da minha base é levantar esse satélite. E de vez em quando tem alguns pousos daquelas naves espaciais como a *Challenger*, a *Discovery*, essas naves espaciais que

vem com o astronauta, vira e mexe alguma aterriza aqui. E esse é o básico da minha base.

Todo mundo que está aqui é para providenciar suporte para o pessoal que levanta os mísseis e para o pessoal que faz inteligência nessas leituras de satélites e coisas de internet, ou seja, a gente tem todo um ramo médico, um ramo financeiro, um ramo pessoal, de policiamento, de engenheiros, de tudo que você possa imaginar, é como se fosse uma cidade pequena se mantendo.

O meu ramo é finanças, e na época que entrei aqui, que foi até setembro do ano passado, foram quase três anos mexendo com isso. Eu mexia com pagamento de pessoal, o que eu fazia era saber se estavam recebendo o salário grosso deles corretamente, que era o *base pay*, o BAH para pagar moradia, o dinheiro que o governo dá para fazer compras de alimentos, não para sustentar sua família, te sustentar. E mais o *language pay* que me garantia uma renda extra, qualquer coisa que seja relacionado com a folha de pagamento salarial passava por minhas mãos.

Não que eu fazia a folha salarial, mas se alguém chegasse ao escritório com algum problema como não receber o salário do mês, eu tinha um sistema no qual eu monitorava e organizava tudo o que havia acontecido para saber o porquê dessa pessoa não ter recebido, ou porque vieram valores mais altos ou mais baixos. Eu tinha que interpretar tudo, porque tinham vários fatores, por exemplo, quando a pessoa se casa ela recebe um BAH na quantia com um dependente, no caso você não ganha mais como se fosse uma pessoa solteira, ou seja, um pouco de dinheiro a mais. Dependendo do estado ou da cidade que você mora o seu BAH é de um valor diferente. Então quando a pessoas vem, por exemplo, da base do Texas - onde eu fiz meu boot camp -, lá, como o custo de vida é mais baixo, quando o pessoal vem para cá, o BAH da pessoa cai porque na Califórnia é mais caro. Então a pessoa tem que fazer o que chamamos de *travel voucher*, que é uma listagem de pessoas de sua família, de quanto é o gasto das viagens para podermos arrumar todo o *pay record* da pessoa.

Na minha empresa eu trabalhava com construção e de certa forma eu mexia com pagamentos por conta dos funcionários, mas meu ramo anteriormente na construção civil era assentar pisos de cerâmica e de vez em quando comprar materiais de construção como cerâmica, massa, pá, colher e eu tirava esse dinheiro do meu bolso. Porém aqui não mexo com construção alguma, apenas com folha salarial, além de pessoas que morriam na base, pois em caso de falecimento a família recebe uma

quantia, tínhamos que fazer o *report* para ver quem estava recebendo errado, coisas que não eram para receber.

A pessoa tinha que fazer o *travel voucher*, as viagens que a pessoa faz, ou se ela muda de base, que nós chamamos de PCS ou quando a pessoa vai fazer um treinamento ou, como se diz no ramo civil, é como se fosse um curso que sua companhia paga para você fazer em outro lugar. Vamos supor que você trabalhe numa filial e vai ter curso para mexer em tal sistema da companhia e de lá eles te mandam para a matriz para fazer o curso e voltar para o escritório. Esse treinamento inglês na Aeronáutica e nas Forças Armadas a gente chama de TDI.

No caso a pessoa tem que pagar o carro, o avião, hotel... Então nós pagamos para essas pessoas e quando eles voltam também tem que fazer o formulário cobrando tudo isso do governo. Então até setembro do ano passado minha função era essa, e a partir de outubro (que é o mês que muda o ano fiscal do governo americano), comecei a trabalhar em outro setor, dentro de finanças mesmo, mas agora com contabilidade. Essas pessoas que vão viajar precisam de *orders* e meu serviço hoje é certificá-los e reportá-los aos lugares corretos, além de determinar verba para alimentação e locomoção por dia.

É no sistema que temos e confirmar para ver o *line of accounting* (linha de contabilidade), que são números com letras como se fosse um código, falando onde está aquela quantia em dinheiro, em qual departamento da Aeronáutica: o departamento do exército, o departamento dos fuzileiros navais, de onde está vindo aquele dinheiro, quem está financiando aquela viagem. Tem um conjunto de letras e linhas que se chama *line of accounting*, linhas de contabilidade que vão me indicar tudo, qual base, quem está financiando essa viagem.

Eu coloco esses números e letras no sistema que vai me falar exatamente quanto de dinheiro que aquela unidade, que aquela pessoa que está financiando tem, então se a pessoa tiver dinheiro suficiente eu posso certificar aquelas *orders*, para poder viajar. Outra coisa que eu também faço agora é tomar conta das pessoas que viajaram para que preencham o formulário de viagem delas para poderem serem pagas, pois não pode ficar muito tempo sem pagar, pois o governo fica com aquela quantia pendente e não pode gastar aquele dinheiro porque a pessoa não fez a voucher? Porque imagine se o governo gasta o dinheiro e depois a pessoa preenche o formulário de viagem dela e o governo não tem mais verba para pagar? Então o governo quer que eles preencham o formulário o quanto antes possível para eles poderem gastar o restante do dinheiro.

Já me voluntariei duas vezes para ir para a Guerra com alguns companheiros de trabalho, sou louco para ir. Mas meus colegas acabaram pegando a vaga e eu não fui para a guerra ainda. Eu quero ir para adquirir experiência de vida, ver um pouquinho mais com meus próprios olhos o que realmente acontece lá fora em vez de só escutar o que os outros relatam, em vez de ver na mídia. Financeiramente falando também, vou ganhar muito dinheiro se eu for, então são vários fatores...

O problema que eu não quis entrar nos *Marines* foi que eu estaria na guerra constantemente e na Aeronáutica é bem menos. Vamos supor, se você é um Fuzileiro Naval e se você é Artilharia, ou se você é Infantaria. Infantaria principalmente está na guerra o tempo todo. Por exemplo, eles ficam um ano fora e um ano nos EUA, e assim sucessivamente. Eu não sei exatamente quanto é a Infantaria do *Marines* mas é quase que um por um, você vai um e fica um e de vez em quando, até dezesseis meses por lá. É normal os *Marines* ficarem na guerra por um ano.

Na Aeronáutica na época que me alistei para o nosso *deployment* era de quatro meses apenas e ficava em casa de volta por mais dois anos e meio. Agora mudou um pouco. São seis meses que vou e fico por dois anos, ou seja, na época que me alistei, que cheguei nessa base aqui, ainda eram quatro meses *deployment*, dois anos e oito meses em casa, isto é, a cada três anos eu só ficaria em *deployment* por quatro meses, acaba que ainda é bem menos que os *Marines*.

E eu tenho vontade de ir pela experiência, situação financeira também, eu devia muito dinheiro quando cheguei aqui que foram um dos motivos pelos quais me alistei, então eu tenho vontade de *deployment*, pra poder ganhar esse dinheiro. Agora estou quitando minhas contas e esse mês que vem quito meu penúltimo cartão de crédito e até setembro ou outubro quito meu último. Quando entrei na Aeronáutica eu tinha sete ou nove cartões de crédito todos estourados, então aqui tem sido muito bom para mim, tenho conseguido pagar tudo.

Não ganho muito dinheiro, ganho razoavelmente bem, tenho meu seguro saúde que cuida do meu filho e da minha esposa. Se colocar tudo no papel eu acho que sou bem pago. Tenho direito a gastar quatro mil e quinhentos dólares por ano com faculdade, que não é muito dinheiro, mas você pega um *Community College* está mais do que coberto.

Eu tenho o que eles chamam de G.I. Bill¹⁷, que eu posso gastar depois que sair da Aeronáutica. Se eu quiser pegar o meu bacharelado qualquer coisa pela Aeronáutica, posso transferir para o meu filho. Em muitos lugares tenho desconto, 10%, 15% e tem lugares que dão 50% de desconto. Antigamente logo que entrei a *Disneylândia*, *Universal Studios* deixava nós entrarmos de graça, hoje já não temos mais essas regalias, mas ainda temos o dia que eles chamam *Military Appreciation Day* que podemos fazer coisas de graça, como o *Applebee's*. Têm muitas regalias, por exemplo, seguro, táxi. Quando vou da Califórnia para Connecticut não preciso pagar. Seguro saúde, odontológico, que quando junta tudo acaba que faz meu pagamento ficar bonito.

Me naturalizei com ajuda da Aeronáutica e por conta disso não tive que pagar taxa alguma, senão teria que pagar mais de mil dólares por tudo. Porque eu era membro das Forças Armadas, me naturalizei gratuitamente. Em março de 2010 eu entrei na Aeronáutica só com *green card*.

Na época de 2001, antes do 11 de setembro, você podia entrar na Aeronáutica ou nos *Marines* sem o *green card*, porém, posterior a isso apenas possuindo o *green card*. Estabeleceram essa lei pouco depois desse acontecimento. Não sei, pode ter sido o inverso e posso estar errado, mas na época que eles me abordaram que eu ainda estava na *High School* mencionei a eles que não tinha nem documentos e eles me respondiam para não me preocupar com isso, e hoje sem *green card* você nem passa pela porta mais.

O fato de eu ser brasileiro não teve discriminação alguma por parte dos instrutores. As pessoas que estavam lá comigo nós chamávamos de *trainees*, pois estávamos em fase de treinamento. Desde o início quando cheguei lá, o recruta não me discriminou, lá no boot camp, que os *Marines* chamam de *Drill Sergeant*. Para nós da Aeronáutica é MTI (*Military Training Instructor*). Em hora alguma meu instrutor também me discriminou, inclusive na primeira semana ele me fez um dos líderes do dormitório.

Chamávamos o dormitório de *flight* que é voo em inglês, nos *Marines* eles chamam de *platoon*. O nosso *flight* tinha cinco líderes e cada lado do dormitório tinha uma baia e em cada uma delas, duas seções, ou seja, quatro líderes em um quarto e um líder geral que tomava conta dos outros quatro. Cada ala do dormitório tinha lugar para até quinze pessoas, de treze a quinze pessoas e eu por ser responsável por uma ala eu tomava conta de nove a treze pessoas dependendo da mudança de dormitório. Nós

---

¹⁷ Gratificação para veteranos.

éramos chamados de *Element Lider*, no caso quatro elementos, e tinha uma pessoa acima da gente que também entrou no *boot camp* no mesmo dia em que entrei, até no mesmo ônibus, foi escolhido para ser o chefe do dormitório. Nessa função ele podia corrigir os *trainees* e também os *element lider*, enquanto que eu apenas corrigia os *trainees* que estavam na minha área.

Se eu quisesse interferir em *trainees* de outras áreas eu tinha permissão, mas dependendo do que fosse era mais prudente chamar o líder deles para que fizesse isso. Desde o início eu demonstrei *leadership*, liderança, e meu *Instructor* reconheceu isso desde o começo, pois desde a primeira semana eu fui líder. Fui líder pelo *boot camp* inteirinho. Inclusive eu recomendei outro imigrante, um mexicano a ser líder depois, pois os outros líderes haviam sido demitidos então acabou que passaram três americanos sendo líderes e dois imigrantes, eu e o mexicano, então não teve discriminação nessa área.

Fui reconhecido, meu *Training lider* me tratava bem. Fui o único líder do começo ao fim sem ser demitido, porque isso pode ocorrer dependendo do que você fizer. Temos uma coisa chamada *recycling*, que é quando uma pessoa faz algo muito errado, severo o suficiente. No caso, toda semana no *boot camp* chega uma classe de *trainees* novos. Começa na semana zero, depois semana um, dois, três, quatro e assim por diante, são oito semanas e meia praticamente. Se você está na semana cinco e comete algum deslize, eles te repassam para a semana quatro e dependendo se a falta for muito grave eles podem te punir até duas semanas, o que lhe prejudica, pois ninguém quer ficar lá dentro mais tempo do que você precisa ficar, então isso se torna uma ameaça.

Teve um dia em que os meninos fizeram algumas coisas erradas e um deles nós não gostávamos de jeito algum e não o queríamos no grupo, porque ele contava histórias demais e fazia tudo errado, além de ser mentiroso. Definitivamente ele não merecia estar ali e acabei reportando uma coisa que ele havia feito de errado. Não só ele mais outras pessoas. Eu fui justo no que fiz, minto, não reporte.

Eu peguei o ID (identificação) deles, pois você não pode deixar o ID fora do seu alcance. Tem que estar uma mão ou um braço de distância do seu ID e esse cara deixou seu ID na cama e foi mexer em outras coisas junto com mais duas outras pessoas. Acabei recolhendo os três porque nosso instrutor sempre disse que eram essas as regras para todos, independente de quem você fosse lá dentro. Peguei os três e guardei, minha intuição era de dar uma lição neles.

Só que toda madrugada antes da gente dormir tínhamos que escrever o que chamamos de *report*, para o nosso *Instructor*, pois ele não ficava conosco vinte e quatro horas por dia, ficava entre doze e dezenove horas dependendo do dia. Tínhamos que escrever o *report* do que estava acontecendo quando ele não estava ali, para saber que tipo de atitude poderia tomar. Eu mesmo não podia pedir para que alguém fizesse abdominal, nem reciclar ninguém, isso tudo vinha do *Instructor*. Então nossa arma como *Element Lider* era escrever esse *report* para que o *Instructor* tomasse uma atitude.

Escrevi o *report* de madrugada, relatando que eu havia prendido a carteira deles, o ID deles, estavam comigo e veria quanto tempo demoraria para eles se darem conta. Pouco depois um amigo meu percebeu que estava sem a ID dele e me perguntou. Disse que estava guardada comigo em minha gaveta, fechada com chave e eu entreguei para ele, porém os outros dois não se tocaram. No outro dia de manhã meu *instructor* chegou e me chamou na sala dele e me perguntou se eu ainda estava com os ID's e eu disse que sim e ele me pediu que buscasse. Fiquei com receio, mas ele disse para não me preocupar, chamou os outros dois rapazes, já tinham tido seu aviso, pois já haviam feito coisas erradas antes.

E essa foi a última chance deles. Eles pagaram juntos, mas um cara, o que era *element lider* no começo, perdeu a posição dele porque dormiu em um domingo. Esse foi o segundo *strike* dele por causa do ID então ele foi *recycling*. Porém, ele estava fazendo tudo direito, só tinha tido essas duas falhas, mas não merecia ser reciclado. O outro ninguém gostava dele e nisso todos que entraram comigo ficaram bravos, porque ser reciclado é muito (Foda).

Uns dois dias todos ficaram muito irritados comigo, ninguém queria nem conversar nem me ouvir. Estava perdendo o controle de liderança e eu precisava resolver essa situação. Chamei todos em minha sala, falei com os outros líderes e eles também estavam preocupados tentando resolver. Disse que estava perdendo o controle. Fui colocado na liderança porque eu sabia o que eu estava fazendo e mostrei para meu instrutor que eu sabia andar na linha e que eu tinha o que precisava para ensinar aos outros.

Eles não queriam me escutar. Os levei para a sala e comecei a falar que tinha sido assim, assado... Eles disseram que eu não poderia ter feito isso. Nisso meu instrutor escutou e disse: "A. (que é meu sobrenome), '*sit down*'". Me sentei e ele falou que o que eu tinha feito não era nada além do meu *job*, o meu trabalho, porque se eu não fizesse estaria desobedecendo a ele. Como se pedisse para limpar o banheiro e não

fizesse quem ficaria em problemas seria eu. Não fiz nada que ele não me mandou fazer e ele disse que eles estavam bravos comigo porque eu tinha sido um líder excelente e que deveriam estar bravos com quem não executa bem o seu trabalho.

Tinha dois rapazes, um deles era o líder antes e gostávamos dele. O Instrutor disse que ele no começo teve uns problemas, que havia dormido, mas que agora "estava numa boa". Não queria que ele fosse reciclado, porém ele estava no lugar errado na hora errada. Já o outro eu não queria aqui, eu não quero ele na minha Aeronáutica. Se fosse por mim ele já estava na rua e não na superintendência lá embaixo para ser reciclado. E já que eles estavam juntos, reportar apenas um deles somente porque não gosto do outro não seria justo. O justo seria para os dois. Ele estava na hora errada, portanto, pediu para que me ouvissem porque eu seria a voz dele em sua ausência, eu e os outros quatro líderes. Confiava em mim e que eu fazia muito bem meu trabalho e que eu sabia guiá-los de forma correta. Depois desse relato do instrutor, a galera acabou com a bagunça. Muitos me pediram desculpas dizendo que não sabiam que funcionava dessa forma.

Quando fui graduar minha família toda foi. E como tem aquelas coisas de orgulho, eles ao invés de me apresentarem como Cavalcante ou como Luís, era o meu *Element líder*. Orgulhosos, sabe? Eu até brincava, não sou mais *Element lider* não, eu sou seu amigo, somos todos agora. Somos inicialmente *trainees*, depois que graduamos viramos todos iguais. Virava até gozação.

Não me senti menos imigrante por isso. Me sentia normal por fazer parte da *Air Force* pois me alistei dez anos depois de chegar aos EUA, em 2009. Depois que terminei com aquela primeira namorada comecei a viver uma vida de solteiro. Tinha um carrinho esporte, trabalho e comecei a curtir a vida americana igual aos próprios americanos. Vi que esse país não era ruim, apreciando as coisas que o país tinha a me oferecer: a condição financeira, o dinheiro, o dólar, poder pagar uma balada ou um motel para uma menina. Naquela época eu comecei a me enxergar como americano. Até hoje sou assim, nunca fui daqueles que queriam voltar para o Brasil. No meu primeiro ano eu tinha vontade de voltar, mas depois que comecei a namorar aceitei viver nesse país. Depois que terminamos aprendi a apreciar e gostar demais desse país. Hoje não me vejo morando no Brasil e se alguém me indaga sobre isso, digo que não gostaria de voltar.

Tenho meu *green card* desde 2006, quando abri a companhia e nunca mais fui ao Brasil. Não por falta de vontade, mas por condições financeiras.

Em meu primeiro serviço de construção depois que concluí a *High School*, tive até uma briga com um americano por que eles tinham uma mania de falar que os imigrantes vinham para cá para tomar as vagas de emprego deles. Tive que colocá-lo no lugar dele, era um americano *red neck*¹⁸. Tive que mostrar que os imigrantes não estão fazendo nada ruim para esse país, que muitos estavam aqui e até defendiam o país dele.

Gosto daqui, e se algum dia resolver voltar para o Brasil será na minha velhice. Meus filhos já estarão na faculdade e não mais morando comigo. Quero voltar para morar lá e vai ser em uma praia, com uma vida tranquila, depois que me aposentar da Aeronáutica. Dependendo de como estará a economia no Brasil, como estiver o dólar em relação ao real.

Pretendo cumprir meus vinte anos aqui e dependendo do meu *ranking* talvez eu vá até os trinta. Porém, não é muito provável que eu vá até os trinta porque agora irei completar quatro anos. Daqui a dezesseis meu filho estará com dezenove, vinte quando eu me aposentar, e até lá provavelmente terei mais filhos. Daqui um ano ou dois eu posso ter um filho e ele teria depois quinze anos. Eu não gostaria de ir para a guerra e ficar seis meses longe dele ou da minha esposa.

Agora estou divorciado, praticamente solteiro, e meu filho está morando em *Connecticut* com a mãe dele. Quando eu tiver uma família dentro de casa comigo eu não vou querer ir para a guerra, portanto não sei se vou passar dos vinte anos porque depende do ramo que eu estiver. Às vezes vale a pena ficar mais um, dois, três anos. Tudo vai depender também de como estará a economia, a questão das guerras com a China, Coréia do Sul, são muitos fatores. Hoje eu planejo ficar por vinte anos, mas caso eu me torne um oficial talvez eu fique mais, pois meu pagamento será um pouco melhor. Posso trabalhar um tempo também como militar, o restante trabalhar para o Departamento de Defesa e me aposentar como civil. Ainda não me decidi, mas minha vontade agora é de me aposentar pela Aeronáutica.

Não me pediram para desistir de minha cidadania brasileira, mas já ouvi falar bastante que se eu quiser me realistar eu terei que desistir de minha cidadania. Fico muito dividido... muito dividido mesmo, pois amo esse país mas amo o Brasil também. Fico com o coração na boca de pensar que eu teria que me desfazer de minha cidadania brasileira. Mas acho que se não me engano, se eu me aposentar na Aeronáutica posso ter minha cidadania novamente.

---

¹⁸ Expressão usada nos EUA para falar dos brancos pobres do sul ou caipiras.

Faz oito anos que tenho meu *green card* e nunca fui ao Brasil. Qual a diferença que faz a cidadania brasileira agora? Minha mãe e minha tia diziam que eu não teria problemas para entrar no Brasil. De fato estou com o coração na mão de entregar minha cidadania, mas ao mesmo tempo não será o fim do mundo, pois poderei recuperá-la após minha aposentadoria. Estou tranquilo, não estou querendo pensar no assunto porque sei que provavelmente vai chegar, mas não tenho certeza ainda.

Nunca parei para pensar se me sinto um cidadão americano ou ainda um imigrante, mas acredito que eu seja imigrante... Ainda sou um imigrante...

Só reformulando: acho que me considero os dois porque para servir as Forças Armadas Americanas você está disposto a matar pelo país que está morando e não me vejo morando no Brasil ainda... Me sinto americano de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu não nasci aqui. É uma questão muito delicada para mim. Na verdade é um problema que não tem resposta.

Ano que vem fará quinze anos que estou na América, cheguei aqui com quinze anos, quer dizer, metade da minha vida morando aqui. Mas ao mesmo tempo se é algo relacionado ao esporte, minha torcida é pelo Brasil. Minha cultura, minhas raízes brasileiras ainda são muito fortes por causa do futebol, do UFC, do vôlei, ainda sou muito brasileiro nessa área. Então não sei. Sou americano até certo ponto, mas quando o assunto é esporte sou Brasil. Não tenho problema algum em torcer por americano também, porém cresci no Brasil. É como nascer São Paulino e depois torcer por um time do Rio, NUNCA, entendeu? (risos).

Esse meu lado que se identifica como imigrante talvez seja por conta do esporte. Não sei explicar muito bem. Não se pode pedir a alguém que nasceu em Goiás torcer por outro time porque está morando em outro Estado. Essa é a melhor explicação que eu posso te dar sobre isso.

Espero que tenha gostado da minha história. Mas, agora já estou com sede... já falei muito (risos).

10. CM, membro do Exército dos EUA

“Hoje me sinto tão brasileiro quanto americano. Para começar, eu já era meio alemão, meio grego, nascido no Brasil; então sou brasileiro porque nasci lá mesmo, mas sei lá, me considero um cidadão do mundo, se eu tiver que colocar aqui em algumas palavras”.

Entrevista realizada no dia 28/04/2014, às 21h30 via internet.

Ferramenta utilizada: Skype

Entrevistador em São Paulo, SP, Brasil.

Colaborador em Lampoc, Califórnia, EUA.

Entrevista em português.

Tinha nove anos de idade quando chegamos aqui em Miami – eu, meu irmão e minha mãe. Depois, minha mãe decidiu ir para Orlando. Chegando lá ela nos inscreveu na escola e foi lá que minha vida nos EUA começou. Minha adaptação não foi difícil porque eu era muito jovem. Moro hoje em Miami simplesmente porque foi o lugar que o avião pousou.

Cheguei aqui nos Estados Unidos em 96, no final de junho, porque minha mãe queria achar um médico, um lugar melhor para o tratamento do meu irmão. Ele tinha epilepsia, e o tratamento aqui nos Estados Unidos era melhor, por isso que a gente veio. Eu tinha nove anos, moramos em Miami por três meses e depois fomos pra Orlando.

Quando a gente tinha começado a estudar caímos em uma classe de estudantes de outros países, e tinham muitos brasileiros, além de gente do Japão, China, tudo misturado. No final, uns meses depois, eu e meu irmão – estávamos sempre brigando – brigamos na classe e me tiraram de lá, me colocaram uma classe só de americanos.

Tinha uma aula especial para alunos de outros países para aprender a falar inglês melhor. Foi a quarta e quinta série, eu saí do Brasil estava na segunda série, aí fui da segunda direto para a quarta. Estar em uma sala só com americanos não me ajudou na adaptação. Por um tempo, no começo, eu tinha que prestar atenção neles, mas depois que aprendi, comecei a deixar as pessoas sabendo ou pensando que eu sabia menos do que eu sabia, então eu aproveitei né... (risos).

A transição foi mais ou menos. Me aproveitei um pouco do sistema quando comecei a aprender. Mas o começo é difícil porque eu estava em uma classe que só tinha americanos, ninguém falava português então eu tive mesmo que aprender. Não tive escolha de ter amigos brasileiros na mesma classe, só mesmo na hora do lanche que eu encontrava com eles. Sempre tive meu grupo de colegas brasileiros, mas entre nós misturávamos o português e inglês.

Comecei a trabalhar muito jovem, com uns dez onze anos de idade, meu irmão com doze ou treze. Minha mãe estava limpando casas de manhã, então aos finais de semana nós íamos ajudar nossa mãe a limpar uma ou duas casas, no sábado e no domingo pra dar uma mão, né? Foi assim que eu comecei.

Antes de entrar para o serviço militar eu estava indo para a faculdade, para ser arquiteto, mas também não tinha bolsa e estava pagando tudo do meu próprio bolso. Fiz um ano de faculdade aqui, Arquitetura, mas ficou caro e tive que mudar os planos. A carreira de arquiteto aqui também chegou a um ponto que eles só montavam prédios, montavam prédios e ficavam cheios de vagas, ninguém queria nada, então essa linha de trabalho começou a diminuir. Depois que entrei para a Força Aérea fiz algumas classes, mas ainda tenho que fazer. Dei um tempo aqui, mas estou entrando na faculdade outra vez também.

Se eu estivesse no Brasil aos dezoito anos, provavelmente eu teria servido o Exército brasileiro, pois sempre quis ir para a escola militar. Então, eu sempre ia ao quartel militar da Tijuca, ficava sempre olhando eles. Fora minha família que era quase toda formada por militares, então a influência sempre esteve ali. Minha decisão de entrar para as Forças Armadas, veio da minha família, que é de militares. Já atuaram na Alemanha e no Brasil, e meu pai também atuou na Marinha Mercante do Brasil.

Eu sempre quis ser um militar desde que era jovem, mas como estava aqui nos Estados Unidos, e esse país foi o mesmo que deu a chance pro meu irmão e pra minha família, aí pensei comigo - “Vou me tornar um militar americano mesmo”. A última vez que estive no Brasil eu estava com vinte e um anos já e tive que me alistar no Exército brasileiro falando que eu já estava alistado no Exército americano, eu tinha uma carta dizendo isso.

As pessoas no Brasil não reprovaram minha decisão, eles aprovaram e não tiveram brigas. Pensavam – “Fazer o que, ele já está morando lá desde 96, já tinha o *green card*.” Então eu só dei provas a eles e não teve brigas não. Minha família estava

excitada com a idéia, minha mãe estava meio agitada também, meio nervosa por causa de guerras, isso tudo...

Eu queria inicialmente entrar na Marinha Mercante, mas aí fui lá e comecei a correr, muitas pessoas estavam se preparando também para entrar, esperando o dia deles serem embarcados para ir para o treino, mas aí justo no dia acabei nem indo. Mas mesmo assim correndo, tomando conta fisicamente, os *Recruiters*, as pessoas que te pegam para você se tornar um militar, eles ligam para saber como você está. Fora isso, não fui barrado. Decidi primeiro entrar na Marinha, pois meu pai era da Marinha Mercante então pensei - "Me deixa ir lá, vou ver se entro na Marinha um pouco, vou pra lá." Mais aí depois que eu entrei e fiquei treinando, passou o tempo e falei - "Acho que ficar dentro de navio bastante tempo não é pra mim não", então por isso que eu saí (risos).

Quando eu decidi me alistar eu já não estava trabalhando mais não. Fiquei sem trabalhar oito meses quando morei em Miami, que eu tinha minha própria companhia com um colega, consertando lojas, *Handyman services*, fazendo parede, chão. Trabalhava três dias por semana e dava pra virar de dois a quatro mil dólares, por semana. Então foi uma benção de Deus quando tive esse trabalho, pois minha mãe e meu irmão tiveram uma época que os dois não tinham trabalho e eu tive que tomar conta deles um pouco.

Mas depois de um tempo eu juntei dinheiro, estava trabalhando na *Best Buy* e meu colega que estava trabalhando para a *Quicksilver*, e me avisou que estava abrindo uma loja da *Best Buy* em Miami, e se eu quisesse morar lá com ele era para eu tentar uma transferência. Eu propus e eles já aceitaram em março de 2008. Acabei com uma namorada - Eu estava morando com ela na época. - E fui pra Miami. Minha namorada era americana, mas os avós dela era franceses. Tive relacionamentos com brasileiras e americanas, com todas (risos).

Eu que fui procurar os recrutadores, e tem o questionário que você tem que responder. Você começa a treinar e tem a contagem dos seus *records*. Veem se você não tem ficha criminal e "blá, blá, blá". Se você não é cidadão você tem que ter *greencard* restando pelo menos o tempo do seu alistamento, que eu tinha na época também. De lá eu fui fazer o questionário, fui fazer o exame, isso tudo, e depois disso é só um jogo de espera, esperar o tempo passar pra entrar.

Eu fiz o exame que eles fazem aqui pra ver a nota que você tem, ver os trabalhos, eu tive uma nota alta e tive trabalhos melhores do que ser policial militar, né?

Entrei em 2009 e nunca sofri nenhum *deployment*, no meu trabalho eles não fazem isso. Eu entrei como eles chamam de *Open General*, você entra, mas você não tem um trabalho fixo ainda. Quando você está indo pelo *training* e isso tudo, eles te dão uma lista de trabalhos que você pode ter referente à nota do seu teste. Tiveram vários trabalhos que eu não pude escolher porque não tinha a cidadania americana, só o *green card*. Aí eu não podia ser policial militar, pois eles estão sempre indo pro *deployment*, então isso foi ótimo pra cabeça da minha mãe, satisfação que eu não iria pra guerra por todos esses meses, ou algum negócio assim, sabe? (risos).

O impacto do treinamento do *boot camp* para mim foi bom, acordar de manhã, é malhação todo dia praticamente. É mesmo isso: Acorda, malha, come, malha um pouco mais. Começa a aprender mais sobre quem é seu presidente, quem é o *Comand in chef*, tem que aprender quem é quem né?

Fiquei por lá oito semanas, e quando você está lá você não bebe nenhum álcool, você não fuma, então é bom para a saúde, né? (risos). Então foi bom. Como eu já morava aqui faz tempo, já não tinha mais sotaque falando inglês, mas quando eu falava com eles eu mesmo me identificava como brasileiro e eles ficavam impressionados porque, - "Ah Brasil...". Ainda mais quando se fala de Rio de Janeiro, - "Ah as mulheres lá, tem bunda grande, blá, blá, blá". Eles ficam todos excitados né? (risos). Eles ficam dizendo que tem que tirar umas férias para ir pra lá.

Durante meu tempo de treinamento eu era o único brasileiro, e até hoje tive contato com alguns brasileiros nas Forças Armadas, o LC, um colega que conheci aqui na base, a esposa de um cara que trabalhava aqui também comigo na clínica, era brasileira, mas acho que falei com ela uma ou duas vezes, e nosso colega também, o Ak. de San Diego, que eu conheci pelo LC também. Quem me apresentou ao LC foi o colega que morava comigo no quarto da base, era tipo um apartamento com quatro quartos, aí o carinha que trabalhava comigo na mesma clínica, disse que tinha um brasileiro.

Nos conhecemos e nos tornamos amigos. O fato de sermos dois brasileiros nas Forças Armadas nos fez mais próximos, porque aqui onde a gente mora não tem muitos brasileiros, a não ser uma hora daqui, em Santa Barbara ou algum negócio assim, mas você mal vê um brasileiro. A não ser que você vá para uma churrascaria brasileira, ou algum lugar que eles ensinam capoeira. Sinto falta com esse contato com a comunidade brasileira, pois o povo é mais alegre. Pode estar sem dinheiro hoje, mas o sorriso ainda

está aí, né? Eles sabem viver de forma mais alegre. Churrasco é churrasco, não cachorro quente e hambúrguer (risos).

Se eu me sentia um imigrante nos Estados Unidos? Nem tanto. Lá em Orlando também é meio difícil você sentir isso porque a comunidade de brasileiros é muito grande. A grande maioria dos meus colegas de escola eram americanos também, e eu saí da classe para praticar inglês, isso tudo, como eu saí da sala de imigrantes, das pessoas de outros países quando era pequeno, eu aprendi a falar inglês muito mais rápido e muito melhor também. A maioria dos meus colegas eram americanos, mas na hora do lanche ou coisa assim, ou nos fins de semana, tinha amigos brasileiros, mas colegas, colegas assim, são cinco dedos da mão até hoje, mas aí não importa se é brasileiro, americano, quando você tem tudo você tem colegas. Se você perde tudo, não importa se é brasileiro, americano ou chinês, você realmente vê quem são seus colegas, seus amigos.

Entrei para as Forças Armadas para devolver aos Estados Unidos em serviço pela chance, pelos milagres que eu e minha família tivemos aqui, então entrei mesmo para retribuir por aonde eu cheguei até hoje, né? Me sentia mais ou menos diferente por ser militar, porém você tira o uniforme, aí você é civil, né? A não ser que você mora em uma cidade que tenha mais militares, as pessoas são mais expansivas, aí dá para perceber quem é militar quem não é. Se você sai usando o uniforme pela rua a pessoa chega pra você querendo apertar sua mão, falando obrigado. É entrar também para te dar uma satisfação, um orgulho.

Vai fazer cinco anos em junho que estou servindo, eu já me realistei, né? Em dezembro. Meus planos agora são de estudar porque me alistei mais quatro anos também por causa do trabalho que estou agora, que tem que ter diploma, estudo, e experiência no trabalho para ter uma posição melhor, que tenha mais benefícios, para o pagamento ser maior, então entre seis a oito anos de experiência. Eu não sei, às vezes penso em ficar os vinte anos, porque não preciso me preocupar com plano de saúde, isso tudo. Eles te dão um plano de saúde se você se aposentar, mas também se eu for ganhar mais do lado de fora do que estou ganhando aqui, já não tem problema para pagar meu plano de saúde.

O fato de trabalhar aqui é uma porta grande para trabalhar na sociedade civil, Engenharia Química, então você tem as pessoas que trabalham para uma companhia, uma companhia industrial, uma companhia que compra carros. Ou pode ser uma que faz limpeza dentro de esgotos. Meu trabalho é ensinar os trabalhadores como se proteger

ao que eles são expostos, os gases químicos, onde eles estão trabalhando, porque se é um esgoto pode ser que não tenha higiene e você tem que usar máscara ou coisa assim. Então tudo que é químico e faz mal ao humano faz parte do meu trabalho.

Nunca me exigiram desistir de minha cidadania brasileira, mas eu tive que desistir para me realistar porque você só pode ficar por quatro anos usando o *greencard*, e se você quiser se realistar você tem que pegar a cidadania americana. Minha naturalização ocorreu por intermédio dos militares e o benefício foi que o processo foi mais rápido, tem pessoas que gastam um, dois, três anos para pegar a cidadania e às vezes não tem sorte. Pelos militares leva de seis meses a um ano e você não precisa pagar nada do seu bolso. Mas isso não ajudou outras pessoas da minha família, minha mãe se naturalizou normalmente e meu irmão até hoje ainda não. Ele ainda está com o *greencard*.

Hoje me sinto tanto brasileiro quanto americano, pra começar eu já era meio alemão, meio grego, nascido no Brasil, então sou brasileiro porque nasci lá mesmo, mas sei lá, me considero um cidadão do mundo, se eu tiver que colocar aqui em algumas palavras. Depois de me alistar ainda não voltei nenhuma vez ao Brasil, fui um mês antes de entrar e passei cerca de um mês e meio, minha namorada me encontrou no Brasil e a gente passeou pela Bahia, fomos pra Itaparica, Salvador. Ela ficou comigo por duas semanas, depois voltei pra cá e passei mais duas semanas com ela e fui pro treino.

Ainda não passei pela situação de ficar na fila dos estrangeiros por causa do visto, essa ainda tenho que passar, (risos). Para mim tanto faz, eu vou com a onda, não tento achar nenhum problema, nem se me sentir de nenhum jeito, eu vivo um dia de cada vez, e para que se estressar com aquele negócio que você não precisa ficar se estressando, então tento viver dia após dia com um sorriso no rosto, e o que a vida dá é o que você tem, então faça seu melhor em tudo.

Penso que se eu estiver em uma situação boa e tudo, pelo menos comprar um apartamento no Brasil, mas também penso em comprar apartamento na Austrália, alguma coisa assim. Eu gosto de viajar, então se ainda não estive lá, se não tive a experiência, tenho que experimentar. Mas pelo menos comprar um apartamento, um flat, uma casa no Brasil acho que seria uma boa idéia, porque indo para lá você já tem um lugar para ficar, poder dormir e não precisar ficar contando com família ou com colegas. Afinal você não sabe o que o dia de amanhã vai trazer para você.

Mas voltar para morar definitivamente eu não sei. Eu acho que eu moraria aqui porque eu tenho um filho agora, e um filho que vai nascer entre o meio e o final de

setembro, então até eles crescerem e poderem tomar conta deles mesmos eu tenho que morar aqui. Eu crescendo nisso tudo, só com minha mãe, o meu pai nunca esteve lá, né? Então eu tenho que dar aos meus filhos o que eu nunca tive. Meu filho vai fazer dois anos em agosto e meu outro ainda não nasceu. Eu e minha esposa estamos nos divorciando agora então vamos ver para onde ela vai e vamos ver para onde eu tenho que ir né? (risos). Ela é americana, do Estado de Alabama.

Seguridade no trabalho hoje em dia é raro aqui, ainda tiveram várias pessoas que foram expulsas dos militares, então até para você fazer parte do exército você tem que enfrentar uma barra difícil. Você tem que ter mesmo um plano antes de sair, porque se não tiver planos nem educação aí fica barra pesada.

Estou na mesma base onde comecei, estou aqui. Vamos ver, até agora nada de inusitado aconteceu. (risos). Sobre meu trabalho em si, depois que a gente lança foguete e tudo, tem que entrar no silo da onde o foguete foi lançado e também fazer testes da atmosfera, do ambiente para testar se tem algum gás químico. Falar para as pessoas que não podem entrar ou autorizar para entrar. Tem foguete, míssil. Foguete é em cima do chão, para colocar satélites, coisas assim. E naves espaciais que já pousaram na nossa base também, bem legal. Essa parte é uma das coisas mais excitantes do meu trabalho (risos). Mas aí você nem precisa ser militar, aqui tem muitas companhias que trabalham dentro da base, então muitas pessoas que trabalham aqui são contratadores que trabalham para outras companhias, mas quem tem a companhia dentro da nossa base, né?

Meu trabalho é ficar na frente do computador. Estou pesquisando sobre matemática e química, como um agente vai agir com o outro, sempre protegendo né? Ficar alerta quanto ao que vai proteger e o que não vai. Tenho que pensar se o trabalhador mesmo vai ser sentir confortável usando essa proteção, porque se ele não tiver a confortabilidade usando a proteção, daí eles acabam nem usando. No meu trabalho eu não vejo resultado a não ser vinte, trinta anos depois (risos).

Se me chamarem para a guerra estou pronto (risos). Proteger minha mãe e meu irmão né? (risos). É só isso mesmo que eu tenho. Se eu for pra guerra com o meu trabalho é porque estamos entrando em guerra nuclear ou biológica. São aquelas armas que todo mundo diz que não tem, mas estão lá. Você vê bombas atômicas explodindo, pessoas saem correndo para um lado e eu tenho que começar a andar contra, né? Para começar a acessar a energia, o quanto de radiação tem ou que tipos de bombas eles estão usando, se é química ou biológica, se é bomba de radiação, isso tudo né? Tomara então que eu não tenha que ir para a guerra, porque se não o negócio vai estar feio pra

todo mundo (risos). Eu sou o cara que usa aquela roupa amarela *Banana suit* com um tanque de ar para respirar por dentro dela e o equipamento que lê radiação, que lê isso tudo.

Acho que eu não tenho mais nenhum brasileiro para te apresentar, porque é difícil. Antes eu saía todo final de semana, aí me casei, tive filho... Aí que parei de sair mesmo, saía lá só pra pegar as cartas (risos).

Capítulo V:

“G.I. José”: imaginário, trauma e identidades nos relatos de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA

5.1 Discussão qualitativa das entrevistas

A pluralidade de temas apresentados pelos colaboradores da presente pesquisa em seus relatos nas *histórias orais de vida* faz surgir a necessidade de entendermos de maneira individualizada cada uma de suas falas, para que assim possamos imergir na subjetividade de cada um, privilegiando o entendimento dos dilemas pessoais. Essa abordagem tem como objetivo vislumbrar as entrevistas não mais como passagens do grande movimento histórico dos imigrantes nas Forças Armadas dos EUA, mas sim entendendo cada colaborador como agente de sua própria história e tempo.

Tendo em vista que todos os colaboradores são brasileiros emigrados para os EUA, é importante destacarmos os discursos que se repetem na coletividade do *banco de histórias*, discutindo assim as origens do que Maurice Halbwachs chama de “memória coletiva”¹. No caso específico da presente pesquisa, essa discussão ganha contornos específicos, já que, uma das funções centrais do treinamento militar na força voluntária dos EUA é a educação cívica e patriótica, aliada à despersonalização do recruta em prol da coletividade da corporação (tema sobre o qual pretendo me aprofundar durante o presente capítulo). Nesse sentido, o discurso corporativo ensinado a partir do treinamento militar não deve ser tratado indiscriminadamente com uma “memória”, a meu ver. Isso porque ele frequentemente dialoga com questões bastante objetivas como lealdade e pertencimento à corporação, inclusive buscando, muitas vezes, encobrir questões subjetivas e pessoais da memória.

Como afirma Monique Augras, os indivíduos estão constantemente engajados em uma negociação a respeito de sua auto-imagem, que ocorre a partir do contato com o outro e de suas expectativas. No âmbito da entrevista, isso não é diferente, uma vez que a mesma ocorre dentro dos processos de negociação de identidade, discurso e auto-imagem². Nesse aspecto, um dos eixos condutores do presente capítulo é o

---

¹Vide: Halbwachs, Maurice, *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. Segundo ele, toda memória é coletiva, com exceção dos sonhos.

² Augras, Monique “História oral e subjetividade” in: Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes, *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*, 1996. Campinas: Centro de memória – Unicamp, 1997, p. 30.

entendimento da intersubjetividade produzida pela dinâmica do processo de entrevista. Entende-se intersubjetividade como a subjetividade partilhada entre entrevistador e entrevistado durante o processo de gravação da entrevista. Ou seja, tanto o entrevistador possui expectativas em relação ao entrevistado como vice-versa.

Outra questão que a discussão das histórias de vida suscita é acerca da veracidade das informações oferecidas pelos colaboradores, nos levando a questionar o processo de construção das memórias. Essa questão nos remete a uma discussão que se desenvolveu na década de 1990, a respeito do gênero do testemunho e na construção de seu estatuto de verdade. No clássico livro intitulado *Meu nome é Rigoberta Menchú. E assim nasceu minha consciência*³, Elizabeth Burgos recebe o testemunho de Rigoberta, uma mulher de origem ameríndia, da etnia *quiché*, das terras altas da Guatemala. O livro, que rendeu a Rigoberta Menchú o Prêmio Nobel em 1992, mostra a construção da resistência política dessa mulher e de sua comunidade, tendo o relato como fio condutor dessa história. Entre muitos relatos de vida, Rigoberta conta que aprendeu a falar espanhol apenas na idade adulta e, portanto, desenvolveu toda sua consciência de organização e resistência política e ideológica sozinha. No entanto, estudos posteriores sobre o tema notaram diversas inconsistências no relato de Rigoberta. Uma delas era de que ela havia sido educada em espanhol por freiras católicas em sua adolescência, o que havia sido fundamental na construção de seu conhecimento e posicionamento político e étnico. A partir dessa constatação, diversas discussões surgiram sobre o valor de um relato que não necessariamente era condizente com a realidade.

As conclusões que resultaram deste grande debate intelectual a respeito do testemunho nos permite refletir sobre as entrevistas realizadas no âmbito da *história oral* em termos de sua construção, ao mesmo tempo como memória quanto como justificativa do presente. Como notou John Beverly⁴ é justamente a partir dessas alterações na sequência histórica dos fatos que podemos realizar uma discussão sobre a função social do testemunho. Ou seja, na imprecisão acerca de alguns fatos de sua história pessoal, Rigoberta nos revela a essência de seu discurso, que é de cunho político e de resistência à ocupação espanhola, resistência esta que se inclui também no plano cultural. Ou seja, seu relato não é somente pessoal, mas é também um testemunho coletivo.

---

³ Burgos, Elizabeth, *Meu Nome é Rigoberta Menchú e Assim Nasceu Minha Consciência*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

⁴ Beverly, John. "The Margin at the Center: On *Testimonio* (1989)", in: , Gugelberger, George (ed), *The Real Thing*. Durham: Duke University Press, 1996, p. 35.

É fundamental notar-se que o testemunho e a *história oral* não compartilham do mesmo estatuto teórico. Como afirma John Beverly, palavra “testemunho” pode ser traduzida literalmente como o ato de testemunhar, ou pelo ato de atestar um fato legalmente ou em um sentido religioso⁵, ou seja, o testemunho em essência se refere à busca de uma verdade factual. A *história oral*, no entanto, vê nas imprecisões e subjetividades relatadas durante as entrevistas uma possibilidade de se discutir os dilemas pessoais e sociais vivenciados pelo colaborador tanto como indivíduo como membro de um grupo. Como nota Monique Augras:

“As confusões, as ‘mentiras’, as omissões, põem em evidência o jogo das tensões e, de fato, constroem um discurso que, em sua incoerência, é o puro retrato da realidade”⁶.

Similarmente à história de Rigorberta, no caso da presente pesquisa devemos entender que os relatos dos colaboradores muitas vezes adquirem também função social e ideológica, ou seja, podem ser “distorcidos” - em relação à realidade dos fatos - intencionalmente ou não, a fim de expressarem uma função social, posição ideológica ou marcador de identidade. Além disso, é bastante comum em narrativas de história oral a atribuição das escolhas realizadas na vida à personalidade na infância – o que pode sugerir uma tentativa de construção de uma história de vida calcada na mitologia do herói⁷. Tanto na discussão sobre a função social do relato quanto na construção de uma história de vida calcada na mitologia do herói, a memória aparece frequentemente perpassada pela condição presente do colaborador no momento da entrevista.

5.2 A construção da história de vida: da infância ao veterano de Guerra

---

⁵ Beverly, John “the margin at the Center, op. cit., p. 26.

⁶ Augras, Monique “História oral ..., op. cit, pp. 29-30.

⁷ Tfouni, Leda Verdiani e Rodrigues, Karina, “Heróis em Narrativas Oraís de Adolescentes em Situação de Rua”, *Linguagem em (Dis)Curso. Lem.D*, Tubarão, vol. 6, n. 2, maio/agosto 2006, pp. 157-177, especialmente p. 158, analisa essa questão sob o ponto de vista psicanalítico. Já Mônica Martinez, em *Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção das Histórias de Vida em Jornalismo* (São Paulo: Annablume, 2008), discute como, por meio da narrativa oral da história de vida e da história oral, pessoas comuns se apresentam como centrais a sua própria trajetória.

Alguns dos colaboradores da presente pesquisa justificaram sua decisão de entrar nas Forças Armadas dos EUA devido a um sonho de criança – ou sonho de “menino”. Essas afirmações levantam uma questão sobre se há, de fato, uma predisposição de alguns para seguir uma carreira militar, ou se esse discurso é posterior ao seu alistamento e, portanto, revela uma memória que dialoga com a identidade corporativa presente no contexto da entrevista ou com a subjetividade partilhada entre entrevistador e entrevistado.

Em qualquer uma destas interpretações, uma das funções sociais desse discurso é servir como marcador de identidade corporativa. Nesse contexto, a atribuição do serviço militar à predisposição na infância aparece como uma memória que, ao mesmo tempo, justifica a escolha tomada na vida adulta e é alimentada por essa escolha – através da função social e identitária do discurso.

Os trechos a seguir elucidam essa discussão:

“Nasci no começo dos anos 80, um típico menino brasileiro, assistia televisão e via os soldados, aquelas coisas. Eu sempre tive fascinação por isso, ou seja, me alistar não foi algo que surgiu do dia para a noite. Sempre gostei de super-heróis, do *Superman*. E no meio sempre tem um soldado, tem uma metralhadora, um revólver, e isso que me chamava mais atenção do que o próprio super-herói. Não sei como explicar, mas eu tinha fascinação desde criança por esse tipo de coisa. Assistia um comercial, via o *G.I. JOE*, aquela coisa de criança mesmo, era um sonho para mim”⁸.

“Eu sempre tive vontade de me alistar, eu era louco de vontade de entrar para o Exército. Na verdade, desde pequeno aqui eu sempre quis me alistar, talvez por causa de filmes, não me pergunte o porquê que eu não sei dizer”⁹.

---

⁸ Entrevista GJ.

⁹ Entrevista VD.

Nestes trechos podemos notar, além da questão da construção da mitologia do herói, como descrito acima, um processo de auto-identificação dos colaboradores com os militares representados nos desenhos animados e filmes (que também são histórias forjadas em uma narrativa “heroica”). Nota-se que essa identificação ganha relevância na vida do colaborador após ele ingressar no serviço militar, ou seja, trata-se de uma memória que poderia não fazer parte do seu relato caso o assunto da entrevista fosse outro que não brasileiros nas Forças Armadas dos EUA. Trata-se de uma memória, portanto, que dialoga com uma identificação pertinente ao contexto da pesquisa e não com qualquer outro aspecto formador de sua personalidade – como a relação com sua mãe, por exemplo.

Outro colaborador relatou que ao sair do treinamento militar, se sentia como um personagem de filmes de guerra norte-americanos – Braddock¹⁰, como ele mesmo relata no trecho a seguir:

“Quando você sai de lá de dentro (do treinamento) e volta para a sociedade, você se sente meio invencível; eu já virei o *Braddock*, um herói da nação americana”¹¹.

Tanto no personagem do Braddock quanto no G.I. Joe, as representações de militares apresentam um estereótipo de herói de guerra estadunidense (homem, branco, honesto, leal a seus companheiros de corporação, destemido e defensor dos ideais patriotas¹²). A partir dessa constatação, pode-se aventar a hipótese de que a *memória coletiva* acerca da infância desses colaboradores dialoga com a presente situação e escolhas tomadas na vida deles. Outra interpretação - pensando nesses discursos como marcadores de uma identidade corporativa - seria de que os valores exacerbados nessas representações de heróis militares norte-americanos seriam os mesmo ensinados e exaltados durante o treinamento militar e a subsequente ação dos colaboradores na guerra.

---

¹⁰ Personagem vivido por Chuck Norris no filme: Braddock – o Super Comando, de 1984

¹¹ Entrevista GF.

¹² Braddock vai ao sudeste asiático resgatar um soldado norte-americano sequestrado durante a Guerra do Vietnã. Lá, ele se engaja em combate com tropas lideradas por Ho Chi Minh. G.I. Joe é exaltado na abertura por um narrador que afirma: “*G.I. Joe* é o nome-código da equipe de ataque mais ousada do mundo. Seu propósito: defender a liberdade humana contra a Organização Cobra, um impiedoso grupo terrorista determinado a dominar o mundo”.

Ambas as figuras citadas nas frases acima se mostram significativas para uma investigação sobre as formas de propaganda ideológica lançadas pelo Comando Militar dos EUA. A sigla “G.I.” que significa “*Government Issued*” tornou-se maneira comum de chamar os militares estadunidenses após a Primeira Guerra Mundial¹³. O desenho, tal qual citado por nosso colaborador, representava uma segunda empreitada da franquia que, na verdade, começou com a venda de bonecos para meninos durante a Guerra do Vietnã. Estes bonecos (todos homens) eram fardados com uniformes das 4 corporações militares dos EUA: *Army*, *Navy*, *Air Force* e *Marine Corps*. Ademais, nos créditos de abertura da série de desenhos animados *G.I. JOE*, o narrador falava: “*G.I. Joe* é o nome-código da equipe de ataque mais ousada do mundo. Seu propósito: defender a liberdade humana contra a Organização Cobra, um impiedoso grupo terrorista determinado a dominar o mundo”¹⁴.

Podemos traçar um claro paralelo entre a fala de abertura da série de desenhos animados e a fala de George W. Bush quando os aviões atingiram as Torres Gêmeas em Nova York, em 2001. Em discurso, o presidente norte-americano na época afirmou que “a liberdade será defendida”¹⁵ e iniciou o que ele chamou de uma “Guerra contra o terrorismo”¹⁶. Foi nesse contexto que o colaborador que citou o G.I. Joe se alistou.

Outra faceta importante do G.I. Joe é a despersonalização do personagem, no sentido de que ele nunca representa ideias pessoais e sim os ideais da corporação e, no caso das Forças Armadas, os ideais patrióticos. Pode se constatar isso até pelo nome do personagem “*G.I. Joe*” – sendo *G.I.* a maneira generalizada pela qual se referem aos militares estadunidenses e “*Joe*” um substantivo que se refere à expressão “*average Joe*” bastante usada em inglês, que significa “qualquer um”. Ou seja, *G.I. Joe* é duas vezes despersonalizado, representando apenas a corporação e nunca ideias pessoais.

Esse traço do personagem revela um aspecto fundamental da formação do militar estadunidense, pelo qual todos os colaboradores da presente pesquisa haviam sido submetidos antes de darem a entrevista: o processo intencional de despersonalização do recruta pelo treinamento e a introdução da noção de corporação.

---

¹³Rawson, Hugh “Why do we say ‘G.I.’?” em:

http://web.archive.org/web/20080829172935/http://americanheritage.com/articles/magazine/ah/2006/2/2006_2_15.shtml, acessado no dia 26/09/2014.

¹⁴ Abertura do desenho animado que passava na televisão, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=EPZZWdgz0JA>, acessado pela última vez dia 26/09/2014.

¹⁵ <http://edition.cnn.com/2001/US/09/11/white.house/>, acessado pela última vez dia 26/09/2014.

¹⁶ <http://edition.cnn.com/2001/US/09/11/white.house/> acessado pela última vez dia 26/09/2014.

Gordon Zahn elucida o funcionamento do processo de despersonalização durante o treinamento:

“Individual soldiers are trained to operate on the basis of unquestioning obedience to their military superiors. The military-training program is designed to subject the individual trainee to a process of depersonalization in the interest of increased military efficiency. The self-image of the morally responsible person vanishes and is replaced by a new orientation, in which the individual sees himself as an agent of destructive force completely responsive to the decisions and directives of his military superiors¹⁷”.

Um dos colaboradores fala sobre o treinamento militar como introdutor da identidade corporativa a partir de um ponto de vista pessoal, pontuando a introdução de uma noção de pertencimento a um grupo:

“To me the training changed me tremendously, it gave me a sense of pride, a sense like I belong to something, you know?¹⁸”

Ou seja, para o alistado, a despersonalização- no sentido da revogação, ainda que momentânea, de suas opiniões e identidades pessoais em nome de um senso de corporação - pode ser interpretado como pertencimento. Nessa questão, a introdução de uma noção de orgulho em fazer parte da corporação possui papel essencial.

Essa questão ganha especial relevância no caso do treinamento do Corpo dos Fuzileiros Navais, já que esse é mais severo do que o das outras corporações, como notamos ainda nas afirmações a seguir:

“O que separa os Marines das outras “branches”, Army, Air Force e Navy, é o “basic training”. O treinamento dos Marines não é simplesmente de 7 semanas e sim 13

---

¹⁷ Zahn, Gordon C. *War, Conscience and Dissent*. New York: Hawthorn Books, 1967, p. 37.

¹⁸ Entrevista CF.

semanas ou 90 dias. E são 90 dias de cativo, você não tem acesso a telefone celular ou computador, você não tem condições de ter contato fora da base de maneira alguma. Você fica pior do que quem está preso, um preso tem como falar com a família”¹⁹.

“No momento em que você coloca aquele uniforme que diz *US Marines*, aqui no peito, tá ligado? É uma questão de orgulho. Você passa por um *'perrengue sinistro'*, não sei quantos meses de treinamento para sair de lá um fuzileiro naval americano. Se você entrou patriota você sai extremamente patriota. Tanto que você sai e já quer fazer tatuagem com os símbolos dos Fuzileiros Navais para demonstrar para a sociedade que você é um Fuzileiro Naval, e não mais um. Você não é um estudante de faculdade, nem um cara que trabalha no *Mc Donald's*. Aos olhos da sociedade nós somos aquele cara que quando a nação pede a gente tem que ir para a guerra, e se tiver que derramar sangue, a gente derrama sangue. A questão da honra vem nisso”²⁰.

Outros dois colaboradores colocam a identidade corporativa militar à frente até de suas questões relativas à identidade nacional e patriota – também ensinadas no treinamento militar. Ademais, podemos ver a intenção dos colaboradores (em todos os trechos citados até o presente momento) em nos comunicar ao menos duas coisas centrais a partir dessas falas: que eles possuem uma predisposição para a carreira militar e que a escolha pelo serviço militar nacional estadunidense não necessariamente implica em uma escolha ideológica alinhada aos ideais patrióticos dos EUA. Ou seja, essa memória nos mostra que, no momento atual, estes colaboradores afirmam entender o serviço militar como uma profissão e não como uma força defensora de uma ideologia patriota. A partir da ideia do senso de pertencimento e da despersonalização podemos, portanto, elucidar a discussão a cerca da função social e pessoal destas memórias:

---

¹⁹ Entrevista WO.

²⁰ Entrevista GF.

“Se eu estivesse no Brasil aos dezoito anos, provavelmente eu teria servido o Exército brasileiro, pois sempre quis ir para a escola militar. Então, eu sempre ia ao quartel militar da Tijuca, ficava sempre olhando eles. Fora minha família que era quase toda formada por militares, então a influência sempre esteve ali. Minha decisão de entrar para as Forças Armadas, veio da minha família, que é de militares. Já atuaram na Alemanha e no Brasil, e meu pai também atuou na Marinha Mercante do Brasil”²¹.

“Sempre tive o sonho de servir às Forças Armadas. Para mim, então, não importava muito onde eu estava. Se eu estivesse no Brasil quando completasse 18 anos eu ia fazer o tiro de guerra e tentar entrar na Força Aérea do Brasil. Mas como meus pais mudaram para os EUA eu acabei servindo nos EUA mesmo”²².

Outros dois colaboradores falaram sobre o distanciamento de sua atuação nas Forças Armadas em relação às suas opiniões a cerca das ações da mesma, ainda que no tempo presente. Ou seja, para muitos deles, a identidade corporativa se mostra à frente da patriótica estadunidense, o que denota o caráter de profissionalização do serviço militar.

“I don’t really care if Obama is doing this or that. For me, it is a job, I am a doctor and do what I have to do”²³.

“Eu não penso no que os EUA faz, ou no que a Inglaterra faz, porque se não eu posso me sentir mal. Não penso se

---

²¹ Entrevista GD.

²² Entrevista DR.

²³ Entrevista CF.

eles matam pessoas inocentes, para não sentir culpa até”²⁴.

Como nota o pesquisador Gordon Zahn²⁵, a despersonalização do indivíduo durante o processo de treinamento militar é o passo inicial para afastá-lo do peso psicológico de matar outra pessoa. Nesse contexto, a evolução do treinamento no ensinamento de uma noção de pertencimento à corporação, a obediência a superiores e ao condicionamento durante o treinamento militar se mostram fundamentais ao longo da história. Calcula-se que durante a 2ª Guerra Mundial, a efetividade dos tiros de curta distância dados pelos militares norte-americanos era de apenas 20%. Nota-se que a habilidade para acertar o alvo a curtas distâncias não lhes faltava, afinal todos treinavam tiro de maneira constante. Com a introdução de técnicas durante o treinamento que visavam aprimorar a despersonalização e o condicionamento, a efetividade dos tiros subiu para 55% no conflito da Coreia e chegou a 95% no Vietnã²⁶. Ou seja, entende-se que um militar efetivo é aquele que controla seus impulsos pessoais contra matar ou cometer outros atos de violência.

“Effective killing requires training and conditioning, as well as motive, and it has longer-term effects beyond the event itself”²⁷

Como afirma o autor citado acima, a supressão de instintos pessoais através de treinamento e condicionamento possui grave peso psíquico aos envolvidos. Essa questão volta a ser relevante quando falarmos a respeito das memórias de treinamento e guerra dos colaboradores. Além disso, os efeitos da despersonalização e do discurso de identidade corporativa frequentemente se sobrepõem a discussões políticas. Assim como se justifica matar (até para si mesmo) como uma escolha corporativa e não pessoal, o mesmo parece ser feito com as escolhas políticas das Forças Armadas.

---

²⁴ Entrevista VD.

²⁵ Zahn, Gordon C., *War, Conscience and Dissent*, op. cit. p. 38

²⁶ Grossman, D., & Siddle, B.K., “Psychological Effects of Combat”, in: *Encyclopedia of Violence, Peace and Conflict*, Academic Press, 2000, disponível em:

http://www.killology.com/art_psych_overcoming.htm, acessado pela última vez 17/10/2014

²⁷ Molloy, Barry, & Grossman, Dave, “*Why Can’t Johnny Kill? The Psychology and Physiology of Interpersonal Combat*” in: *The Cutting Edge: Studies in Ancient and Medieval Combat*, B. Molloy (ed.), Tempus Press, 2007, p.1.

“Fiz o treinamento, que foi difícil, mas gostei muito. No começo você muda, eles te forçam a mudar, te fazem virar aquele 'soldado', é uma verdadeira lavagem cerebral - como diz minha mãe. Mas depois passa. É porque no começo você não tem muito contato com a sociedade, fica por três meses isolados numa ilha, treinando centenas de recrutas. Depois eles te dão nove dias para ir pra casa descansar e quando retorna já te mandam para a floresta para ficar um mês lá dentro, sem contato algum, sem telefone... Só mandávamos cartas quando podia, sem televisão, sem rádio, sem contato externo nenhum. Quando você sai de lá de dentro e volta para a sociedade você se sente meio invencível”²⁸.

Howard Goeringer afirma que o processo de despersonalização no treinamento dos *Marines* ocorre a partir da contenção do raciocínio pessoal dos recrutas:

*“from the moment you step off the bus at Marine boot camp, officers yell and scream at you in an atmosphere of fear. After two day you are not rationalizing anymore your actions. Why do you do it? Because you are commanded to”*²⁹.

Ainda que os discursos dos colaboradores da presente pesquisa frequentemente descrevam a mesma cena citada acima, os relatos de treinamento quase sempre vêm acompanhados de um julgamento positivo do âmbito de vista pessoal, tanto psicologicamente quanto fisicamente, como podemos notar nos trechos a seguir:

“Lá (no treinamento) são três meses de exercício, aprendendo as normas e história do Corpo dos Fuzileiros

---

²⁸ Entrevista GF

²⁹ Goeringer, Howard. *Haunts of Violence in the Church*, West Conshohocken (PA): Infinity Publishing, 2005, p. 240.

Navais. Aí é aquela coisa, o pessoal gritando na sua cara, você aprende a atirar, etc... Lá foi... Foi uma experiência e tanto. É uma coisa que foi muito difícil, mas eu dou graças a Deus que eu fiz. Na época eu tinha acabado de fazer 18 anos e durante esses três meses eu realmente amadureci muito”³⁰.

“O impacto do treinamento, do *boot camp*, para mim foi bom, acordar de manhã, é malhação todo dia praticamente. É mesmo isso: Acorda, malha, come, malha um pouco mais. Começa a aprender mais sobre quem é seu presidente, quem é o *Comand in chef*, tem que aprender quem é quem né? Fiquei por lá oito semanas, e quando você está lá você não bebe nenhum álcool, você não fuma, então é bom para a saúde, né? (risos). Então foi bom”³¹.

“Eu acho que o treinamento me mudou bastante, e eu até diria pra melhor porque você aprende a lidar com bastante adversidades que eu não tinha encontrado antes de entrar no Exército. Então para mim foi uma experiência de vida tremenda e acho que me ajudou bastante como pessoa”³².

Evidentemente, falar mal do treinamento que o qualificou para as Forças Armadas seria contraditório do ponto de vista da identidade corporativa, inclusive entrando em choque com as afirmações de predisposição para a carreira militar e lealdade ao comando da corporação, tal qual discutidas previamente.

Ademais, podemos perceber nos relatos, a presença da questão da educação cívica, tal qual discutida no primeiro capítulo do presente trabalho. Tal qual foi fundamental na 1ª Guerra Mundial, o ensinamento dos símbolos patrióticos e da língua para estrangeiros durante o treinamento segue importante até os dias de hoje, como podemos notar também na afirmação a seguir:

---

³⁰ Entrevista UR.

³¹ Entrevista GF.

³² Entrevista WO.

“Eu tenho um sotaque bastante forte no inglês. Então tinha vezes lá que o “drill instructor”, que é o sargento encarregado, falava assim comigo: ‘Vem aqui aprender inglês’ - e na verdade era para fazer exercícios braçais – mas, todos os exercícios que fazíamos iam só até o vinte, então o inglês que eu estava aprendendo lá só ia até o 20! (risos).... E ele sempre pegava no meu pé por eu ser brasileiro. Não por causa do Brasil, mas por eu ter um sotaque...”³³

Ainda que nenhum dos colaboradores entrevistados pela presente pesquisa tenha afirmado de maneira categórica ter tomado sua decisão de adentrar ao serviço militar dos EUA por razões ideológicas, muitos afirmam que queriam “retribuir o que o país fez por mim”. O conceito de retribuição se repete quase inalterado em várias das falas dos colaboradores, como vemos nos trechos a seguir:

*“the reason I joined was because I felt ready in my mind and wanted to pay this country back”*³⁴.

“Entrei para as Forças Armadas para devolver aos Estados Unidos em serviço pela chance, pelos milagres que eu e minha família tivemos aqui, então entrei mesmo para retribuir por aonde eu cheguei até hoje”³⁵.

Essas afirmações, a meu ver, servem como uma espécie de “ponte” entre o pertencimento ao grupo dos imigrantes que vivem nos EUA e o discurso patriota naquele mesmo país. Entende-se que um americano nascido no país possui o direito inato de acessar os benefícios da sociedade, enquanto o imigrante os utiliza sem ter esse direito e, portanto, sendo imigrante surge a necessidade de se “retribuir” ao país para provar sua lealdade ao discurso da sociedade local.

---

³³ Entrevista UR.

³⁴ Entrevista CF.

³⁵ Entrevista CM.

Nesse sentido, a função social dessas afirmações pode ser descrita como uma que visa construir uma relação de alteridade entre o imigrante que alistou ao serviço militar nacional ao imigrante “comum”, assim conferindo ao militar uma noção de pertencimento à sociedade local. Essa questão, ademais, se refere também ao processo de educação cívica e patriótica durante o exercício militar, tal qual demonstrado nos capítulos anteriores com sua evolução desde a 1ª Guerra Mundial.

Ainda que um alinhamento ideológico com a política dos EUA no momento do alistamento não tenha sido o fator preponderante para a entrada de nenhum dos colaboradores da presente pesquisa no serviço militar estadunidense, as razões que eles usam para explicar o motivo do mesmo variam e tem caráter bastante personalizado. Dos entrevistados pela presente pesquisa, apenas o colaborador que lutou no Vietnã não adentrou às Forças Armadas dos EUA de maneira voluntária, ainda assim, ele teve a opção de fugir para o Brasil para evitar a guerra, mas decidiu por ficar. Durante a entrevista, ele justificou essa escolha afirmando que pensou que “destino é destino e não adianta correr”, assim relativizando o papel de sua escolha e se eximindo de um possível sentimento de culpa em relação aos eventos vividos posteriormente por ele na Guerra.

Ele também é o único dos colaboradores da presente pesquisa que não obteve influências do ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001 na sua escolha em se alistar, pois já havia saído do serviço militar a décadas.

5.3 O 11 de setembro de 2001 como ‘lugar da memória’

Em estudo sobre os efeitos da ditadura de Mussolini na Itália, Luisa Passerini afirma que a representação do ditador para os que viveram naquela época constitui um *lugar de memória*³⁶. Quando ela fala isso ela não está tratando especificamente de lugares físicos, mas sim de representações comuns na memória dos colaboradores. Na verdade essa ideia parte do conceito do Maurice Halbwachs de memória coletiva, que afirma que “nossa lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de evento que só nós estivemos envolvidos”. Ou seja, a memória dos nossos colaboradores está sempre condicionada a um entendimento social comum de si mesmo e dos fatos que o circundam.

---

³⁶ Passerini, Luisa. *A Memória. Entre a Política e a Emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, cap. 1.

Certamente, o 11 de setembro é um lugar de memória fundamental para todos os colaboradores da presente pesquisa, não obstante, a maioria deles falou sobre os atentados terroristas durante suas respectivas entrevistas, ainda que cada um sob sua ótica pessoal. Nos trechos a seguir, chamo a atenção para como a memória coletiva sobre esse acontecimento aparece permeada por interpretações e sentimentos pessoais variados. Muitos dos colaboradores relacionam ainda os atentados terroristas com a questão identitária de ser brasileiro. Um dos colaboradores, inclusive, comete o interessante “ato falho” de chamar o 11 de setembro de 7 de setembro – dia da independência do Brasil – nota-se que quando ele se refere aos atentados terroristas em inglês (911) ele não comete o mesmo equívoco.

“O World Trade Center era um lugar que eu ia com amigos e família, íamos lá ao topo. Tinha fim de semana que nos encontrávamos lá. Era um pequeno ponto brasileiro. O 11 de setembro teve um impacto muito grande. Acertou a gente emocionalmente. Fiquei muito chocado. Não tive como descrever a decepção pelo que aconteceu. O país tinha que fazer alguma coisa e eu queria contribuir para que algo fosse feito”³⁷.

“Aconteceu o 7 (11) de setembro e eles voltaram a me procurar (os recrutas). Foi então que eu tive certeza que não iria. Imagina? Eu já não queria antes, agora, com todo mundo indo para a guerra? Aí que eu não queria mesmo! (risos...)”³⁸

“Como todos sabemos, em Setembro de 2001, um ano e pouco depois de eu chegar aqui, houve o 911 – o ataque terrorista. Isso fez com que eu realmente tomasse a decisão de entrar nas Forças Armadas aqui. Na minha escola eu tive uns 3 ou 4 colegas que perderam os pais no atentado. E eu pensei: como americano... eu penso que

---

³⁷ Entrevista WO.

³⁸ Entrevista MA.

todo mundo deveria servir, independente de nacionalidade. Se você é estrangeiro e quer morar aqui, quer fazer isso aqui a sua pátria, você deve servir. E também não importa onde, se você está no Brasil, deve servir ao Brasil³⁹,”

“O 11 de setembro pra mim teve uma influência muito forte, porque eu estava aqui há três anos e eu via acontecendo na televisão, estava próximo. Portanto teve uma grande influência na minha vida porque eu vi acontecendo, e não só para os Estados Unidos, mas para o mundo inteiro foi um dia muito triste”⁴⁰.

Podemos pensar também nesses discursos a partir da subjetividade partilhada entre entrevistador e entrevistado no momento da entrevista. Todos os colaboradores sabiam que eu era brasileiro e talvez fosse mais pertinente relatar o acontecimento o ligando com o Brasil.

Outra questão pertinente é que os atentados de 11 de setembro marcam o início das guerras – ou contexto militar – em que estes colaboradores serviram. Dessa forma, eles vivenciaram o atentado ainda antes de serem naturalizados (levando em conta que apenas um colaborador da presente pesquisa já era cidadão norte-americano antes de entrar ao serviço militar), ou seja, entender o prédio alvo do atentado de 11 de setembro como um “ponto brasileiro” é uma maneira de se incluir na memória coletiva norte-americana do atentado, mas ao mesmo pontuando a questão da imigração e a alteridade com a sociedade local.

5.4 Relatos de Guerra: Traumas e censura

Quando iniciei o processo de entrevistas para o presente projeto, acreditava que os relatos de guerra seriam a parte mais densa das entrevistas dos colaboradores. No entanto, durante a realização das mesmas, percebi uma clara vontade dos colaboradores de não falarem de maneira muito aprofundada nas experiências vividas em combate. Quando estimulados a falarem sobre a guerra, muitas vezes os colaboradores

---

³⁹ Entrevista UR.

⁴⁰ Entrevista GJ.

procuravam mudar de assunto. De qualquer maneira, algumas questões puderam ser levantadas a partir das entrevistas.

Uma das razões iniciais para a recusa em falar da guerra é a questão da lealdade para com a corporação que o colaborador faz ou fez parte. Como alguns dos colaboradores relataram, existe um “limite ético” para com a corporação acerca do que eles podem ou não relatar. Ou seja, ao entrar no serviço militar os recrutas obtêm acesso a informações confidenciais do governo dos EUA, como lugares de missões militares, técnicas e planos de guerra, entre outras coisas. Caso violem esse acordo podem ser julgados e até presos por deslealdade. Como afirma o parágrafo de lei a seguir:

“Service members, like other citizens, have a right to express themselves. However, the right to engage in free speech does not provide an absolute immunity from subsequent punishment if the speech violates a criminal law. In the military, such criminal laws include:

- 1. Disrespectful speech toward superiors;*
- 2. Use of words or gestures that might provoke a fight;*
- 3. Disclosure of classified information;*
- 4. Discussing official matters outside of the military without proper authorization”⁴¹.*

De fato, a questão legal acerca da liberdade de expressão de militares estadunidenses é bastante controversa. Ainda que a legislação a defenda para todos os cidadãos estadunidenses, inclusive os militares (como na primeira frase da legislação citada acima), recentemente um Sargento do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA foi expulso da corporação por se expressar contra a política de Obama no site de relacionamentos “facebook”⁴².

---

⁴¹ Direitos dos militares dos EUA, na página da Força Aérea dos EUA, disponível em: http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/law/rights_of_military_mbrs.pdf, acessado pela última vez 17/10/2014

⁴² Notícia vinculada pela agência de Notícias CBS, disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/sgt-gary-stein-discharged-for-obama-criticism-scared-not-backing-down/>, acessado pela última vez 17/10/2014.

Tendo em vista que os colaboradores da presente pesquisa sabem do contexto em que estão inseridos, me parece evidente os motivos da escolha de alguns deles de evitar falar sobre alguns fatos ocorridos na guerra.

Ainda assim, a documentação produzida pela pesquisa apresenta algumas situações potencialmente sigilosas, ou relatos de coisas ilegais. Justamente pela problemática acerca dessa questão, decidi pela divulgação de todas as entrevistas no presente trabalho de maneira anônima, assim protegendo os colaboradores de possíveis problemas legais.

Um dos colaboradores relatou uma situação que aparentemente descreve uma situação que pode ou não ser interpretada como uma situação semelhante à tortura:

“So we started asking questions, and it was very Inhumane to me, the things that we did. I couldn’t really understand... they were making this guys get naked - looking for bombs of course – and other bad things. We found out that were human beings, you know? We didn’t think they were human beings, because they didn’t wanted to be rescued, they didn’t want any help. But it was simply because they preferred to stay away from Americans⁴³”.

Outro ponto importante de quando tratamos de relatos de guerra é a questão do trauma, como explica Valerie Raleigh a seguir:

“Trauma is often defined as an event or series of events of such negative effects on the individual that there is a break with life before the trauma and an influence on the life as it goes on afterwards. Sometimes memory of a trauma is repressed and no amount of cueing inspires its recall⁴⁴”

O trauma em questão desmembra-se em duas esferas, a psicológica e a social. De ambas as formas, o trauma converge a zonas de silenciamento e interdição nas

---

⁴³ Entrevista C.F.

⁴⁴ Yow, Valerie R., *Recording Oral History: A Guide for the Humanities and the Social Sciences*, Walnut Creek: Altamira Press, 2005, p. 45

memórias pessoais do traumatizado, as quais tornam a compreensão de eventuais lacunas bastante complexa. Freud afirma que o trauma psicológico, *natchträglich*, está intimamente relacionado à linguagem, que em sua recôndita existência no inconsciente pessoal, opera como uma máquina de produção de representações variadas. Ou seja, quando lembrado e verbalizado, ele pode ser reconstruído e resignificado. Nesse viés, trabalhos como o de Nigel C. Hunt⁴⁵, propõem o relato de traumatizados acerca de suas histórias como um tratamento para a própria memória da experiência indesejada, na medida em que ela é reconstruída no ambiente seguro do relato. Diferentemente da presente pesquisa, a abordagem citada acima prevê uma intencionalidade do proponente do relato em revisitar sua experiência traumatizante e um entendimento mútuo de se estar tratando da questão específica do trauma.

O trecho a seguir mostra uma clara intenção do colaborador em não refazer o caminho da memória que o levaria a sua participação nos combates, mas acaba dizendo que o silenciamento da memória nesse caso é intencional e nem sempre possível:

“Eu tenho memórias nítidas ainda das batalhas, mas eu tento não ter. Eu fiz até muitos tratamentos, trabalhei muito isso, para tentar tirar fora. Você tem que resolver na sua cabeça o que você vai ficar o que você quer jogar fora. Você remoendo certas coisas na sua cabeça - acho eu -, pode acabar tendo um grande mal estar. Eu fiz um exercício, e ainda faço, de tirar essas memórias completamente. Eu tenho um dizer, todo o mal para fora e só ver o bom, que é o fruto que a gente colhe. Eu, na realidade, às vezes acho que passo meses sem pensar, até que não consigo e lembro⁴⁶”.

Outro colaborador também relatou sua experiência na guerra a partir de um esquecimento:

“Most of the wars are kind of blur to me, in my memory. It’s kind of a vague image. It was a hard time, and I didn’t

---

⁴⁵ Hunt, Nigel C., *Memory, War, and Trauma*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010, p.60.

⁴⁶ Entrevista J.AC.

*have much communication with the rest of the world*⁴⁷”.

Como afirmou Freud, o trauma não é apenas a memória incômoda de um evento vivido ou imaginado. Nesse sentido, deve-se olhar o trauma também como estruturante de diversas questões inconscientes do traumatizado. Ou seja, o trauma não necessariamente se apresenta nos relatos como trauma propriamente, mas encontra-se como resíduo nas mais variadas escolhas de vida; na maneira (frequentemente áspera) de se encarar relações pessoais, de compreender de antemão as intenções dos outros, nas preferências dogmáticas e conservadoras – tão comum aos traumatizados de guerra, de todas as épocas e regiões. Como ensinou o mestre da psicanálise, o trauma faz-se estrutura na compulsão por se repetir. O trauma aqui, portanto, ganha o contorno de uma crença sobre a naturalidade de um jeito de ser e de agir, que é a própria identidade do traumatizado.⁴⁸ Os trechos podem também ser entendidos a partir desta lógica:

“Eu virei até Ateu, não acredito mais em Deus, e acho que tem algo a ver com o que passei na guerra. Porque quando você vê certas coisas, se você acredita em Deus, eu acho que Ele não deixaria essas coisas acontecerem. Na época ou você morria ou você matava outras pessoas e, nesse momento, vinham as questões da minha formação seminarista. Então eu pensava: Porra, cadê Deus nesse minuto?”⁴⁹

*“It was very hard for me to understand how the hell are this people going to the mall and buying all this shit, while you got so many people dying over there? That was hard for me... That was the feeling I had...”*⁵⁰

“A gente acha que vai voltar para os Estados Unidos e todo mundo vai bater palmas para você na rua. E alguns

---

⁴⁷ Entrevista CF.

⁴⁸ Freud, Sigmund. *Totem and Taboo*. London: George Routledge and Sons, 1919, pp. 30-124, consultado (<http://www.gutenberg.org/files/41214/41214-h/41214-h.htm>).

⁴⁹ Entrevista J.A.C.

⁵⁰ Entrevista CF.

até pareciam aborrecidos comigo porque, você já tem aquele cabelo de corte militar, sempre bem raspado, é um veterano e a galera está pouco se fodendo⁵¹”.

Levando em conta que o presente trabalho possui relatos de veteranos de três diferentes guerras: Vietnã, Iraque e Afeganistão (sendo alguns simultaneamente veteranos dessas duas últimas guerras), supõe-se que as particularidades de cada combate - ou período histórico, no caso do Vietnã – interfiram na maneira pela qual a colaborador lida com a sua experiência em combate, como afirma o trecho a seguir:

“The patterns and symptoms for someone with war trauma may vary, but they seem to depend at least to some extent on the particular war in which the individual was involved⁵²”

Um sintoma bastante comum nos veteranos de guerras contemporâneas é a privação de sono e a ocorrência frequente de pesadelos. Como relatam os trechos a seguir:

“Na guerra, as histórias rolam e os fatos acontecem. No meio da noite a gente acordava achando que tinha alguém tentando te matar ou fazer alguma coisa com você. Por mais tranquilo que estivesse lá fora sempre escutávamos algo errado⁵³”.

“Minha insônia só está passando agora, não conseguia dormir, fora o nervoso, bebia para poder dormir, porque se eu não bebesse uma cerveja eu não conseguia⁵⁴”.

“Eu acordava no meio da noite como se eu ainda estivesse no Iraque, e isso aconteceu por bastante tempo. Qualquer

---

⁵¹ Entrevista GF.

⁵² Hunt, Nigel C., *Memory, War, and Trauma*, op. cit., p. 59

⁵³ Entrevista W.O

⁵⁴ Entrevista GF.

barulhinho que eu ouvisse eu já pulava da cama com o olho arregalado. Podia passar um carro há duas ruas de distancia de mim que eu acordava. Acordava... acordava assustado⁵⁵”.

É curioso notar que, ainda que diversos sintomas que indicam um evento traumático apareçam nos relatos dos colaboradores que serviram nas guerras mais recentes, seus testemunhos são frequentemente distantes e desprovidos de forte reação sentimental. Ademais, como alguns relataram durante a entrevista, as Forças Armadas dos EUA oferecem tratamento psicológico para os retornados da guerra. Não sabemos quais técnicas ou objetivos advém destes tratamentos psicológicos e, portanto é bastante difícil discutir quais as implicações destes para as memórias e relatos dos colaboradores. De qualquer forma, a reação emocional do colaborador que serviu durante o conflito do Vietnã ao lembrar da guerra, se mostra bastante diferenciada da maioria dos que serviram recentemente. Os dois exemplos a seguir elucidam essas afirmações:

“Na época que eu cheguei (ao Vietnã), em janeiro de 68 foi quando estourou o ‘TET’ que eles falaram – que foram as maiores invasões de um lado e do outro. E inclusive quando eu cheguei lá, me disseram que antes você tinha um lugar para ir. Mas tudo estava sendo atacado, então foi até mais confuso e mais complicado. Mas, quer dizer, passei o meu ano, deu certo... esse ano foi longo.. longo.. (grande silêncio) Foi dificultoso... Mas deu certo, né?! (mais um longo silêncio)....

É... foi uma época difícil, certas coisas... Que aconteceram, entende? Tudo de coisas que eu já deixei para trás, então é difícil lembrar...”⁵⁶

“No Iraque eu fiquei de Agosto de 2006 até Março de 2007. Lá eu fiz o mesmo trabalho que eu sempre fiz, na manutenção eletrônica. Todo dia eu trabalhava entre 12 e

---

⁵⁵ Entrevista DR.

⁵⁶ Entrevista J.A.C.

14 horas e ainda íamos todos os dias para a academia, então eu perdi bastante peso lá e ganhei uma forma boa”⁵⁷.

Outra questão que se faz importante nos relatos de guerra é perceber que eles se apresentam frequentemente condicionados a uma noção imaginária de lealdade corporativa ensinada durante o treinamento militar e reforçada durante diversas experiências dentro da corporação. Sob essa ótica, relatar aspectos positivos do combate e “esquecer” os negativos pode significar uma noção de lealdade aos ideais corporativos e patrióticos por parte do entrevistado. David Grossman e Bruce Siddle falam sobre essa questão:

“An examination of the psychological effects of combat must begin by acknowledging that there are some positive aspects to combat. Throughout recorded history these positive aspects have been emphasized and exaggerated in order to protect the self-image of combatants, to honor the memory of the fallen and rationalize their deaths, to aggrandize and glorify political leaders and military commanders”⁵⁸.

Levando em conta a dimensão social do relato a partir da compreensão mútua entre entrevistador e entrevistado de que o relato visa constituir um documento histórico, para muitos dos nossos colaboradores, o ato de privilegiar a apresentação de experiências positivas da guerra pode estar intimamente ligado à noção de pertencimento à corporação e lealdade a seus superiores, na medida em que reforça a construção de uma história positiva sobre a participação da corporação na guerra. Nota-se que essas experiências positivas podem ser tanto de cunho corporativo, como pessoal. Alguns exemplos nos relatos podem ajudar a sublinhar essa discussão:

---

⁵⁷ Entrevista UR.

⁵⁸ Grossman, Dave and Siddle, Bruce K., "Psychological Effects of Combat", Waltham (MA): *Academic Press*, 2000. p. 1

“Tiveram muitas missões humanitárias como levar escolas, clínicas e poços artesianos para várias tribos do Afeganistão⁵⁹”.

“Duas vezes eu ajudei navios iranianos, barcos de pescador que estavam perdidos. Um deles foi um barco que estava sem combustível e estava boiando sem direção havia 6 dias. E tinha crianças no barco, era um total de 10 pessoas no barco e eles não tinham comida nem nada. Então a gente deu comida e óleo diesel e mandamos eles de volta para o Irã. Então essa é uma parte do meu trabalho que eu acho muito legal. Gosto muito de ajudar as pessoas⁶⁰”.

“foi interessante que eu nunca joguei muito futebol na vida, mas lá na guerra eu joguei com Iraquianos. Sempre que jogávamos era um time dos fuzileiros navais contra um de iraquianos. Teve Muita comédia no Iraque...⁶¹”.

Ademais, devemos levar em conta a construção heroica da história de vida dos colaboradores a partir do relato e de suas memórias – tal qual discutida previamente no presente capítulo. Certamente, a construção de uma trajetória de vida que faz do colaborador um veterano de guerra norte-americano, passa pela exaltação de símbolos positivos dentro da corporação e do treinamento militar, como: lealdade aos companheiros, ausência de medo da guerra, honestidade, patriotismo, etc...

Nesse contexto, de maneira similar ao caso de Rigoberta Menchú, imprecisões a cerca da verdade podem se mostrar positivas para que a história de vida torne-se mais interessante do ponto de vista do colaborador. Como neste exemplo:

“Vi em uma casa uma média de uns 20 corpos de Talibãs no chão. Quando eu subi ao segundo andar dessa casa, tinha uma mesa grande com várias fotos do Brasil – Cristo

---

⁵⁹ Entrevista AD.

⁶⁰ Entrevista VD.

⁶¹ Entrevista UR.

Redentor, Aparecida do Norte, romarias, eventos católicos no Brasil -, era uma célula do Talibã que estava estudando o Brasil para bombardear o país. Achei documentos nos quais mostravam que eles estavam querendo mandar 2 homens-bomba para a procissão de Aparecida do Norte e outro para o Cristo Redentor, os principais símbolos católicos. Não aconteceu porque descobriram essa célula, como outras células que trabalham focando países católicos e evangélicos⁶²”.

Com dificuldade em acreditar na veracidade desta frase, perguntei de maneira informal e anônima a outros colaboradores da pesquisa sobre a possibilidade de esse fato ser real, e todos eles me disseram que não, essa afirmação não era verdadeira. A partir do entendimento desta afirmação como “não-verdadeira”, podemos pensar a função social da mesma, ou seja, o que de fato esse colaborador nos queria comunicar com essa frase? O autor deste relato segue carreira política no Brasil atualmente, então me parece bastante apurado afirmarmos que, a partir deste relato, ele pretendia se colocar com uma pessoa que não só defendeu os EUA na guerra, mas também o Brasil, assim transpondo sua posição de veterano de guerra estadunidense, para herói brasileiro.

Apenas um dos colaboradores (entre os que se alistaram voluntariamente) afirmou à pesquisa que não queria participar da guerra. Diversos outros inclusive chegaram a afirmar que queriam entrar em combate o quanto antes. Ademais, a maioria dos que tomaram a decisão de entrar em corporações que dificilmente entrariam em guerra – como a *Coast Guard*, por exemplo – disseram ter tomado essa decisão por causa de suas famílias. Os trechos a seguir elucidam essa afirmação:

“Eu queria ser infante, queria ser da Infantaria, porém tem muito mais riscos de voltar para casa dentro de um caixão, entende? Então eu pensava sempre nos meus pais, que eles não queriam que eu voltasse morto⁶³”.

---

⁶² Entrevista AD.

⁶³ Entrevista GF

“Of course, I wanted to go to war. I really wanted to go take care of business. I was angry regarding what happened to this country. I mean, look at the education you can receive, and somebody threatening that and the way you are living, then really you would have a problem with that, I think. As a man I stepped up⁶⁴”.

Por fim, nota-se que a guerra obviamente produz sequelas tanto físicas como psicológicas, como mostram os trechos a seguir:

“Quando eu estava em um comboio no Afeganistão com as tropas da OTAN passamos por cima de uma mina, uma IED. A IED explodiu, me arremessou pra fora do veículo e eu caí com a cabeça no chão. Com a explosão da bomba eu bati forte a cabeça e perdi a mobilidade das pernas. Vi um dos meus colegas desfigurado e o outro morto. Assim que acordei eu estava em um hospital na Alemanha, para onde vão os casos mais graves de feridos de guerra. Uma enfermeira chamou o médico e eu achei que estava dormindo há algumas horas, mas ele falou que eu estive em coma por 7 dias⁶⁵”.

“Em batalha lá, acertaram uma vez nas minhas costas um tiro e uma vez eu assim na minha cabeça, por eu estar com o capacete, o “Helmet”, a bala pegou assim (mostrando a diagonal para cima na face) e o pedaço dela pegou na minha sobrancelha. Nas costas foi estilhaço de bomba que caiu e entrou nas minhas costas”⁶⁶.

---

⁶⁴ Entrevista CF

⁶⁵ Entrevista AD.

⁶⁶ Entrevista J.A.C

“I had two knee surgeries, I injured my knee carrying a Marine over my shoulder, in combat - he was injured”⁶⁷.

5.5 A volta para os EUA: o imigrante veterano de guerra

“A nation reveals itself not only by the men it produces, but also by the men it honors, the men it remembers.”⁶⁸

A citação acima, parte da fala de John F. Kenedy no Amherst College, em 1963, nos dá pistas para discutirmos a importância dada aos veteranos de guerra nos EUA. O veterano de guerra norte-americano é aquele militar que lutou em uma guerra pelo país; nota-se que ele não precisa estar vivo para ser considerado um veterano de guerra, uma vez que os mortos em combate também são enterrados com honrarias e assim denominados.

A partir do pensamento exposto por Kenedy, podemos entender que uma nação que historicamente dá grande importância a ações militares como os EUA, tem por obrigação homenagear os veteranos sobreviventes e mortos em combate, mostrando assim reconhecer e valorizar a lealdade apresentada por estes militares, assim tornando possível ainda a adesão popular em futuros combates. Podemos perceber ainda o caráter de dever cívico no exercício militar. Kenedy é bastante claro nesta fala ao notar que, para ele, o serviço militar nos EUA é um exercício patriótico antes de tudo, ou seja, que os militares são “homens produzidos pela nação”. Nesse ponto, devemos identificar a presença da questão de gênero nesta fala. Ainda que, na época que este discurso foi realizado, o serviço militar era obrigatório e a guerra era exclusivamente para homens (duas questões que mudaram ao longo da história, como mostradas anteriormente), ela ainda assim nos dá pistas sobre o imaginário que perdura acerca dos veteranos de guerra.

A partir da fala dos colaboradores da presente pesquisa, pude notar que, de fato, uma nação revela suas opiniões a cerca de um combate pela maneira como trata os veteranos de guerra. Como o colaborador que serviu ao Vietnã nota, ele teve pouco

---

⁶⁷ Entrevista CF.

⁶⁸ John F. Kenedy em discurso para Amherst College, em 1963, disponível na página da fundação Kenedy em: <http://www.jfklibrary.org/Research/Research-Aids/Ready-Reference/JFK-Quotations.aspx>, acessado pela última vez dia 17/10/2014

reconhecimento por seu “sacrifício” na volta para os EUA, isso porque a guerra do Vietnã era bastante impopular.

“Nunca quis ficar lembrado como veterano de guerra. Acho que isso é uma sequela da minha volta e das revoltas anti-guerra. E até eu me questionava: Porra, tanta gente contra, porque será que eu fui? Então eu acho que da Segunda Guerra e das outras guerras que são populares, o veterano é diferenciado”⁶⁹.

Quando pensamos a questão do trauma de guerra como constituinte da personalidade do traumatizado, podemos notar que a espera por uma recepção positiva na volta a sociedade e a frequente desilusão desta espera é um fator bastante problemático e traumatizante nos discursos coletados pela presente pesquisa. Neste contexto, talvez a reação negativa aos veteranos de guerra após o conflito no Vietnã tenha sido fator um importante para a causa de tantos problemas com veteranos do Vietnã.

“War veterans often are accorded status as holders of special knowledge or performers of a heroic service. However, being a Vietnam veteran, a ‘bad war’ veteran, did not necessarily carry any ‘privileged’ status”⁷⁰.

Alguns veteranos de guerras atuais afirmam também terem se decepcionado com a recepção obtida nos EUA na volta. Os trechos a seguir exemplificam essa afirmação:

“Eu achava que tinha que ter uma tatuagem dizendo ‘Sou um veterano de guerra, me tratem bem, tá ligado?’ Como todo mundo que passou sete meses isolado numa área de guerra, a gente volta pensando que todo mundo vai te tratar bem. (...) Então foi meio que uma ilusão, a gente voltou achando que todo mundo ia nos tratar muito bem,

---

⁶⁹ Entrevista J.A.C

⁷⁰ Scott, Wilbur J., *Vietnam Veterans Since the War: The politics of PTSD, Agent Orange and the National Memorial*, Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2005, p. 9.

todas as garotinhas iam querer te dar beijos na boca, todo mundo ia apertar sua mão... Voltei à vida real (...) mas eu não voltei igual⁷¹”.

“I went back home for nothing. I just grabbed my bag and went to a Hotel. (...)I felt very... I guess unappreciated, for a while. But, like I said by the people who went through that I felt appreciated, and I felt great knowing that this people who served in Vietnam or where ever would look at you and say: ‘Ok, son... I know how you feel’”⁷².

Como tenho buscado mostrar desde o primeiro capítulo do presente trabalho, o veterano de guerra frequentemente é colocado em posição quase oposta à do imigrante na sociedade; enquanto o imigrante frequentemente é visto um “peso” para a sociedade, o veterano é aquele que luta por ela. Ou seja, do ponto de vista das comunidades imigrantes nos EUA, a inserção como grupo social e luta por direitos de cidadania plena frequentemente passa pela existência de veteranos de guerra dentro daquela comunidade. Podemos notar isso, ademais, pela literatura sobre grupos imigrantes nas Forças Armadas dos EUA, constituída em grande parte por listas de veteranos de Guerra pertencentes àquele grupo⁷³.

Ainda neste contexto, deve-se notar a frequência com que os colaboradores expressavam sua condição de veterano de guerra como um fator transformador de sua identificação como imigrante pela sociedade, afirmando que o serviço militar o fez se sentir “mais americano”. Ademais, como Celso Castro aponta, a participação na

---

⁷¹ Entrevista GF

⁷² Entrevista CF

⁷³ Vide: Zhao, Xiaojian & Park, Edward J.W. (ed.), *Asian Americans: An encyclopedia of social, cultural, Economic and political History*, Westport, Greenwood Press, 2013; Gonzáles, Deena J. & Oboler, Suzane (ed.), *“The Oxford encyclopedia of Latinos and Latinas in the United States”*, Oxford, Oxford University Press, 2005; Ural, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American Volunteers and the Union Army, 1861-1865*, New York, New York University Press, 2006; Zamora, Emilio & Rivas-Rodríguez, Maggie, *Beyond the Latino: World War II Hero*, Austin, Texas University Press, 2009; Jay Gonzáles, Joaquim, *Filipino American Faith in Action: Immigration, Religion, and Civic Engagemen*, New York, New York University Press, 2008

corporação militar traz consigo o “prestígio da farda”, lembrando que a palavra “farda” ocupa aqui uma classificação simbólica e não é, portanto, apenas uma peça de roupa⁷⁴.

“Quando a gente chega como imigrante e mora aqui você fica confuso e acha que é diminuído, pensa que não tem valor. O contraste é muito grande depois que você veste o uniforme americano. Esse tratamento dobra, é uma mudança de 180° e você passa a ser tratado como americano independente do sotaque, da raça, nacionalidade...”⁷⁵

“Na volta da guerra você se sente mais americano e menos imigrante. A partir do momento que o piloto do avião fala para todas as tropas: ‘Marines agora vocês estão cruzando o céu dos Estados Unidos’, dá um alívio, é uma comemoração dentro do avião. Quando você desce no aeroporto onde as tropas descem da guerra, todo o aeroporto para, levanta, aplaude. (...) Você se sente muito patriota e muito defensor das causas americanas”⁷⁶.

Tal qual na 1ª Guerra Mundial, as guerra em que nossos colaboradores participaram também tiveram impacto no plano identitário de muitos estrangeiros na medida em que os forçou a uma convivência totalmente fora de suas comunidades, como relata o trecho a seguir:

“Eu digo que voltei da guerra mais americano. Queira ou não queira, eu vivi lá um ano sem nenhum brasileiro. Meu convívio era só com americanos, então eu vi como era”⁷⁷.

---

⁷⁴ Castro, Celso, *O Espírito Militar: O Antropólogo na Caserna*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004, p. 139.

⁷⁵ Entrevista WO.

⁷⁶ Entrevista AD.

⁷⁷ Entrevista J.A.C.

5.6 Identidades e identificações

As frases citadas acima: “me tornei mais americano e menos imigrante”, podem facilmente nos levar a um entendimento simplista do jogo das identidades e alteridades encontradas pelos colaboradores da presente pesquisa. Isso porque as afirmações nos dão a ideia de que a identidade dos colaboradores encontra-se dividida entre ser brasileiro e se tornar norte-americano apenas, sendo, nesse contexto, o processo identitário a jornada percorrida em um caminho predeterminado. No entanto, como nota Stuart Hall ao falar da comunidade caribenha na Inglaterra, os processos de negociação e trânsito de identidades pessoais não são uma situação de oposição binária, ou seja, não se encontram em uma relação de alteridade simples entre a comunidade emigrada e a comunidade local, pois contemplam forte agência pessoal, assim como as diversas identificações e alteridades de cada pessoa e comunidade⁷⁸.

“Não se trata da forma binária entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente o ‘Outro’. É uma onda de similaridades e diferenças que recusa a divisão em oposições binárias fixas⁷⁹”.

Neste contexto, Zygmunt Bauman afirma que, no mundo globalizado, o conceito de identificação se mostra frequentemente mais adequado do que “identidade”, uma vez que reflete a transitoriedade das atribuições pessoais.

“Quem sabe, em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de identificação, uma atividade que nunca termina, sempre incompleta na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados⁸⁰”.

---

⁷⁸ Hall, Stuart, *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003, p. 60.

⁷⁹ Hall, Stuart, *Da Diáspora... Op.cit*, p. 60.

⁸⁰ Bauman, Zygmunt, *A Sociedade Individualizada. Vidas Contadas, Histórias Vividas*. São Paulo: Zahar, 2009, p. 193.

Quando olhamos, portanto, as afirmações de que o serviço militar faz os colaboradores se sentirem “menos imigrantes e mais americanos”, a partir da noção da multiplicidade de identidades e identificações, um novo entendimento das estratégias pessoais que os colaboradores usam para trabalhar suas identificações emerge. Dentro desse patamar, entendemos que as identificações na situação de diáspora variam de acordo com o ambiente em que a pessoa se encontra e – ainda que ocorra muitas vezes no plano inconsciente – ocorre também, muitas vezes, também a partir da iniciativa pessoal em tentar se colocar de maneira positiva no novo contexto em que ela se encontra inserida. Ou seja, podemos afirmar que a multiplicidade do jogo de relações simbólicas dentro dos contatos interculturais travados no plano das identidades permite o colaborador a realizar uma constante e permanente negociação de sua identidade pessoal. Esse jogo pode ao mesmo tempo ter o objetivo de produzir uma relação de semelhanças como o objetivo de marcar as alteridades – tanto no plano social como pessoal. A citação do colaborador à seguir ilustra esse ponto:

“eu tentava falar para os vietnamitas na guerra: ‘eu não sou americano, eu sou brasileiro’ e via que eles entendiam um pouco, que eles viam que eu não era americano; eu falava “Brasil” e tentava mostrar que eu não tinha nada a ver com isso tudo. Então na hora convém você é, e na hora que não convém você não é (norte-americano)”⁸¹.

Um caso bastante ilustrativo para essa discussão é o de C.F. Embora muito bem adaptado ao país, C.F. afirma seguidas vezes sentir necessidade de mimetizar a cultura norte-americana, disfarçando as especificidades que o identificariam enquanto estrangeiro – como a maneira de agir em um restaurante ou o sotaque. Durante a entrevista, ele afirmou que foi apelidado de *camaleão* nos EUA, pois consegue transitar entre diversas culturas.

“You are always blending in. You are always going in and out of cultures. But I always maintain that I’m Brazilian, because that’s who I am. But I would never push that on

---

⁸¹ Entrevista J.A.C

people, and that was bigger than everything. I don't even sound that I am from a different country in the US, but deep down I know that it is always there. Down the road I even think that psychiatrists will find out that that is a disease derived from immigration”⁸².

Esse discurso nos permite refletir acerca de dois pontos da questão da transitoriedade das identidades em diáspora; conforme relata G.B., enquanto a possibilidade de negociação de sua própria identidade facilita a sua inserção na sociedade, e é uma de suas principais características, há um peso psicológico inerente a essa ambivalência, que o leva a pensar sofrer até de alguma doença (como descrito na citação acima). Como nota Bauman, há uma pressão individualizante na sociedade que leva à busca por identidades fixas.

“A busca frenética por identidade não é um resíduo dos tempos pré-globalização, que ainda não foi totalmente extirpado, que tende a se tornar extinto conforme a globalização avança; ele é, pelo contrário, o efeito colateral e o subproduto da combinação das pressões globalizantes e individualizadoras e das tensões que elas geram”⁸³

A citação de GB acima supõe, ademais, que há um ponto de partida para a identidade – como se, no Brasil, pudesse se encontrar a representação pura de “Brasil”. Essa ideia me parece fundamental para o entendimento por parte do colaborador de que ele é dotado de uma identidade fixa. Neste contexto, a oposição entre a pressão por encontrar uma identidade “original”, relacionada a um imaginário a cerca de sua cultura com a impossibilidade de se encontrar essa origem traz uma sensação de “desenraizamento”, ou como Stuart Hall afirma (na tradução para o português) “des-

---

⁸² Entrevista com CF.

⁸³ Bauman, Zygmunt, *A Sociedade Individualizada... op. Cit.*, p. 193.

locamento⁸⁴” – o que o colaborador interpreta como uma doença psicológica. Iain Chambers fala sobre essa questão:

“Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio (between)⁸⁵”.

A descrição de uma sensação de deslocamento na volta para o Brasil se mostram bastante comuns nos relatos dos colaboradores. Ainda que seus respectivos retornos tenham ocorrido, na maioria das vezes, apenas de maneira temporária – para passar férias, ou visitar as respectivas famílias. Tanto na comunidade de origem, quanto na comunidade que agora vive, o colaborador se sente no território do meio do jogo de identificações (between).

“As a Brazilian, or an immigrant, you never win. In America sometimes people would sensor my opinion by saying: ‘why are you saying that, you are an American, you shouldn’t act like that’, but sometimes, in a different subject they may say, ‘you are not an American, so you don’t understand the full thing’. And, of course, I do understand, since I lived here all my life. And even in Brazil that happens to. When I go to Brazil people talk like: ‘Olha, o gringo chegando aí, o americano’, so you are never from anywhere, you are always from somewhere else”⁸⁶.

Quando olhamos a questão do pertencimento a uma ou outra cultura de maneira pragmática, isso é, a partir dos discursos dos colaboradores entrevistados, notamos que eles usam o pronome “nós” (we) para expressar seu pertencimento em diversos grupos que à primeira vista parecem possuir relações de alteridades entre si; ou seja, em uma

---

⁸⁴ Solvik, Liv (org.). Hall, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Ed. Da UFMG, p. 27

⁸⁵ Chambers, Iain. *Borders Dialogues: Journeys in Post-Modernity*, London: Routledge, 1990, p. 104, apud. Hall, Stuart. *Da Diáspora*, op. cit., pp. 27-28.

⁸⁶ Entrevista CF.

mesma entrevista o colaborador pode usar o pronome “nós” para expressar “nós, brasileiros” tanto quanto para “nós, norte-americanos”, como mostram os trechos a seguir⁸⁷:

Exemplo 1:

*“And I was always open minded. I think that **we**, Brazilian people, naturally do that”.*

*“Most of the people wanted **us** to be there (norte-americanos), it was mostly a confusion of the media telling you that America was doing something different from what **we** were really doing”⁸⁸.*

Exemplo 2:

“**Nós** brasileiros já vivemos em um ambiente hostil, dependendo de cada região. **A gente** vê pessoas sendo assaltadas na sua frente e não nos abala tanto quanto abala os americanos nascidos e criados nos EUA. **Nós** temos uma estrutura psicológica bem forte”.

“O povo local, os cidadãos civis normais do Afeganistão são simplesmente vítimas, assim como as do World Trade Center. Eles contavam com a **nossa** ajuda (EUA) e **nós** fomos”⁸⁹.

Essa mesma multiplicidade de identificações de pertencimento pode ser encontrada a partir também da questão das alteridades, ou seja, notando a quem os colaboradores se referem quando usam o pronome “eles” (they). Alguns trechos a seguir ajudam a discutir essa questão:

Exemplo 1:

---

⁸⁷ A marcação dos pronomes em negrito foi feita pelo autor da pesquisa, com a finalidade de pontuar a questão discutida no parágrafo acima.

⁸⁸ Entrevista CF

⁸⁹ Entrevista WO.

“Quando eu voltei da guerra foi que vi que **eles** (os norte-americanos), não têm muita diferença de **nós** (brasileiros).”.

“Então eu expliquei (à polícia de Boston, nos EUA) qual era o costume dos brasileiros, que **eles** (brasileiros) podem fazer barulho, festa, mas que é normal”⁹⁰.

Exemplo 2:

*“So I had to learn how to adapt and how to say things to **them** (norte-americanos) so **they** can understand and say to each other: ‘Hey, this guy is a legit person’”.*

*“Coming to Brazil (...) People may try to insult you. **They** (brasileiros) don’t understand what you went through but **they** are going to try to have political conversations, and their opinions is gonna offend you”⁹¹.*

As aparentes contradições nas falas dos colaboradores a cerca de seu imaginário de pertencimento em uma ou outra cultura nos leva a entender que a própria noção pessoal de pertencimento também possui caráter transitório e está sendo frequentemente renovado, assim como o jogo de identificações, se adaptando a situações relacionais.

Um dos colabores entrevistados pela pesquisa internalizou a questão de pertencimento simultâneo ao grupo dos norte-americanos e brasileiros de maneira bastante interessante; quando se lembrava do tempo em que vivia no Brasil, falou em português, mas quando se lembrou das experiências vividas nos EUA, o fez em inglês. Ainda mais curioso é que em sua narração sobre um retorno imaginário ao Brasil, voltou a se expressar em português.

Uma teoria importante na bibliografia acerca da imigração brasileira aos EUA afirma que a pluralidade das identificações da comunidade brasileira nos EUA se deve, em parte, ao fato de não haver um estereótipo formado pela comunidade local⁹²

---

⁹⁰ Entrevista J.A.C

⁹¹ Entrevista CF.

⁹² Em minha opinião, essa teoria se mostra falha em parte, pois parte da ideia de que há nos EUA uma comunidade local homogênea e um entendimento compartilhado dentro deste “grupo”. De qualquer maneira, é notória a falta de conhecimento sobre o Brasil nas mais diferentes camadas da sociedade dos EUA. Machado, Igor José de Renó, “Sobre os Processos de Exotização na Imigração Internacional Brasileira”, *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, vol. 51, n. 2, 2008, pp. 716.

acerca dos símbolos que indicariam uma noção de “brasilidade”. Nesse sentido, uma das especificidades da comunidade brasileira nos EUA é precisamente a sua dificuldade ao se identificar como tal. Talvez por isso, diversas identificações não necessariamente ligadas ao imaginário de ser brasileiro tornam-se práticas comuns dentro da comunidade. Como mostra a frase a seguir:

“You have one person in charge, and he is a black guy, and all the black guys would be behind him, and support him, until you were accepted. I would have to find somebody that I could relate to, in that racist sense of the word. So I found that more toward the Hispanics”⁹³.

Stuart Hall notou situação semelhante em relação às populações caribenhas:

“na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ‘ser caribenho’, que eles compartilham com outros imigrantes do caribe (...) Existem as semelhanças com outras populações ditas de minoria étnica”⁹⁴.

Em todas as pesquisas do censo populacional norte-americano não há uma categoria na qual os brasileiros possam se classificar enquanto grupo. De acordo com o formulário usado no censo de 2010⁹⁵, para uma pessoa se declarar brasileira, ela deveria primeiro responder afirmativamente à pergunta: “Essa pessoa é hispânica, latina, ou de origem espanhola?”⁹⁶, para depois marcar a opção “outro hispânico, latino, ou de origem espanhola – escreva a origem, por exemplo argentino, colombiano, dominicano, nicaraguense, el salvadorenho e assim por diante”⁹⁷, a qual permite escrever “brasileiro”, por exemplo. Porém, caso o brasileiro entrevistado pelo censo queira se

---

⁹³ Entrevista CF.

⁹⁴ Hall, Stuart, *Da Diáspora...*, op. cit., p. 27.

⁹⁵ Vide: (<http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-02.pdf>). Acessado em 20 de Junho de 2013.

⁹⁶ Essa é uma tradução minha, direta do questionário, lembrando que ele é aplicado por um funcionário do *Census Bureau*, no entanto só quem pode responder sobre sua origem é o entrevistado.

⁹⁷ Tradução de minha autoria do questionário.

separar do grupo dos hispânicos, ele teria de se identificar como membro de “alguma outra raça”⁹⁸, para depois escrever brasileiro no espaço designado para identificar essa “outra raça”. Ou então, ela pode simplesmente se declarar como membro de qualquer uma das “raças” disponíveis no formulário, abrindo mão de auto identificar como brasileiro. Essa problemática reflete uma visão bastante difundida na sociedade como afirma um dos nossos colaboradores:

“Being Brazilian is very hard. I am tired of telling people that I am not Hispanic. I tell people that I am Brazilian and they ask me: ‘so you are Hispanic?’. ‘No. I am Latino but not Hispanic’. And they ask ‘What does that mean?’ So I just say: ‘I am Brazilian, just put it down like that’. So you know? It is hard”⁹⁹.

Como alguns estudiosos notam, a comunidade brasileira sofre por uma falta de “qualificação simbólica dentro do mercado americano de alteridades”¹⁰⁰ norte-americano. Nesse contexto, se auto identificar como brasileiro na sociedade estadunidense torna-se uma tarefa particularmente difícil, já que, na maioria das vezes, não há uma compreensão a respeito dos símbolos que remetem aos símbolos e características que marcam a identidade nacional brasileira.

Como nota Bhabha, os contatos identitários entre culturas nunca acontecem de maneira direta, ou seja no plano da alteridade simples. Para melhor ilustrar essa questão, ele utiliza o exemplo de uma obra de arte em que um lado é negro e o outro branco. No meio desta obra, há um poço de uma escada, que não possui contato com nenhum dos dois lados:

“O poço da escada como um espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre o superior e o inferior, o negro e o branco. (...) Essa passagem intersticial entre

---

⁹⁸ Tradução de minha autoria do questionário.

⁹⁹ Entrevista CF.

¹⁰⁰ Machado, Igor José de Renó, “Sobre os Processos de Exotização ...”, op. cit., p. 716.

identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença¹⁰¹”

Quando muitos dos colaboradores da presente pesquisa procuram se identificar como brasileiros, ou são identificados pelos americanos como tal, o processo de contato simbólico acontece a partir de identificações que eles entendem que possam ser compreendidas tanto por ele como pelos norte-americanos, ou vice-versa; símbolos identitários sobre o Brasil que se encontram no meio do caminho entre a relação de alteridade. Como mostram as frases a seguir:

“(o sargento) me perguntou: ‘você é brasileiro?’ ele até aquele ponto não sabia da minha origem, então ele perguntou ‘você na sua graduação vai trazer umas meninas brasileiras aqui?’. E a partir daí para ele já mudou um pouco a relação comigo, porque ele sempre brincava com minha origem e aquela coisa: ‘Brasil, mulher bonita e tal’”¹⁰².

“Minha vontade de só mostrar aos americanos o lado positivo do Brasil: churrasco no fim de semana, praia, piscina, mulher bonita, aí depois volta e começa tudo de novo. Mostrei a eles que o Brasil não era somente uma floresta amazônica, não queria mostrar que o Brasil era só macacos em cima de pé de banana, entende? Muito americano acha que o Brasil é isso (risos), floresta e casa em cima de árvore”¹⁰³.

Na segunda frase, podemos notar que o colaborador substitui a representação imaginada dos americanos sobre o Brasil com outra representação estereotipada – nota-se que ela é semelhante à colocação do norte-americano no primeiro trecho citado acima -, mas uma que, para ele, (especialmente no plano das relações pessoais ali travadas)

---

¹⁰¹ Bhabha, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: ed. da UFMG, 1998, p. 22.

¹⁰² Entrevista DR.

¹⁰³ Entrevista GF.

tornaria mais positivo o entendimento de sua identidade como brasileiro. Da mesma maneira, os símbolos que o outro não conhece acerca de sua cultura podem servir para marcar uma relação de alteridade e antagonismo cultural.

“Relationships are very hard for me. Especially now that I understand that somebody is an American and I am a Brazilian. There is a lot stress in that because they just don’t understand what a “pão de queijo” is – meaning that they don’t understand what my culture is - I also don’t understand lots of the things that happen within they’re micro culture. When you get older you really want to start to know who you are as a person. I like to eat beans because I am Brazilian, not because I just expose myself to it. I could like to eat cornbread because I am from Alabama”¹⁰⁴.

Ainda que o constante movimento das identidades permita um trânsito entre as possíveis identificações por parte dos colaboradores da presente pesquisa, há uma força contrária nesse jogo; um imaginário de pureza e natividade relacionado ao lugar de origem, como se sua “autenticidade cultural” lá estivesse. E, nesse ponto, novamente se faz importante a ideia de “desenraizamento”.

As falas dos colaboradores da presente pesquisa nos leva a entender que o jogo múltiplo das identidades em diáspora do qual fazem parte – especificamente em uma situação de naturalização e educação civil e patriótica norte-americana no processo de identificação como militar estadunidense – encontra-se frequentemente no território entre dois eixos fundamentais: o trânsito entre diversas categorias e noções de pertencimento/não-pertencimento e a busca por uma noção de autenticidade no contato imaginário com a comunidade de origem, o que causa a sensação de desenraizamento ou “des-locamento”. Nesse contexto, as noções dos colaboradores acerca de sua própria identidade encontram-se paralelamente em processo constante de renovação através de mecanismos conscientes e inconscientes, sendo motivados tanto por processos internos a si, como por pressões sociais.

---

¹⁰⁴ Entrevista CF.

“Na verdade, se pudesse mudar uma coisa na minha vida eu faria. Eu não teria ido para os EUA. Porque essa divisão de personalidade que eu tenho é muito ruim. Eu não pertencço a nenhum país. Eu estou no meio. Um dia eu sou americano, outro dia eu sou brasileiro. E nunca brasileiro no Brasil ou americano nos EUA”¹⁰⁵.

A trajetória do imigrante nesse contexto é, portanto, igualmente contraditória às suas noções de pertencimento. Ainda que ela seja, na prática, uma jornada de distanciamento do local de origem, o imaginário de uma jornada de retorno à origem (ainda que uma origem simbólica) encontra-se frequentemente presente nas relações sociais e internas. Nesse contexto, podemos afirmar que há uma reconstrução dos símbolos de brasilidade e do imaginário de Brasil, ao menos por parte da comunidade emigrada. Certamente, essa reconstrução imaginaria possui também influência sobre a maneira como os brasileiros se veem mesmo fora da situação da diáspora.

---

¹⁰⁵ Entrevista CF.

Caderno de Campo

Meu interesse pelo tema abordado na presente pesquisa teve início no ano de 2003, quando tive a oportunidade de morar em Cambridge, Massachussets, nos EUA. Mesmo tendo nascido nos EUA, o fato de ter sido criado no Brasil e ter o português como primeira língua naturalmente me encaminhou para uma inserção na sociedade norte-americana sob o estigma identitário do estrangeiro – que, pontuo, é uma categoria diferente da figura clássica do imigrante, já que legalmente eu podia gozar de direitos de cidadania próprios dos norte-americanos e não partilhava os mesmos objetivos naquele país que os imigrantes.

Ainda assim, quando entrei na “high school” (ensino médio) fui obrigado a realizar um teste de colocação e uma entrevista, no qual se avaliava, entre outras coisas, a fluência na língua inglesa e o desempenho em ciências aplicadas – que lá são ensinadas de maneira diferente do que no Brasil. O colégio público “Cambridge Rindge and Latin High School” possuía na época cinco escolas, que apesar de serem todas no mesmo prédio, raramente se encontravam. De acordo com o resultado da minha prova/entrevista fui colocado no “school 4” que, para a minha surpresa, era onde estudavam virtualmente todos os brasileiros e haitianos da cidade. Com o tempo, pude perceber que as “School 1” e “School 2” eram preparatórias para as grandes universidades do país e majoritariamente brancas.

Naturalmente, minha inserção social nos EUA foi através da comunidade imigrante brasileira na região. Olhando em retrospectiva, entendo que esse período foi bastante interessante para minha formação como um pesquisador das ciências humanas, pois fui colocado em uma posição na qual pude observar que a segmentação imposta a diversos setores identitários na sociedade norte-americana é literalmente ensinada na escola. Por outro lado, foi importante perceber a maneira pela qual essas alteridades são reproduzidas dentro dessas divisões identitárias, a fim de se reproduzir um discurso de dominação. Por algumas vezes fui informado por outros estrangeiros que nos EUA eu não era branco (apesar de ser loiro de olhos azuis) – e demorei a entender que se tratava de uma resignificação das alteridades trazidas por eles de seus países de origem para as alteridades impostas pela sociedade norte-americana. Em suma, para um jovem branco da classe média de São Paulo, ser colocado sob o estigma do “outro” me proporcionou um entendimento do mundo bastante novo.

Foi dentro desse contexto que observei o início da guerra do Iraque, também em 2003, e fui procurado seguidas vezes pelos recrutadores das Forças Armadas norte-americanas dentro da própria escola e em casa – através do telefone, provavelmente fornecido pela própria escola.

Foi muito surpreendente perceber que enquanto eu participava das manifestações contrárias à guerra, muitos dos meus colegas brasileiros cogitavam o alistamento militar como uma boa opção para suas vidas. E é exatamente nesse momento que se nota a dimensão prática da distinção que fiz no começo do texto entre ‘estrangeiro’ e ‘imigrante’. Percebi que a importância de se tornar um cidadão (nos vários sentidos que esse conceito contempla) nos EUA era tamanha, que valeria para muitos deles arriscar a vida em uma guerra na qual eles não tinham nada a ver. Além disso, comecei a perceber as diversas exclusões/segmentações diárias que essas pessoas vivem lidando e podiam agora ser repensadas a partir de uma representação social nova – a da farda, diga-se de passagem, tão respeitada e valorizada na cultura norte-americana.

Voltando para o Brasil comecei a trabalhar em um jornal da capital paulista chamado “Hora do Povo”, no qual a opinião editorial era frontalmente contrária aos EUA. Trabalhei dois anos na parte de assuntos Internacionais e acompanhei as guerras do Iraque e do Afeganistão a partir de um contexto oposto ao retratado pela mídia norte-americana, um que demonstrava os crimes praticados pelas forças norte-americanas nesses conflitos. A partir dessa experiência no jornal, resolvi cursar a faculdade na área de Jornalismo.

Quando resolvi retomar o tema que tanto me chamou atenção no passado e tentar entrar no mestrado de História Social, encontrei dificuldades em iniciar uma pesquisa científica. Os vícios de uma pesquisa baseada em opiniões pré-estabelecidas e uma escrita demasiadamente opinativa (como fui muitas vezes ensinado no jornal) foram obstáculos importantes a serem traspostos nessa transição de campo acadêmico. Além disso, eu partia de uma formação universitária focada em campos do pensamento e autores diferentes dos que muitas vezes enraízam a formação dos estudantes universitários de História.

Por outro lado, ter crescido em uma família de historiadores me fornecia uma familiarização com muitos desses autores e discussões. Mais do que isso, observar e conhecer o trabalho dos meus pais sempre foi parte fundamental do meu aprendizado como pessoa e, portanto, ainda que de maneira indireta, sentia-me confortável ao ler e

absorver esses novos pensamentos, sempre com a segurança de que poderia discutir e questionar em casa algumas de minhas dúvidas.

O exame de entrada no mestrado de História Social foi, nesse sentido, importante para a minha aclimação nesse novo campo de pensamento. Foi nesse momento que pude absorver parte fundamental da teoria que hoje constitui uma base importante para a minha pesquisa. Nesse momento, tive meu primeiro contato mais aprofundado com autores como Walter Benjamin, Erick Hobsbawn, Fernand Braudel e Jaques Le Goff, entre tantos outros.

Ainda assim, entrei no mestrado tentando encontrar um espaço para mim e para a minha pesquisa que eu ainda não sabia bem qual era. Nesse momento, minha primeira inserção no departamento ocorreu em uma reunião no Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO), por intermédio do meu próprio orientador, o professor José Carlos Sébe Bom Meihy. Lembro-me ainda dos primeiros encontros que tive o prazer de participar, nos quais eu me sentia bastante receoso em expressar opiniões contrárias às da maioria das pessoas – comportamento (como pude comprovar mais tarde em minha pesquisa) típico de quem se sente ‘estrangeiro’.

Por ser um grupo composto majoritariamente por alunos da pós-graduação, o NEHO proporciona um espaço de inserção muito interessante, uma vez que é um grupo bastante eclético nas temáticas de pesquisa, porém bastante alinhado na maneira de aborda-las. Foi muito importante para mim nesse momento poder observar as pesquisas de meus colegas já em estados muito mais avançados do que a minha na época e escutar seus depoimentos sobre a evolução das mesmas. Muitas vezes, pude me identificar em muitos dos depoimentos desses colegas e durante a preparação e execução de minha pesquisa pude me ver no lugar deles. Nesse ponto, destaco as discussões sobre os dilemas encontrados na realização das entrevistas de história oral, caminho trilhado por mim durante a pesquisa muitas vezes com mais facilidade devido a essa experiência adquirida nas discussões, sempre com o fundamental intermédio do Professor José Carlos Sébe.

Da mesma maneira que eu sentia a necessidade de me adaptar às temáticas da historiografia, o tema de minha pesquisa também passava pelo mesmo processo. Por tratar-se de um fenômeno contemporâneo foi difícil inicialmente vislumbrar uma abordagem historiográfica para o mesmo. Isso fez com que eu repensasse grande parte do que havia conhecido até então na bibliografia histórica e na maneira que eu vislumbrava tratar as fontes, já que não poderia sustentar minha pesquisa apenas em

documentos físicos, levando em conta que os envolvidos nela estão em sua maioria vivos – mais ainda, o fenômeno estudado está ainda em constante transformação, ainda influenciado pelo tempo presente.

Desde quando comecei a planejar a minha pesquisa sabia que teria que incluir nela uma viagem para os EUA. Mas o que inicialmente era para mim uma preocupação em relação às fontes escritas, principalmente, acabou se mostrando – através do conhecimento da bibliografia e das experiências de outras pesquisas em história oral – uma necessidade no tratamento das fontes orais também.

Entretanto, quando percebi que os colaboradores da pesquisa se encontram espalhados pelos EUA, percebi a necessidade da inclusão de meios virtuais para o sucesso das entrevistas. A solução evidentemente não foi deixar de realizar entrevistas pessoalmente, mas sim realizar tanto pessoalmente quanto pela internet. Dessa problemática surgiu a necessidade da realização de algumas reflexões sobre o uso de tecnologias de contato virtual em entrevistas de história oral – tema também bastante novo na literatura de história oral.

O sentimento de ter que criar um espaço para a minha pesquisa foi potencializado pela descoberta de que não havia pesquisas científicas sobre o tema dos brasileiros nas Forças Armadas dos EUA. Aliás, como hoje sei, são muito raros os livros científicos que falem sobre qualquer grupo específico de estrangeiros nas forças armadas dos EUA em geral.

No entanto, quando comecei a investigar de maneira mais aprofundada a bibliografia, pude encontrar diversos temas adjacentes que ajudaram a situar a minha pesquisa. Observar a extensão de trabalhos de história oral nas forças armadas dos EUA através da história certamente foi uma boa “porta de entrada”. Além disso, a imigração brasileira para os EUA e as dificuldades e dilemas enfrentados por essa comunidade constitui um campo bastante interessante e prolixo.

Como pude comprovar posteriormente durante o meu primeiro curso no mestrado da USP – Temas sociais em relações internacionais – o tema dos deslocamentos populacionais contemporâneos e a inerente contradição entre a dissolução das fronteiras e a persistente ressignificação das identidades e protecionismos nacionais é bastante relevante no mundo contemporâneo, tanto em sua dimensão política quanto em sua dimensão representativa.

Dentro do campo de estudos sobre deslocamentos populacionais, pude concluir que meu projeto se colocaria como uma nova abordagem para a discussão dos dilemas

enfrentados pela comunidade brasileira nos EUA. Um dos primeiros livros que tive contato nesse sentido foi o de Nancy Gentile Ford, “Americans All!” que fala sobre o alistamento de estrangeiros pelas forças armadas dos EUA durante a 1ª Guerra Mundial.

Ao final do ano de 2012 tive a oportunidade de enfim começar a trabalhar nas dimensões práticas do estudo e ir para campo. Como já havia planejado desde o início da pesquisa, fui para os EUA a fim de realizar as entrevistas e pesquisar nas bibliotecas norte-americanas, já que o grosso da bibliografia sobre Forças Armadas dificilmente poderia ser acessada desde o Brasil.

Nesse momento tive a felicidade de ser recebido pelos professores Nicolau Sevcenko e Clemmence Juoet-Pastre, da universidade de Harvard, que me deram a grande oportunidade de realizar um estágio de pesquisa lá e estudar na imensa biblioteca da universidade.

Isso foi interessante também no sentido de que eu pude voltar para a cidade de Cambridge, onde a ideia inicial da minha pesquisa foi concebida e, por consequência, um lugar no qual diversos membros da comunidade brasileira eram conhecidos meus. Esses contatos se demonstraram de grande importância, já que (como tinha dito no início desse texto) alguns dos meus colegas de escola tinham se alistado nas Forças Armadas dos EUA e outros tinham amigos que poderiam ser indicados a mim.

Encontrar colaboradores para a presente pesquisa não foi nada fácil. Isso ocorreu principalmente porque foi difícil estabelecer uma rede interna de amizades brasileiras dentro das Forças Armadas dos EUA. Dessa forma, no final de cada entrevista realizada, eu perguntava se o colaborador conhecia outros brasileiros que haviam se alistado e a resposta muitas vezes era negativa.

Meu próximo passo rumo ao objetivo de conseguir colaboradores para a pesquisa foi contatar as entidades e organizações de brasileiros nos EUA. Através de uma líder comunitária de São Francisco, recebi a indicação de um possível colaborador que havia servido ao Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA. O contato dessa pessoa (A.D. – entrevista transcrita no final do presente relatório) foi o ponto de partida para uma rede de colabores que se conheciam dentro da corporação.

Nesse ponto, o uso das redes sociais se tornou central para a pela realização da pesquisa. A.D. me sugeriu alguns perfis pessoais de potenciais colaboradores para a pesquisa no site de relacionamentos “Facebook”. A partir de então, tornou-se mais fácil encontrar potenciais colaboradores para a pesquisa. Em meu entendimento, duas qualidades da ferramenta “Facebook” foram fundamentais: primeiramente, porque em

sua maioria os perfis contêm informações como: local de nascimento e profissão, em segundo lugar porque ela possibilitou que os colaboradores vissem o meu perfil e, nesse sentido, obterem uma confiança maior na seriedade do projeto. Durante a eleição de 2014, AD. concorreu para Deputado Federal de Santa Catarina pelo PSDB.

Tal qual o professor José Carlos Sébe já havia me indicado, as direções de uma pesquisa de história oral são dificilmente delineadas. Ou seja, quando começamos a realizar entrevistas, a pesquisa quase invariavelmente apresenta a necessidade de abordarmos novos caminhos ainda não imaginados na concepção do projeto inicial.

Isso ocorreu quando, através da indicação de um amigo da comunidade brasileira de Boston, encontrei um senhor que havia servido ao Exército dos EUA durante a guerra do Vietnã – iniciais A.C., entrevista transcrita ao final desse presente relatório. Ainda sem ter plena certeza de como iria utilizar sua entrevista dentro da pesquisa decidi que seria interessante consultá-lo.

Nota-se que o projeto até então possuía um período histórico bastante definido, se tratando de brasileiros nas Forças Armadas dos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001. Entretanto, durante a entrevista desse senhor, pude notar que seus dilemas e dúvidas eram, muitas vezes, os mesmos dos colaboradores mais jovens, que haviam entrado após 2001. A partir dessa constatação, me senti compelido a mudar a proposta da pesquisa para que ela pudesse abordar outros períodos históricos, notando, assim, que a participação de estrangeiros nas Forças Armadas dos EUA – e até mesmo no caso específico de brasileiros – é uma história que está sendo escrita simultaneamente à da imigração.

Quando me aproximei da finalização do trabalho, voltei a procurar os colaboradores perguntando-lhes se eu poderia expor seus dados pessoais e fotos. E, para a minha surpresa, a grande maioria aceitou. Um dos colaboradores, no entanto, me pediu para que eu enviasse a ele uma cópia do trabalho, pois sua participação nele dependeria da aprovação dos comandantes da Base militar na qual trabalha, que, por sua vez, iriam ler o trabalho antes de tomar esta decisão. Mantive a identidade desse colaborador anônima, mas mesmo assim atendi ao pedido do colaborador e mandei o trabalho para eles. Os que pediram que seus marcadores identitário permanecessem anônimos tiveram o seu pedido atendido e suas iniciais mudadas em todo o trabalho. Outros colaboradores que censuraram algumas partes da entrevista tiveram suas entrevistas cortadas do trabalho. Ainda que seus dados aparecem quantificados no capítulo III.

Apontamentos finais

Tendo ênfase nas especificidades do processo de formação militar norte-americana e sua história, o presente trabalho procurou discutir e registrar as experiências e discursos sociais dos brasileiros emigrados aos EUA que tomaram a decisão de se alistar às Forças Armadas e que compartilharam suas histórias de vida conosco. Ao longo dos 5 capítulos, procuramos enfocar uma série de temas que consideramos fundamentais para a compreensão e recuperação da complexa dinâmica apresentada nas relações sociais do emigrado brasileiro, assim como das individualidades nas histórias orais de vida.

Noto igualmente que esta pesquisa teve como ambição aprofundar nossos conhecimentos a respeito do processo emigratório de brasileiros aos EUA, enfocando uma perspectiva específica deste amplo movimento que levou milhares de brasileiros aos EUA nas últimas décadas. Ao discutir a inserção de jovens brasileiros imigrantes nas Forças Armadas norte-americanas o trabalho deslocou seu olhar, buscando deslindar aspectos ainda desconhecidos do amplo espectro social de integração/exclusão experimentados pelos jovens das comunidades brasileiras emigradas para os Estados Unidos.

Um aspecto importante a se notar foi que a pesquisa procurou fundamentar sua análise em alguns pontos comuns à história de outras comunidades de emigrados, cujos filhos adentraram ao serviço militar estadunidense, assim inserindo a presença brasileira nestas fileiras em uma perspectiva histórica mais longa e abrangente. Um segundo passo foi delinear as especificidades da inserção dos brasileiros emigrantes neste contexto histórico, mostrando que, apesar de fazer parte deste longo processo, a entrada destes também possuía características próprias. Para tanto, um estudo do processo emigratório dos brasileiros aos EUA tornou-se um ponto importante, sendo complementado por outros temas sensíveis à compreensão desta tendência histórica, tais como: a mudança do perfil emigratório aos EUA na segunda metade do século XX e o fim da conscrição nas Forças Armadas norte-americanas, em 1973.

Os dados coletados pelas entrevistas constantes deste trabalho discutiram, além da peculiaridade da comunidade brasileira neste processo, a especificidade dos entrevistados em suas individualidades. Esta proposta requereu uma abordagem um pouco diferente do usual no campo da história da oral, entendendo os discursos dos

colaboradores tanto qualitativa quanto quantitativamente. Ademais, o trabalho apresenta uma inovação na metodologia da história oral, pois se utilizou de entrevistas pessoais e entrevistas à distância, via internet. Esta flexibilização da metodologia nos permitiu interagir com colaboradores ao redor do mundo e, em alguns casos, dentro das bases militares estadunidenses.

A multiplicidade de temas apresentados pelos colaboradores nas entrevistas de história oral de vida possibilitou que a pesquisa tivesse maior imersão nos dilemas individuais de cada colaborador, assim os entendendo como agentes de sua própria história. Para uma análise que respeitasse este pressuposto, focamos a discussão em temas recorrentes nos discursos da maioria dos colaboradores, são eles: memória coletiva, despersonalização através do treinamento militar, identidades corporativas, lugares da memória, traumas de guerra e trânsito de identidades na situação de diáspora. A partir de então, buscou-se elaborar uma discussão que levasse em conta, ao mesmo tempo, a abordagem desses temas pela bibliografia e a individualidade das questões de cada um dos colaboradores. Por se tratarem de questões comuns ao grupo dos brasileiros nas Forças Armadas dos EUA, porém interpretadas pelos colaboradores de maneira individualizada, todas elas são dotadas de grande ambivalência e aparentes contradições internas. Dessa forma, ainda que muitas vezes as falas e discussões bibliográficas aparentem ser pouco conclusivas, elas são, por suas contradições, um retrato bastante aproximado tanto dos processos sociais em si quanto como eles foram internalizados pelos colaboradores da presente pesquisa.

Como já mencionei, este trabalho busca apresentar novos subsídios para a abordagem da complexa questão da imigração na sociedade contemporânea, mais especificamente da recente emigração brasileira aos EUA pois foca a questão a partir de um ângulo original. Por meio da análise das especificidades do processo experienciado por aqueles que se alistaram para as Forças Armadas dos EUA procuramos compreender como funcionam os processos de integração/exclusão - práticos e simbólicos – em curso na situação de diáspora tanto em relação às comunidades, quanto aos indivíduos. Um aspecto a ser sublinhado foi a análise de como os jovens imigrantes especificamente se inseriram nestas ambivalências.

Por fim, nota-se que o tema do presente trabalho constituiu um campo privilegiado no qual pudemos refletir sobre a reconfiguração dos processos identitários de imigrantes na situação de diáspora. Ao tratar de uma situação na qual a identidade ligada a um imaginário nacional foi deliberadamente ensinada e incentivada a ser

absorvida pelos emigrados, refiro-me aqui ao processo que vai do treinamento militar à produção do veterano de guerra - pudemos investigar de maneira bastante clara a multiplicidade das identificações pessoais de cada colaborador.

Lista de fontes primárias:

- 14 entrevistas de história oral com brasileiros que servem ou serviram às Forças Armadas dos EUA:

1. Entrevista com Joaquim Adão César, ex-membro do Exército dos EUA
2. Entrevista com Alexandre Danielli, ex-fuzileiro naval dos EUA
3. Entrevista com CF., membro da Marinha dos EUA
4. Entrevista com CM., membro do Exército dos EUA
5. Entrevista com AK., membro do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA
6. Entrevista com U.R., ex-fuzileiro naval dos EUA
7. Entrevista com ED., Membro da Guarda Nacional dos EUA
8. Entrevista com Gabriel Ferreira, ex-fuzileiro naval dos EUA
9. Entrevista com GJ., membro da Guarda Nacional dos EUA
10. Entrevista com TA., membro do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA
11. Entrevista com TS, membro da Marinha dos EUA
12. Entrevista com Vinicius Dias, membro da Marinha dos EUA
13. Entrevista com Weber Oliveira, membro do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA
14. Entrevista com MA, membro da Força Aérea dos EUA

- Heritage Foundation: Leadership for America (www.heritage.org).
- US Department of Census: <http://www.census.gov/>
- Immigration research info: <http://www.immigrationresearch-info.org>
- America's voice: <http://americasvoiceonline.org>
- Integrated Public Use Microdata Series (IPUMS): <http://usa.ipums.org/usa/>
- Centro do imigrante brasileiro nos EUA, Boston, EUA.
- Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty).
- US Armed Forces Demographics Team.
- Jornais da comunidade brasileira nos EUA.

Bibliografia

- AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ALBERDI, Verena, *História Oral. Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBERTI, Verena. “Fontes orais: História dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, *Farda e Protesto. Policiais Militares de Minas Gerais em Greve*. Belo Horizonte: Segrac, 2008.
- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ARANTES, Antonio A. (Org.), *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt, *A Sociedade Individualizada. Vidas Contadas, Histórias Vividas*. São Paulo: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BEATTIE, Peter, *The Tribute of Blood: Army, Honor, Race, and Nation in Brazil, 1864-1945*. Durham: Duke University Press, 2001.
- BELLAFIRE, Judith, *Women in the United States Military : an annotated bibliography*. New York : Routledge, 2011.
- BERLIN, Ira & REIDY, Joseph Patrick & ROWLAN, Leslie S., *Freedom's Soldiers: The Black Military Experience in the Civil War*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998
- BESERRA, Bernadete, *Brazilian Immigrants in the United States. Cultural Imperialism and Social Class*. Nova York: LFB Schorlarly Publishing, 2003.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BICALHO, José Victor Pires. *Yes, eu sou brazuca: (ou a vida do imigrante brasileiro nos Estados Unidos da América)*. [Brazil] : J.V.P. Bicalho, 1989.

BIEIAKOWSKI, Alexander M. (ed.), *Ethnic and Racial Minorities in the U.S. Military: An Encyclopedia*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2013.

BIRKENSTEIN, Jeff e FROULA, Anna e RANDELL, Karen, *Reframing 9/11 : film, popular culture and the "war on terror"*, New York : Continuum, 2010.

BOM MEIHY, José Carlos S., *Brasil Fora de Si. Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe e RIBEIRO, Suzana L. Salgado, *Guia Prático de História Oral*. São Paulo: Contexto, 2011.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe e RIBEIRO, Suzana L. Salgado, *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Leticia J. "Understanding Context through Culture and Cognition: the varied experiences of Brazilian immigrant adolescents". Tese inédita, Harvard Graduate School of Education, 2007.

BRETAS, Angela. *Brava Gente Brasileira em Terras Estrangeiras*, São Paulo: Editora Scortecci. 2006.

BROWN, Peter Matthew. "Understanding Brazuca 'Fragmentation.' A Qualitative Study of Brazilian Immigrants and Their Community in Boston, Massachusetts." Paper presented at the National Congress on Brazilian Immigration to the United States, David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University, Cambridge, March 18-19. 2005.

BROWN, Peter Matthew. *The Ambivalent Immigrants: Brazilians and the conflict of ethnic identity*. Harvard University Press, Cambridge, MA, 2005.

BRUSCINO, Thomas A., *A Nation Forged in War: How World War II Taught Americans to Get Along*, Nashville: University Tennessee Press, 2014

BURGOS, Elizabeth, *Meu Nome é Rigoberta Menchú e Assim Nasceu Minha Consciência*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

CAFORIO, Giuseppe, *Handbook of sociology of the Military*, New York: Springer Publisher, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: USP, 1998.

CASTRO, Celso, *O Espírito Militar: O Antropólogo na Caserna*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

CASTRO, Celso e LEIRNER, Piero, *Antropologia dos Militares: reflexões sobre pesquisa de campo*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009.

CHAMBERS, Iain. *Borders Dialogues: Journeys in Post-Modernity*, London: Routledge, 1990.

CHAMBERS, John Whiteclay (ed.), *The Oxford Companion to American Military History*, Oxford: Oxford University Press, 2000.

CHILDRESS, Diana, *The War of 1812*, Minneapolis: Lerner Pub Group, 2004.

CONVERSE, Elliott Vanveltner & GIBRAN, Daniel K. & CASH, John A. & GRIFITH, Robert K. & KOHN, Richard H. & BECTON Jr., Gen. Julius W., *The Exclusion of Black Soldiers from the Medal of Honor in World War II: The Study Commissioned by the U. S. Army to Investigate Racial Bias in the Awarding of the Nation's Highest Military Decoration*, Jefferson (NC): McFarland Publisher, 2008>

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

DIONNE, E. J.; DROGOSZ, Kayla Meltzer e LITAN, Robert E. *United We serve: national service and the future of citizenship*. Washington, D.C. :Brookings Institution Press, 2003.

EVANS, Thomas, “The All Volunteer Army After Twenty Years: Recruiting in the Modern Era”, *Army History: The Professional Bulletin of Army History*, no. 27.

FLEISCHER, Soraya Resende, *Passando a América a limpo : o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussetts*. São Paulo: Annablume, 2002.

- FOLEY, Michael S., *Confronting the War Machine: Draft Resistance During the Vietnam War*, Chapel Hill (NC): The University of North Carolina Press, 2003
- FONER, Eric, *Give Me Liberty!: An American History*, New York: W. W. Norton & Company, 2013.
- FORD, Nancy Gentile, *Americans All! Foreign-Born Soldiers in World War I*. Galveston: Texas A & M University Military History Series, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Totem and Taboo*. London: George Routledge and Sons, 1919.
- FRITZ, Catarina, *Brazilian immigration and the quest for identity*. El Paso [Tex.] : LFB Scholarly Pub., 2011.
- FUSCO, Wilson. *Capital Cordial: A Reciprocidade Entre os Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos*. Tese de Doutorado, Departamento de Demografia, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- GALVÃO, Heloísa Maria. *As viajantes do século vinte: uma história oral de mulheres brasileiras imigrantes na área de Boston*. Rio de Janeiro : H.P. Comunicação, 2005.
- GEARY, James W., *We Need Men: The Union Draft in the Civil War (1991)*, DeKalb (IL): Northern Illinois University Press, 1991
- GERALDO, José (ed.), *Psicologia E/Imigração e Cultura*, Editora Casa do Psicólogo, 2004
- GOERINGER, Howard. *Haunts of Violence in the Church*, West Conshohocken (PA): Infinity Publishing, 2005.
- GONZALES, Deena J. & OBOLER, Suzane (ed.), *"The Oxford encyclopedia of Latinos and Latinas in the United States"*, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- GONZALES, Joaquim J., *Filipino American Faith in Action: Immigration, Religion, and Civic Engagemen*, New York: New York University Press, 2008.
- GOZA, Franklin. "Brazilian Immigration to North America", *International Migration Review*, vol. 28, n. 1, 1994, pp. 136-152.

- GROSSMAN, Dave and Siddle, Bruce K., "Psychological Effects of Combat", Waltham (MA): *Academic Press*, 2000.
- GUGELBERGER, George (ed), *The Real Thing*. Durham: Duke University Press, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Mitchel K. (ed.) *Vietnam War Era: People and Perspectives*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2009
- HALL, Stuart, *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HARGROVE, Hondon B., *Black Union Soldiers in the Civil War*, Jefferson (NC): McFarland Publisher, 2003.
- HEIDLER, David Stephen & HEIDLER, Jeanne T. (ed), *Encyclopedia of the War of 1812*, Annapolis: Naval Institute Press, 1997.
- HUNT, Nigel C., *Memory, War, and Trauma*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.
- HYNESS, Samuel P., "Personal Narratives and Commemoration" in: WINTER, Jay e SIVAN, Emmanuel (orgs.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*. Cambridge, United Kingdom University Press, 1999.
- JANOWITZ, Morris, *O Soldado Profissional: Um Estudo Social e Político*. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1967.
- JARDIM, Denise Fagundes (org.). *Cartografias da Imigração: interculturalidade e políticas públicas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- JOUET-PASTRE, Clemence, *Becoming Brazuca. Brazilian Immigration to the US*. Cambridge: David Rockefeller Center for Latin American Studies, 2008.
- KENNARD, Matt, *Irregular army : how the US military recruited Neo-Nazis, gang members and criminals to fight the war on terror*. London ; New York : Verso Books, 2012.
- KOKOT, Waltraud e TÖLÖLYAN, Khachig e ALFONSO, Carolin. *Diaspora, identity, and religion : new directions in theory and research*. London ; New York : Routledge, 2004.

LONN, Ella, *Foreigners in the Confederacy*, Chapel Hill (NC): The University of North Carolina Press, 2002.

LOURENÇO, Cileine and Judith McDonnell. "The Politics of Identity: Brazilian Women Workers in Massachusetts ." Paper presented at the Annual Meeting of the Latin American Studies Association, Las Vegas, 2004.

LOURENÇO, Cileine, "Disjuncture and Difference, Brazilians in the USA and Politics of (Not)Belonging." *International Journal of Diversity in Organisations, Communities and Nations* 4, 2006, pp. 499-504.

MACHADO, Igor José de Renó, "Sobre os Processos de Exotização na Imigração Internacional Brasileira", *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, vol. 51, n. 2, 2008.

MALVASI, Mark G., *The Unregenerate South: The Agrarian Thought of John Crowe Ramson, Ellen Tate and Donald Davidson*. New Orleans, Louisiana State University Press, 1997.

MARCUS, Alan P., "Brazilian Immigration to the United States and the Geographical Imagination", *The Geographical Review* 99, vol. 4, 2009, pp. 481-498.

MARGOLIS, Maxine L., "Brasileiros no Estrangeiro: A etnicidade, a auto-identidade e o outro". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2008, pp. 284-300.

MARGOLIS, Maxine, "A New Ingredient in the 'Melting Pot': Brazilians in New York City." *City and Society* 3 (2), 1997, pp. 179-87.

MARGOLIS, Maxine. "A Minoria Invisível: Imigrantes Brasileiros em Nova York." *Travessia - Revista do Migrante* 8 (21), 2008, pp. 9-15.

MARGOLIS, Maxine, *Little Brazil. Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus, 1994.

MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R. *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTES, Ana Cristina B., *New Immigrants, New Land. A Study of Brazilians in Massachusetts*. Gainesville, University Presses of Florida, 2011.

MARTIN, Coral Rose, *Bringing Brazil to Boston : an examination of the negotiation of language, belonging, and ethno-racial identity among Brazilian immigrants in the Boston Area*. Harvard University, Cambridge, MA, 2010.

- MARTIN, Philip L. e MIDGLEY, Elizabeth, *Immigration to the United States: Journey to an Uncertain Destination*. Washington D.C., Population Reference Bureau, 1994.
- NASCIMENTO, Claudiomar Oliveira do. *Migrações brasileiras : estudo teórico dos imigrantes brasileiros nos EUA no séc. XXI*. Goiânia : Flex Gráfica, 2008.
- PARCO, James E. & Levy, David A. (ed.), *Attitudes Aren't Free: Thinking Deeply About Diversity in the U.S. Armed Forces*, Folkestone (UK): Military Bookshop, 2010
- PASSERINI, Luisa. *A Memória. Entre a Política e a Emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- PRUCHA, Francis Paul, *Broadax and the Bayonet: The Role of United States Army in the Development of the Northwest, 1815 – 1860*, Omaha: University of Nebraska Press, 1995
- REEVES, Thomas. *The End of the Draft; a proposal for abolishing conscription and for a volunteer army, for popular resistance to militarism and the restoration of individual freedom*. New York, Random House, 1970.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Tradução Alain François (et al.) Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- RITCHIE, Daniel A., *The Oxford Handbook of Oral History*, New York: Oxford University Press, 2010
- ROMANUCCI-ROSS, Lola e De VOS, George A. e TSUDA, Takeyuki, *Ethnic identity: problems and prospects for the twenty-first century*. Lanham, MD: AltaMira Press, 2006.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo* . Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SALES, Teresa e REIS, Rossana Rocha (orgs.), *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SALES, Teresa. “A Organização dos Imigrantes Brasileiros em Boston, EUA”, *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, 2005, pp. 44-54.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, “Os Tribunais e as Novas Tecnologias de Comunicação e de Informação”, *Sociologias, Porto Alegre, ano 7, no 13, jan/junho 2005*

SASSEN, Saskia. *Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages*, Princeton: Princeton University Press, 2006.

SAYAD, Abdelmalek, *A Imigração*. São Paulo, Edusp, 1998.

SCOTT, Wilbur J., *Vietnam Veterans Since the War: The politics of PTSD, Agent Orange and the National Memorial*, Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2005

SHAW, Jonathan Eberhardt, *The role of religion in national security policy since September 11, 2001*. Carlisle, PA : Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2011.

SLONAKER, John, *The Volunteer Army*. Carlisle Barracks, Pa. : U.S. Army Military History Research Collection, 1972

STOCK, Margaret D., *Essential to the Fight: Immigrants in the Military after Sept. 11*, Special Report, Washington D.C., Immigration Police Center, 2009.

STOCK, Margaret D., *Immigration Law & the Military : Army, Navy, Air Force, Marine Corps, Coast Guard*. Washington, D.C. : American Immigration Lawyers Association, 2012.

TERRY, Wallace, *Bloods: Black Veterans of the Vietnam War: An Oral History*, New York: Ballantine Books, 1985.

THOMPSON, J. Lee, *Never Call Retreat: Theodore Roosevelt and the Great War*, Houndmills (UK): Palgrave Macmillan Publisher, 2013.

THOMPSON, Paul, *The Voice of the Past: Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1988.

TOTA, Antonio Pedro, *O Amigo Americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TOTA, Antonio Pedro, *O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TUCKER, Spencer C., *American Civil War: The Definitive Encyclopedia and Document Collection*, Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2013.

URAL, Susannah J., *Civil War Citizens: Race, Ethnicity, and Identity in America's Bloodiest Conflict*, New York: New York University Press, 2010.

URAL, Susannah J., *The Harp and the Eagle: Irish-American Volunteers and the Union Army (1861-1865)*, New York: New York University Press, 2006.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, *Os Desafios Contemporaneos da História Oral*, 1996. Campinas: Centro de memória – Unicamp, 1997.

WERNECK, José Inácio, *Com Esperança no Coração : os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. São Paulo, SP : Augurium, 2004.

WINTER, Jay e SIVAN, Emmanuel (orgs.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*. Cambridge, United Kingdom University Press, 1999.

WILSON, Peter H., “Defining Military Culture”, *Journal of Military History*, vol. 72, n. 1, 2008, pp. 11-41.

YOUNG, Warren L. *Minorities in the military*, Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1982.

YOW, Valerie R., *Recording Oral History: A Guide for the Humanities and the Social Sciences*, Walnut Creek: Altamira Press, 2005.

ZAHN, Gordon C. *War, Conscience and Dissent*. New York: Hawthorn Books, 1967.

ZAMORA, Emilio & RIVAS-RODRIGUEZ, Maggie, *Beyond the Latino: World War II Hero*, Austin: Texas University Press, 2009

ZHAO, Xiaojian & Park, Edward J.W. (ed.), *Asian Americans: An encyclopedia of social, cultural, Economic and political History*, Westport: Greenwood Press, 2013

ZOLBERG, Aristide, “Changing Sovereignty Games and International Migration”, *Indiana Journal of Global Legal Studies*, 2:1, 1994, pp. 153-170.